



This is a digital copy of a book that was preserved for generations on library shelves before it was carefully scanned by Google as part of a project to make the world's books discoverable online.

It has survived long enough for the copyright to expire and the book to enter the public domain. A public domain book is one that was never subject to copyright or whose legal copyright term has expired. Whether a book is in the public domain may vary country to country. Public domain books are our gateways to the past, representing a wealth of history, culture and knowledge that's often difficult to discover.

Marks, notations and other marginalia present in the original volume will appear in this file - a reminder of this book's long journey from the publisher to a library and finally to you.

Usage guidelines

Google is proud to partner with libraries to digitize public domain materials and make them widely accessible. Public domain books belong to the public and we are merely their custodians. Nevertheless, this work is expensive, so in order to keep providing this resource, we have taken steps to prevent abuse by commercial parties, including placing technical restrictions on automated querying.

We also ask that you:

- + *Make non-commercial use of the files* We designed Google Book Search for use by individuals, and we request that you use these files for personal, non-commercial purposes.
- + *Refrain from automated querying* Do not send automated queries of any sort to Google's system: If you are conducting research on machine translation, optical character recognition or other areas where access to a large amount of text is helpful, please contact us. We encourage the use of public domain materials for these purposes and may be able to help.
- + *Maintain attribution* The Google "watermark" you see on each file is essential for informing people about this project and helping them find additional materials through Google Book Search. Please do not remove it.
- + *Keep it legal* Whatever your use, remember that you are responsible for ensuring that what you are doing is legal. Do not assume that just because we believe a book is in the public domain for users in the United States, that the work is also in the public domain for users in other countries. Whether a book is still in copyright varies from country to country, and we can't offer guidance on whether any specific use of any specific book is allowed. Please do not assume that a book's appearance in Google Book Search means it can be used in any manner anywhere in the world. Copyright infringement liability can be quite severe.

About Google Book Search

Google's mission is to organize the world's information and to make it universally accessible and useful. Google Book Search helps readers discover the world's books while helping authors and publishers reach new audiences. You can search through the full text of this book on the web at <http://books.google.com/>

A 1,013,794



In Memory of
STEPHEN SPAULDING
1907 - 1925
CLASS of 1927
UNIVERSITY OF MICHIGAN

March 1927

Bequest of
Oliver Lyman Spaulding

O. L. Spaulding, Jr., '91

B & T House.

3.33

869.

C 18

1873

GUSTAV E. STECHERT
810 Broadway
NEW-YORK.

COLLECCÃO DE AUTORES PORTUGUEZES.

TOMO V.

OS LUSIADAS

DE

LUIZ DE CAMÕES.

NOVA EDIÇÃO SEGUNDO A DO VISCONDE DE JUROMENHA
CONFORME Á SEGUNDA

PUBLICADA EM VIDA DO POETA;

COM AS

ESTANCIAS DESPREZADAS E OMITIDAS NA PRIMEIRA
IMPRESSÃO DO POEMA

E COM

LIÇÕES VARIAS E NOTAS.



LEIPZIG:

F. A. BROCKHAUS.

—
1873.

100

Spencer Spaulding man Coll
Request of Oliver Lyman
Spaulding

11-28-47

SS222

PROLOGO.

A presente edição do poema immortal dos Lusíadas é conforme á publicada pelo proprio Camões em sua vida: isto é, áquella que se reputa ser a segunda, impressa como a primeira em Lisboa, no anno de 1572, na officina de Antonio Gonçalvez.

Dámol-a exactamente como o Visconde de Juromenha. [Obras de Luiz de Camões, vol. VI. Lisboa 1869.] Este cuidadoso e diligente editor, com a valiosa cooperação do conselheiro João Felix Alves Minhava, illustrou a obra do nosso poeta com varias e detalhadas notas. Possui este uma boa collecção camoniana, e com a melhor vontade obsequiosamente se offereceu a auxiliar-o no trabalho de confrontação e genuina interpretação do poema, de maneira que póde bem o leitor adjudicar-lhe não pequena parte n'este magnifico trabalho litterario.

Explicaremos o systema que n' elle se seguiu: Primeiro, o Visconde conferiu as duas raras edições de 1572, confrontando-as com todo o cuidado, e após estas algumas outras que julgou de maior importancia. A de Manuel Correia (Lisboa 1613), por ser de um amigo de Camões e por isso dever estar mais ao facto de como interpretava Camões alguns logares. A de Manuel de Faria e Sousa (Madrid 1639), por ser o commentador que mais trabalhou sobre Camões e as suas obras; e algumas outras edições antigas, e entre estas a de 1651 (Lisboa), que parece mais correcta. Entre os modernos, Ignacio Ferreira Garcez (Napoles 1731) por ser em parte critico de Camões. A de Freire de Carvalho (1843), e a de Hamburgo (1834) por Barreto Feio e Gomes

0 2-23-49 11111

Monteiro. As rollandianas, e entre estas uma que possuiu annotada por Thimoteo Lecussan Verdier; a do morgado de Matheus e a de Coimbra (1800).

A de Freire de Carvalho, bem examinada, não lhe agradou na pontuação, sendo a que lhe pareceu, n'esta parta, estar mais bem trabalhada a do morgado de Matheus, que se encostou muito á de 1613.

Feito este trabalho desfez as oitavas, fazendo a construção grammatical, virgulando-as ou accentoando-as, conforme a edição que lhe pareceu mais rasoavel, ou como pareceu á sua propria rasão. Nos logares duvidosos consultou tambem como os interpretaram, alem dos commentadores, alguns traductores.

A edição que seguiu é a segunda de 1572 porque lhe pareceu de rasão, havendo duas edições do mesmo anno, em vida de seu auctor, seguir a que se julga segunda, em alguns pontos de certo preferivel, acontecendo entretanto o contrario em outros, que estão melhorados na primeira, o que dá bem a conhecer, alem da confrontação a que procedeu, um trabalho minucioso feito n'este sentido, de letra do erudito bispo de Vizeu D. Francisco Alexandre Lobo, como cre o Visconde.

O novo editor seguiu no texto fielmente o original antigo; e até na pontuação, quanto foi rasoavelmente possivel, a da edição que escolheu; não poucas vezes, porem, se cingiu áquella que lhe pareceu poderia interpretar melhor o pensamento do auctor; apontando, quando o logar é de mais importancia, onde está errado, e a emenda, accusando a fonte d'onde esta dimana.

No meio da anarchia orthographica, que se encontra nas duas primeiras edições de 1572, *ubi nullus ordo*, não duvidou arvorar-se em dictador, mas, como diz „em dictador manso: uniformisou o que na mesma edição era inconstante e variado, seguindo uma orthographia regular e conforme ao gosto do leitor e mais afinada á musica da poesia, evitando as vogaes dobradas, abreviaturas, e outras pequenas liberdades, conservando comtudo outros vocabulos orthographados de maneira que, sem prejudicar a euphonia, conservem a

ancianidade e sabor antigo do tempo em que foi escripto o poema“!

Demais reúne as estancias desprezadas e as variantes dos dois manuscriptos encontrados por Manuel de Faria e Sousa e as do manuscripto de Luiz Franco, sentindo que as d'este abranjam sómente o primeiro canto, porque eram feitas por um amigo de Camões, e provavelmente sobre o seu original.

Em logar dos argumentos em verso que precedem algumas edições dos Lusiadas, attribuidos a João Franco Barreto, preferiu dar um argumento em prosa, com referencia ás estancias para indicar as differentes partes de que se compõe o poema.

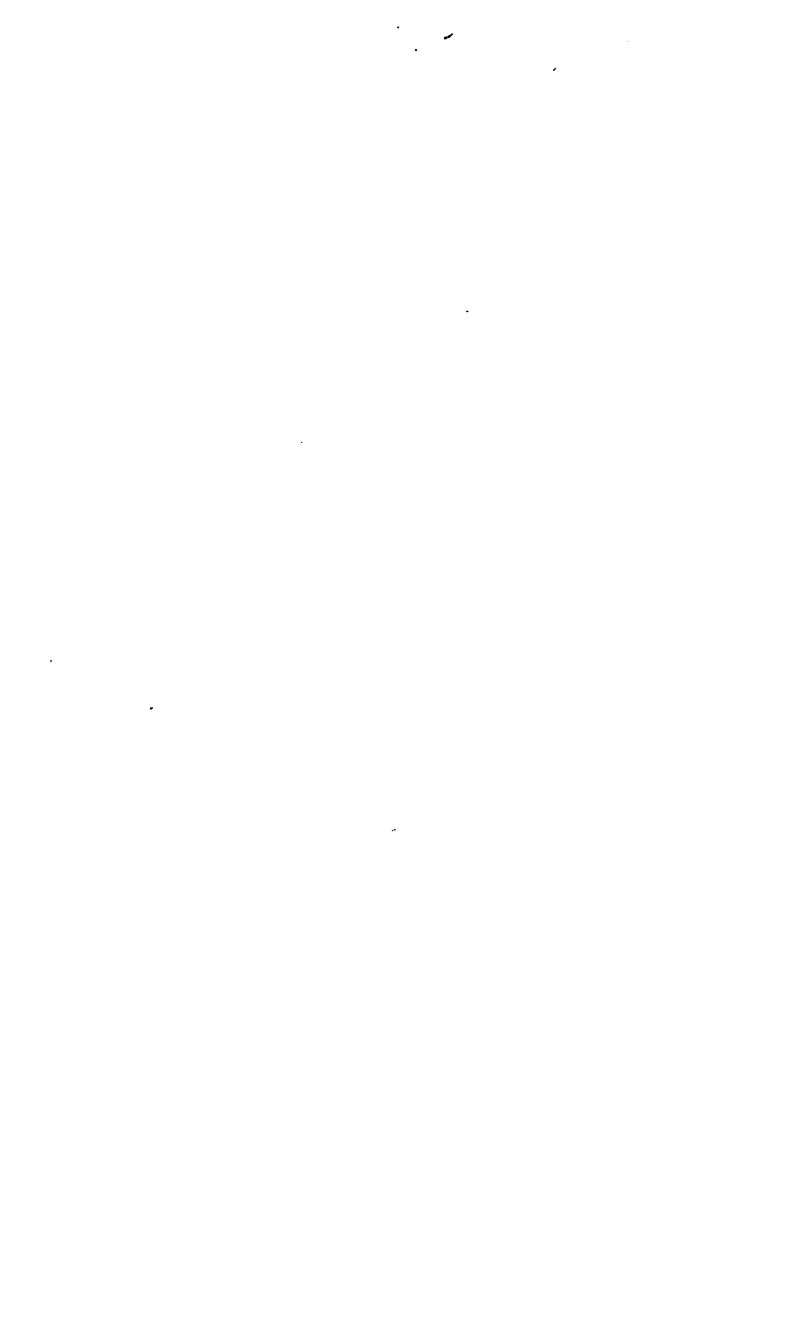
Em fim junta em um corpo os apotegmas ou sentenças espalhadas pelo poema, para fazer conhecer a elevada e sã philosophia do poeta, chegando alguns a converterem-se em proverbio. —

Omittimos o ensaio biographico escripto pelo Visconde porque n' elle se relatam sómente alguns poucos factos não conhecidos da vida de Camões; e a addição de algumas composições ineditas do poeta.



INDICE.

	Pag.
PROLOGO	IV
ARGUMENTO	VIII
CANTO I.	1
CANTO II.	21
CANTO III.	42
CANTO IV.	68
CANTO V.	87
CANTO VI.	105
CANTO VII.	124
CANTO VIII.	140
CANTO IX.	158
CANTO X.	175
ESTANCIAS DESPREZADAS E OMITIDAS por Luiz de Camões na primeira impressão do seu poema conforme os dois manuscriptos descobertos por Manuel de Faria e Sousa	205
LIÇÕES VARIAS	222
APOTHEGMAS	252
NOTAS	255



ARGUMENTO.

CANTO I.

	Estancias.
Proposição	1 — 3
Invocação ás musas do Tejo	4 — 5
Dedicatória a El-Rei D. Sebastião	6 — 18
Começa a narração	19
Concilio dos deoses	20—41
Entra a armada no Oceano Indico	42
Descobre n'elle ilhas	43—44
Descripção dos indigenas	45—48
Visita d'estes á armada	49—55
Scena nocturna	56—58
O regedor das ilhas visita o Gama	59—72
Baccho intenta destruir a armada	73—76
Estratagema que medita	77—83
Salta em terra o Gama a fazer aguada; insidias dos mouros; conflicto com os nossos; pazes simuladas; fingimento do piloto	84—94
Parte a armada de Moçambique para Quiloa; enganos do piloto; reparo a elles por Venus; chegada a Mombaça	95—105
Exclamação do poeta contra os perigos da vida	105—106

CANTO II.

Traioceiro convite do rei de Mombaça para que entre a armada no porto	1 — 6
Manda o capitão com os mouros a terra dois condemnados para tomar informações e volta dos mouros	7—16
Traição dos mouros contra a armada, que é salva por Venus auxiliada das Nereides	17—24
Fugida dos mouros e do piloto de Moçambique	25—28
Exclamação e supplica do Gama	29—32
Venus invoca o patrocínio de Jupiter a favor dos portuguezes	33—41
Caricias de Jupiter á filha, resposta favoravel, vaticinando os gloriosos feitos dos portuguezes	42—55
Jupiter manda á terra Mercurio para dispor os animos em Melinde a favor dos portuguezes	56—59
Aparece em sonhos ao Gama, intimando-lhe que deixe Mombaça e demande o porto amigo de Melinde	60—63
Partida da armada; encontro de dois navios e informação de Me-	

	Estancias
linde dada por um mouro aprisionado	64—71
Chegada a Melinde; hospitaleira recepção do rei e do povo, que en- via refrescos e os convida a desembarcar	72—77
Embaixada do capitão; falla d'este e resposta do rei	78—88
Festejos de noite na armada, correspondidos de terra	89—91
Visita do rei á armada e mutuas praticas de amizade do rei e ca- pitão	92—108
O rei pede ao Gama conte a historia do seu paiz e a sua nave- gação	109—113

CANTO III.

Invocação a Calliope	1—2
Preambulo da narração do Gama	3—5
Descripção geographica da Europa	6—21
Historia antiga de Portugal	22
Toma posse do reino, que lhe coube em dote de sua mulher, o conde D. Henrique; morre e deixa seu filho D. Affonso Henriques .	23—28
Segundas nupcias de D. Thereza, e batalha do filho, em Guimarães, contra a mãe e o padraсто	29—33
Invade o rei de Castella Portugal; cerco de Guimarães e fidelidade de Egas Moniz	34—41
Batalha de Ourique	42—52
Origem das armas de Portugal	53—54
Leiria, Mafra, Cintra, Lisboa, Elvas, Moura, Serpa, Alcacer do Sal, Beja, Palmella, Cezimbra e outros logares tomados aos mouros	55—67
Cerco e infelicidade de Badajoz	68—69
Guerra com o Rei de Leão	70—73
D. Sancho passa ao Alemtejo, entra na Andaluzia e dá batalha junto a Sevilha; vem acudir a Beja cercada pelos Mouros	75—77
Cerco de Santarem; D. Sancho soccorrido por seu pae D. Affonso Henriques, e morte d'este	78—84
D. Sancho cêrca Silves, toma Tuy e outras villas na Galliza . .	85—89
Morre D. Sancho e succede seu filho, que retoma Alcacer do Sal	90
Mau governo de D. Sancho I	91—93
Succede no governo seu irmão D. Affonso III, que conquista o Al- garve	94—95
Governo pacifico de D. Diniz, que povoa e fortifica o reino; succede seu filho D. Affonso IV	96—99
Entrada dos mouros nas terras de Castella; vem a Portugal a rainha de Castella, filha de D. Affonso IV, pedir soccorro ao pae; supplica	100—117
Episodio de D. Ignez de Castro	118—135
Cruzea contra os assassinos e severidade do governo de D. Pedro	136—137
Caracter frouxo de D. Fernando, causa e observações attenuantes	138—143

CANTO IV.

lterações no reino por morte de D. Fernando e assassinato do conde Andeiro	1—5
A rainha D. Leonor faz que os castelhanos intervenham em defeza dos direitos de D. Beatriz, sua filha, casada com o rei de Cas- tella. Resenha do exercito	6—11
D. João aconselha-se com os principaes do reino	12—13

Estancias

Lealdade e falla energica do condestavel D. Nuno Alvares Pereira aos timoratos	14—19
Enthusiasmo dos portuguezes e preparos para a guerra	20—22
Marcha o exercito de Santarem e ordem de batalha	23—29
Batalha de Aljubarrota	30—44
D. Nuno passa ao Alemtejo e Andaluzia	45—46
Paz entre os dois reis de Portugal e Castella	47
Expedição de Ceuta e morte de D. João I	48—50
Reinado de D. Duarte e captiveiro de seu irmão	51—53
Governo de D. Affonso V; conquistas de Africa; guerra contra o rei de Aragão	54—59
D. João II emprenhe a descoberta da India e manda exploradores por terra	60—65
D. Manuel colhe o fructo dos trabalhos de seu antecessor	66
O Indo e o Ganges apparecem em sonho a El-Rei D. Manuel, avisando-o de que é tempo de emprehender a conquista da India	67—75
Chama o rei os senhores a conselho e commette a empreza a Vasco da Gama	76—77
Pratica do rei e resposta do Gama	78—80
Preparo da armada e embarque na ermida de Nossa Senhora do Restello em Belem para as naus, e despedidas	81—93
Exclamação de um velho ao partir a armada	94—104

CANTO V.

Partida da armada	1—3
Ilha da Madeira; costa de Barbaria; Azenegues	4—6
Senegal e Cabo Verde	7
Ilha de S. Thiago; Jalofos; Mandinga	9—10
Dorcades, Serra Leoa, Cabo das Palmas, S. Thomé, Congo, Rio Zaire	11—13
Casos maravilhosos; descripção de uma tromba	14—23
Desembarque junto ao tropico de Capricorneo	24—27
Encontro de um ethiope	27—30
Aventura graciosa de Velloso em terra	30—36
Episodio do Adamastor	37—60
A armada dá fundo na aguada de S. Braz	61—64
Continuação da derrota; encontram correntes fortes; passam a costa do Natal, e entram no rio dos Reis ou do Cobre, onde fazem refresco e aguada	65—69
Encarcimento de lealdade portugueza no meio de tantos perigos	70—73
Continua a derrota. Passam alem de Sofalla, e entram no rio dos Bons Signaes, onde limpam as naus, e são atacados de escorbuto	74—83
Surgem em Moçambique, onde recebem mau gasalhado, assim como em Mombaça, até que entram no porto de Melinde, e ahi recebem boa hospedagem do rei	84—85
Magnifica o Gama a empreza da sua navegação	86—89
Elogia o Rei e o povo, o coração e altos feitos da nação portugueza, e a noite, que se approxima faz com que o rei se retire aos seus paços	90—91
Invectiva o poeta os portuguezes, seus contemporaneos, adduzindo o exemplo dos antigos que prezaram a poesia, dizendo que a não estimam, e asseverando que sómente o amor da patria o obriga a cantar os feitos heroicos de seus naturaes	92—100

CANTO VI.

Festejos e banquetes do rei de Melinde aos portuguezes; despedida e mutuas amizades	1 — 5
Navega para a India, guiado pelo piloto melindano, e Baccho doce aos paços de Neptuno a concitar o odio do deus dos mares contra os portuguezes, que querem rivalisar com os deuses; descripção dos paços	5—15
Congresso dos deuses maritimos, e falla de Baccho	16—34
Eolo solta os ventos contra a armada, a pedido dos deuses	35—37
Navega a armada socegada, e para despedir o somno propõe contar historias	38—39
Leonardo lembra que sejam estas de amores; Velloso, porém, quer que sejam de guerras, analogas aos trabalhos do mar: encarragam a Velloso que as conte, o qual escolhe a dos doze de Inglaterra	40—42
Episodio dos doze de Inglaterra	43—69
Dá de subito a tempestade na armada; descripção da tormenta	70—79
Oração de Vasco da Gama	80—83
Continua a tempestade, e Venus, vendo o mar revolto e o perigo da armada, reúne os ventos, que, enfeitados da belleza das nymphas, rendidos lhe obedecem. Venus, vendo-os condescender, promette-lhes favorece-los nos seus amores e lhes toma a homenagem de favorecerem na viagem os portuguezes	84—91
Amanhece e avista-se a terra de Calecut, meta da derrota. O Gama, cheio de jubilo, ajoelha e dá graças a Deus	92—94
Reflexões do poeta sobre o modo de ganhar verdadeira fama, que é nos perigos e trabalhos marciaes, e não encostados ao antigo tronco e em deleites effeminados	95—99

CANTO VII.

Chegada da armada á barra de Calecut	1
Elogio da nação portugueza, e invectiva contra as outras nações que se devoram umas ás outras e deixam o Santo Sepulchro em poder dos infieis	2—15
Entra a armada em Calecut	16
Descripção da India	17—22
Manda o capitão um mensageiro participar a sua chegada ao Rei Encontro do mensageiro com o mouro Monçaide, e hospedagem que lhe faz	24—27
Vem Monçaide ás naus, e descripção que faz do Malabar	28—40
Salta em terra o Gama, e acompanhado de alguns dos seus e do catal, dirige-se ao palacio do rei; successos no transitio	42—56
Recebimento que faz ao Gama o rei; apparatus e cerimonia com que é tratado	57—58
Embaixada do Gama, resposta do rei, e aposentadoria que lhe manda dar	59—66
Informação que toma o catal, de Monçaide, ácerca dos navegantes, e noticia que este lhe dá	67—73
Ida do catal á capitaina, que está toda enfeitada de bandeiras com figuras dos homens illustres portuguezes; pede o catal a Paulo da Gama que lhe explique a historia d'elles	73—76

Começa Paulo da Gama, porém aqui a descripção é interrompida por um improviso do poeta, no qual invoca as musas do Tejo e do Mondego, e se refere ao desalento em que o põem as suas infelicidades para continuar o seu poema 77—87

Estancias

CANTO VIII.

Explicação das figuras debuxadas nas bandeiras, por Paulo da Gama 1—43
 Retirada do catual da nau 44
 Exame dos arúspices nas entranhas das victimas, e vaticinios que infere contra os povos da Asia. Machinações de Baccho, que apparece em sonhos, na figura de um sacerdote, e dos sectarios da soita mahometana, que peitam com oiro os principaes, e indispõem o Gama com o rei, embaraçando o despacho . . 45—59
 Manda chamar o rei o Gama; falla d'este e resposta do capitão . 60—75
 O rei manda pôr em liberdade o Gama e que se vá ás naus; porém o catual embaraça-lhe a partida, tomando-lhe as almadias, e pondo-lhe outros embaraços 76—77
 Escreve o Gama a seu irmão para que mande vir a fazenda com que se resgate, e mandada esta por dois feitores, é posto em liberdade 78—95
 Reflexões sobre os terriveis efeitos da sêde de oiro 96—99

CANTO IX.

Detença e prisão dos dois feitores, e intenção de demorar a armada para ser destruida quando chegassem as naus de Meca . . . 1—4
 Monçaide, inspirado pela Providencia Divina, informa o Gama da ruim tenção dos mouros 5—7
 Manda o capitão recolher ás naus os feitores, levando ancora, fazendo represalias em uns mercadores ricos 8—9
 Queixam-se as mulheres e filhos dos mercadores ao Samorim, que entrega os feitores 10—12
 Partida da armada, levando o Gama alguns malabares, e especiaria obtida por diligencia de Monçaide, que se faz christão . . . 13—15
 Descripção da partida, alvoroço e alegria por voltarem á patria . 16—17
 Venus quer que, para deleite e repouso das fadigas e traições experimentadas, os navegadores sejam recebidos, em uma ilha encantada, pelas nymphas dos mares com folguedos, prazeres e amores 18—23
 Dirige-se aos montes de Ida; considerações da deusa 24—35
 Chegada de Venus aos ditos montes; recebimento do filho e falla que esta lhe faz 36—42
 Desempenho de Cupido, que para mais captivar as nymphas faz preceder a fama dos portuguezes, e despede contra ellas, especialmente contra Tethys, os seus tiros 43—48
 Congregação das nymphas na ilha, ás quaes apparece Venus para as influir no seu intento 49—50
 Avista a armada a ilha e demanda o seu porto 51—53
 Descripção da ilha e das suas delicias 54—63
 Desembarque dos navegadores na ilha; enxergam as nymphas; falla de Velloso; queixumes amorosos do soldado Leonardo atrás da nympha que seguia, e amores voluptuosos com que são re-

	Estancias
cebidos os portuguezes	64—84
Tethys leva pela mão o Gama a uns paços collocados em um alto monte, para lhe vaticinar os altos feitos e navegações da nação portugueza, e passa n'este sitio o dia com o Gama em amores, e os outros portuguezes pelas florestas	85—88
Allegoria d'esta ilha e exhortação aos que aspiram á heroicidade; conclusão da acção do poema	89—95

CANTO X.

Banquete que dá Tethys ao Gama e seus companheiros, com assistência das nymphas	1 — 4
Vaticinio de uma nympha, que prophetisa os altos feitos dos portuguezes	5 — 7
Interrupção do canto da nympha por uma invocação de Camões a Caliope, para que o alente no meio dos seus desgostos para poder terminar o seu poema	8 — 9
Prosegue a nympha o cantico prophetico com os louvores dos feitos de Duarte Pacheco, e invectiva a ingratidão contra elle praticada	10—25
Continua com o elogio de outros varões portuguezes, que illustrarão os seus nomes na India	26—44
Suspende o elogio de Affonso de Albuquerque pela crueldade praticada com o soldado Ruy Dias, o qual mandou enforcar por ter copula carnal com uma escrava que vinha na sua camara	45
Observações sobre este procedimento e attenuação da culpa	46—49
Prosegue a nympha com o elogio dos outros heroes da India, começando em Lopo Soares e acabando em D. João de Castro	50—73
Tethys, depois da ceia e canto, conduz o Gama por um monte escabroso a um campo onde lhe mostra, e faz a descripção em um globo da esphera celeste com as suas constellações e planetas	74—89
Continua, descrevendo a esphera terrestre com os seus reinos e ilhas, referindo os futuros feitos, que hão de praticar os portuguezes	90—107
Martyrio do apostolo S. Thomé, e advertencia aos missionarios	108—119
Continuação da descripção geographica	120—126
Descripção de Camboja e referencia ao naufragio ali experimentado, e as suas desditas e trabalhos	127—128
Prosegue a descripção geographica	129—141
Despedida de Tethys, embarque, chegada da armada a Portugal	142—144
Queixas do poeta relativas á tristeza e ao indifferentismo pelas letras em que encontra a patria, e patriotica exhortação ao joven rei D. Sebastião, e vaticinio, ainda mal tão falso, das suas victorias	145—156

OS LUSIADAS.

CANTO PRIMEIRO.

1 As Armas, e os Barões assinalados,
Que da Occidental praia Lusitana,
Por mares nunca d'antes navegados,
Passaram ainda alem da Taprobana,
Em perigos e guerras esforçados,
Mais do que promettia a força humana;
E entre gente remota edificaram
Novo reino, que tanto sublimaram:

2 E tambem as memorias gloriosas
Daquelles Reis, que foram dilatando
A Fé, o Imperio; e as terras viciosas
De Africa e de Asia andaram devastando;
E aquelles que por obras valerosas
Se vão da lei da morte libertando;
Cantando espalharei por toda parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.

3 Cessem do sabio Grego, e do Troiano,
As navegações grandes, que fizeram:
Cale-se d'Alexandro, e de Trajano,
A fama das victorias, que tiveram:
Que eu canto o peito illustre Lusitano,
A quem Neptuno, e Marte obedeceram:
Cesse tudo o que a Musa antiqua canta,
Que outro valor mais alto se alevanta.

- 4 E vós, Tagides minhas, pois creado
Tendes em mi hum novo engenho ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Foi de mi vosso rio alegremente;
Dai-me agora hum som alto e sublimado,
Hum estylo grandiloquo e corrente;
Porque de vossas aguas Phebo ordene,
Que não tenham inveja ás de Hippocrene.
- 5 Dai-me huma furia grande e sonora,
E não de agreste avena, ou frauta ruda;
Mas de tuba canora e bellicosa,
Que o peito accende, e a côr ao gesto muda:
Dai-me igual canto aos feitos da famosa
Gente vossa, a que Marte tanto ajuda;
Que se espalhe, e se cante no universo,
Se tão sublime preço cabe em verso.
- 6 E vós, ó bem nascida segurança
Da Lusitana antigua liberdade,
E não menos certissima esperança
De augmento da pequena Christandade:
Vós, ó novo temor da Maura lança,
Maravilha fatal da nossa idade,
Dada ao mundo por Deos, que todo o mande,
Para do mundo a Deos dar parte grande:
- 7 Vós, tenro e novo ramo florecente
D'hum a arvore de Christo mais amada,
Que nenhuma nascida no Occidente,
Cesarea, ou Christianissima chamada:
Vêde-o no vosso escudo, que presente
Vos amostra a victoria já passada,
Na qual vos deo por armas, e deixou
As que ella para si na Cruz tomou:
- 8 Vós, poderoso Rei, cujo alto imperio
O Sol logo em nascendo vê primeiro;
Vê-o tambem no meio do hemispherio,
E quando desce o deixa derradeiro:
Vós, que esperâmos jugo e vituperio
Do torpe Ismaelita cavalleiro;
Do Turco oriental, e do Gentio,
Que inda bebe o licor do sancto rio:
- 9 Inclinaí por hum pouco a magestade,
Que nesse tenro gesto vos contemplo,
Que já se mostra, qual na inteira idade,
Quando subindo ireis ao eterno Templo.

Os olhos da Real benignidade
 Ponde no chão: vereis hum novo exemplo
 De amor dos patrios feitos valerosos,
 Em versos divulgado numerosos.

- 10 Vereis amor da patria, não movido
 De premio vil; mas alto e quasi eterno:
 Que não he premio vil ser conhecido
 Por hum pregão do ninho meu paterno.
 Ouvi; vereis o nome engrandecido
 Daquelles de quem sois senhor superno:
 E julgareis qual he mais excellente,
 Se ser do mundo Rei, se de tal gente.
- 11 Ouvi; que não vereis com vãs façanhas,
 Phantasticas, fingidas, mentirosas;
 Louvar os vossos, como nas estranhas
 Musas, de engrandecer-se desejosas:
 As verdadeiras vossas são tamanhas,
 Que excedem as sonhadas, fabulosas;
 Que excedem Rodamonte, e o vão Rugeiro,
 E Orlando, indaque fôra verdadeiro.
- 12 Por estes vos darei hum Nuno fero,
 Que fez ao Rei, e ao reino tal serviço;
 Hum Egas, e hum Dom Fuas, que de Homero
 A cithara para elles só cubiço.
 Pois pelos doze pares, dar-vos quero
 Os doze de Inglaterra, e o seu Magriço:
 Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
 Que para si de Eneas toma a fama.
- 13 Pois se a troco de Carlos Rei de França,
 Ou de Cesar quereis igual memoria,
 Vêde o primeiro Affonso, cuja lança
 Escura faz qualquer estranha gloria:
 E aquelle, que a seu reino a segurança
 Deixou co'a grande e prospera victoria:
 Outro Joanne invicto cavalleiro,
 O quarto e quinto Affonsos, e o terceiro.
- 14 Nem deixarão meus versos esquecidos
 Aquelles que nos reinos lá da Aurora
 Se fizeram por armas tão subidos,
 Vossa bandeira sempre vencedora:
 Hum Pacheco fortissimo, e os temidos
 Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
 Albuquerque terribil, Castro forte,
 E outros em quem poder não teve a morte.

- 15 E em quanto eu estes canto, e a vós não posso,
Sublime Rei, que não me atrevo a tanto,
Tomai as redeas vós do reino vosso,
Dareis materia a nunca ouvido canto:
Comecem a sentir o peso grosso
(Que pelo mundo todo faça espanto)
De exercitos, e feitos singulares,
De Africa as terras, e do Oriente os mares.
- 16 Em vós os olhos tem o Mouro frio,
Em quem vê seu exicio afigurado:
Só com vos ver o barbaro Gentio
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
Tethys todo o ceruleo senhorio
Tem para vós por dote aparelhado;
Que afeiçoada ao gesto bello e tenro,
Deseja de comprar-vos para genro.
- 17 Em vós se vem da Olympica morada
Dos dous Avós as almas cá famosas;
Huma na paz angelica dourada,
Outra pelas batalhas sanguinosas:
Em vós esperam ver-se renovada
Sua memoria e obras valerosas:
E lá vos tem lugar no fim da idade,
No templo da suprema eternidade.
- 18 Mas em quanto este tempo passa lento
De regerdes os povos, que o desejam;
Dai vós favor ao novo atrevimento,
Para que estes meus versos vossos sejam:
E vereis ir cortando o salso argento
Os vossos Argonautas; porque vejam
Que são vistos de vós no mar irado:
E costumai-vos já a ser invocado.
- 19 Já no largo Oceano navegavam,
As inquietas ondas apartando;
Os ventos brandamente respiravam,
Das naos as velas concavas inchando:
Da branca escuma os mares se mostravam
Cobertos, onde as proas vão cortando
As maritimas aguas consagradas,
Que do gado de Próteo são cortadas.
- 20 Quando os deoses no Olympo luminoso,
Onde o governo está da humana gente,
Se ajuntam em concilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente:

Pizando o crystallino ceo formoso,
 Vem pela Via Lactea juntamente,
 Convocados da parte do Tonante,
 Pelo neto gentil do velho Atlante.

- 21 Deixam dos sete ceos o regimento,
 Que do poder mais alto lhe foi dado;
 Alto poder, que só co'o pensamento
 Governa o ceo, a terra, e o mar irado:
 Ali se acharam juntos n'hum momento
 Os que habitam o Arcturo congelado,
 E os que o Austro tem, e as partes onde
 A Aurora nasce, e o claro Sol se esconde.
- 22 Estava o Padre ali sublime e dino,
 Que vibra os feros raios de Vulcano,
 N'hum assento de estrellas crystallino,
 Com gesto alto, severo e soberano:
 Do rosto respirava hum ar divino,
 Que divino tornara hum corpo humano,
 Com huma corôa e sceptro rutilante
 De outra pedra mais clara que diamante.
- 23 Em luzentes assentos, marchetados
 De ouro e de perlas, mais abaixo estavam
 Os outros deoses todos assentados,
 Como a razão e a ordem concertavam:
 Precedem os antiguos mais honrados;
 Mais abaixo os menores se assentavam:
 Quando Jupiter alto assi dizendo
 C'hum tom de voz começa, grave e horrendo:
- 24 Eternos moradores do luzente
 Estellifero polo e claro assento,
 Se do grande valor da forte gente
 De Luso não perdeis o pensamento,
 Deveis de ter sabido claramente,
 Como he dos fados grandes certo intento,
 Que por ella se esqueçam os humanos
 De Assyrios, Persas, Gregos e Romanos.
- 25 Já lhe foi, bem o vistes, concedido
 C'hum poder tão singelo e tão pequeno,
 Tomar ao Mouro forte e guarnecido
 Toda a terra, que rega o Tejo ameno:
 Pois contra o Castelhana tão temido,
 Sempre alcançou favor do Ceo sereno:
 Assi que sempre em fim com fama e gloria
 Teve os tropheos pendentés da victoria.

- 26 Deixo, deoses, atraz a fama antiga,
Que co'a gente de Romulo alcançaram,
Quando com Viriato, na inimiga
Guerra romana tanto se afamaram:
Tambem deixo a memoria, que os obriga
A grande nome, quando alevantaram
Hum por seu capitão, que peregrino
Fingio na Cerva espirito divino.
- 27 Agora vedes bem, que commettendo
O duvidoso mar n'hum lenho leve,
Por vias nunca usadas, não temendo
De Africo, e Noto a força, a mais se atreve:
Que havendo tanto já que as partes vendo,
Onde o dia he comprido, e onde breve,
Inclinam seu proposito e porfia,
A ver os berços onde nasce o dia.
- 28 Promettido lhe está do Fado eterno,
Cuja alta lei não pôde ser quebrada,
Que tenham longos tempos o governo
Do mar, que vê do Sol a roxa entrada:
Nas aguas tem passado o duro inverno;
A gente vem perdida e trabalhada;
Já parece bem feito, que lhe seja
Mostrada a nova terra, que deseja.
- 29 E porque, como vistes, tem passados
Na viagem tão asperos perigos,
Tantos climas e ceos exp'imentados,
Tanto furor de ventos inimigos;
Que sejam, determino, agasalhados
Nesta costa Africana, como amigos;
E tendo guarneçada a lassa frota,
Tornarão a seguir sua longa rota.
- 30 Estas palavras Jupiter dizia,
Quando os deoses, por ordem respondendo,
Na sentença hum do outro differia,
Razões diversas dando e recebendo.
O padre Baccho ali não consentia
No que Jupiter disse, conhecendo
Que esquecerão seus feitos no Oriente,
Se lá passar a Lusitana gente.
- 31 Ouvido tinha aos Fados, que viria
Huma gente fortissima de Hespanha
Pelo mar alto, a qual sujeitaria
Da India tudo quanto Doris banha:

E com novas victorias venceria
 A fama antigua, ou sua, ou fosse estranha:
 Altamente lhe doe perder a gloria,
 De que Nysa celebra inda a memoria.

- 32 Vê que já teve o Indo subjugado,
 E nunca lhe tirou fortuna, ou caso,
 Por vencedor da India ser cantado
 De quantos bebem a agua do Parnaso:
 Teme agora que seja sepultado
 Seu tão celebre nome em negro vaso
 Da agua do esquecimento, se lá chegam
 Os fortes Portuguezes, que navegam.
- 33 Sustentava contra elle Venus bella,
 Afeiçãoada á gente Lusitana,
 Por quantas qualidades via nella
 Da antigua tão amada sua Romana:
 Nos fortes corações, na grande estrella,
 Que mostraram na terra Tingitana;
 E na lingua, na qual quando imagina,
 Com pouca corrupção crê que he a Latina.
- 34 Estas causas moviam Cytherea;
 E mais, porque das Parcas claro entende
 Que ha de ser celebrada a clara dea,
 Onde a gente belligera se estende.
 Assi que, hum pela infamia que arrecea,
 E o outro pelas honras que pretende,
 Debatem, e na porfia permanecem;
 A qualquer seus amigos favorecem.
- 35 Qual Austro fero, ou Boreas na espessura
 De sylvestre arvoredado abastecida,
 Rompendo os ramos vão da mata escura
 Com impeto e braveza desmedida:
 Brama toda a montanha, o som murmura,
 Rompem-se as folhas, ferve a serra erguida:
 Tal andava o tumulto levantado,
 Entre os deoses no Olympo consagrado.
- 36 Mas Marte, que da deosa sustentava
 Entre todos as partes em porfia;
 Ou porque o amor antiguo o obrigava,
 Ou porque a gente forte o merecia;
 De entre os deoses em pé se levantava:
 Merencorio no gesto parecia;
 O forte escudo ao collo pendurado
 Deitando para traz, medonho e irado:

- 37 A viseira do elmo de diamante
Alevantando hum pouco, mui seguro,
Por dar seu parecer se poz diante
De Jupiter, armado, forte e duro:
E dando huma pancada penetrante
Co'o conto do bastão no solio puro,
O ceo tremeo; e Apollo de torvado,
Hum pouco a luz perdeo, como enfiado.
- 38 E disse assi: Ó Padre, a cujo imperio
Tudo aquillo obedece, que creaste;
Se esta gente, que busca outro hemispherio,
Cuja valia e obras tanto amaste,
Não queres que padeçam vituperio,
Como ha já tanto tempo que ordenaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Razões de quem parece que he suspeito:
- 39 Que se aqui a razão se não mostrasse
Vencida do temor demasiado,
Bem fôra que aqui Baccho os sustentasse,
Pois que de Luso vem, seu tão privado;
Mas esta tenção sua agora passe,
Porque em fim vem de estomago damnado;
Que nunca tirará alheia inveja
O bem que outrem merece, e o Ceo deseja.
- 40 E tu, Padre de grande fortaleza,
Da determinação que tens tomada,
Não tornes por detrás; pois he fraqueza
Desistir-se da cousa começada.
Mercurio, pois excede em ligeireza
Ao vento leve, e á setta bem talhada,
Lhe vá mostrar a terra, onde se informe
Da India, e onde a gente se reforme.
- 41 Como isto disse, o Padre poderoso,
A cabeça inclinando, consentio
No que disse Mavorte valeroso,
E nectar sobre todos esparzio.
Pelo caminho Lacteo glorioso
Logo cada hum dos deoses se partio,
Fazendo seus reaes acatamentos,
Para os determinados aposentos.
- 42 Em quanto isto se passa na formosa
Casa etherea do Olympo omnipotente,
Cortava o mar a gente bellicosa
Já lá da banda do Austro, e do Oriente,

Entre a costa Ethiopica, e a famosa
Ilha de São Lourenço; e o Sol ardente
Queimava então os deoses, que Typheo
Co' o temor grande em peixes converteo.

- 43 Tão brandamente os ventos os levavam,
Como quem o Ceo tinha por amigo;
Serenos o ar, e os tempos se mostravam
Sem nuvens, sem receio de perigo:
O promontorio Prasso já passavam,
Na costa de Ethiopia, nome antigo;
Quando o mar descobrindo lhe mostrava
Novas ilhas, que em torno cerca e lava.
- 44 Vasco da Gama, o forte capitão,
Que a tamanhas emprezas se offerece,
De soberbo, e de altivo coração,
A quem fortuna sempre favorece;
Para se aqui deter não vê razão,
Que inhabitada a terra lhe parece:
Por diante passar determinava;
Mas não lhe succedeo como cuidava.
- 45 Eis apparecem logo em companhia
Huns pequenos bateis, que vem daquella
Que mais chegada á terra parecia,
Cortando o longo mar com larga vela:
A gente se alvoroça; e de alegria
Não sabe mais que olhar a causa della.
Que gente será esta? em si diziam,
Que costumes, que lei, que Rei teriam?
- 46 As embarcações eram na maneira
Mui velozes, estreitas e compridas;
As velas, com que vem, eram de esteira
D'humas folhas de palma bem tecidas:
A gente da côr era verdadeira,
Que Phaeton, nas terras accendidas,
Ao mundo deo, de ousado e não prudente:
O Pado o sabe, e Lampetusa o sente.
- 47 De pannos de algodão vinham vestidos,
De varias cores, brancos e listrados;
Huns trazem derredor de si cingidos,
Outros em modo airoso sobraçados:
Das cintas para cima vem despídos;
Por armas tem adargas e terçados:
Com toucas na cabeça; e navegando,
Anafis sonorosos vão tocando.

- 48 Co'os pannos, e co'os braços acenavam
Às gentes Lusitanas, que esperassem:
Mas já as proas ligeiras se inclinavam
Para que junto ás ilhas amainassem:
A gente e marinheiros trabalhavam,
Como se aqui os trabalhos s'acabassem:
Tomam velas, amaina-se a verga alta,
Da ancora o mar ferido em cima salta.
- 49 Não eram ancorados, quando a gente
Estranha pelas cordas já subia;
No gesto ledos vem, e humanamente
O Capitão sublime os recebia.
As mesas manda pôr em continente:
Do licor, que Lyeo prantado havia,
Enchem vasos de vidro, e do que deitam
Os de Phaeton queimados nada engeitam.
- 50 Comendo alegremente perguntavam,
Pela Arabica lingua, donde vinham?
Quem eram? de que terra? que buscavam?
Ou que partes do mar corrido tinham?
Os fortes Lusitanos lhe tornavam
As discretas respostas, que convinham:
Os Portuguezes somos do Occidente,
Imos buscando as terras do Oriente.
- 51 Do mar temos corrido, e navegado
Toda a parte do Antartico, e Callisto;
Toda a costa Africana rodeado;
Diversos ceos e terras temos visto:
D'hum Rei potente somos, tão amado,
Tão querido de todos, e bemquisto,
Que não no largo mar, com leda fronte,
Mas no lago entraremos de Acheronte.
- 52 E por mandado seu buscando andamos
A terra Oriental, que o Indo rega:
Por elle o mar remoto navegamos,
Que só dos feos phocas se navega.
Mas já razão parece, que saibamos,
Se entre vós a verdade não se nega,
Quem sois? que terra he esta que habitais?
Ou se tendes da India alguns sinais?
- 53 Somos, hum dos das ilhas lhe tornou,
Estrangeiros na terra, lei e nação;
Que os proprios são aquelles, que criou
A natura sem lei e sem razão.

- Nós temos a lei certa, que ensinou
O claro descendente de Abrahão,
Que agora tem do mundo o senhorio;
A mãe Hebrea teve, e o pai Gentio.
- 54 Esta ilha pequena, que habitamos,
He em toda esta terra certa escala
De todos os que as ondas navegamos,
De Quiloa, de Mombaça e de Sofala:
E por ser necessaria, procuramos,
Como proprios da terra, de habita-la:
E porque tudo em fim vos notifique,
Chama-se a pequena ilha Moçambique.
- 55 E já que de tão longe navegais,
Buscando o Indo Hydaspe, e terra ardente,
Piloto aqui tereis, por quem sejais
Guiados pelas ondas sabiamente:
Tambem será bem feito, que tenhais
Da terra algum refresco, e que o Regente,
Que esta terra governa, que vos veja,
E do mais necessario vos proveja.
- 56 Isto dizendo, o Mouro se tornou
A seus bateis com toda a companhia:
Do Capitão e gente se apartou,
Com mostras de devida cortezia.
Nisto Phebo nas aguas encerrou
Co' o carro de crystal o claro dia,
Dando cargo á irmãa, que alumiasse
O largo mundo, em quanto repousasse.
- 57 A noite se passou na lassa frota
Com estranha alegria, e não cuidada,
Por acharem da terra tão remota
Nova de tanto tempo desejada.
Qualquer então consigo cuida, e nota
Na gente, e na maneira desusada,
E como os que na errada seita creram,
Tanto por todo o mundo se estenderam.
- 58 Da Lua os claros raios rutilavam
Pelas argenteas ondas Neptuninas;
As estrellas os ceos acompanhavam,
Qual campo revestido de boninas;
Os furiosos ventos repousavam
Pelas covas escuras peregrinas;
Porém da armada a gente vigiava,
Como por longo tempo costumava.

- 59 Mas assi como a Aurora marchetada
Os formosos cabellos espalhou
No ceo sereno, abrindo a roxa entrada
Ao claro Hyperionio, que acordou;
Começa a embandeirar-se toda a armada,
E de toldos alegres se adornou,
Por receber com festas, e alegria,
O Regedor das ilhas, que partia.
- 60 Partia alegremente navegando,
A ver as naos ligeiras Lusitanas,
Com refresco da terra, em si cuidando,
Que são aquellas gentes inhumanas,
Que os aposentos Caspios habitando,
A conquistar as terras Asianas
Vieram; e por ordem do destino,
O Imperio tomaram a Constantino.
- 61 Recebe o Capitão alegremente
O Mouro, e toda sua companhia:
Dá-lhe de ricas peças hum presente,
Que só para este effeito já trazia:
Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria.
Tudo o Mouro contente bem recebe,
E muito mais contente come e bebe.
- 62 Está a gente maritima de Luso
Subida pela enxarcia, de admirada,
Notando o estrangeiro modo e uso,
E a linguagem tão barbara e enleada.
Tambem o Mouro astuto está confuso,
Olhando a côr, o trajo, e a forte armada;
E perguntando tudo, lhe dizia
Se por ventura vinham de Turquia.
- 63 E mais lhe diz tambem, que ver deseja
Os livros de sua lei, preceito, ou fé,
Para ver se conforme á sua seja,
Ou se são dos de Christo, como crê:
E porque tudo note, e tudo veja,
Ao Capitão pedia, que lhe dê
Mostra das fortes armas de que usavam,
Quando co'os inimigos pelejavam.
- 64 Responde o valeroso Capitão,
Por hum, que a lingua escura bem sabia:
Dar-te-hei, senhor illustre, relação
De mi, da lei, das armas, que trazia.

- Nem sou da terra, nem da geração
 Das gentes enojosas de Turquia;
 Mas sou da forte Europa bellicosa,
 Busco as terras da India tão famosa.
- 65 A lei tenho daquelle, a cujo imperio
 Obedece o visibil e invisibil;
 Aquelle que creou todo o hemispherio,
 Tudo o que sente, e todo o insensibil;
 Que padeceo deshonra e vituperio,
 Soffrendo morte injusta e insoffribil;
 E que do Ceo á terra em fim desceio,
 Por subir os mortaes da terra ao Ceo.
- 66 Deste Deos-Homem, alto e infinito,
 Os livros, que tu pedes, não trazia;
 Que bem posso escusar trazer escrito
 Em papel, o que na alma andar devia.
 Se as armas queres ver, como tens dito,
 Cumprido esse desejo te seria:
 Como amigo as verás; porque eu me obrigo,
 Que nunca as queiras ver como inimigo.
- 67 Isto dizendo, manda os diligentes
 Ministros amostrar as armaduras:
 Vem arnezes, e peitos reluzentes,
 Malhas finas, e laminas seguras,
 Escudos de pinturas differentes,
 Pelouros, espingardas de aço puras,
 Arcos, e sagittiferas aljavas,
 Partazanas agudas, chuças bravas:
- 68 As bombas vem de fogo, e juntamente
 As panellas sulphureas, tão damnosas:
 Porém aos de Vulcano não consente
 Que dem fogo ás bombardas temerosas;
 Porque o generoso animo, e valente,
 Entre gentes tão poucas, e medrosas,
 Não mostra quanto póde: e com razão;
 Que he fraqueza entre ovelhas ser leão.
- 69 Porém disto, que o Mouro aqui notou,
 E de tudo o que vio, com olho attento,
 Hum odio certo na alma lhe ficou,
 Huma vontade má de pensamento:
 Nas mostras, e no gesto o não mostrou;
 Mas com risonho, e ledto fingimento,
 Trata-los brandamente determina,
 Até que mostrar possa o que imagina.

- 70 Pilotos lhe pedia o Capitão,
 Por quem podesse á India ser levado:
 Diz-lhe, que o largo premio levarão
 Do trabalho, que nisso for tomado.
 Promette-lhos o Mouro, com tenção
 De peito venenoso, e tão damnado,
 Que a morte, se podesse, neste dia
 Em lugar de pilotos lhe daria.
- 71 Tamanho o odio foi, e a má vontade,
 Que aos estrangeiros subito tomou,
 Sabendo ser sequaces da verdade,
 Que o filho de David nos ensinou.
 Oh segredos daquella Eternidade,
 A quem juizo algum não alcançou!
 Que nunca falte hum perfido inimigo
 Aquelles de quem foste tanto amigo!
- 72 Partio-se nisto em fim co'a companhia,
 Das naos o falso Mouro despedido,
 Com enganosa e grande cortezia,
 Com gesto ledó a todos, e fingido.
 Cortaram os bateis a curta via
 Das aguas de Neptuno, e recebido
 Na terra, do obsequente ajuntamento,
 Se foi o Mouro ao cognito aposento.
- 73 Do claro assento ethereo, o grão Thebano,
 Que da paternal coxa foi nascido,
 Olhando o ajuntamento Lusitano
 Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,
 No pensamento cuida hum falso engano,
 Com que seja de todo destruido:
 E em quanto isto só na alma imaginava,
 Comsigo estas palavras praticava.
- 74 Está do Fado já determinado,
 Que tamanhas victorias, tão famosas,
 Hajam os Portuguezes alcançado
 Das indianas gentes bellicosas:
 E eu só, filho do Padre sublimado,
 Com tantas qualidades generosas,
 Hei de soffrer, que o Fado favoreça
 Outrem, por quem meu nome se escureça?
- 75 Já quizeram os deoses, que tivesse
 O filho de Philippo nesta parte
 Tanto poder, que tudo submettesse
 Debaixo do seu jugo o fero Marte:

Mas ha-se de soffrer, que o Fado desse
 A tão poucos tamanho esforço e arte,
 Que eu co'o grão Macedonio, e co'o Romano,
 Demos lugar ao nome Lusitano?

- 76 Não será assi; porque antes que chegado
 Seja este Capitão, astutamente
 Lhe será tanto engano fabricado,
 Que nunca veja as partes do Oriente:
 Eu descerei á terra; e o indignado
 Peito revolverei da Maura gente;
 Porque sempre por via irá direita,
 Quem do opportuno tempo se aproveita.
- 77 Isto dizendo irado, e quasi insano,
 Sobre a terra Africana descendeo,
 Onde vestindo a fórma e gesto humano,
 Para o Prasso sabido se moveo:
 E por melhor tecer o astuto engano,
 No gesto natural se converteo
 D'hum Mouro em Moçambique conhecido,
 Velho, sabio, e co'o Xequé mui valido.
- 78 E entrando assi a fallar-lhe a tempo e horas
 Á sua falsidade accomodadas,
 Lhe diz, como eram gentes roubadoras
 Estas, que ora de novo são chegadas:
 Que das nações na costa moradoras
 Correndo a fama veio, que roubadas
 Foram por estes homens que passavam,
 Que com pactos de paz sempre ancoravam.
- 79 E sabe mais, lhe diz, como entendido
 Tenho destes Christãos sanguinolentos,
 Que quasi todo o mar tem destruido
 Com roubos, com incendios violentos:
 E trazem já de longe engano ordido
 Contra nós; e que todos seus intentos
 São para nos matarem e roubarem,
 E mulheres e filhos captivarem.
- 80 E tambem sei, que tem determinado
 De vir por agua á terra muito cedo
 O Capitão, dos seus acompanhado;
 Que da tenção damnada nasce o medo.
 Tu deves de ir tambem c'os teus armado
 Espera-lo em cilada, occulto e quedo;
 Porque, sabindo a gente descuidada,
 Cahirão facilmente na cilada.

- 81 E se inda não ficarem deste geito
Destruídos, ou mortos totalmente,
Eu tenho imaginada no conceito
Outra manha e ardil, que te contente:
Manda-lhe dar piloto, que de geito
Seja astuto no engano, e tão prudente,
Que os leve aonde sejam destruídos,
Desbaratados, mortos, ou perdidos.
- 82 Tanto que estas palavras acabou,
O Mouro nos taes casos sabio, e velho,
Os braços pelo collo lhe lançou,
Agradecendo muito o tal conselho:
E logo nesse instante concertou
Para a guerra o belligero aparelho;
Para que ao Portuguez se lhe tornasse
Em roxo sangue a agua, que buscasse.
- 83 E busca mais, para o cuidado engano,
Mouro, que por piloto á nao lhe mande,
Sagaz, astuto, e sabio em todo o dano,
De quem fiar-se possa hum feito grande:
Diz-lhe, que, acompanhando o Lusitano,
Por taes costas e mares co'elle ande,
Que, se d'aqui escapar, que lá diante
Vá cahir, d'onde nunca se alevante.
- 84 Já o raio Apollineo visitava
Os montes Nabatheos accendido,
Quando o Gama co'os seus determinava
De vir por agua a terra apercebido:
A gente nos bateis se concertava,
Como se fosse o engano já sabido:
Mas pôde suspeitar-se facilmente;
Que o coração presago nunca mente.
- 85 E mais tambem mandado tinha a terra
De antes pelo piloto necessario;
E foi-lhe respondido em som de guerra:
Caso do que cuidava mui contrario.
Por isto, e porque sabe quanto erra,
Quem se cré de seu perfido adversario,
Apercebido vai, como podia,
Em tres bateis sómente, que trazia.
- 86 Mas os Mouros, que andavam pela praia,
Por lhe defender a agua desejada,
Hum de escudo embraçado, e de azagaia,
Outro de arco encurvado, setta ervada,

Esperam que a guerreira gente saia;
 Outros muitos já postos em cilada:
 E porque o caso leve se lhe faça,
 Põem huns poucos diante por negaça.

- 87 Andam pela ribeira alva, arenosa,
 Os bellicosos Mouros acenando
 Com a adarga, e co'a hastea perigosa,
 Os fortes Portuguezes incitando.
 Não soffre muito a gente generosa
 Andar-lhe os cães os dentes amostrando:
 Qualquer em terra salta tão ligeiro,
 Que nenhum dizer pode, que he primeiro.
- 88 Qual no corro sanguino o ledó amante,
 Vendo a formosa dama desejada,
 O touro busca, e pondo-se diante,
 Salta, corre, sibila, acena é brada:
 Mas o animal atroce nesse instante,
 Com a fronte cornigera inclinada,
 Bramando duro corre, e os olhos cerra,
 Derriba, fere, e mata e põe por terra:
- 89 Eis nos bateis o fogo se levanta
 Na furiosa e dura artilheria;
 A plumbea pella mata, o brado espanta,
 Ferido o ar retumba, e assovia:
 O coração dos Mouros se quebranta;
 O temor grande o sangue lhe resfria:
 Já foge o escondido de medroso,
 E morre o descoberto aventureoso.
- 90 Não se contenta a gente Portugueza;
 Mas seguindo a victoria estrue e mata:
 A povoação sem muro e sem defeza
 Esbombardea, accende e desbarata.
 Da cavalgada ao Mouro já lhe peza;
 Que bem cuidou compra-la mais barata:
 Já blasphema da guerra, e maldizia
 O velho inerte, e a mãe que o filho cria.
- 91 Fugindo, a setta o Mouro vai tirando
 Sem força, de covarde e de apressado,
 A pedra, o pao e o canto arremessando;
 Dá-lhe armas o furor desatinado:
 Já a ilha, e todo o mais desamparando,
 A terra firme foge amedrontado:
 Passa, e corta do mar o estreito braço,
 Que a ilha em torno cerca, em pouco espaço.

- 92 Huns vão nas almadias carregadas:
Hum corta o mar a nado diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Arrombam as miudas bombardadas
Os pangaaios subtis da bruta gente:
Desta arte o Portuguez em fim castiga
A vil malicia, perfida, inimiga.
- 93 Tornam victoriosos para a armada,
Co' o despojo da guerra e rica presa,
E vão a seu prazer fazer aguada,
Sem achar resistencia, nem defesa.
Ficava a Maura gente magoada,
No odio antigo, mais que nunca, accesa;
E vendo sem vingança tanto dano,
Somente estriba no segundo engano.
- 94 Pazes commetter manda arrependido
O Regedor daquella iniqua terra.
Sem ser dos Lusitanos entendido,
Que em figura de paz lhe manda guerra:
Porque o piloto falso promettido,
Que toda a má tenção no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Como em sinal das pazes, que tratava.
- 95 O Capitão, que já lhe então convinha
Tornar a seu caminho acostumado;
Que tempo concertado e ventos tinha
Para ir buscar o Indo desejado;
Recebendo o piloto, que lhe vinha,
(Foi delle alegremente agasalhado)
E respondendo ao mensageiro, attento,
As velas manda dar ao largo vento.
- 96 Desta arte despedida a forte armada,
As ondas de Amphitrite dividia,
Das filhas de Nereo acompanhada,
Fiel, alegre e doce companhia:
O Capitão, que não cahia em nada
Do enganoso ardil, que o Mouro ordia,
Delle mui largamente se informava
Da India toda, e costas que passava.
- 97 Mas o Mouro instruido nos enganos,
Que o malevolo Baccho lhe ensinara,
De morte, ou captiveiro novos danos,
Antes que á India chegue, lhe prepara;

- Dando razão dos portos Indianos,
Tambem tudo o que pede lhe declara:
Que havendo por verdade o que dizia,
De nada a forte gente se temia.
- 98 E diz-lhe mais, co' o falso pensamento
Com que Sinon os Phrygios enganou,
Que perto está huma ilha, cujo assento
Povo antigo Christão sempre habitou.
O Capitão, que a tudo estava attento,
Tanto com estas novas se alegrou,
Que com dadivas grandes lhe rogava,
Que o leve á terra onde esta gente estava.
- 99 O mesmo o falso Mouro determina,
Que o seguro Christão lhe manda, e pede;
Que a ilha he possuida da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede:
Aqui o engano e morte lhe imagina,
Porque em poder e forças muito excede
A Moçambique esta ilha, que se chama
Quíloa, mui conhecida pela fama.
- 100 Para lá se inclinava a leda frota:
Mas a deosa em Cythere celebrada,
Vendo como deixava a certa rota,
Por ir buscar a morte não cuidada,
Não consente que em terra tão remota
Se perca a gente della tanto amada;
E com ventos contrarios a desvia
Donde o piloto falso a leva e guia.
- 101 Mas o malvado Mouro não podendo
Tal determinação levar avante,
Outra maldade iniqua commettendo,
Ainda em seu proposito constante,
Lhe diz, que pois as aguas discorrendo,
Os levaram por força por diante,
Que outra ilha tem perto, cuja gente
Eram Christãos com Mouros juntamente.
- 102 Tambem nestas palavras lhe mentia,
Como por regimento em fim levava;
Que aqui gente de Christo não havia,
Mas a que a Mafamede celebrava.
O Capitão, que em tudo o Mouro cria,
Virando as velas, a ilha demandava:
Mas não querendo a deosa guardadora,
Não entra pela barra, e surge fóra.

- 103 Estava a ilha á terra tão chegada,
Que hum estreito pequeno a dividia;
Huma cidade nella situada,
Que na frente do mar apparecia;
De nobres edificios fabricada,
Como por fóra ao longe descobria:
Regida por hum Rei de antigua idade:
Mombaça he o nome da ilha e da cidade.
- 104 E sendo a ella o Capitão chegado,
Estranhamente ledó, porque espera
De poder ver o povo baptizado,
Como o falso piloto lhe dissera;
Eis vem bateis da terra com recado
Do Rei, que já sabia a gente que era:
Que Baccho muito de antes o avisara,
Na fórmula d'outro Mouro, que tomara.
- 105 O recado que trazem he de amigos,
Mas debaixo o veneno vem coberto;
Que os pensamentos eram de inimigos,
Segundo foi o engano descoberto.
Oh grandes e gravissimos perigos!
Oh caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança
Tenha a vida tão pouca segurança!
- 106 No mar tanta tormenta e tanto dano,
Tantas vezes a morte apercebida!
Na terra tanta guerra, tanto engano,
Tanta necessidade aborrecida!
Onde póde acolher-se hum fraco humano?
Onde terá segura a curta vida,
Que não se arme, e se indigne o Ceo sereno
Contra hum bicho da terra tão pequeno?
-

CANTO SEGUNDO.

- 1 Já neste tempo o lucido planeta,
Que as horas vai do dia distinguindo,
Chegava á desejada e lenta meta,
A luz celeste ás gentes encobrindo;
E da casa maritima secreta
Lhe estava o deos nocturno a porta abrindo;
Quando as infidas gentes se chegaram
As naos, que pouco havia que ancoraram.
- 2 D'entre elles hum, que traz encommendado
O mortifero engano, assi dizia:
Capitão valeroso, que cortado
Tens de Neptuno o reino e salsa via,
O Rei que manda esta ilha, alvoroçado
Da vinda tua, tem tanta alegria,
Que não deseja mais que agasalhar-te,
Ver-te, e do necessario reformar-te.
- 3 E porque está em extremo desejoso
De te ver, como cousa nomeada, .
Te roga, que de nada receoso,
Entres a barra, tu com toda armada:
E porque do caminho trabalhoso
Trarás a gente debil e cansada,
Diz que na terra podes reforma-la,
Que a natureza obriga a deseja-la.
- 4 E se buscando vás mercadoria
Que produce o aurifero Levante,
Canellá, cravo, ardente especiaria,
Ou droga salutifera e prestante;
Ou se queres luzente pedraria,
O rubi fino, o rigido diamante,
Daqui levarás tudo tão sobejo,
Com que faças o fim a teu desejo.
- 5 Ao mensageiro o Capitão responde,
As palavras do Rei agradecendo;
E diz, que porque o Sol no mar se esconde,
Não entra para dentro obedecendo:
Porém que como a luz mostrar por onde
Vá sem perigo a frota, não temendo,
Cumprirá sem receio seu mandado,
Que a mais por tal seuhor está obrigado.

- 6 Pergunta-lhe depois, sê estão na terra
Christãos, como o piloto lhe dizia:
O mensageiro astuto, que não erra,
Lhe diz, que a mais da gente em Christo cria.
Desta sorte do peito lhe desterra
Toda a suspeita, e cauta phantasia:
Por onde o Capitão seguramente
Se fia da infiel e falsa gente.
- 7 E de alguns que trazia condemnados
Por culpas, e por feitos vergonhosos,
Porque podessem ser aventurados
Em casos desta sorte duvidosos,
Manda dous mais sagazes, ensaiados,
Porque notem dos Mouros enganosos
A cidade e poder, e porque vejam
Os Christãos, que só tanto ver desejam.
- 8 E por estes ao Rei presentes manda,
Porque a boa vontade que mostrava,
Tenha firme, segura, limpa e branda,
A qual bem ao contrario em tudo estava.
Já a companhia perfida e nefanda,
Das naos se despedia, e o mar cortava:
Foram com gestos ledos e fingidos,
Os dous da frota em terra recebidos.
- 9 E depois que ao Rei apresentaram
Co'o recado os presentes que traziam,
A cidade correram, e notaram
Muito menos daquillo que queriam;
Que os Mouros cautelosos se guardaram
De lhe mostrarem tudo o que pediam;
Que onde reina a malicia, está o receio,
Que a faz imaginar no peito alheio.
- 10 Mas aquelle, que sempre a mocidade
Tem no rosto perpetua, e foi nascido
De duas mãis; que ordia a falsidade,
Por ver o navegante destruido;
Estava n'huma casa da cidade,
Com rosto humano e habito fingido;
Mostrando-se Christão, e fabricava
Hum altar sumptuoso que adorava.
- 11 Ali tinha em retrato affigurada
Do alto e Sancto Espirito a pintura,
A candida pombinha debuxada,
Sobre a unica phenix Virgem pura:

A companhia sancta está pintada
Dos doze, tão turvados na figura,
Como os que, só das linguas que cahiram
De fogo, varias linguas referiram.

- 12 Aqui os dous companheiros conduzidos,
Onde com este engano Baccho estava,
Poem em terra os gíolhos, e os sentidos
Naquelle Deos, que o mundo governava.
Os cheiros excellentes produzidos
Na Panchaia odorifera queimava
O Thyoneo; e assi por derradeiro
O falso deos adora o verdadeiro.
- 13 Aqui foram de noite agasalhados
Com todo o bom e honesto tratamento
Os dous Christãos, não vendo que enganados
Os tinha o falso e sancto fingimento.
Mas assi como os raios espalhados
Do Sol foram no mundo, e n'hum momento
Apareceo no rubido horizonte
Da moça de Titão a roxa fronte:
- 14 Tornam da terra os Mouros co' o recado
Do Rei, para que entrassem, e comsigo
Os dous, que o Capitão tinha mandado,
A quem se o Rei mostrou sincero amigo:
E sendo o Portuguez certificado
De não haver receio de perigo,
E que gente de Christo em terra havia,
Dentro no salso rio entrar queria.
- 15 Dizem-lhe os que mandou, que em terra viram
Sacras aras, e sacerdote santo;
Que ali se agasalharam e dormiram,
Em quanto a luz cobrio o escuro manto;
E que no Rei e gentes não sentiram
Senão contentamento, e gosto tanto,
Que não podia certo haver suspeita
N'humas mostra tão clara e tão perfeita.
- 16 Com isto o nobre Gama recebia
Alegremente os Mouros que subiam;
Que levemente hum animo se fia
De mostras, que tão certas pareciam.
A nao da gente perfida se enchia,
Deixando a bordo os barcos que traziam:
Alegres vinham todos, porque crem,
Que a presa desejada certa tem.

- 17 Na terra cautamente apparelhavam
Armas e munições, que como vissem
Que no rio os navios ancoravam,
Nelles ousadamente se subissem:
E nesta traição determinavam,
Que os de Luso de todo destruissem;
E que incautos pagassem, deste geito,
O mal que em Moçambique tinham feito.
- 18 As ancoras tenaces vão levando
Com a nautica grita costumada;
Da proa as velas sós ao vento dando,
Inclinam para a barra abalizada.
Mas a linda Erycina, que guardando
Andava sempre a gente assinalada,
Vendo a cilada grande, e tão secreta,
Voa do ceo ao mar como huma setta.
- 19 Convoca as alvas filhas de Nereo,
Com toda a mais cerulea companhia;
Que, porque no salgado mar nasceo,
Das agnas o poder lhe obedecia;
E propondo-lhe a causa a que desceo,
Com todos juntamente se partia,
Para estorvar, que a armada não chegasse
Aonde para sempre se acabasse.
- 20 Já na agua erguendo vão com grande pressa,
Co'as argenteas caudas branca escuma:
Doto co'o peito corta, e atravessa
Com mais furor o mar do que costuma.
Salta Nise, Nerine se arremessa
Por cima da agua crespa em força summa:
Abrem caminho as ondas encurvadas,
De temor das Nereidas apressadas.
- 21 Nos hombros de hum Tritão, com gesto acceso,
Vai a linda Dione furiosa;
Não sente quem a leva o doce peso,
De soberbo com carga tão formosa:
Já chegam perto donde o vento teso
Enche as velas da frota bellicosa:
Repartem-se, e rodeam nesse instante
As naos ligeiras, que hiam por diante.
- 22 Põe-se a deosa com outras em direito
Da proa capitaina, e ali fechando
O caminho da barra, estão de geito,
Que em vão assopra o vento, a vela inchando:

Põe no madeiro duro o brando peito,
 Para detraz a forte nao forçando:
 Outras em derredor levando-a estavam,
 E da barra inimiga a desviavam.

- 23 Quaes para a cova as próvidas formigas,
 Levando o peso grande accommodado,
 As forças exercitam, de inimigas
 Do inimigo inverno congelado:
 Ali são seus trabalhos e fadigas,
 Ali mostram vigor nunca esperado:
 Taes andavam as nymphas estorvando
 Á gente Portugueza o fim nefando.
- 24 Torna para detraz a nao forçada,
 A pezar dos que leva, que gritando
 Maream velas, ferve a gente irada,
 O leme a hum bordo, e a outro atravessando:
 O mestre astuto em vão da popa brada,
 Vendo como diante ameaçando
 Os estava hum maritimo penedo,
 Que de quebrar-lhe a nao lhe mette medo.
- 25 A celeuma medonha se alevanta
 No rudo marinheiro que trabalha;
 O grande estrondo a Maura gente espanta,
 Como se vissem horrida batalha:
 Não sabem a razão de furia tanta;
 Não sabem nesta pressa quem lhe valha;
 Cuidam que seus enganos são sabidos,
 E que hão de ser por isso aqui punidos.
- 26 Ei-los subitamente se lançavam
 A seus bateis veloces que traziam:
 Outros em cima o mar alevantavam,
 Saltando n'agua, a nado se acolhiam:
 De hum bordo e d'outro subito saltavam,
 Que o medo os compellia do que viam;
 Que antes querem ao mar aventurar-se,
 Que nas mãos inimigas entregar-se.
- 27 Assi como em selvatica alagoa
 As rãas, no tempo antiguo Lycia gente,
 Se sentem porventura vir pessoa,
 Estando fóra da agua incautamente,
 D'aqui e d'ali saltando, o charco soa,
 Por fugir do perigo que se sente;
 E acolhendo-se ao couto que conhecem,
 Sós as cabeças na agua lhe apparecem:

- 28 Assi fogem os Mouros; e o piloto,
Que ao perigo grande as naos guiara,
Crendo que seu engano estava noto,
Tambem foge, saltando na agua amara.
Mas por não darem no penedo immoto,
Onde percam a vida doce e chara,
A ancora solta logo a capitaina,
Qualquer das outras junto della amaina.
- 29 Vendo o Gama, attentado, a estranheza
Dos Mouros, não cuidada, e juntamente
O piloto fugir-lhe com presteza,
Entende o que ordenava a bruta gente:
E vendo sem contraste, e sem braveza
Dos ventos, ou das aguas sem corrente,
Que a nao passar avante não podia,
Havendo-o por milagre, assi dizia:
- 30 Oh caso grande, estranho e não cuidado!
Oh milagre clarissimo e evidente!
Oh descoberto engano inopinado!
Oh perfida, inimiga e falsa gente!
Quem poderá do mal aparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a Guarda soberana
Não acudir á fraca força humana?
- 31 Bem nos mostra a divina Providencia
Destes portos a pouca segurança:
Bem claro temos visto na apparencia,
Que era enganada a nossa confiança:
Mas pois saber humano, nem prudencia
Enganos tão fingidos não alcança,
Ó tu, Guarda divina, tem cuidado
De quem sem ti não pode ser guardado.
- 32 E se te move tanto a piedade
Desta misera gente peregrina,
Que só por tua altissima bondade,
Da gente a salvas perfida e malina;
N'algum porto seguro de verdade
Conduzir-nos já agora determina;
Ou nos amostra a terra que buscamos,
Pois só por teu serviço navegamos.
- 33 Ouvio-lhe estas palavras piedosas
A formosa Dione; e commovida,
D'entre as nymphas se vai, que saudosas
Ficaram desta subita partida.

Já penetra as estrellas luminosas;
 Já na terceira esphera recebida,
 Avante passa; e lá no sexto ceo,
 Para onde estava o Padre, se moveo.

- 34 E como hia affrontada do caminho,
 Tão formosa no gesto se mostrava,
 Que as estrellas, e o ceo, e o ar vizinho,
 E tudo quanto a via, namorava.
 Dos olhos, onde faz seu filho o ninho,
 Huns espiritos vivos inspirava,
 Com que os polos gelados accendia,
 E tornava de fogo a esphera fria.
- 35 E por mais namorar o soberano
 Padre, de quem foi sempre amada e chara
 Se lh'apresenta assi, como ao Troiano,
 Na selva Idea já se apresentara.
 Se a vira o caçador, que o vulto humano
 Perdeo, vendo Diana na agua clara,
 Nunca os famintos galgos o mataram,
 Que primeiro desejos o acabaram.
- 36 Os crespos fios d'ouro se esparziam
 Pelo collo, que a neve escurecia:
 Andando, as lacteas tetas lhe tremiam,
 Com quem amor brincava, e não se via:
 Da alva petrina flammæ lhe sahiam,
 Onde o Menino as almas accendia:
 Pelas lisas columnas lhe trepavam
 Desejos, que como hera se enrolavam.
- 37 C'hum delgado sendal as partes cobre,
 De quem vergonha he natural reparo;
 Porém nem tudo esconde, nem descobre
 O veo, dos roxos lirios pouco avaro:
 Mas para que o desejo accenda e dobre,
 Lhe põe diante aquelle objecto raro.
 Já se sentem no Ceo, por toda a parte,
 Ciumes em Vulcano, amor em Marte.
- 38 E mostrando no angelico semblante,
 Co'o riso huma tristeza misturada,
 Como dama, que foi do incauto amante
 Em brincos amorosos maltratada,
 Que se aqueixa, e se ri n'hum mesmo instante,
 E se torna entre alegre magoada;
 Desta arte a deosa, a quem nenhuma iguala,
 Mais mimosa que triste ao Padre falla.

- 39 Sempre eu cuidei, ó Padre poderoso,
Que para as cousas, que eu do peito amasse,
Te achasse brando, affabil e amoroso,
Postoque a algum contrario lhe pezasse:
Mas pois que contra mi te vejo iroso,
Sem que to merecesse, nem te errasse,
Fça-se como Baccho determina;
Assentarei em fim que fui mofina.
- 40 Este povo, que he meu, por quem derramo
As lagrimas, que em vão cahidas vejo,
Que assaz de mal lhe quero, pois que o amo,
Sendo tu tanto contra meu desejo:
Por elle a ti rogando, choro e bramo,
E contra minha dita em fim pelejo.
Ora pois, porque o amo he maltratado,
Quero-lhe querer mal, será guardado.
- 41 Mas moura em fim nas mãos das brutas gentes,
Que pois eu fui . . . E nisto, de mimosa,
O rosto banha em lagrimas ardentes,
Como co'o orvalho fica a fresca rosa:
Calada hum pouco, como se entre os dentes
Se lhe impedira a falla piedosa,
Torna a segui-la; e indo por diante,
Lhe atalha o poderoso e grão Tonante:
- 42 E destas brandas mostras commovido,
Que moveram de hum tigre o peito duro,
Co'o vulto alegre, qual do ceo subido,
Torna sereno e claro o ar escuro,
As lagrimas lhe alimpa, e accendido
Na face a beija, e abraça o collo puro;
De modo que d'ali, se só se achara,
Outro novo Cupido se gerara.
- 43 E co'o seu apertando o rosto amado,
Que os soluços e lagrimas augmenta,
Como menino da ama castigado,
Que quem no affaga, o choro lhe acrescenta,
Por lhe pôr em socego o peito irado,
Muitos casos futuros lhe apresenta;
Dos fados as entranhas revolvendo,
Desta maneira em fim lhe está dizendo:
- 44 Formosa filha minha, não temais
Perigo algum nos vossos Lusitanos;
Nem que ninguem commigo possa mais,
Que esses chorosos olhos soberanos:

Que eu vos prometto, filha, que vejais
Esquecerem-se Gregos e Romanos,
Pelos illustres feitos, que esta gente
Ha de fazer nas partes do Oriente.

- 45 Que se o facundo Ulysses escapou
De ser na Ogygia ilha eterno escravo;
E se Antenor os seios penetrou
Illyricos, e a fonte de Timavo;
E se o piedoso Eneas navegou
De Scylla e de Charybdis o mar bravo;
Os vossos, mores cousas attentando,
Novos mundos ao mundo irão mostrando.
- 46 Fortalezas, cidades e altos muros
Por elles vereis, filha, edificados:
Os Turcos bellacissimos e duros,
Delles sempre vereis desbaratados:
Os Reis da India, livres e seguros,
Vereis ao Rei potente subjugados:
E por elles, de tudo em fim senhores,
Serão dadas na terra leis melhores.
- 47 Vereis este, que agora pressuroso
Por tantos medos o Indo vai buscando,
Tremar delle Neptuno, de medroso,
Sem vento suas aguas encrespando.
Oh caso nunca visto e milagroso,
Que trema e ferva o mar, em calma estando!
Oh gente forte e de altos pensamentos,
Que tambem della não medo os elementos!
- 48 Vereis a terra, que a agua lhe tolhia,
Que inda ha de ser hum porto mui decente,
Em que vão descansar da longa via
As naos que navegarem do Occidente.
Toda esta costa em fim, que agora ordia
O mortifero engano, obediente
Lhe pagará tributos, conhecendo
Não poder resistir ao Luso horrendo.
- 49 E vereis o mar Roxo tão famoso
Tornar-se-lhe amarello de enfiado:
Vereis de Ormuz o reino poderoso
Duas vezes tomado e subjugado:
Ali vereis o Mouro furioso
De suas mesmas settas traspassado;
Que quem vai contra os vossos, claro veja,
Que se resiste, contra si peleja.

- 50 Vereis a inexpugnabil Dio forte,
Que dous cercos terá, dos vossos sendo;
Ali se mostrará seu preço e sorte,
Feitos de armas grandissimos fazendo:
Invejoso vereis o grão Mavorte
Do peito Lusitano fero e horrendo.
Do Mouro ali verão, que a voz extrema
Do falso Mafamede ao Ceo blasfema.
- 51 Goa vereis aos Mouros ser tomada,
A qual virá despois a ser senhora
De todo o Oriente, e sublimada
Co'os triumphos da gente vencedora:
Ali soberba, altiva e exalçada,
Ao gentio, que os idolos adora,
Duro freio porá, e a toda a terra
Que cuidar de fazer aos vossos guerra.
- 52 Vereis a fortaleza sustentar-se
De Cananor, com pouca força e gente:
E vereis Calecut desbaratar-se,
Cidade populosa, e tão potente;
E vereis em Cochim assinalar-se
Tanto hum peito soberbo e insolente,
Que cithara jámais cantou victoria,
Que assi mereça eterno nome e gloria.
- 53 Nunca com Marte instructo e furioso,
Se vio ferver Leucate, quando Augusto
Nas civis Actias guerras animoso,
O capitão venceo Romano injusto,
Que dos povos da Aurora, e do famoso
Nilo, e do Bactra Scythico, e robusto,
A victoria trazia e presa rica,
Preso da Egypcia linda e não pudica;
- 54 Como vereis o mar fervendo acceso
Co'os incendios dos vossos pelejando,
Levando o Idolatra e o Mouro preso,
De nações diferentes triumphando.
E sujeita a rica Aurea-Chersoneso,
Até o longinquo China navegando,
E as ilhas mais remotas do Oriente,
Ser-lhe-ha todo o Oceano obediente.
- 55 De modo, filha minha, que de geito
Amostrarão esforço mais que humano,
Que nunca se verá tão forte peito,
Do Gangetico mar ao Gaditano;

Nem das Boreaes ondas ao Estreito,
 Que mostrou o aggravado Lusitano;
 Postoque em todo o mundo, de affrontados,
 Resuscitassem todos os passados.

- 56 Como isto disse, manda o consagrado
 Filho de Maia á terra, porque tenha
 Hum pacifico porto e socegado,
 Para onde sem receio a frota venha:
 E para que em Mombaça aventurado
 O forte Capitão se não detenha,
 Lhe manda mais, que em sonhos lhe mostrasse
 A terra, onde quieto repousasse.
- 57 Já pelo ar o Cyllenêo voava;
 Com as azas nos pés á terra dece;
 Sua vara fatal na mão levava,
 Com que os olhos cansados adormecia:
 Com esta, as tristes almas revolta
 Do inferno, e o vento lhe obediencia:
 Na cabeça o galero costumado;
 E desta arte a Melinde foi chegado.
- 58 Comsigo a Fama leva, porque diga
 Do Lusitano o preço grande e raro;
 Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
 E faz a quem o tem amado e charo.
 Desta arte vai fazendo a gente amiga,
 Co'o rumor famosissimo e preclaro:
 Já Melinde em desejos arde todo
 De ver da gente forte o gesto e modo.
- 59 D'ali para Mombaça logo parte,
 Aonde as naos estavam temerosas,
 Fara que á gente mande, que se aparte
 Da barra imiga e terras suspeitosas:
 Porque mui pouco val esforço e arte,
 Contra infernaes vontades enganosas:
 Pouco val coração, astucia e siso,
 Se lá dos Ceos não vem celeste aviso.
- 60 Meio caminho a noite tinha andado,
 E as estrellas no ceo co'a luz alhea
 Tinham o largo mundo alumiado,
 E só co'o somno a gente se recrea.
 O Capitão illustre, já cansado
 De vigiar a noite, que arrecea,
 Breve repouso então aos olhos dava:
 A outra gente a quartos vigiava.

- 61 Quando Mercurio em sonhos lhe apparece,
Dizendo: Fuge, fuge, Lusitano,
Da cilada que o Rei malvado tece,
Por te trazer ao fim e extremo dano;
Fuge, que o vento e o Ceo te favorece;
Serenos o tempo tens, e o Oceano,
E outro Rei mais amigo, n'outra parte,
Onde podes seguro agasalhar-te.
- 62 Não tens aqui senão aparelhado
O hospicio, que o cru Diomedes dava,
Fazendo ser manjar acostumado
De cavallos a gente que hospedava:
As aras de Busiris infamado,
Onde os hospedes tristes immolava,
Terás certas aqui, se muito esperas:
Fuge das gentes perfidas e feras.
- 63 Vai-te ao longo da costa discorrendo,
E outra terra acharás de mais verdade,
Lá quasi junto donde o sol ardendo
Iguala o dia e noite em quantidade:
Ali, tua frota alegre recebendo,
Hum Rei, com muitas obras de amizade,
Gasalhado seguro te daria,
E para a India certa e sabia guia.
- 64 Isto Mercurio disse, e o somno leva
Ao Capitão, que com mui grande espanto
Acorda, e vê ferida a escura treva
De huma subita luz e raio santo.
E vendo claro quanto lhe releva
Não se deter na terra iniqua tanto,
Com novo espirito ao mestre seu mandava,
Que as velas dêsse ao vento que assoprava.
- 65 Dai velas, disse, dai ao largo vento,
Que o Ceo nos favorece, e Deos o manda;
Que hum mensageiro vi do claro assento,
Que só em favor de nossos passos anda.
Alevanta-se nisto o movimento
Dos marinheiros; de huma e de outra banda
Levam, gritando, as ancoras acima,
Mostrando a ruda força, que se estima.
- 66 Neste tempo, que as ancoras levavam,
Na sombra escura os Mouros escondidos
Mansamente as amarras lhe cortavam,
Por serem, dando á costa, destruidos:

- Mas com vista de linces vigiavam
Os Portuguezes, sempre apercebidos:
Elles como acordados os sentiram,
Voando, e não remando, lhe fugiram.
- 67 Mas já as agudas proas apartando
Iam as vias humidas de argento;
Assopra-lhe galerno o vento e brando,
Com suave e seguro movimento:
Nos perigos passados vão fallando;
Que mal se perderão do pensamento
Os casos grandes, donde em tanto aperto
A vida em salvo escapa por acerto.
- 68 Tinha huma volta dado o sol ardente,
E n'outra começava, quando viram
Ao longe dous navios, brandamente
Co'os ventos navegando, que respiram:
Porque haviam de ser da Maura gente,
Para elles arribando, as velas viram:
Hum de temor do mal que arreceava,
Por se salvar a gente, á costa dava.
- 69 Não he o outro que fica tão manhoso;
Mas nas mãos vai cahir do Lusitano,
Sem o rigor de Marte furioso,
E sem a furia horrenda de Vulcano;
Que como fosse debil e medroso
Da pouca gente o fraco peito humano,
Não teve resistencia; e se a tivera,
Mais damno, resistindo, recebera
- 70 E como o Gama muito desejasse
Piloto para a India que buscava,
Cuidou que entre estes Mouros o tomasse;
Mas não lhe succedeo como cuidava,
Que nenhum delles ha que lhe ensinasse,
Á que parte dos ceos a India estava:
Porém dizem-lhe todos, que tem perto
Melinde, onde acharão piloto certo.
- 71 Louvam do Rei os Mouros a bondade,
Condição liberal, sincero peito,
Magnificencia grande e humanidade,
Com partes de grandissimo respeito.
O Capitão o assella por verdade,
Porque já lh'o dissera, deste geito,
O Cyllenêo em sonhos; e partia
Para onde o sonho e o Mouro lhe dizia.

- 72 Era no tempo alegre, quando entrava
No roubador de Europa a luz phebea;
Quando hum e o outro corno lhe aquentava,
E Flora derramava o de Amalthea:
A memoria do dia renovava
O pressuroso Sol, que o Ceo rodea,
Em que aquelle, a quem tudo está sujeito,
O sêllo poz a quanto tinha feito:
- 73 Quando chegava a frota áquella parte,
Onde o reino Melinde já se via,
De toldos adornada, e leda de arte,
Que bem mostra estimar o sancto dia:
Treme a bandeira, voa o estandarte,
A côr purpurea ao longe apparecia;
Soam os atambores, e pandeiros:
E assi entravam ledos e guerreiros.
- 74 Enche-se toda a praia melindana
Da gente, que vem ver a leda armada;
Gente mais verdadeira e mais humana,
Que toda a d'outra terra atraz deixada.
Surge diante a frota Lusitana:
Péga no fundo a ancora pesada:
Mandam fóra hum dos Mouros, que tomaram,
Por quem sua vinda ao Rei manifestaram.
- 75 O Rei que já sabia da nobreza,
Que tanto os Portuguezes engrandece,
Tomarem o seu porto tanto preza,
Quanto a gente fortissima merece:
E com verdadeiro animo e pureza,
Que os peitos generosos ennobrece,
Lhe manda rogar muito, que sahissesem,
Para que de seus reinos se servissem.
- 76 São offerecimentos verdadeiros,
E palavras sinceras, não dobradas,
As que o Rei manda aos nobres cavalleiros,
Que tanto mar e terras tem passadas.
Manda-lhe mais lanigeros carneiros,
E gallinhas domesticas cevadas,
Com as fructas que então na terra havia:
E a vontade á dadiva excedia.
- 77 Recebe o Capitão alegremente
O mensageiro ledó, e seu recado;
E logo manda ao Rei outro presente,
Que de longe trazia aparelhado:

Escarlata purpurea, côr ardente;
O ramoso coral, fino e prezado,
Que debaixo das aguas molle crece,
E como he fóra dellas, se endurece.

- 78 Manda mais hum na pratica elegante,
Que co'o Rei nobre as pazes concertasse;
E que de não sahir naquelle instante
De suas naos em terra o desculpasse.
Partido assi o embaixador prestante,
Como na terra ao Rei se apresentasse,
Com estylo, que Pallas lhe ensinava,
Estas palavras taes fallando orava:
- 79 Sublime Rei, a quem do Olympo puro
Foi da Summa Justiça concedido
Refrear o soberbo povo duro,
Não menos delle amado que temido;
Como porto mui forte e mui seguro,
De todo o Oriente conhecido,
Te vimos a buscar, para que achemos
Em ti o remedio certo que queremos.
- 80 Não somos roubadores, que passando
Pelas fracas cidades descuidadas,
A ferro e a fogo, as gentes vão matando,
P'ra roubar-lhe as fazendas cobiçadas:
Mas da soberba Europa navegando,
Imos buscando as terras apartadas
Da India grande e rica, por mandado
De hum Rei que temos, alto e sublimado.
- 81 Que geração tão dura ha hi de gente,
Que barbaro costume e usança fea,
Que não vedem os portos tamsomente,
Mas inda o hospicio da deserta area?
Que má tenção, que peito em nós se sente,
Que de tão pouca gente se arrecea,
Que com laços armados tão fingidos,
Nos ordenassem ver-nos destruidos?
- 82 Mas tu, em quem mui certo confiâmos
Achar-se mais verdade, ó Rei benino,
E aquella certa ajuda em ti esperâmos,
Que teve o perdido Ithaco em Alcino;
A teu porto seguros navegâmos,
Conduzidos do Interprete divino:
Que pois a ti nos manda, está mui claro,
Que és de peito sincero, humano e raro.

- 83 E não cuides, ó Rei, que não sahisse
O nosso Capitão esclarecido
A ver-te, ou a servir-te, porque visse,
Ou suspeitasse em ti peito fingido:
Mas saberás que o fez, porque cumprisse
O regimento em tudo obedecido
De seu Rei, que lhe manda que não saia,
Deixando a frota em nenhum porto ou praia.
- 84 E porque he de vassallos o exercicio,
Que os membros tem regidos da cabeça,
Não quererás, pois tens de Rei o officio,
Que ninguem a seu Rei desobedeça;
Mas as mercês e o grande beneficio,
Que ora acha em ti, promette que conheça,
Em tudo aquillo que elle e os seus poderem,
Em quanto os rios para o mar correrem.
- 85 Assi dizia; e todos juntamente,
Huns com outros em pratica fallando,
Louvavam muito o estomago da gente,
Que tantos ceos e mares vai passando:
E o Rei illustre, o peito obediente
Dos Portuguezes na alma imaginando,
Tinha por valor grande e mui subido
O do Rei, que he tão longe obedecido.
- 86 E com risonha vista e ledo aspeito,
Responde ao embaixador, que tanto estima:
Toda a suspeita má tirai do peito,
Nenhum frio temor em vós se imprima:
Que vosso preço e obras são de geito,
Para vos ter o mundo em muita estima;
E quem vos fez molesto tratamento,
Não póde ter subido pensamento.
- 87 De não sahir em terra toda a gente,
Por observar a usada preeminencia,
Ainda que me peze estranhamente,
Em muito tenho a muita obediencia:
Mas se lho o regimento não consente,
Nem eu consentirei, que a excellencia
De peitos tão leaes em si desfaça,
Só porque a meu desejo satisfaça.
- 88 Porém, como a luz crastina chegada
Ao mundo for, em minhas almadias
Eu irei visitar a forte armada,
Que ver tanto desejo ha tantos dias:

E se vier do mar desbaratada,
Do furioso vento, e longas vias,
Aqui terá, de limpos pensamentos,
Piloto, munições e mantimentos.

- 89 Isto disse; e nas aguas se escondia
O filho de Latona; e o mensageiro
Co'a embaixada alegre se partia
Para a frota no seu batel ligeiro.
Enchem-se os peitos todos de alegria,
Por terem o remedio verdadeiro.
Para acharem a terra, que buscavam;
E assi ledos a noite festejavam.
- 90 Não faltam ali os raios de artificio,
Os tremulos cometas imitando:
Fazem os bombardeiros seu officio,
O ceo, a terra e as ondas atroando.
Mostra-se dos Cyclópas o exercicio
Nas bombas que de fogo estão queimando:
Outros com vozes, com que o ceo feriam,
Instrumentos altisonos tangiam.
- 91 Respondem-lhe da terra juntamente,
Co'o raio volteando, com zonido;
Anda em gyros no ar a roda ardente;
Estoura o pó sulphureo escondido.
A grita se alevanta ao ceo, da gente;
O mar se via em fogos accendido,
E não menos a terra: e assi festeja
Hum ao outro, á maneira de peleja.
- 92 Mas já o ceo inquieto revolvendo,
As gentes incitava a seu trabalho:
E já a mãe de Memnon a luz trazendo,
Ao somno longo punha certo atalho;
Hiam-se as sombras lentas desfazendo,
Sobre as flores da terra em frio orvalho,
Quando o Rei melindano se embarcava
A ver a frota, que no mar estava.
- 93 Viam-se em derredor ferver as praias
Da gente, que a ver só concorre leda;
Luzem da fina purpura as cabaias,
Lustram os pannos da tecida seda:
Em lugar de guerreiras azagaias,
E do arco que os cornos arremeda
Da Lua, trazem ramos de palmeira,
Dos que vencem, coroa verdadeira.

- 94 Hum batel grande e largo, que toldado
 Vinha de sedas de diversas cores,
 Traz o Rei de Melinde, acompanhado
 De nobres de seu reino e de senhores.
 Vem de ricos vestidos adornado,
 Segundo seus costumes e primores;
 Na cabeça huma fota guarnecida,
 De ouro e de seda, e de algodão tecida.
- 95 Cabaia de damasco rico e dino,
 Da Tyria côr, entre elles estimada;
 Hum collar ao pescoço, de ouro fino,
 Onde a materia da obra he superada:
 C'hum resplendor reluze adamantino,
 Na cinta, a rica adaga bem lavrada:
 Nas alparcas dos pés, em fim de tudo,
 Cobrem ouro e aljofar ao velludo.
- 96 Com hum redondo amparo alto de seda,
 N'huma alta e dourada hastea enxerido,
 Hum ministro á solar quentura veda
 Que não offenda e queime o Rei subido.
 Musica traz na proa, estranha e leda,
 De aspero som, horrissimo ao ouvido,
 De trombetas arcadas em redondo,
 Que sem concerto fazem rudo estrondo.
- 97 Não menos guarnecido o Lusitano,
 Nos seus bateis da frota se partia
 A receber no mar o Melindano,
 Com lustrosa e honrada companhia.
 Vestido o Gama vem ao modo Hispano;
 Mas Franceza era a roupa que vestia,
 De setim da Adriatica Veneza
 Carmesi, côr que a gente tanto preza:
- 98 De botões d'ouro as mangas vem tomadas,
 Onde o Sol reluzindo a vista cega;
 As calças soldadescas recamadas
 Do metal, que fortuna a tantos nega;
 E com pontas do mesmo delicadas,
 Os golpes do gibão ajunta e achega;
 Ao Italico modo a aurea espada;
 Pluma na gorra, hum pouco declinada.
- 99 Nos de sua companhia se mostrava,
 Da tinta, que dá o murice excellente,
 A varia côr, que os olhos alegrava,
 E a maneira do trajeo diferente:

Tal o formoso esmalte se notava
 Dos vestidos olhados juntamente,
 Qual apparece o arco rutilante
 Da bella nympha, filha de Thaumante.

- 100 Sonorosas trombetas incitavam
 Os animos alegres, resoando:
 Dos Mouros os bateis o mar coalhavam,
 Os toldos pelas aguas arrojando:
 As bombardas horrisonas bramavam,
 Com as nuvens de fumo o Sol tomando;
 Amiudam-se os brados accendidos,
 Tapam co'as mãos os Mouros os ouvidos.
- 101 Já no batel entrou do Capitão
 O Rei, que nos seus braços o levava:
 Elle co'a cortezia, que a razão
 (Por ser Rei) requeria, lhe fallava.
 C'humas mostras de espanto e admiração,
 O Mouro o gesto e o modo lhe notava,
 Como quem em mui grande estima tinha
 Gente, que de tão longe á India vinha.
- 102 E com grandes palavras lhe offerece
 Tudo o que de seus reinos lhe cumprisse,
 E que se mantimento lhe fallece,
 Como se proprio fosse lho pedisse:
 Diz-lhe mais, que por fama bem conhece
 A gente Lusitana, sem que a visse:
 Que já ouvio dizer, que n'outra terra
 Com gente de sua lei tivesse guerra.
- 103 E como por toda Africa se soa,
 Lhe diz os grandes feitos que fizeram,
 Quando nella ganharam a corôa
 Do reino, onde as Hesperidas viveram:
 E com muitas palavras apregoa
 O menos, que os de Luso mereceram,
 E o mais, que pela fama o Rei sabia;
 Mas desta sorte o Gama respondia.
- 104 Ó tu, que só tiveste piedade,
 Rei benigno, da gente Lusitana,
 Que com tanta miseria e adversidade
 Dos mares exp'rimenta a furia insana;
 Aquella alta e divina Eternidade,
 Que o Ceo revolve, e rege a gente humana,
 Pois que de ti taes obras recebemos,
 Te paque o que nós outros não podemos.

- 105 Tu só, de todos quantos queima Apollo,
Nos recebes em paz, do mar profundo;
Em ti, dos ventos horridos de Eolo,
Refugio achâmos bom, fido e jucundo.
Em quanto apascentar o largo polo
As estrellas, e o Sol der lume ao mundo,
Onde quer que eu viver, com fama e gloria
Viverão teus louvores em memoria.
- 106 Isto dizendo, os barcos vão remando
Para a frota, que o Mouro ver deseja;
Vão as naos huma e huma rodeando,
Porque de todas tudo note e veja:
Mas para o ceo Vulcano fuzilando,
A frota co'as bombardas o festeja,
E as trombetas canoras lhe tangiam;
Co'os anafis os Mouros respondiam.
- 107 Mas depois de ser tudo já notado
Do generoso Mouro, que pasmava,
Ouvindo o instrumento inusitado,
Que tamanho terror em si mostrava;
Mandava estar quieto e ancorado
N'agua o batel ligeiro, que os levava,
Por fallar de vagar co'o forte Gama
Nas cousas de que tem noticia e fama.
- 108 Em praticas o Mouro differentes
Se deleitava, perguntando agora
Pelas guerras famosas e excellentes
Co'o povo havidas, que a Mafoma adora:
Agora lhe pergunta pelas gentes
De toda a Hesperia ultima, onde mora:
Agora pelos povos seus vizinhos;
Agora pelos humidos caminhos.
- 109 Mas antes, valeroso Capitão,
Nos conta, lhe dizia, diligente
Da terra tua o clima, e região
Do mundo onde morais, distinctamente;
E assi de vossa antigua geração,
E o principio do reino tão potente,
Co'os successos das guerras do começo,
Que, sem sabe-las, sei que são de preço:
- 110 E assi tambem nos conta dos rodeios
Longos, em que te traz o mar irado,
Vendo os costumes barbaros, alheios,
Que a nossa Africa ruda tem criado.

Conta; que agora vêm co'os aureos freios
Os cavallos, que o carro marchetado
Do novo sol, da fria Aurora trazem:
O vento dorme, o mar e as ondas jazem.

- 111 E não menos co'o tempo se parece
O desejo de ouvir-te o que contares;
Que quem ha, que por fama não conhece
As obras portuguezas singulares?
Não tanto desviado resplandece
De nós o claro Sol, para julgares
Que os Melindanos tem tão rudo peito,
Que não estimem muito hum grande feito.
- 112 Commetteram soberbos os Gigantes
Com guerra vã o Olympo claro e puro
Tentou Pirithoo e Théseo, de ignorantes,
O reino de Plutão horrendo e escuro:
Se houve feitos no mundo tão possantes,
Não menos he trabalho illustre e duro,
Quanto foi commetter inferno, e ceo,
Que outrem commetta a furia de Nereo.
- 113 Queimou o sagrado templo de Diana,
Do subtil Ctesiphonio fabricado,
Herostrato; por ser da gente humana
Conhecido no mundo e nomeado:
Se tambem com taes obras nos engana
O desejo de hum nome avantajado,
Mais razão ha, que queira eterna gloria,
Quem faz obras tão dignas de memoria.
-

CANTO TERCEIRO.

- 1 Agora tu, Calliope, me ensina
O que contou ao Rei o illustre Gama:
Inspira immortal canto e voz divina
Neste peito mortal, que tanto te ama.
Assi o claro inventor da medicina;
De quem Orptheo pariste, ó linda dama,
Nunca por Daphne, Clycie, ou Leucothoe,
Te negue o amor devido, como soe.
- 2 Põe tu, Nympha, em effeito meu desejo,
Como merece a gente Lusitana;
Que veja e saiba o mundo, que do Tejo
O licor de Aganippe corre e mana.
Deixa as flores do Pindo, que já vejo
Banhar-me Apollo na agua soberana;
Senão direi, que tens algum receio,
Que se escureça o teu querido Orptheo.
- 3 Promptos estavam todos escuitando
O que o sublime Gama contaria;
Quando, depois de hum pouco estar cuidando,
Alevantando o rosto, assi dizia:
Mandas-me, ó Rei, que conte declarando
De minha gente a grão genealogia:
Não me mandas contar estranha historia,
Mas mandas-me louvar dos meus a gloria.
- 4 Que outrem possa louvar esforço alheio,
Cousa he que se costuma e se deseja;
Mas louvar os meus proprios, arreceio
Que louvor tão suspeito mal me esteja;
E para dizer tudo, temo e creio
Que qualquer longo tempo curto seja:
Mas pois o mandas, tudo se te deve;
Irei contra o que devo, e serei breve.
- 5 Alem disso, o que a tudo em fim me obriga,
He não poder mentir no que disser,
Porque de feitos taes, por mais que diga,
Mais me ha de ficar inda por dizer:
Mas, porque nisto a ordem leve e siga,
Segundo o que desejas de saber,
Primeiro tratarei da larga terra,
Depois direi da sanguinosa guerra.

- 6 Entre a zona, que o Cancro senhorea,
Meta septentrional do Sol luzente,
E aquella, que por fria se arrecea
Tanto, como a do meio por ardente,
Jaz a soberba Europa, a quem rodea,
Pela parte do Arcturo e do Occidente,
Com suas salsas ondas o Oceano,
E pela Austral, o mar Mediterraneo.
- 7 Da parte donde o dia vem nascendo,
Com Asia se avizinha: mas o rio,
Que dos montes Rhipheios vai correndo
Na alagoa Meotis, curvo e frio,
As divide, e o mar, que fero e horrendo
Vio dos Gregos o irado senhorio,
Onde agora de Troia triumphante
Não vê mais que a memoria o navegante.
- 8 Lá onde mais debaixo está do polo,
Os montes Hyperboreos apparecem,
E aquelles onde sempre sopra Eolo,
E co'o nome dos sopros se ennobrecem:
Aqui tão pouca força tem de Apollo
Os raios, que no mundo resplandecem,
Que a neve está contino pelos montes,
Gelado o mar, geladas sempre as fontes.
- 9 Aqui dos Scythas grande quantidade
Vivem, que antiguamente grande guerra
Tiveram sobre a humana antiguidade
Co'os que tinham então a Egypcia terra:
Mas quem tão fóra estava da verdade,
(Já que o juizo humano tanto erra),
Para que do mais certo se infermara,
Ao campo Damasceno o perguntara.
- 10 Agora nestas partes se nomea
A Lappia fria, a inculta Noruega;
Escandinavia ilha, que se arrea
Das victorias, que Italia não lhe nega.
Aqui, em quanto as aguas não refrea
O congelado inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Oceano,
Pelo Brusio, Suecio e frio Dano.
- 11 Entre este mar e o Tanais vive estranha
Gente, Ruthenos, Moscos e Livonios,
Sarmatas outro tempo; e na montanha
Hercyna, os Marcomanos são Polonios.

Sujeitos ao imperio de Allemanha
São Saxones, Bohemios e Pannonios,
E outras varias nações, que o Rheno frio
Lava, e o Danubio, Amasis e Albis rio.

- 12 Entre o remoto Istro e o claro estreito,
Aonde Helle deixou co'o nome a vida,
Estão os Thraces de robusto peito,
Do fero Marte patria tão querida,
Onde co'o Hemo, o Rhodope sujeito
Ao Othomano está, que submettida
Byzancio tem a seu serviço indino;
Boa injuria do grande Constantino!
- 13 Logo de Macedonia estão as gentes,
A quem lava do Axio a agua fria:
E vós tambem, ó terras excellentes
Nos costumes, engenhos e ousadia,
Que creastes os peitos eloquentes,
E os juizos de alta phantasia,
Com quem tu, clara Grecia, o ceo penetras,
E não menos por armas, que por letras.
- 14 Logo os Dalmatas vivem; e no seio,
Onde Antenor já muros levantou,
A soberba Veneza está no meio
Das aguas, que tão baixa começou.
Da terra hum braço vem ao mar, que, cheio
De esforço, nações varias sujeitou;
Braço forte de gente sublimada,
Não menos nos engenhos, que na espada.
- 15 Em torno o cerca o Reino Neptunino,
Co'os muros naturaes por outra parte:
Pelo meio o divide o Apennino,
Que tão illustre fez o patrio Marte:
Mas depois que o porteiro tem divino,
Perdendo o esforço veio e bellica arte:
Pobre está já da antiga potestade:
Tanto Deos se contenta da humildade!
- 16 Gallia ali se verá, que nomeada
Co'os cesáreos triumphos foi no mundo,
Que do Séquana e Rhodano he regada,
E do Garumna frio e Rheno fundo:
Logo os montes da Nympha sepultada,
Pyrene, se alevantam, que, segundo
Antiguidades contam, quando arderam,
Rios de ouro e de prata então correram.

- 17 Eis-aqui se descobre a nobre Hespanha,
 Como cabeça ali da Europa toda;
 Em cujo senhorio, e gloria estranha
 Muitas voltas tem dado a fatal roda:
 Mas nunca poderá, com força ou manha,
 A fortuna inquieta pôr-lhe noda,
 Que lha não tire o esforço e ousadia
 Dos bellicosos peitos, que em si cria.
- 18 Com Tingitania entesta, e ali parece
 Que quer fechar o mar Mediterraneo,
 Onde o sabido Estreito se ennobrece
 Co' o extremo trabalho do Thebano.
 Com nações diferentes se engrandece,
 Cercadas com as ondas do Oceano;
 Todas de tal nobreza e tal valor,
 Que qualquer dellas cuida que he melhor.
- 19 Tem o Tarragonez, que se fez claro
 Sujeitando Parthenope inquieta;
 O Navarro, as Asturias, que reparo
 Já foram contra a gente Mahometa;
 Tem o Gallego cauto, e o grande e raro
 Castelhana, a quem fez o seu planeta
 Restituidor de Hespanha e senhor della,
 Betis, Leão, Granada, com Castella.
- 20 Eis-aqui, quasi cume da cabeça
 De Europa toda, o reino Lusitano,
 Onde a terra se acaba e o mar começa,
 E onde Phebo repousa no Oceano.
 Este quiz o Ceo justo, que floreja
 Nas armas contra o torpe Mauritano,
 Deitando-o de si fóra; e lá na ardente
 Africa estar quito o não consente.
- 21 Esta he a ditosa patria minha amada;
 Á qual se o Ceo me dá, que eu sem perigo
 Torne, com esta empreza já acabada;
 Acabe-se esta luz ali commigo.
 Esta foi Lusitania, derivada
 De Luso, ou Lysa, que de Baccho antigo
 Filhos foram, parece, ou companheiros,
 E nella então os incolas primeiros.
- 22 Desta o Pastor nasceo, que no seu nome
 Se vê que de homem forte os feitos teve;
 Cuja fama ninguem virá que dome,
 Pois a grande de Roma não se atreve.

Esta, o velho que os filhos proprios come,
Por decreto do Ceo, ligeiro e leve,
Veio a fazer no mundo tanta parte,
Creando-a reino illustre; e foi desta arte.

- 23 Hum Rei, por nome Affonso, foi na Hespanha,
Que fez aos Sarracenos tanta guerra,
Que por armas sanguinas, força e manha,
A muitos fez perder a vida e a terra.
Voando deste Rei a fama estranha,
Do Herculanó Calpe á Caspia serra,
Muitos, para na guerra esclarecer-se,
Vinham a elle e á morte offerecer-se.
- 24 E c'hum amor intrinseco accendidos
Da Fé, mais que das honras populares,
Eram de varias terras conduzidos,
Deixando a patria amada e proprios lares.
Depois que em feitos altos e subidos
Se mostraram nas armas singulares,
Quiz o famoso Affonso, que obras taes
Levassem premio digno e dões iguaes.
- 25 Destes Henrique, dizem que segundo
Filho de hum Rei de Hungria exp'imentado,
Portugal houve em sorte, que no mundo
Então não era illustre nem prezado:
E, para mais sinal d'amor profundo,
Quiz o Rei Castelhana, que casado
Com Teresa, sua filha, o Conde fosse;
E com ella das terras tomou posse.
- 26 Este, depois que contra os descendentes
Da escrava Agar victorias grandes teve,
Ganhando muitas terras adjacentes,
Fazendo o que a seu forte peito deve;
Em premio destes feitos excellentes,
Deo-lhe o supremo Deos em tempo breve
Hum filho, que illustrasse o nome ufano
Do bellicoso reino Lusitano.
- 27 Já tinha vindo Henrique da conquista
Da cidade Hierosolyma sagrada,
E do Jordão a areia tinha vista,
Que vio de Deos a carne em si lavada;
Que não tendo Gothfredo a quem resista,
Depois de ter Judea subjugada,
Muitos que nestas guerras o ajudaram,
Para seus senhorios se tornaram.

- 28 Quando chegado ao fim de sua idade,
 O forte e famoso Hungaro extremado,
 Forçado da fatal necessidade,
 O esp'rito deo a quem lho tinha dado:
 Ficava o filho em tenra mocidade,
 Em quem o pai deixava seu traslado,
 Que do mundo os mais fortes igualava,
 Que de tal pai tal filho se esperava.
- 29 Mas o velho rumor, não sei se errado,
 (Que em tanta antiguidade não ha certeza)
 Conta que a mãe, tomando o Estado,
 Do segundo hymeneo não se despreza:
 O filho orphão deixava desherdado,
 Dizendo, que nas terras a grandeza
 Do senhorio todo só sua era,
 Porque para casar seu pai lhas dera.
- 30 Mas o Principe Affonso (que desta arte
 Se chamava, do avô tomando o nome)
 Vendo-se em suas terras não ter parte,
 Que a mãe com seu marido as manda e come;
 Fervendo-lhe no peito o duro Marte,
 Imagina comsigo como as tome:
 Revolidas as causas no conceito,
 Ao proposito firme segue o effeito.
- 31 De Guimarães o campo se tingia
 Co'o sangue proprio da intestina guerra,
 Onde a mãe, que tão pouco o parecia,
 A seu filho negava o amor e a terra.
 Com elle posta em campo já se via;
 E não vê a soberba o muito que erra
 Contra Deos, contra o maternal amor:
 Mas nella o sensual era maior.
- 32 Ó Progne crua! ó magica Medea!
 Se em vossos propios filhos vos vingais
 Da maldade dos pais, da culpa alhea,
 Olhai que inda Teresa pecca mais.
 Incontinencia má, cobiça fea
 São as causas deste erro principais:
 Scylla, por huma, mata o velho pai,
 Esta, por ambas, contra o filho vai.
- 33 Mas já o Principe claro o vencimento
 Do padrasto e da iniqua mãe levava;
 Já lhe obedece a terra n'hum momento,
 Que primeiro contra elle pelejava:

Porém, vencido de ira o entendimento,
 A mãe em ferros asperos atava:
 Mas de Deos foi vingada em tempo breve:
 Tanta veneração aos pais se deve!

- 34 Eis se ajunta o soberbo Castelhanao,
 Para vingar a injuria de Teresa,
 Contra o tão raro em gente Lusitano,
 A quem nenhum trabalho agrava ou pesa.
 Em batalha cruel o peito humano,
 Ajudado da angelica defesa,
 Não só contra tal furia se sustenta,
 Mas o inimigo asperrimo afugenta.
- 35 Não passa muito tempo, quando o forte
 Principe em Guimarães está cercado
 De infinito poder, que desta sorte
 Foi refazer-se o imigo magoado:
 Mas, com se offerecer á dura morte
 O fiel Egas amo, foi livrado;
 Que de outra arte podera ser perdido,
 Segundo estava mal apercebido.
- 36 Mas o leal vassallo, conhecendo
 Que seu senhor não tinha resistencia,
 Se vai ao Castelhanao, promettendo
 Que elle faria dar-lhe obediencia.
 Levanta o inimigo o cerco horrendo,
 Fiado na promessa e consciencia
 De Egas Moniz; mas não consente o peito
 Do moço illustre a outrem ser sujeito.
- 37 Chegado tinha o prazo promettido,
 Em que o Rei Castelhanao já aguardava,
 Que o Principe, a seu mando submettido,
 Lhe dêsse a obediencia que esperava.
 Vendo Egas, que ficava fementido,
 O que delle Castella não cuidava,
 Determina de dar a doce vida
 A troco da palavra mal cumprida.
- 38 E com seus filhos e mulher se parte
 A alevantar com elles a fiança;
 Descalços, e despidos, de tal arte,
 Que mais move a piedade, que a vingança.
 Se pretendes, Rei alto, de vingar-te
 De minha temeraria confiança,
 Dizia, eis-aqui venho offerecido
 A te pagar co'a vida o promettido.

- 39 Vês aqui trago as vidas innocentes
 Dos filhos sem peccado, e da consorte;
 Se a peitos generosos e excellentes,
 Dos fracos satisfaz a fera morte.
 Vês aqui as mãos e a lingua delinquentes;
 Nellas sós exp'rimenta toda sorte
 De tormentos, de mortes, pelo estylo
 De Scinis, e do touro de Perillo.
- 40 Qual diante do algoz o condemnado,
 Que já na vida a morte tem bebido,
 Põe no cepo a garganta, e já entregado
 Espera pelo golpe tão temido:
 Tal diante do Principe indignado,
 Egas estava a tudo offerecido:
 Mas o Rei, vendo a estranha lealdade,
 Mais pôde em fim, que a ira, a piedade.
- 41 Oh grão fidelidade portugueza
 De vassallo que a tanto se obrigava!
 Que mais o Persa fez naquella empreza,
 Onde rosto e narizes se cortava?
 Do que ao grande Dario tanto peza,
 Que mil vezes dizendo suspirava,
 Que mais o seu Zopyro são prezara,
 Que vinte Babylonias, que tomara.
- 42 Mas já o Principe Affonso apparelhava
 O Lusitano exercito ditoso
 Contra o Mouro, que as terras habitava
 D'alem do claro Tejo deleitoso;
 Já no campo de Ourique se assentava
 O arraial soberbo e bellicoso
 Defronte do inimigo Sarraceno,
 Postoque em força e gente tão pequeno.
- 43 Em nenhuma outra cousa confiado,
 Senão no summo Deos, que o Ceo regia;
 Que tão pouco era o povo baptisado,
 Que para hum só cem Mouros haveria.
 Julga qualquer juizo socegado
 Por mais temeridade, que ousadia,
 Commetter hum tamanho ajuntamento,
 Que para hum cavalleiro houvesse cento.
- 44 Cinco Reis Mouros são os inimigos,
 Dos quaes o principal Ismar se chama;
 Todos exp'rimentados nos perigos
 Da guerra, onde se alcança a illustre fama.

Seguem guerreiras damas seus amigos,
Imitando a formosa e forte dama,
De quem tanto os Troianos se ajudaram,
E as que o Thermodonte já gostaram.

- 45 A matutina luz serena e fria,
As estrellas do polo já apartava,
Quando na Cruz o Filho de Maria,
Amostrando-se a Affonso, o animava.
Elle adorando quem lhe apparecia,
Na Fé todo inflammado, assi gritava:
Aos infieis, Senhor, aos infieis,
E não a mi, que creio o que podeis!
- 46 Com tal milagre os animos da gente
Portugueza inflammados, levantavam
Por seu Rei natural este excellente
Principe, que do peito tanto amavam:
E diante do exercito potente
Dos imigos, gritando o Ceo tocavam,
Dizendo em alta voz: Real, Real,
Por Affonso, alto Rei de Portugal.
- 47 Qual, co'os gritos e vozes incitado,
Pela montanha o rabido moloso
Contra o touro remette, que fiado
Na força está do corno temeroso;
Ora pega na orelha, ora no lado,
Latindo mais ligeiro que forçoso,
Até que, em fim, rompendo-lhe a garganta,
Do bravo a força horrenda se quebranta:
- 48 Tal do Rei novo o estomago accendido
Por Deos e pelo povo juntamente,
O barbaro commette apercebido,
Co'o animoso exercito rompente.
Levantam nisto os perros o alarido
Dos gritos; tocam á arma, ferve a gente,
As lanças e arcos tomam, tubas soam,
Instrumentos de guerra tudo atroam.
- 49 Bem como quando a flamma, que ateadada
Foi nos aridos campos, (assoprando
O sibilante Boreas) animada
Co'o vento, o secco mato vai queimando:
A pastoral companha, que deitado
Co'o doce somno estava, despertando
Ao estridor do fogo, que se atea,
Recolhe o fato, e foge para a aldea:

- 50 Dest'arte o Mouro attonito e torvado,
Toma sem tento as armas mui depressa;
Não foge, mas espera confiado,
E o ginete belligero arremessa.
O Portuguez o encontra denodado,
Pelos peitos as lanças lhe atravessa:
Huns cahem meios mortos, e outros vão
A ajuda convocando do Alcorão.
- 51 Ali se vem encontros temerosos,
Para se desfazer huma alta serra,
E os animaes correndo furiosos,
Que Neptuno amostrou ferindo a terra:
Golpes se dão medonhos e forçosos,
Por toda a parte andava accessa a guerra:
Mas o de Luso, arnez, couraça e malha
Rompe, corta, desfaz, abola e talha.
- 52 Cabeças pelo campo vão saltando,
Braços, pernas, sem dono, e sem sentido,
E d'outros as entranhas palpitando,
Pallida a côr, o gesto amortecido.
Já perde o campo o exercito nefando,
Correm rios do sangue desparzido,
Com que tambem do campo a côr se perde,
Tornado carmesi de branco e verde.
- 53 Já fica vencedor o Lusitano,
Recolhendo os tropheos e presa rica:
Desbaratado e roto o Mouro Hispano,
Tres dias o grão Rei no campo fica.
Aqui pinta no branco escudo ufano,
Que agora esta victoria certifica,
Cinco escudos azues esclarecidos,
Em sinal destes cinco Reis vencidos.
- 54 E nestes cinco escudos pinta os trinta
Dinheiros, por que Deos fôra vendido,
Escrevendo a memoria em varia tinta,
Daquelle de quem foi favorecido:
E cada hum dos cinco, cinco pinta;
Porque assi fica o numero cumprido,
Contando duas vezes o do meio
Dos cinco azues, que em cruz pintando veio.
- 55 Passado já algum tempo, que passada
Era esta grão victoria, o Rei subido
A tomar vai Leiria, que tomada
Fôra mui pouco havia do vencido.

- Com esta a forte Arronches subjugada
 Foi juntamente, e o sempre ennobrecido
 Scalabicastro, cujo campo ameno
 Tu, claro Tejo, regas tão sereno.
- 56 A estas nobres villas submettidas
 Ajunta tambem Mafra em pouco espaço,
 E nas serras da Lua conhecidas
 Subjuga a fria Cintra o duro braço;
 Cintra, onde as Naiádes escondidas
 Nas fontes, vão fugindo ao doce laço
 Onde amor as enreda brandamente,
 Nas aguas accendendo fogo ardente.
- 57 E tu, nobre Lisboa, que no mundo
 Facilmente das outras és princeza,
 Que edificada foste do facundo,
 Por cujo engano foi Dardania accessa:
 Tu, a quem obedece o mar profundo,
 Obedeceste á força Portugueza,
 Ajudada tambem da forte armada,
 Que das Boreaes partes foi mandada.
- 58 Lá do Germanico Albis e do Rheno,
 E da fria Bretanha conduzidos,
 A destruir o povo Sarraceno,
 Muitos com tenção sancta eram partidos.
 Entrando a bôca já do Tejo ameno,
 Co'o arraial do grande Affonso unidos,
 Cujá alta fama então subia aos ceos,
 Foi posto cerco aos muros Ulysseos.
- 59 Cinco vezes a Lua se escondera,
 E outras tantas mostrara cheio o rosto,
 Quando a cidade entrada se rendera
 Ao duro cerco que lhe estava posto.
 Foi a batalha tão sanguina e fera,
 Quanto obrigava o firme presuppuesto
 De vencedores asperos e ousados,
 E de vencidos já desesperados.
- 60 Desta arte, em fim, tomada se rendeo
 Aquella, que nos tempos já passados
 A grande força nunca obedeceo
 Dos frios povos Scythicos ousados,
 Cujó poder a tanto se estendeo,
 Que o Ibero o vio, e o Tejo amedrontados;
 E em fim, co'o Betis tanto alguns poderam,
 Que á terra de Vandalia nome deram.

- 61 Que cidade tão forte por ventura
Haverá que resista, se Lisboa
Não pôde resistir á força dura
Da gente, cuja fama tanto voa?
Já lhe obedece toda a Estremadura,
Obidos, Alemquer, por onde soa
O tom das frescas aguas entre as pedras,
Que murmurando lavá, e Torres Vedras.
- 62 E vós tambem, ó terras Transtaganas,
Affamadas co'o dom da flava Ceres,
Obedeceis ás forças mais que humanas,
Entregando-lhe os muros e os poderes:
E tu, lavrador Mouro, que te enganas,
Se sustentar a fertil terra queres;
Que Elvas e Moura e Serpa conhecidas,
E Alcacere do Sal estão rendidas.
- 63 Eis a nobre cidade, certo assento
Do rebelde Sertorio antiguamente,
Onde ora as aguas nitidas de argento
Vem sustentar de longe a terra e a gente
Pelos arcos reaes, que cento e cento
Nos ares se alevantam nobremente,
Obedeceo por meio e ousadia
De Giraldo, que medos não temia.
- 64 Já na cidade Beja vai tomar
Vingança de Trancoso destruida
Affonso, que não sabe socegar,
Por estender co'a fama a curta vida:
Não se lhe pôde muito sustentar
A cidade; mas sendo já rendida,
Em toda a cousa viva a gente irada
Provando os fios vai da dura espada.
- 65 Com estas subjugada foi Palmella,
E a piscosa Cezimbra, e juntamente,
Sendo ajudado mais de sua estrella,
Desbarata hum exercito potente:
Sentio-o a villa, e vio-o o senhor della,
Que a soccorre-la vinha diligente
Pela fralda da serra, descuidado
Do temeroso encontro inopinado:
- 66 O Rei de Badajoz era alto Mouro,
Com quatro mil cavallos furiosos,
Innumeros peões, d'armas e de ouro
Guarnecidos, guerreiros e lustrosos.

Mas qual no mez de Maio o bravo touro
Co'os ciumes da vacca arreceosos,
Sentindo gente o bruto e cego amante,
Saltea o descuidado caminhante:

- 67 Dest'arte Affonso, subito mostrado,
Na gente dá, que passa bem segura;
Fere, mata, derriba denodado;
Foge o Rei Mouro, e só da vida cura.
D'hum panico terror todo assombrado,
Só de segui-lo o exercito procura;
Sendo estes que fizeram tanto abalo,
No mais que só sessenta de cavallo.
- 68 Logo segue a victoria sem tardança
O grão Rei incansabil, ajuntando
Gentes de todo o Reino, cuja usança
Era andar sempre terras conquistando.
Cercar vai Badajoz, e logo alcança
O fim de seu desejo, pelejando
Com tanto esforço e arte e valentia,
Que a faz fazer ás outras companhia.
- 69 Mas o alto Deos, que para longe guarda
O castigo daquelle que o merece,
Ou para que se emende ás vezes tarda,
Ou por segredos que homem não conhece;
Se atéqui sempre o forte Rei resguarda
Dos perigos a que elle se offerece;
Agora lhe não deixa ter defesa
Da maldição da mãe, que estava presa:
- 70 Que estando na cidade, que cercara,
Cercado nella foi dos Leonezes,
Porque a conquista della lhe tomara,
De Leão sendo, e não dos Portuguezes.
A pertinacia aqui lhe custa cara,
Assi como acontece muitas vezes,
Que em ferros quebra as pernas, indo acceso
Á batalha, onde foi vencido e preso.
- 71 Ó famoso Pompeio, não te pene
De teus feitos illustres a ruína;
Nem ver que a justa Némesis ordene
Ter teu sogro de ti victoria dina;
Postoque o frio Phasis ou Syene,
Que para nenhum cabo a sombra inclina,
O Bootes gelado, e a Linha ardente,
Temessem o teu nome geralmente:

- 72 Posto que a rica Arabia, e que os ferozes
Heniochos e Colchos, cuja fama
O veo dourado estende; e os Capadozes,
E Judea, que hum Deos adora e ama;
E que os molles Sophenes, e os atroces
Cilicios, com a Armenia, que derrama
As aguas dos dous rios, cuja fonte
Está n'outro mais alto e sancto monte;
- 73 E posto em fim que desd'o mar de Atlante
Até o Scythico Tauro, monte erguido,
Já vencedor te vissem; não te espante
Se o campo Emathio só te vio vencido;
Porque Affonso verás, soberbo e ovante,
Tudo render, e ser despois rendido.
Assi o quiz o Conselho alto celeste,
Que vença o sogro a ti, e o genro a este.
- 74 Tornado o Rei sublime finalmente,
Do divino Juizo castigado,
Despois que em Santarem soberbamente,
Em vão dos Sarracenos foi cercado;
E despois que do martyre Vicente
O sanctissimo corpo venerado
Do Sacro promontorio conhecido
Á cidade Ulyssea foi trazido;
- 75 Porque levasse avante seu desejo,
Ao forte filho manda o lasso velho,
Que ás terras se passasse d'Alemtejo
Com gente, e co'o belligero aparelho.
Sancho, d'esforço e d'animo sobejo,
Avante passa, e faz correr vermelho
O rio, que Sevilha vai regando,
Co'o sangue Mauro, barbaro e nefando.
- 76 E com esta victoria cobiçoso,
Já não descança o moço, até que veja
Outro estrago, como este temeroso,
No barbaro, que tem cercado Beja.
Não tarda muito o Principe ditoso,
Sem ver o fim daquillo que deseja.
Assi estragado o Mouro, na vingança
De tantas perdas põe sua esperança.
- 77 Já se ajuntam do monte, a quem Medusa
O corpo fez perder que teve o ceo;
Já vem do promontorio de Ampelusa,
E do Tinge, que assento foi de Anteo.

- O morador de Abyla não se escusa;
Que tambem com suas armas se moveo
Ao som da Mauritana e ronca tuba
Todo o reino, que foi do nobre Juba.
- 78 Entrava com toda esta companhia
O Mir-almuminin em Portugal;
Treze Reis Mouros leva de valia,
Entre os quaes tem o sceptro imperial:
E assi fazendo quanto mal podia,
O que em partes podia fazer mal,
Dom Sancho vai cercar em Santarem;
Porém não lhe succede muito bem.
- 79 Dá-lhe combates asperos, fazendo
Ardis de guerra mil o Mouro iroso;
Não lhe aproveita já trabuco horrendo,
Mina secreta, ariete forçoso:
Porque o filho de Affonso, não perdendo
Nada do esforço e accordo generoso,
Tudo provê com animo e prudencia;
Que em toda a parte ha esforço e resistencia.
- 80 Mas o velho, a quem tinham já obrigado
Os trabalhosos annos ao socego,
Estando na cidade, cujo prado
Enverdecem as aguas do Mondego,
Sabendo como o filho está cercado
Em Santarem do Mauro povo cego,
Se parte diligente da cidade;
Que não perde a presteza co'a idade.
- 81 E co'a famosa gente á guerra usada
Vai soccorrer o filho; e assi ajuntados,
A Portugueza furia costumada
Em breve os Mouros tem desbaratados.
A campina, que toda está coalhada
De marlotas, capuzes variados,
De cavallos, jaezes, presa rica,
De seus senhores mortos cheia fica.
- 82 Logo todo o restante se partio
De Lusitania, postos em fugida:
O Mir-almuminin só não fugio,
Porque antes de fugir lhe foge a vida.
A quem lhe esta victoria permittio
Dão louvores e graças sem medida:
Que em casos tão estranhos claramente
Mais pelega o favor de Deos, que a gente.

- 83 De tamanhas victorias triumphava
O velho Affonso, Principe subido,
Quando quem tudo em fim vencendo andava,
Da larga e muita idade foi vencido.
A pallida doença lhe tocava
Com fria mão o corpo enfraquecido;
E pagaram seus annos deste geito
Á triste Libitina seu direito.
- 84 Os altos promontorios o choraram,
E dos rios as aguas saudosas
Os semeados campos alagaram,
Com lagrimas correndo piedosas.
Mas tanto pelo mundo se alargaram
Com fama suas obras valerosas,
Que sempre no seu reino chamarão
Affonso, Affonso, os eccos: mas em vão.
- 85 Sancho, forte mancebo, que ficara
Imitando seu pai na valentia,
E que em sua vida já se exp'riimentara,
Quando o Betis de sangue se tingia,
E o barbaro poder desbaratara
Do Ismaelita Rei de Andaluzia,
E mais quando os que Beja em vão cercaram,
Os golpes de seu braço em si provaram:
- 86 Depois que foi por Rei alevantado,
Havendo poucos annos que reinava,
A cidade de Sylves tem cercado,
Cujos campos o barbaro lavrava:
Foi das valentes gentes ajudado
Da Germanica armada, que passava,
De armas fortes e gente apercebida,
A recobrar Judea já perdida.
- 87 Passavam a ajudar na sancta empresa
O roxo Federico, que moveo
O poderoso exercito em defesa
Da cidade onde Christo padeceo;
Quando Guido, co'a gente em sêde accessa,
Ao grande Saladino se rendeo
No lugar, onde aos Mouros sobejavam
As agnas, que os de Guido desejavam.
- 88 Mas a formosa armada, que viera
Por contraste de vento áquella parte,
Sancho quiz ajudar na guerra fera,
Já que em serviço vai do sancto marte:

- Assi como a seu pai acontecera
 Quando tomou Lisboa, da mesma arte,
 Do Germano ajudado, Sylves toma,
 E o bravo morador destrue e doma.
- 89 E se tantos tropheos do Mahometa
 Alevantando vai, tambem do forte
 Leonez não consente estar quieta
 A terra, usada aos casos de Mavorte:
 Até que na cerviz seu jugo metta
 Da soberba Tuí, que a mesma sorte
 Vio ter a muitas villas suas vizinhas,
 Que por armas tu, Sancho, humildes tinhas.
- 90 Mas entre tantas palmas salteado
 Da temerosa morte, fica herdeiro
 Hum filho seu, de todos estimado,
 Que foi segundo Affonso, e Rei terceiro.
 No tempo deste aos Mouros foi tomado
 Alcacere do Sal por derradeiro;
 Porque d'antes os Mouros o tomaram.
 Mas agora estruidos o pagaram.
- 91 Morto depois Affonso, lhe succede
 Sancho segundo, manso e descuidado,
 Que tanto em seus descuidos se desmede,
 Que de outrem, quem mandava, era mandado.
 De governar o reino, que outro pede,
 Por causa dos privados foi privado:
 Porque, como por elles se regia,
 Em todos os seus vicios consentia.
- 92 Não era Sancho, não, tão deshonesto.
 Como Nero, que hum moço recebia
 Por mulher, e depois horrendo incesto
 Com a mãe Agrippina commettia:
 Nem tão cruel ás gentes e molesto,
 Que a cidade queimasse onde vivia:
 Nem tão máo como foi Heliogabalo,
 Nem como o molle Rei Sardanapalo.
- 93 Nem era o povo seu tyrannisado,
 Como Sicilia foi de seus tyrannos;
 Nem tinha, como Phálaris, achado
 Genero de tormentos inhumanos:
 Mas o reino, de altivo e costumado
 A senhores em tudo soberanos,
 A Rei não obedece, nem consente,
 Que não for mais que todos excellente.

- 94 Por esta causa o reino governou
O Conde Bolonhez, depois alçado
Por Rei, quando da vida se apartou
Seu irmão Sancho, sempre ao ocio dado.
Este, que Affonso o bravo se chamou,
Depois de ter o reino segurado,
Em dilata-lo cuida; que em terreno
Não cabe o altivo peito pequeno.
- 95 Da terrá dos Algarves, que lhe fôra
Em casamento dada, grande parte
Recupera co'o braço, e deita fôra
O Mouro mal querido já de Marte.
Este de todo fez livre e senhora
Lusitania, com força e bellica arte,
E acabou de opprimir a nação forte
Na terra, que aos de Luso coube em sorte.
- 96 Eis depois vem Diniz, que bem parece
Do bravo Affonso estirpe nobre e dina;
Com quem a fama grande se escurece
Da liberalidade Alexandrina:
Com este o reino prospero florece
(Alcançada já a paz aurea divina)
Em constituições, leis e costumes,
Na terra já tranquilla claros lumes.
- 97 Fez primeiro em Coimbra exercitar-se
O valeroso officio de Minerva;
E de Heliconas as Musas fez passar-se
A pizar do Mondego a fertil herva.
Quanto póde de Athenas desejar-se,
Tudo o soberbo Apollo aqui reserva:
Aqui as capellas dá tecidas de ouro,
Do bacharo e do sempre verde louro.
- 98 Nobres villas de novo edificou,
Fortalezas, castellos mui seguros;
E quasi o reino todo reformou
Com edificios grandes e altos muros.
Mas depois que a dura Atropos cortou
O fio de seus dias já maduros,
Ficou-lhe o filho pouco obediente,
Quarto Affonso, mas forte e excellente.
- 99 Este sempre as soberbas Castelhanas
Co'o peito desprezou firme e sereno;
Porque não he das forças Lusitanas
Temer poder maior, por mais pequeno:

- Mas porém, quando as gentes Mauritanas
A possuir o Hesperico terreno
Entraram pelas terras de Castella,
Foi o soberbo Affonso a soccorre-la.
- 100 Nunca com Semiramis gente tanta
Veio-os campos Hydaspicos enchendo;
Nem Attila, que Italia toda espanta,
Chamando-se de Deos açoute horrendo,
Gothica gente trouxe tanta, quanta
Do Sarraceno barbaro estupendo,
Co'o poder excessivo de Granada,
Foi nos campos Tartessios ajuntada.
- 101 E vendo o Rei sublime Castelhana
A força inexpugnabil, grande e forte,
Temendo mais o fim do povo Hispano,
Já perdido huma vez, que a propria morte;
Pedindo ajuda ao forte Lusitano,
Lhe mandava a charissima consorte,
Mulher de quem a manda, e filha amada
Daquelle a cujo reino foi mandada.
- 102 Entrava a formosissima Maria
Pelos paternaes paços sublimados;
Lindo o gesto, mas fóra de alegria,
E seus olhos em lagrimas banhados:
Os cabellos angelicos trazia
Pelos eburneos hombros espalhados:
Diante do pai ledo, que a agasalha,
Estas palavras taes chorando espalha:
- 103 Quantos povos a terra produzio
De Africa toda, gente fera e estranha,
O grão Rei de Marrocos conduzio,
Para vir possuir a nobre Hespanha:
Poder tamanho junto não se vio,
Despois que o salso mar a terra banha:
Trazem ferocidade e furor tanto,
Que a vivos medo, e a mortos faz espanto.
- 104 Aquelle que me déste por marido,
Por defender sua terra amedrontada,
Co'o pequeno poder, offerecido
Ao duro golpe está da Maura espada;
E, se não for comtigo soccorrido,
Ver-me-has delle e do reino ser privada;
Viuva e triste, e posta em vida escura,
Sem marido, sem reino e sem ventura.

- 105 Por tanto, ó Rei, de quem com puro medo
O corrente Mulucha se congela:
Rompe toda a tardança, acude cedo
Á miseranda gente de Castella.
Se esse gesto, que mostras claro e ledô,
De pai o verdadeiro amor assella,
Acude e corre pai; que se não corres,
Póde ser que não aches quem soccorres.
- 106 Não de outra sorte a tímida Maria
Fallando está, que a triste Venus, quando
A Jupiter seu pai favor pedia
Para Eneas seu filho navegando;
Que a tanta piedade o commovia,
Que, cahido das mãos o raio infando,
Tudo o clemente Padre lhe concede,
Pezando-lhe do pouco, que lhe pede.
- 107 Mas já co'os esquadrões da gente armada
Os Eborenses campos vão coalhados;
Lustra co'o Sol o arnez, a lança, a espada;
Vão rinchando os cavallos jaezados:
A canora trombeta embandeirada,
Os corações á paz acostumados
Vai ás fulgentes armas incitando,
Pelas concavidades retumbando.
- 108 Entre todos no meio se sublima,
Das insignias reaes acompanhado,
O valeroso Affonso, que por cima
De todos leva o collo alevantado;
E sómente co'o gesto esforça e anima
A qualquer coração amedrontado:
Assi entra nas terras de Castella
Com a filha gentil, Rainha della.
- 109 Juntos os dous Affonsos finalmente
Nos campos de Tarifa, estão defronte
Da grande multidão da cega gente,
Para quem são pequenos campo e monte.
Não ha peito tão alto e tão potente,
Que de desconfiança não se affronte,
Em quanto não conheça e claro veja,
Que co'o braço dos seus Christo peleja.
- 110 Estão de Agar os netos quasi rindo
Do poder dos Christãos fraco e pequeno;
As terras, como suas, repartindo
Antemão entre o exercito Agareno;

- Que com titulo falso possuindo
 Está o famoso nome Saraceno;
 Assi tambem com falsa conta e nua,
 Á nobre terra alheia chamam sua.
- 111 Qual o membrudo e barbaro Gigante,
 Do Rei Saul com causa tão temido,
 Vendo o Pastor inerme estar diante,
 Só de pedras e de esforço apercebido;
 Com palavras soberbas o arrogante
 Despreza o fraco moço mal vestido,
 Que rodeando a funda, o desengana
 Quanto mais póde a fé, que a força humana:
- 112 Dest'arte o Mouro perfido despreza
 O poder dos Christãos, e não entende,
 Que está ajudado da alta fortaleza
 A quem o inferno horrifico se rende:
 Com ella o Castelhana, e com destreza
 De Marrocos o Rei commette e offende:
 O Portuguez, que tudo estima em nada,
 Se faz temer ao reino de Granada.
- 113 Eis as lanças e espadas retiniam
 Por cima dos arnezes: bravo estrago!
 Chamam (segundo as leis que ali seguiam)
 Huns Mafamede, e os outros Sanct-lago.
 Os feridos com grita o ceo feriam,
 Fazendo de seu sangue bruto lago,
 Onde outros meios mortos se afogavam,
 Quando do ferro as vidas escapavam.
- 114 Com esforço tamanho estrue e mata
 O Luso ao Granadil, que em pouco espaço
 Totalmente o poder lhe desbarata,
 Sem lhe valer defeza ou peito de aço.
 De alcançar tal victoria tão barata,
 Inda não bem contente o forte braço,
 Vai ajudar ao bravo Castelhana,
 Que pelejando está co'o Mauritano.
- 115 Já se hia o Sol ardente recolhendo
 Para a casa de Thetis, e inclinado
 Para o Ponente, o Vespero trazendo,
 Estava o claro dia memorado;
 Quando o poder do Mouro grande e horrendo
 Foi pelos fortes Reis desbaratado
 Com tanta mortandade, que a memoria
 Nunca no mundo vio tão grão victoria.

- 116 Não matou a quarta parte o forte Mario,
Dos que morreram neste vencimento,
Quando as agnas co'o sangue do adversario
Fez beber ao exercito sedento:
Nem o Peno, asperissimo contrario
Do Romano poder de nascimento,
Quando tantos matou da illustre Roma,
Que alqueires três de anneis dos mortos toma.
- 117 E se tu tantas almas só podeste
Mandar ao reino escuro de Cocyto,
Quando a sancta Cidade desfizeste
Do povo pertinaz no antigo rito;
Permissão e vingança foi celeste,
E não força de braço, ó nobre Tito;
Que assi dos vates foi prophetisado,
E depois por JESU certificado.
- 118 Passada esta tão prospera victoria,
Tornando Affonso á Lusitana terra,
A se lograr da paz com tanta gloria,
Quanta soube ganhar na dura guerra;
O caso triste e digno de memoria,
Que do sepulchro os homens desenterra,
Aconteceo da misera e mesquinha,
Que, depois de ser morta, foi Rainha.
- 119 Tu só, tu puro Amor, com força crua,
Que os corações humanos tanto obriga,
Dêste causa á molesta morte sua,
Como se fôra perfida inimiga.
Se dizem, fero amor, que a sêde tua,
Nem com lagrimas tristes se mitiga,
He porque queres, aspero e tyranno,
Tuas aras banhar em sangue humano.
- 120 Estavas, linda Ignez, posta em socego,
De teus annos colhendo doce fruto,
Naquelle engano da alma, ledo e cego,
Que a fortuna não deixa durar muito;
Nos saudosos campos do Mondego,
De teus formosos olhos nunca enxuito,
Aos montes ensinando e ás hervinhas
O nome, que no peito escrito tinhas.
- 121 Do teu Principe ali te respondiam
As lembranças, que na alma lhe moravam;
Que sempre ante seus olhos te traziam,
Quando dos teus formosos se apartavam;

De noite em doces sonhos, que mentiam,
De dia em pensamentos, que voavam;
E quanto em fim cuidava, e quanto via,
Eram tudo memorias de alegria.

- 122 De outras bellas senhoras e Princezas,
Os desejados thalamos engeita;
Que tudo em fim, tu, puro amor, desprezas,
Quando hum gesto suave te sujeita.
Vendo estas namoradas estranhezas
O velho pai sesudo, que respeita
O murmurar do povo, e a phantasia
Do filho, que cassar-se não queria;
- 123 Tirar Ignez ao mundo determina,
Por lhe tirar o filho, que tem preso;
Crendo co'o sangue só da morte indina
Matar do firme amor o fogo acceso.
Que furor consentio, que a espada fina,
Que pôde sustentar o grande peso
Do furor Mauro, fosse alevantada
Contra huma fraca dama delicada?
- 124 Traziam-na os horrificos algozes
Ante o Rei, já movido a piedade;
Mas o povo com falsas e ferozes
Razões á morte crua o persuade.
Ella com tristes e piedosas vozes,
Sahidas só da magoa e saudade
Do seu Principe e filhos, que deixava.
Que mais que a propria morte a magoava:
- 125 Para o ceo crystallino alevantando
Com lagrimas os olhos piedosos;
Os olhos, porque as mãos lhe estava atando
Hum dos duros ministros rigorosos:
E despois nos meninos attentando,
Que tão queridos tinha e tão mimosos,
Cuja orphanidade como mãe temia,
Para o avô cruel assi dizia:
- 126 Se já nas brutas feras, cuja mente
Natura fez cruel de nascimento;
E nas aves agrestes, que sómente
Nas rapinas aerias tem o intento,
Com pequenas creanças vio a gente
Terem tão piedoso sentimento,
Como co'a mãe de Nino já mostraram,
E co'os irmãos, que Roma edificaram:

- 127 Ó tu, que tens de humano o gesto e o peito,
 (Se de humano he matar huma donzella
 Fraca e sem força, só por ter sujeito
 O coração a quem soube vence-la)
 A estas criancinhas tem respeito,
 Pois o não tens á morte escura della:
 Mova-te a piedade, sua e minha,
 Pois te não move a culpa, que não tinha.
- 128 E se, vencendo a Maura resistencia,
 A morte sabes dar com fogo e ferro,
 Sabe tambem dar vida com clemencia
 A quem para perde-la não fez erro:
 Mas, se to assi merece esta innocencia,
 Põe-me em perpetuo e misero desterro,
 Na Scythia fria, ou lá na Libya ardente,
 Onde em lagrimas viva eternamente.
- 129 Põe-me onde se use toda a feridade,
 Entre leões e tigres; e verei
 Se nelles achar posso a piedade,
 Que entre peitos humanos não achei:
 Ali co'o amor intrinseco, e vontade
 Naquelle por quem mouro, criarei
 Estas reliquias suas, que aqui viste,
 Que refrigero sejam da mãe triste.
- 130 Queria perdoar-lhe o Rei benino,
 Movido das palavras, que o magoam;
 Mas o pertinaz povo e seu destino
 (Que desta sorte o quiz) lhe não perdoam.
 Arrancam das espadas de aço fino
 Os que por bom tal feito ali apregoam.
 Contra huma dama, ó peitos carniceiros,
 Feros vos amostrais e cavalleiros?
- 131 Qual contra a linda moça Polyxena,
 Consolação extrema da mãe velha,
 Porque a sombra de Achilles a condena,
 Co'o ferro o duro Pyrrho se apparelha:
 Mas ella os olhos, com que o ar serena,
 (Bem como paciente e mansa ovelha)
 Na misera mãe postos, que endoudece,
 Ao duro sacrificio se offerece:
- 132 Taes contra Ignez os brutos matadores
 No collo de alabastro, que sustinha
 As obras, com que amor matou de amores
 Aquelle, que depois a fez Rainha,

As espadas banhando, e as brancas flores,
Que ella dos olhos seus regadas tinha,
Se encarniçavam, fervidos e irosos,
No futuro castigo não cuidadosos.

- 133 Bem poderas, ó Sol, da vista destes
Teus raios apartar aquelle dia,
Como da séva meza de Thyestes,
Quando os filhos por mão de Atreo comia!
Vós, ó concavos valles, que podestes
A voz extrema ouvir da bôca fria,
O nome do seu Pedro, que lhe ouvistes,
Por muito grande espaço repetistes!
- 134 Assi como a bonina, que cortada
Antes do tempo foi, candida e bella,
Sendo das mãos lascivas maltratada
Da menina, que a trouxe na capella,
O cheiro traz perdido e a cor murchada:
Tal está morta a pallida donzella,
Seccas do rosto as rosas, e perdida
A branca e viva cor, co'a doce vida.
- 135 As filhas do Mondego a morte escura
Longo tempo chorando memoraram;
E, por memoria eterna, em fonte pura
As lagrimas choradas transformaram:
O nome lhe puzeram, que inda dura,
Dos amores de Ignez, que ali passaram.
Vêde que fresca fonte rega as flores,
Que lagrimas são a agua e o nome amores.
- 136 Não correu muito tempo, que a vingança
Não visse Pedro das mortaes feridas;
Que, em tomando do reino a governança,
A tomou dos fugidos homicidas:
Do outro Pedro cruissimo os alcança;
Que ambos, imigos das humanas vidas,
O concerto fizeram duro e injusto,
Que com Lepido e Antonio fez Augusto.
- 137 Este castigador foi rigoroso
De latrocinios, mortes e adulterios:
Fazer nos máos cruezas, fero e iroso,
Eram os seus mais certos refrigerios.
As cidades guardando, justicioso,
De todos os soberbos vituperios,
Mais ladrões castigando á morte deo,
Que o vagabundo Alcides ou Theseo.

- 138 Do justo e duro Pedro nasce o brando,
 (Vêde da natureza o desconcerto!)
 Remisso e sem cuidado algum, Fernando,
 Que todo o reino poz em muito aperto:
 Que vindo o Castelhana devastando
 As terras sem defeza, esteve perto
 De destruir-se o reino totalmente;
 Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.
- 139 Ou foi castigo claro do peccado
 De tirar Leonor a seu marido,
 E casar-se com ella, de enlevado
 N'hum falso parecer mal entendido;
 Ou foi que o coração sujeito e dado
 Ao vicio vil, de quem se vio rendido,
 Molle se fez e fraco; e bem parece,
 Que hum baixo amor os fortes enfraquece.
- 140 Do peccado tiveram sempre a pena
 Muitos, que Deos o quiz e permittio;
 Os que foram roubar a bella Helena;
 E com Apio tambem Tarquino o vio:
 Pois por quem David sancto se condena?
 Ou quem o Tribu illustre destruiu
 De Benjamim? Bem claro no-lo ensina
 Por Sara Pharaó, Sichem por Dina.
- 141 E pois se os peitos fortes enfraquece
 Hum inconcesso amor desatinado,
 Bem no filho de Alcmena se parece,
 Quando em Omphale andava transformado.
 De Marco Antonio a fama se escurece
 Com ser tanto a Cleopátra afeiçoado.
 Tu tambem, Peno prospero, o sentiste,
 Depois que hũa moça vil na Apulia viste.
- 142 Mas quem póde livrar-se por ventura
 Dos laços, que amor arma brandamente
 Entre as rosas e a neve humana pura,
 O ouro e o alabastro transparente?
 Quem de huma peregrina formosura,
 De hum vulto de Medusa propriamente,
 Que o coração converte, que tem preso,
 Em pedra não; mas em desejo acceso?
- 143 Quem vio hum olhar seguro, hum gesto brando,
 Huma suave e angelica excellencia,
 Que em si está sempre as almas transformando,
 Que tivesse contra ella resistencia?

Desculpado por certo está Fernando,
 Para quem tem de amor experiencia:
 Mas antes, tendo livre a phantasia,
 Por muito mais culpado o julgaria.

CANTO QUARTO.

- 1 Depois de procellosa tempestade,
 Nocturna sombra e sibilante vento,
 Traz a manhã serena claridade,
 Esperança de porto e salvamento:
 Aparta o Sol a negra escuridade,
 Removendo o temor ao pensamento:
 Assi no reino forte aconteceo,
 Depois que o Rei Fernando falleceo.
- 2 Porque se muito os nossos desejaram
 Quem os damnos e offensas vá vingando
 Naquelles, que tão bem se aproveitaram
 Do descuido remisso de Fernando;
 Depois de pouco tempo o alcançaram,
 Joanne sempre illustre alevantando
 Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
 (Aindaque bastardo) verdadeiro.
- 3 Ser isto ordenação dos Ceos divina,
 Por sinaes muito claros se mostrou,
 Quando em Evora a voz de huma menina,
 Ante tempo fallando, o nomeou;
 E como cousa em fim, que o Ceo destina,
 No berço o corpo e a voz alevantou:
 Portugal, Portugal, alçando a mão,
 Disse, pelo Rei novo, Dom João.
- 4 Alteradas então do reino as gentes
 Co'o odio, que occupado os peitos tinha,
 Absolutas cruezas e evidentes
 Faz do povo o furor, por onde vinha:
 Matando vão amigos e parentes
 Do adultero Conde e da Rainha,
 Com quem sua incontinencia deshonesta
 Mais, depois de viuva, manifesta.

- 5 Mas elle em fim, com causa deshonorado,
Diante della a ferro frio morre,
De outros muitos na morte acompanhado;
Que tudo o fogo erguido queima e corre:
Quem, como Astyanax, precipitado
(Sem lhe valerem ordens) de alta torre;
A quem ordens, nem aras, nem respeito;
Quem nu por ruas, e em pedaços feito.
- 6 Podem-se pôr em longo esquecimento
As cruezas mortaes, que Roma vio,
Feitas do feroz Mario e do cruento
Sylla, quando o contrario lhe fugio.
Por isso Leonor, que o sentimento
Do morto Conde ao mundo descobrio,
Faz contra Lusitania vir Castella,
Dizendo ser sua filha herdeira della.
- 7 Beatriz era a filha, que casada
Co'o Castelhana está, que o reino pede,
Por filha de Fernando reputada,
Se a corrompida fama lho concede.
Com esta voz Castella alevantada,
Dizendo que esta filha ao pai succede,
Suas forças ajunta para as guerras,
De varias regiões e varias terras.
- 8 Vem de toda a provincia, que de hum Brigo
(Se foi) já teve o nome derivado;
Das terras que Fernando e que Rodrigo
Ganharam do tyranno e Mauro estado.
Não estimam das armas o perigo
Os que cortando vão co'o duro arado
Os campos Leonezes, cuja gente
Co'os Mouros foi nas armas excellente.
- 9 Os Vandalos, na antigua valentia
Ainda confiados, se ajuntavam
Da cabeça de toda Andaluzia,
Que do Guadalquivir as aguas lavam.
A nobre ilha tambem se apercebia,
Que antiguamente os Tyrios habitavam,
Trazendo, por insignias verdadeiras,
As Herculeas columnas nas bandeiras.
- 10 Tambem vem lá do reino de Toledo,
Cidade nobre e antigua, a quem cercando
O Tejo em torno vai suave e ledado,
Que das serras de Conca vem manando.

- A vós outros tambem não tolhe o medo,
 Ó sordidos Gallegos, duro bando,
 Que para resistirdes, vos armastes,
 Aquelles cujos golpes já provastes.
- 11 Tambem movem da guerra as negras furias
 A gente Biscainha, que carece
 De polidas razões, e que as injurias
 Muito mal dos estranhos compadece.
 A terra de Guipuscua e das Asturias,
 Que com minas de ferro se ennobrece,
 Armou delle os soberbos moradores,
 Para ajudar na guerra a seus senhores.
- 12 Joanne, a quem do peito o esforço crece,
 Como a Sansão Hebrêo da guedelha,
 Postoque tudo pouco lhe parece,
 Co'os poucos de seu reino se aparelha:
 E, não porque conselho lhe fallece,
 Co'os principaes senhores se aconselha,
 Mas só por ver das gentes as sentenças;
 Que sempre houve entre muitos differenças.
- 13 Não falta com razões quem desconcerte
 Da opinião de todos na vontade,
 Em quem o esforço antigo se converte
 Em desusada e má deslealdade;
 Podendo o temor mais gelado, inerte,
 Que a propria e natural fidelidade:
 Negam o Rei, e a patria; e se convem,
 Negarão (como Pedro) o Deos que tem.
- 14 Mas nunca foi que este erro se sentisse
 No forte Dom Nuno Alvares: mas antes,
 Postoque em seus irmãos tão claro o visse,
 Reprovando as vontades inconstantes,
 Aquellas duvidosas gentes disse,
 Com palavras mais duras que elegantes,
 A mão na espada, irado e não facundo,
 Ameaçando a terra, o mar e o mundo:
- 15 Como? da gente illustre Portugueza
 Ha de haver quem refuse o patrio Marte?
 Como? desta provincia, que princeza
 Foi das gentes na guerra em toda parte,
 Ha de sahir quem negue ter defeza?
 Quem negue a fé, o amor, o esforço e arte
 De Portuguez, e por nenhum respeito
 O proprio reino queira ver sujeito?

- 16 Como? Não sois vós inda os descendentes
Daquelles, que debaixo da bandeira
Do grande Henriques, feros e valentes,
Vencestes esta gente tão guerreira?
Quando tantas bandeiras, tantas gentes
Puzeram em fugida, de maneira
Que sete illustres condes lhe trouxeram
Presos, afora a preza que tiveram?
- 17 Com quem foram contino sopeados
Estes, de quem o estais agora vós,
Por Diniz e seu filho sublimados,
Senão co'os vossos fortes pais e avós?
Pois se com seus descuidos, ou peccados,
Fernando em tal fraqueza assi vos poz,
Torne-vos vossas forças o Rei novo;
Se he certo que co'o Rei se muda o povo.
- 18 Rei tendes tal, que se o valor tiverdes
Igual ao Rei, que agora alevantastes,
Desbaratareis tudo o que quizerdes,
Quanto mais a quem já desbaratastes:
E se com isto em fim vos não moverdes
Do penetrante medo, que tomastes,
Atai as mãos a vosso vão receio,
Que eu só resistirei ao jugo alheio.
- 19 Eu só com meus vassallos, e com esta,
(E dizendo isto arranca meia espada)
Defenderei da força dura e infesta,
A terra nunca de outrem subjugada:
Em virtude do Rei, da patria mesta,
Da lealdade, já por vós negada,
Vencerei não só estes adversarios,
Mas quantos a meu Rei forem contrarios.
- 20 Bem como entre os mancebos recolhidos
Em Canusio, reliquias sós de Cannas,
Já para se entregar, quasi movidos,
Á fortuna das forças Africanas,
Cornelio moço os faz, que compellidos
Da sua espada jurem, que as Romanas
Armas não deixarão, em quanto a vida
Os não deixar, ou nellas for perdida:
- 21 Dest'arte a gente força, e esforço Nuno,
Que com lhe ouvir as ultimas razões,
Removem o temor frio, importuno,
Que gelados lhe tinha os corações:

- Nos affinaes cavalgam de Neptuno,
 Brandindo e volteando arremessões;
 Vão correndo e gritando á bôca aberta:
 Viva o famoso Rei, que nos liberta.
- 22 Das gentes populares, huns approvam
 A guerra com que a patria se sustinha;
 Huns as armas alimpam e renovam,
 Que a ferrugem da paz gastadas tinha;
 Capacetes estofam, peitos provam,
 Arma-se cada hum como convinha;
 Outros fazem vestidos de mil cores,
 Com letras e tenções de seus amores.
- 23 Com toda esta lustrosa companhia
 Joanne forte sahe da fresca Abrantes,
 Abrantes, que tambem da fonte fria
 Do Tejo logra as aguas abundantes.
 Os primeiros armigeros regia,
 Quem para reger era q's mui possantes
 Orientaes exercitos sem conto,
 Com que passava Xerxes o Hellesponto:
- 24 Dom Nuno Alvares digo, verdadeiro
 Açoute de soberbos Castelhanos,
 Como já o fero Hunno o foi primeiro
 Para Francezes, para Italianos.
 Outro tambem famoso cavalleiro,
 Que a ala direita tem dos Lusitanos,
 Apto para manda-los e rege-los,
 Mem Rodrigues se diz de Vasconcellos.
- 25 E da outra ala, que a esta corresponde,
 Antão Vasques de Almada he capitão,
 Que despois foi de Abranches nobre Conde,
 Das gentes vai regendo a sestra mão.
 Logo na retaguarda não se esconde
 Das quinas e castellos o pendão,
 Com Joanne Rei forte em toda parte,
 Que escurecendo o preço vai de Marte.
- 26 Estavam pelos muros temerosas,
 E de hum alegre medo quasi frias,
 Rezando as mães, irmãas, damas e esposas,
 Promettendo jejuns e romarias.
 Já chegam as esquadras bellicosas
 Defronte das imigas companhias,
 Que com grita grandissima os recebem;
 E todas grande duvida concebem.

- 27 Respondem as trombetas mensageiras,
Pifaros sibilantes e atambores;
Alferезes volteiam as bandeiras,
Que variadas são de muitas cores.
Era no secco tempo, que nas eiras
Ceres o fructo deixa aos lavradores;
Entra em Astrea o Sol, no mez de Agosto;
Baccho das uvas tira o doce mosto.
- 28 Deo sinal a trombeta Castellhana
Horrendo, fero, ingente e temeroso:
Ouvio-o o monte Artabro; e Guadiana
Atraz tornou as ondas de medroso:
Ouvio-o o Douro e a terra Transtagana;
Correo ao mar o Tejo duvidoso;
E as mãis, que o som terribil escuitaram,
Aos peitos os filhinhos apertaram.
- 29 Quantos rostos ali se vem sem côr,
Que ao coração acode o sangue amigo!
Que nos perigos grandes o temor
He maior muitas vezes, que o perigo:
E se o não he, parece-o; que o furor
De offender, ou vencer o duro imigo,
Faz não sentir, que he perda grande e rara,
Dos membros corporaes, da vida chara.
- 30 Começa-se a travar a incerta guerra;
De ambas partes se move a primeira ala;
Huns leva a defensão da propria terra,
Outros as esperanças de ganha-la:
Logo o grande Pereira, em quem se encerra
Todo o valor, primeiro se assinala;
Derriba e encontra, e a terra em fim semea
Dos que a tanto desejam, sendo alhea.
- 31 Já pelo espesso ar os estridentes
Farpões, settas e varios tiros voam;
Debaixo dos pés duros dos ardentes
Cavallos treme a terra, os valles soam;
Espedaçam-se as lanças, e as frequentes
Quédas co'as duras armas tudo atroam;
Recrescem os imigos sobre a pouca
Gente do fero Nuno, que os apouca.
- 32 Eis ali seus irmãos contra elle vão:
(Caso feo e cruel!) Mas não se espanta;
Que menos he querer matar o irmão,
Quem contra o Rei e a patria se alevanta:

Destes arrenegados muitos são
 No primeiro esquadrão, que se adianta
 Contra irmãos e parentes, (caso estranho!)
 Quaes nas guerras civis de Julio e Magno.

- 33 Ó tu, Sertorio, ó nobre Coriolano,
 Catilina, e vós outros dos antigos,
 Que contra vossas patrias com profano
 Coração vos fizestes inimigos;
 Se lá no reino escuro de Sumano
 Receberdes gravissimos castigos,
 Dizei-lhe, que tambem dos Portuguezes
 Alguns traidores houve algumas vezes.
- 34 Rompem-se aqui dos nossos os primeiros;
 Tantos dos inimigos a elles vão:
 Está ali Nuno, qual pelos outeiros
 De Ceita está o fortissimo leão,
 Que cercado se vê dos cavalleiros,
 Que os campos vão correr de Tetuão;
 Perseguem-no co'as lanças, e elle iroso,
 Turvado hum pouco está, mas não medroso.
- 35 Com torva vista os vê, mas a natura
 Ferina, e a ira não lhe compadecem
 Que as costas dê, mas antes na espessura
 Das lanças se arremessa, que recrecem.
 Tal está o cavalleiro, que a verdura
 Tinge co'o sangue alheio: ali perecem
 Alguns dos seus; que o animo valente
 Perde a virtude contra tanta gente.
- 36 Sentio Joanne a affronta, que passava
 Nuno; que, como sabio capitão,
 Tudo corria, e via, e a todos dava,
 Com presença e palavras, coração.
 Qual parida leoa, fera e brava,
 Que os filhos, que no ninho sós estão,
 Sentio que, emquanto pasto lhe buscara,
 O pastor de Massylia lhos furtara:
- 37 Corre raivosa, e freme, e com bramidos
 Os montes Sete Irmãos atroa e abala:
 Tal Joanne, com outros escolhidos
 Dos seus, correndo acode á primeira ala:
 Ó fortes companheiros, ó subidos
 Cavalleiros, a quem nenhum se iguala,
 Defendei vossas terras; que a esperança
 Da liberdade está na vossa lança.

- 38 Vedes-me aqui Rei vosso e companheiro,
Que entre as lanças e settas e os arnezes
Dos inimigos corro, e vou primeiro;
Pelejai verdadeiros Portuguezes.
Isto disse o magnanimo guerreiro;
E sopesando a lança quatro vezes,
Com força tira, e deste unico tiro
Muitos lançaram o ultimo suspiro.
- 39 Porque eis os seus accesos novamente
D'huma nobre vergonha e honroso fogo,
Sobre qual mais com animo valente
Perigos vencerá do marcio jogo,
Porham: tinge o ferro o fogo ardente;
Rompem malhas primeiro, e peitos logo:
Assi recebem junto, e dão feridas,
Como a quem já não doe perder as vidas.
- 40 A muitos mandam ver o Estygio lago,
Em cujo corpo a morte e o ferro entrava:
O Mestre morre ali de Sanct'Iago,
Que fortissimamente pelejava;
Morre tambem, fazendo grande estrago,
Outro Mestre cruel de Calatrava:
Os Pereiras tambem arrenegados
Morrem, arrenegando o Ceo, e os fados.
- 41 Muitos tambem do vulgo vil sem nome
Vão, e tambem dos nobres, ao Profundo;
Onde o trifauce cão perpetua fome
Tem das almas, que passam deste mundo:
E porque mais aqui se amanse e dome
A soberba do imigo furibundo,
A sublime bandeira Castellhana
Foi derribada aos pés da Lusitana.
- 42 Aqui a fera batalha se encrucece
Com mortes, gritos, sangue e cutiladas;
A multidão da gente que perece,
Tem as flores da propria côr mudadas:
Já as costas dão e as vidas; já fallece
O furor, e sobejam as lançadas:
Já de Castella o Rei desbaratado
Se vê, e de seu proposito mudado.
- 43 O campo vai deixando ao vencedor,
Contente de lhe não deixar a vida:
Seguem-no os que ficaram; e o temor
Lhe dá, não pés, mas azas á fugida.

Encobrem no profundo peito a dor
Da morte, da fazenda despendida,
Da magoa, da deshonra e triste nojo
De ver outrem triumphar de seu despojo.

- 44 Alguns vão maldizendo e blasphemando
Do primeiro que guerra fez no mundo;
Outros a sêde dura vão culpando
Do peito cubiçoso e sitibundo,
Que, por tomar o alheio, o miserando
Povo aventura ás penas do Profundo;
Deixando tantas mãis, tantas esposas
Sem filhos, sem maridos, desditosas.
- 45 O vencedor Joanne esteve os dias
Costumados no campo, em grande gloria;
Com offertas despois e romarias,
As graças deo a quem lhe deo victoria.
Mas Nuno, que não quer por outras vias
Entre as gentes deixar de si memoria,
Senão por armas sempre soberanas,
Para as terras se passa Transtaganas.
- 46 Ajuda-o seu destino de maneira,
Que fez igual o effeito ao pensamento;
Porque a terra dos Vandalos fronteira
Lhe concede o despojo e o vencimento.
Já de Sevilha a Betica bandeira,
E de varios senhores, n'hum momento
Se lhe derriba aos pés, sem ter defeza,
Obrigados da força Portugueza.
- 47 Destas e outras victorias longamente
Eram os Castelhanos opprimidos;
Quando a paz, desejada já da gente,
Deram os vencedores aos vencidos;
Despois que quiz o Padre omnipotente
Dar os Reis inimigos por maridos
Ás duas illustrissimas Inglezas,
Gentis, formosas, inclytas Princezas.
- 48 Não soffre o peito forte, usado á guerra,
Não ter imigo já a quem faça dano;
E assi, não tendo a quem vencer na terra,
Vai commetter as ondas do Oceano.
Este he o primeiro Rei, que se desterra
Da patria, por fazer que o Africano
Conheça pelas armas, quanto excede
A lei de Christo á lei de Mafamede.

- 49 Eis mil nadantes aves pelo argento
 Da furiosa Thetis inquieta,
 Abrindo as pandas azas vão ao vento,
 Para onde Alcides poz a extrema meta.
 O monte Abyla, e o nobre fundamento
 De Ceita toma, e o torpe Mahometa
 Deita fóra; e segura toda Hespanha
 Da Juliana, má e desleal manha.
- 50 Não consentio a morte tantos annos,
 Que de Heroe tão ditoso se lograsse
 Portugal, mas os coros soberanos
 Do Ceo supremo quiz que povoasse:
 Mas para defensão dos Lusitanos
 Deixou quem o levou, quem governasse
 E augmentasse a terra mais que d'antes,
 Inclÿta geração, altos Infantes.
- 51 Não foi do Rei Duarte tão ditoso
 O tempo que ficou na summa alteza;
 Que assi vai alternando o tempo irroso
 O bem co'o mal, o gosto co'a tristeza.
 Quem vio sempre hum estado deleitoso?
 Ou quem vio em fortuna haver firmeza?
 Pois inda neste reino, e neste Rei,
 Não usou ella tanto desta lei.
- 52 Vio ser captivo o sancto irmão Fernando,
 Que a tão altas emprezas aspirava,
 Que por salvar o povo miserando
 Cercado, ao Sarraceno s'entregava.
 Só por amor da patria está passando
 A vida de senhora feita escrava,
 Por não se dar por elle a forte Ceita:
 Mais o publico bem que o seu respeita.
- 53 Codro, porque o inimigo não vencesse,
 Deixou antes vencer da morte a vida;
 Regulo, porque a patria não perdesse,
 Quiz mais a liberdade ver perdida;
 Este, porque se Hespanha não temesse,
 A captiveiro eterno se convida:
 Codro, nem Curcio, ouvido por espanto,
 Nem os Decios leaes fizeram tanto.
- 54 Mas Affonso, do Reino unico herdeiro,
 Nome em armas ditoso em nossa Hesperia,
 Que a soberba do barbaro fronteiro
 Tornou em baixa e humilima miseria,

- Fôra por certo invicto cavalleiro,
Se não quizera ir ver a terra Iberia:
Mas Africa dirá ser impossibil,
Poder ninguem vencer o Rei terribil.
- 55 Este pôde colher as maçãs de ouro,
Que somente o Tyrinthio colher pôde:
Do jugo que lhe poz, o bravo Mouro
A cerviz inda agora não sacode.
Na frente a palma leva, e o verde louro
Das victorias do barbaro, que acode
A defender Alcacer, forte villa,
Tangere populoso, e a dura Arzila.
- 56 Porém ellas em fim por força entradas,
Os muros abaixaram de diamante
Às Portuguezas forças, costumadas
A derribarem quanto acham diante.
Maravilhas em armas estremadas,
E de escritura dignas elegante,
Fizeram cavalleiros nesta empreza,
Mais afinando a fama Portugueza.
- 57 Porém depois, tocado de ambição
E gloria de mandar, amara e bella,
Vai commetter Fernando de Aragão,
Sobre o potente reino de Castella.
Ajunta-se a inimiga multidão
Das soberbas e varias gentes della,
Desde Cadix ao alto Pyreneo,
Que tudo ao Rei Fernando obedeceo.
- 58 Não quiz ficar nos reinos ocioso
O mancebo Joanne; e logo ordena
De ir ajudar o pai ambicioso,
Que então lhe foi ajuda não pequena.
Sahio-se em fim do trance perigoso
Com frente não torvada, mas serena,
Desbaratado o pai sanguinolento;
Mas ficou duvidoso o vencimento:
- 59 Porque o filho sublime e soberano,
Gentil, forte, animoso cavalleiro,
Nos contrarios fazendo immenso dano,
Todo hum dia ficou no campo inteiro.
Desta arte foi vencido Octaviano,
E Antonio vencedor, seu companheiro,
Quando daquelles que Cesár mataram,
Nos Philippicos campos se vingaram.

- 60 Porém depois que a escura noite eterna
Affonso aposentou no Ceo sereno,
O Principe, que o reino então governa,
Foi Joanne segundo, e Rei trezeno.
Este, por haver fama sempiterna,
Mais do que tentar pôde homem terreno,
Tentou; que foi buscar da roxa Aurora
Os terminos, que eu vou buscando agora.
- 61 Manda seus mensageiros, que passaram
Hespanha, França, Italia celebrada;
E lá no illustre porto se embarcaram,
Onde já foi Parthenope enterrada;
Napolés, onde os fados se mostraram,
Fazendo-a a varias gentes subjugada,
Pela illustrar no fim de tantos annos
Co'o senhorio de inclytos Hispanos.
- 62 Pelo mar alto Siculo navegam;
Vão-se ás praias de Rhodes arenosas;
E d'ali ás ribeiras altas chegam,
Que co'a morte de Magno são famosas.
Vão a Memphis, e ás terras que se regam
Das enchentes Niloticas undosas;
Sobem á Ethiopia, sobre Egypto,
Que de Christo lá guarda o santo rito.
- 63 Passam também as ondas Erythreas,
Que o povo de Israel sem nao passou;
Ficam-lhe atraz as serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co'o nome ornou.
As costas odoríferas Sabeas,
Que a mãe do bello Adonis tanto honrou,
Cercam, com toda a Arabia descoberta
Feliz, deixando a Pétreia e a Deserta.
- 64 Entram no estreito Persico, onde dura
Da confusa Babel inda a memoria:
Ali co'o Tigre o Euphrates se mistura,
Que as fontes onde nascem tem por gloria.
D'ali vão em demanda da agua pura,
Que causa inda será de larga historia,
Do Indo, pelas ondas do Oceano,
Onde não se atreueo passar Trajano.
- 65 Viram gentes incognitas e estranhas,
Da India, da Carmania e Gedrosia,
Vendo varios costumes, varias manhas,
Que cada região produz e cria.

- Mas de vias tão asperas, tamanhas,
 Tornar-se facilmente não podia:
 Lá morreram em fim, e lá ficaram;
 Que á desejada patria não tornaram.
- 66 Parece que guardava o claro Ceo
 A Manoel e seus merecimentos
 Esta empreza tão ardua, que o moveo
 A subidos e illustres movimentos:
 Manoel, que a Joanne succedeo
 No reino e nos altivos pensamentos,
 Logo como tomou do reino cargo,
 Tomou mais a conquista do mar largo:
- 67 O qual, como do nobre pensamento
 Daquella obrigação, que lhe ficara
 De seus antepassados, (cujo intento
 Foi sempre accrescentar a terra chara)
 Não deixasse de ser hum só momento
 Conquistado; no tempo, que a luz clara
 Foge, e as estrellas nitidas que sahem,
 A repouso convidam quando cahem;
- 68 Estando já deitado no aureo leito,
 Onde imaginações mais certas são;
 Revolvendo contino no conceito
 De seu officio e sangue, a obrigação,
 Os olhos lhe occupou o somno acceito,
 Sem lhe desoccupar o coração;
 Porque tanto que lasso se adormece,
 Morpheo em varias fórmas lhe apparece.
- 69 Aqui se lhe apresenta, que subia
 Tão alto, que tocava á prima esphera,
 D'onde diante varios mundos via,
 Nações de muita gente estranha e fera:
 E lá bem junto d'onde nasce o dia,
 Depois que os olhos longos estendera,
 Vio de antiquos, longinquos e altos montes,
 Nascerem duas claras e altas fontes.
- 70 Aves agrestes, feras e alimarias
 Pelo monte selvatico habitavam:
 Mil arvores sylvestres e hervas varias,
 O passo e o trato ás gentes atalhavam.
 Estas duras montanhas adversarias
 De mais conversação, por si mostravam,
 Que desde Adão peccou aos nossos annos,
 Não as romperam nunca pés humanos.

- 71 Das aguas se lhe antolha que sahiam,
 Par'elle os largos passos inclinando,
 Dous homens, que mui velhos pareciam,
 De aspeito, inda que agreste, venerando:
 Das pontas dos cabellos lhe cahiam
 Gottas, que o corpo todo vão banhando;
 A côr da pelle, baça e denegrida;
 A barba hirsuta, intonsa, mas comprida.
- 72 D'ambos de dous a fronte coroada
 Ramos não conhecidos e hervas tinha;
 Hum delles a presença traz cansada,
 Como quem de mais longe ali caminha:
 E assi a agua, com impeto alterada,
 Parecia que d'outra parte vinha:
 Bem como Alpheo de Arcadia em Syracusa
 Vai buscar os abraços de Arethusa.
- 73 Este, que era o mais grave na pessoa,
 Dest'arte para o Rei de longe brada:
 Ó tu, a cujos reinos e corôa,
 Grande parte do mundo está guardada;
 Nós outros, cuja fama tanto voa,
 Cuja cerviz bem nunca foi domada,
 Te avisamos, que he tempo que já mandes
 A receber de nós tributos grandes.
- 74 Eu sou o illustre Ganges, que na terra
 Celeste tenho o berço verdadeiro:
 Est'outro he o Indo, Rei, que nesta serra
 Que vês, seu nascimento tem primeiro.
 Custar-te-hemos com tudo dura guerra;
 Mas insistindo tu, por derradeiro,
 Com não vistas victorias, sem receio,
 A quantas gentes vês porás o freio.
- 75 Não disse mais o rio illustre e santo,
 Mas ambos desaparecem n'hum momento:
 Accorda Manoel c'hum novo espanto,
 E grande alteração de pensamento.
 Estendeo nisto Phebo o claro manto
 Pelo escuro Hemispherio somnolento;
 Veio a manhã no ceo pintando as cores
 De pudibunda rosa e roxas flores.
- 76 Chama o Rei os senhores a conselho,
 E propõe-lhe as figuras da visão;
 As palavras lhe diz do sancto velho,
 Que a todos foram grande admiração.

Determinam o nautico apparelho,
Para que com sublime coração
Vá a gente que mandar cortando os mares
A buscar novos climas, novos ares.

- 77 Eu, que bem mal cuidava que em effeito
Se pozesse o que o peito me pedia;
Que sempre grandes cousas deste geito
Presago o coração me promettia;
Não sei porque razão, porque respeito,
Ou porque bom sinal que em mi se via,
Me põe o inclyto Rei nas mãos a chave
Deste commettimento grande e grave.
- 78 E com rogo e palavras amorosas,
Que he hum mando nos Reis que a mais obriga,
Me disse: As cousas arduas e lustrosas
Se alcançam com trabalho e com fadiga:
Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga;
Que quando ao medo infame não se rende,
Então, se menos dura, mais se estende.
- 79 Eu vos tenho entre todos escolhido
Para huma empresa, qual a vós se deve:
Trabalho illustre, duro e esclarecido;
O que eu sei, que por mi vos será leve.
Não soffri mais, mas logo: Ó Rei subido,
Aventurar-me a ferro, a fogo, a neve,
He tão pouco por vós, que mais me pena
Ser esta vida cousa tão pequena.
- 80 Imaginai tamanhas aventuras,
Quaes Eurystheo a Alcides inventava:
O leão Cleonæo, Harpyas duras,
O porco de Erymantho, a Hydra brava;
Descer em fim ás sombras vãs e escuras,
Onde os campos de Dite a Estyge lava;
Porque a maior perigo, a mor affronta,
Por vós, ó Rei, o esp'rito e carne he pronta.
- 81 Com mercês sumptuosas me agradece,
E com razões me louva esta vontade;
Que a virtude louvada vive e crece,
E o louvor altos casos persuade.
A acompanhar-me logo se offerece,
Obrigado d'amor e d'amisade,
Não menos cubiçoso de honra e fama,
O charo meu irmão, Paulo da Gama.

- 82 Mais se me ajunta Nicolao Coelho,
De trabalhos mui grande soffredor;
Ambos são de valia e de conselho,
D'experiencia em armas e furor.
Já de manceba gente me apparelho,
Em que cresce o desejo do valor;
Todos de grande esforço; e assi parece
Quem a tamanhas cousas se offerece.
- 83 Foram de Manoel remunerados,
Porque com mais amor se apercebessem,
E com palavras altas animados
Para quantos trabalhos succedessem.
Assi foram os Minyas ajuntados,
Para que o veo dourado combatessem,
Na fatidica nao, que ousou primeira
Tentar o mar Euxino aventureira.
- 84 E já no porto da inclyta Ulyseea,
C'hum alvoroço nobre, e c'hum desejo,
(Onde o licor mistura e branca arêa
Co'o salgado Neptuno o doce Tejo)
As naos prestes estão: e não refrea
Temor nenhum o juvenil despejo,
Porque a gente maritima e a de Marte
Estão para seguir-me a toda parte.
- 85 Pelas praias vestidos os soldados
De varias cores vem e varias artes;
E não menos de esforço apparelhados
Para buscar do mundo novas partes.
Nas fortes naos os ventos socegados
Ondeam os aerios estandardes:
Ellas promettem, vendo os mares largos,
De ser no Olympo estrellas, como a de Argos.
- 86 Depois de apparelhados desta sorte
De quanto tal viagem pede e manda,
Apparelhámos a alma para a morte,
Que sempre aos nautas ante os olhos anda.
Para o summo Poder, que a etherea côrte
Sustenta só co'a vista veneranda,
Implorámos favor, que nos guiasse,
E que nossos começos aspirasse.
- 87 Partimos-nos assi do sancto templo,
Que nas praias do mar está assentado,
Que o nome tem da terra, para exemplo,
D'onde Deos foi em carne ao mundo dado.

- Certifico-te, ó Rei, que se contemplo
 Como fui destas praias apartado,
 Cheio dentro de duvida, e receio,
 Que apenas nos meus olhos ponho o freio.
- 88 A gente da cidade aquelle dia,
 (Huns por amigos, outros por parentes,
 Outros por ver sómente), concorria,
 Saudosos na vista e descontentes:
 E nós co'a virtuosa companhia
 De mil Religiosos diligentes,
 Em procissão solemne a Deos orando,
 Para os bateis viemos caminhando.
- 89 Em tão longo caminho e duvidoso,
 Por perdidos as gentes nos julgavam;
 As mulheres c'hum choro piedoso,
 Os homens com suspiros, que arrancavam:
 Mães, esposas, irmãs, que o temeroso
 Amor mais desconfia, accrescentavam
 A desesperação e frio medo
 De já nos não tornar a ver tão cedo.
- 90 Qual vai dizendo: Ó filho, a quem eu tinha
 Só para refrigerio e doce amparo
 Desta cansada já velhice minha,
 Que em choro acabará penoso e amaro;
 Porque me deixas, misera e mesquinha?
 Porque de mi te vás, ó filho charo,
 A fazer o funereo enterramento
 Onde sejas de peixes mantimento?
- 91 Qual em cabello: Ó doce e amado esposo,
 Sem quem não quiz amor que viver possa;
 Porque is aventurar ao mar iroso
 Essa vida, que he minha, e não he vossa?
 Como por hum caminho duvidoso
 Vos esquece a affeição tão doce nossa?
 Nosso amor, nosso vão contentamento
 Quereis que com as velas leve o vento?
- 92 Nestas e outras palavras que diziam
 De amor e de piedosa humanidade,
 Os velhos e os meninos os seguiam,
 Em quem menos esforço põe a idade.
 Os montes de mais perto respondiam,
 Quasi movidos de alta piedade;
 A branca arêa as lagrimas banhavam,
 Que em multidão com ellas se igualavam.

- 93 Nós outros sem a vista alevantarmos
 Nem a mãe, nem a esposa, neste estado,
 Por nos não magoarmos ou mudarmos
 Do proposito firme começado:
 Determinei de assi nos embarcarmos
 Sem o despedimento costumado;
 Que, postoque he de amor usança boa,
 A quem se aparta, ou fica, mais magoa.'
- 94 Mas hum velho d'aspeito venerando,
 Que ficava nas praias entre a gente,
 Postos em nós os olhos, meneando
 Tres vezes a cabeça, descontente,
 A voz pesada hum pouco alevantando,
 Que nós no mar ouvimos claramente,
 C'hum saber só d'experiencias feito,
 Taes palavras tirou do esperto peito:
- 95 Oh gloria de mandar! Oh vãa cobiça
 Desta vaidade, a quem chamamos fama!
 Oh fraudulento gosto, que se atixa
 C'hum a aura popular, que honra se chama!
 Que castigo tamanho, e que justiça
 Fazes no peito vão, que muito te ama!
 Que mortes, que perigos, que tormentas,
 Que crueldades nelles exp'rimentas!
- 96 Dura inquietação d'alma e da vida,
 Fonte de desamparos e adulterios,
 Sagaz consumidora conhecida
 De fazendas, de reinos, e de imperios:
 Chamam-te illustre, chamam-te subida,
 Sendo digna de infames vituperios;
 Chamam-te fama e gloria soberana,
 Nomes com quem se o povo nescio engana!
- 97 A que novos desastres determinas
 De levar estes reinos e esta gente?
 Que perigos, que mortes lhe destinas
 Debaixo de algum nome preeminente?
 Que promessas de reinos e de minas
 D'ouro, que lhe farás tão facilmente?
 Que famas lhe prometterás? que historias?
 Que triumphos? que palmas? que victorias?
- 98 Mas ó tu, geração daquelle insano,
 Cujo peccado e desobediencia,
 Não somente do reino soberano
 Te poz neste desterro e triste ausencia;

Mas inda d'outro estado mais que humano,
 Da quieta e da simples innocencia,
 Idade d'ouro, tanto te privou,
 Que na de ferro e d'armas te deitou:

- 99 Já que nesta gostosa vaidade
 Tanto enlevas a leve phantasia:
 Já que á bruta crueza e feridade
 Pozeste nome, esforço e valentia:
 Já que prézas em tanta quantidade
 O desprezo da vida, que devia
 De ser sempre estimada, pois que já
 Temeo tanto perde-la quem a dá:
- 100 Não tens junto contigo o Ismaelita,
 Com quem sempre terás guerras sobejas?
 Não segue elle do Arabio a lei maldita,
 Se tu pela de Christo só peejas?
 Não tem cidades mil, terra infinita,
 Se terras e riqueza mais desejas?
 Não he elle por armas esforçado,
 Se queres por victorias ser louvado?
- 101 Deixas criar ás portas o inimigo
 Por hires buscar outro de tão longe,
 Por quem se despovoe o reino antigo,
 Se enfraqueça e se vá deitando a longe?
 Buscas o incerto e incognito perigo,
 Porque a fama te exalte e te lisonge,
 Chamando-te senhor; com larga copia,
 Da India, Persia, Arabia e da Ethiopia?
- 102 Oh maldito o primeiro, que no mundo
 Nas ondas vela pôz em secco lenho!
 Digno da eterna pena do Profundo,
 Se he justa a justa lei, que sigo e tenho.
 Nunca juizo algum alto e profundo,
 Nem cithara sonora, ou vivo engenho,
 Te dê por isso fama, nem memoria;
 Mas contigo se acabe o nome e a gloria!
- 103 Trouxe o filho de Jápeto do Ceo
 O fogo, que ajuntou ao peito humano;
 Fogo, que o mundo em armas accendeo,
 Em mortes, em deshonoras: (grande engano!)
 Quanto melhor nos fôra, Prometheo,
 É quanto para o mundo menos dano,
 Que a tua estatua illustre não tivera
 Fogo de altos desejos, que a movera!

- 104 Não commettéra t' mais ignorância
 O carro alho de pal. nem o ar vento.
 O grande architectar. e o fillo. quando
 Hum. nome no mar. e o sobre. humo ad sic:
 Nabalca commettimentu alii t' nobisad.
 Por fogo. ferro. agua. calha t' friu.
 Deixa intencão a humana generão.
 Misera sorte! Escrava condicão.

CANTO QUINTO.

- 1 Estas sentenças taes o veñit honrado
 Vociferando estava, quando abrimos
 As azas ao sereno e socegado
 Vento, e do porto amado nos partimos:
 E como he já no mar costume usado,
 A vela desfraldando, o ceo lerimos.
 Dizendo: Boa viagem: logo o vento
 Nos troncos fez o usado movimento.
- 2 Entrava neste tempo o eterno lume
 No animal Nemeo truculento:
 E o mundo, que co'o tempo se consume,
 Na sexta idade andava enfermo e lento:
 Nella vê, como tinha por costume,
 Cursos do Sol quatorze vezes cento,
 Com mais noventa e sete, em que corria,
 Quando no mar a armada se estendia.
- 3 Já a vista pouco e pouco se desterra
 Daquelles patrios montes que ficavam:
 Ficava o charo Tejo e a fresca serra
 De Cintra, e nella os olhos se alongavam:
 Ficava-nos tambem na amada terra
 O coração, que as magoas lá deixavam:
 E já despois que toda se escondeo,
 Não vimos mais em fim que mar e ceo.
- 4 Assi fomos abrindo aquelles mares
 Que geração alguma não abrio,
 As novas ilhas vendo e os novos ares,
 Que o generoso Henrique descobrio:

De Mauritania os montes e lugares,
Terra que Antheo n'hum tempo possuiu,
Deixando á mão esquerda, que á direita
Não ha certeza d'outra, mas suspeita.

- 5 Passámos a grande ilha da Madeira,
Que do muito arvoredado assi se chama;
Das que nós povoámos a primeira,
Mais celebre por nome, que por fama:
Mas nem por ser do mundo a derradeira
Se lhe avantajam quantas Venus ama;
Antes, sendo esta sua, se esquecera
De Cypro, Gnido, Paphos e Cythera.
- 6 Deixámos de Massylia a esteril costa,
Onde seu gado os Azenegues pastam;
Gente que as frescas aguas nunca gosta,
Nem as hervas do campo bem lhe abastam:
A terra a nenhum fructo em fim disposta,
Onde as aves no ventre o ferro gastam,
Padecendo de tudo extrema inopia,
Que aparta a Barbaria de Ethiopia.
- 7 Passámos o limite aonde chega
O Sol, que para o Norte os carros guia,
Onde jazem os povos, a quem nega
O filho de Clymene a côr do dia:
Aqui gentes estranhas lava e rega
Do negro Sanagá a corrente fria,
Onde o cabo Arsinario o nome perde,
Chamando-se dos nossos Cabo-Verde.
- 8 Passadas tendo já as Canarias ilhas,
Que tiveram por nome Fortunadas,
Entrámos navegando pelas filhas
Do velho Hesperio, Hesperidas chamadas;
Terras por onde novas maravilhas
Andaram vendo já nossas armadas:
Ali tomámos porto com bom vento,
Por tomarmos da terra mantimento.
- 9 Áquella ilha aportámos, que tomou
O nome do guerreiro Sanct'Iago;
Sancto, que os Hespanhoes tanto ajudou
A fazerem nos Mouros bravo estrago.
D'aqui, tanto que Boreas nos ventou,
Tornámos a cortar o immenso lago
Do salgado Oceano, e assi deixámos
A terra, onde o refresco doce achámos.

- 10 Por aqui rodeando a larga parte
De Africa, que ficava ao Oriente,
A Provincia Jalofo, que reparte
Por diversas nações a negra gente;
A mui grande Mandinga, por cuja arte
Logrâmos o metal rico e luzente,
Que do curvo Gambêa as aguas bebe,
As quaes o largo Atlantico recebe:
- 11 As Dórcadas passámos, povoadas
Das irmãs, que outro tempo ali viviam,
Que de vista total sendo privadas,
Todas tres d'hum só olho se serviam.
Tu só, tu cujas tranças enrespadas
Neptuno lá nas aguas accendiam,
Tornada já de todas a mais fêa,
De viboras encheste a ardente arêa.
- 12 Sempre em fim para o Austro a aguda proa,
No grandissimo golfão nos mettemos,
Deixando a serra asperrima Leoa,
Co'o cabo, a quem das Palmas nome demos:
O Grande rio, onde batendo sôa
O mar nas praias notas, que ali temos,
Ficou, co'a ilha illustre que tomou
O nome d'hum, que o lado a Deos tocou.
- 13 Ali o mui grande reino está de Congo,
Por nós já convertido á fé de Christo,
Por onde o Zaire passa claro e longo,
Rio pelos antigos nunca visto.
Por este largo mar em fim me alongo
Do conhecido polo de Callisto,
Tendo o término ardente já passado,
Onde o meio do mundo he limitado.
- 14 Já descoberto tinhamos diante
Lá no novo hemispherio nova estrella,
Não vista de outra gente, que ignorante
Alguns tempos esteve incerta della:
Vimos a parte menos rutilante,
E por falta d'estrellas menos bella,
Do polo fixo, onde inda se não sabe
Que outra terra comece, ou mar acabe.
- 15 Assi passando aquellas regiões,
Por onde duas vezes passa Apollo,
Dous invernos fazendo, e dous verões,
Em quanto corre d'hum ao outro polo:

- Por calmas, por tormentas e oppressões,
 Que sempre faz no mar o irado Eolo,
 Vimos as Ursas, apesar de Juno,
 Banharem-se nas aguas de Neptuno.
- 16 Contar-te longamente as perigosas
 Cousas do mar, que os homens não entendem,
 Subitas trovoadas, temerosas,
 Relampagos, que o ar em fogo accendem;
 Negros chuveiros, noites tenebrosas,
 Bramidos de trovões, que o mundo fendem,
 Não menos he trabalho, que grande erro,
 Aindaque tivesse a voz de ferro.
- 17 Os casos vi, que os rudos marinheiros,
 Que tem por mestra a longa experiencia,
 Contam por certos sempre, e verdadeiros,
 Julgando as cousas só pela apparencia:
 E que os que tem juizos mais inteiros,
 Que só por puro engenho e por sciencia
 Vêm do mundo os segredos escondidos,
 Julgam por falsos, ou mal entendidos.
- 18 Vi claramente visto o lume vivo,
 Que a maritima gente tem por santo,
 Em tempo de tormenta e vento esquivo,
 De tempestade escura e triste pranto.
 Não menos foi a todos excessivo
 Milagre, e cousa certo de alto espanto,
 Ver as nuvens do mar, com largo cano,
 Sorver as altas aguas do Oceano.
- 19 Eu o vi certamente (e não presumo
 Que a vista me enganava) levantar-se
 No ar hum vaporsinho, e subtil fumo,
 E do vento trazido, rodear-se:
 De aqui levado hum cano ao polo summo
 Se via, tão delgado, que enxergar-se
 Dos olhos facilmente não podia:
 Da materia das nuvens parecia.
- 20 Hia-se pouco e pouco accrescentando,
 E mais que hum largo mastro se engrossava;
 Aqui se estreita, aqui se alarga, quando
 Os golpes grandes de agua em si chupava:
 Estava-se co'as ondas ondeando;
 Em cima delle huma nuvem se espessava,
 Fazendo-se maior, mais carregada
 Co' o cargo grande d'agua em si tomada.

- 21 Qual rãa sangueruga se veria
Nos beijos da alimaria (que imprudente,
Bebendo a recolho na fonte fria)
Fartar co'o sangue alheio a sêde ardente:
Chupando mais e mais se engrossa e cria;
Ali se enche e se alarga grandemente:
Tal a grande columna. enchendo. augmenta
A si e a nave negra que sustenta.
- 22 Mas depois. que de todo se fartou.
O pé que tem no mar a si recolhe.
E pelo ceo chovendo em fim voou.
Porque co'a agua a jacente agua molhe:
As ondas torna as ondas que tomou;
Mas o sabor do sal lhe tira e tolhe.
Vejam agora os sabios na escritura,
Que segredos são estes da natura.
- 23 Se os antigos philosophos, que andaram
Tantas terras por ver segredos dellas,
As maravilhas, que eu passei, passaram,
A tão diversos ventos dando as velas,
Que grandes escrituras, que deixaram!
Que influencia de signos e de estrellas!
Que estranhezas, que grandes qualidades!
E tudo sem mentir, puras verdades.
- 24 Mas já o planeta, que no ceo primeiro
Habita, cinco vezes apressada,
Agora meio rosto, agora inteiro
Mostrara, em quanto o mar cortava a armada;
Quando da etherea gavea hum marinheiro,
Prompto co'a vista, Terra, Terra, brada:
Salta no bordo alvoroçada a gente
Co'os olhos no horisonte do Oriente.
- 25 À maneira de nuvens se começam
A descobrir os montes, que enxergámos;
As ancoras pesadas se adereçam,
As velas já chegados amainámos;
E para que mais certas se conheçam
As partes tão remotas onde estâmos,
Pelo novo instrumento do Astrolabio,
Invenção de subtil juizo e sabio:
- 26 Desembarcámos logo na espaçosa
Parte, por onde a gente se espalhou,
De ver cousas estranhas desejosa,
Da terra, que outro povo não pisou:

- Porém eu co'os pilotos na arenosa
Praia, por vermos em que parte estou,
Me detenho em tomar do Sol a altura,
E compassar a universal pintura.
- 27 Achámos ter de todo já passado
Do Semicapro peixe a grande meta,
Estando entre elle, e o circulo gelado
Austral, parte do mundo mais secreta.
Eis de meus companheiros rodeado,
Vejo hum estranho vir de pelle preta,
Que tomaram por força, em quanto apanha
De mel os doces favos na montanha.
- 28 Torvado vem na vista, como aquelle
Que não se vira nunca em tal extremo;
Nem elle entende a nós, nem nós a elle,
Selvagem mais que o bruto Polyphemo:
Começo-lhe a mostrar da rica pelle
De Colchos o gentil metal supremo,
A prata fina, a quente especiaria:
A nada disto o bruto se movia.
- 29 Mando mostrar-lhe peças mais somenos,
Contas de crystallino transparente,
Alguns soantes cascaveis pequenos,
Hum barrete vermelho, côr contente.
Vi logo por sinaes e por acenos,
Que com isto se alegra grandemente:
Mando-o soltar com tudo; e assi caminha
Para a povoação, que perto tinha.
- 30 Mas logo ao outro dia seus parceiros,
Todos nus, e da côr da escura treva,
Descendo pelos asperos outeiros,
As peças vem buscar, que est'outro leva:
Domesticos já tanto, e companheiros
Se nos mostram, que fazem que se atreva
Fernão Velloso a ir ver da terra o trato,
E partir-se com elles pelo mato.
- 31 He Velloso no braço confiado,
E de arrogante crê que vai seguro;
Mas, sendo hum grande espaço já passado,
Em que algum bom sinal saber procuro,
Estando, a vista alçada, co'o cuidado
No aventureiro, eis pelo monte duro
Apparece; e segundo ao mar caminha,
Mais apressado do que fôra vinha.

- 32 O batel de Coelho foi depressa
Pelo tomar; mas antes que chegasse,
Hum Ethiope ousado se arremessa
A elle, porque não se lhe escapasse:
Outro e outro lhe sahem; vê-se em pressa
Velloso, sem que alguém lhe ali ajudasse;
Acudo eu logo, e em quanto o remo aperto,
Se mostra hum bando negro descoberto.
- 33 Da espessa nuvem settas e pedradas
Chovem sobre nós outros sem medida;
E não foram ao vento em vão deitadas,
Que esta perna trouxe eu d'ali ferida:
Mas nós, como pessoas magoadas,
A resposta lhe démos tão crescida,
Que em mais que nos barretes se suspeita,
Que a côr vermelha levam desta feita.
- 34 E sendo já Velloso em salvamento,
Logo nos recolhemos para a armada,
Vendo a malicia fea e rudo intento
Da gente bestial, bruta e malvada,
De quem nenhum melhor conhecimento
Podemos ter da India desejada,
Que estarmos inda muito longe della:
E assi tornei a dar ao vento a vela.
- 35 Disse então a Velloso hum companheiro,
(Começando-se todos a sorrir)
Oulá, Velloso amigo, aquelle outeiro
He melhor de descer, que de subir.
Si he, responde o ousado aventureiro;
Mas quando eu para cá vi tantos vir
Daquelles cães, depressa hum pouco vim,
Por me lembrar, que estaveis cá sem mim.
- 36 Contou então, que tanto que passaram
Aquelle monte, os negros de quem fallo,
Avante mais passar o não deixaram,
Querendo, se não torna, ali mata-lo:
E tornando-se, logo se emboscaram,
Porque sahindo nós para toma-lo,
Nos podessem mandar ao reino escuro,
Por nos roubarem mais a seu seguro.
- 37 Porém já cinco soes eram passados,
Que d'ali nos partiramos, cortando
Os mares nunca d'outrem navegados,
Prosperamente os ventos assoprando;

Quando huma noite, estando descuidados
 Na cortadora proa vigiando,
 Huma nuvem, que os ares escurece,
 Sobre nossas cabeças apparece.

- 38 Tão temerosa vinha e carregada,
 Que poz nos corações hum grande medo:
 Bramindo o negro mar de longe brada,
 Como se dêsse em vão n'algum rochedo.
 Ó Potestade, disse, sublimada!
 Que ameaço divino, ou que segredo,
 Este clima e este mar nos apresenta,
 Que mór cousa parece, que tormenta?
- 39 Não acabava, quando huma figura
 Se nos mostra no ar, robusta e válida,
 De disforme e grandissima estatura,
 O rosto carregado, a barba esqualida,
 Os olhos encovados, e a postura
 Medonha e má, e a côr terrena e pallida,
 Cheios de terra e crespos os cabellos,
 A bôca negra, os dentes amarellos.
- 40 Tão grande era de membros, que bem posso
 Certificar-te, que este era o segundo
 De Rhodes estranhissimo colosso,
 Que hum dos sete milagres foi do mundo:
 C'hum tom de voz nos falla horrendo e grosso,
 Que pareceo sahir do mar profundo:
 Arrepiam-se as carnes e o cabelo
 A mi e a todos, só de ouvi-lo e velo.
- 41 E disse: Ó gente ousada mais que quantas
 No mundo commetteram grandes cousas;
 Tu, que por guerras cruas, taes e tantas,
 E por trabalhos vãos nunca repousas:
 Pois os vedados terminos quebrantas,
 E navegar meus longos mares ousas,
 Que eu tanto tempo ha já, que guardo e tenho,
 Nunca arados d'estranho ou proprio lenho:
- 42 Pois vens ver os segredos escondidos
 Da natureza e do humido elemento,
 A nenhum grande humano concedidos
 De nobre ou de immortal merecimento:
 Ouve os danos de mi, que apercebidos
 Estão a teu sobejo atrevimento
 Por todo o largo mar e pela terra,
 Que inda has de ssubjugar com dura guerra.

- 43 Sabe que quantas naos esta viagem,
Que tu fazes, fizerem de atrevidas,
Inimiga terão esta paragem,
Com ventos e tormentas desmedidas:
E da primeira armada, que passagem
Fizer por estas ondas insoffridas,
Eu farei d'improviso tal castigo,
Que seja mór o dano, que o perigo.
- 44 Aqui espero tomar, se não me engano,
De quem me descobrio summa vingança;
E não se acabará só nisto o dano
De vossa pertinace confiança;
Antes em vossas naos vereis cada anno
(Se he verdade o que meu juizo alcança)
Naufragios, perdições de toda sorte,
Que o menor mal de todos seja a morte.
- 45 E do primeiro illustre, que a ventura
Com fama alta fizer tocar os ceos,
Serei eterna e nova sepultura,
Por juizos incognitos de Deos:
Aqui porá da Turca armada dura
Os soberbos e prosperos tropheos;
Comigo de seus damnos o ameaça
A destruida Quiloa com Mombaça.
- 46 Outro tambem virá de honrada fama,
Liberal, cavalleiro enamorado,
E comsigo trará a formosa dama,
Que Amor por grão mercê lhe terá dado:
Triste ventura e negro fado os chama
Neste terreno meu, que duro e irado
Os deixará d'hum cru naufragio vivos,
Para verem trabalhos excessivos.
- 47 Verão morrer com fome os filhos charos,
Em tanto amor gerados e nascidos;
Verão os Cafres asperos e avaros
Tirar á linda dama seus vestidos:
Os crystallinos membros e preclaros
Á calma, ao frio, ao ar verão despídos,
Depois de ter pisada longamente
Co'os delicados pés a arêa ardente.
- 48 E verão mais os olhos, que escaparem
De tanto mal, de tanta desventura,
Os dous amantes miseros ficarem
Na fervida e implacabil espessura:

Ali, depois que as pedras abrandarem
 Com lagrimas de dor, de magoa pura,
 Abraçados as almas soltarão
 Da formosa e miserrima prisão.

- 49 Mais hia por diante o monstro horrendo
 Dizendo nossos fados, quando alçado
 Lhe disse eu: Quem és tu? que esse estupendo
 Corpo certo me tem maravilhado.
 A bôca e os olhos negros retorcendo,
 E dando hum espantoso e grande brado,
 Me respondeo com voz pesada e amara,
 Como quem da pergunta lhe pezara:
- 50 Eu sou aquelle occulto e grande Cabo,
 A quem chamais vós outros Tormentorio,
 Que nunca a Ptolomeo, Pomponio, Estrabo,
 Plinio, e quantos passaram, fui notorio:
 Aqui toda a Africana costa acabo
 Neste meu nunca visto promontorio,
 Que para o polo Antartico se estende,
 A quem vossa ousadia tanto offende.
- 51 Fui dos filhos asperrimos da terra,
 Qual Encelado, Egeo, e o Centimano;
 Chamei-me Adamastor, e fui na guerra
 Contra o que vibra os raios de Vulcano:
 Não que pozesse serra sobre serra;
 Mas conquistando as ondas do Oceano,
 Fui capitão do mar, por onde andava
 A armada de Neptuno, que eu buscava.
- 52 Amores da alta esposa de Peleo
 Me fizeram tomar tamanha empreza;
 Todas as deosas desprezei do Céu,
 Só por amar das aguas a princeza:
 Hum dia a vi co'as filhas de Nereo
 Sahir nua na praia; e logo preza
 A vontade senti de tal maneira,
 Que inda não sinto cousa, que mais queira.
- 53 Como fosse impossibil alcança-la
 Pela grandeza fea de meu gesto,
 Determinei por armas de toma-la,
 E a Doris este caso manifesto:
 De medo a deosa então por mi lhe falla;
 Mas ella c'hum formoso riso honesto
 Respondeo: qual será o amor bastante
 De nympha, que sustente o d'hum gigante?

- 54 Comtudo, por livrarmos o Oceano
De tanta guerra, eu buscarei maneira,
Com que com minha honra escude o dano:
Tal resposta me torna a mensageira.
Eu que cahir não pude neste engano,
(Que he grande dos amantes a cegueira)
Encheram-me com grandes abundanças
O peito de desejos, e esperanças.
- 55 Já nescio, já da guerra desistindo,
Huma noite de Doris promettida,
Me apparece de longe o gesto lindo
Da branca Thetis unica despida:
Como doudo corri de longe, abrindo
Os braços, para aquella, que era vida
Deste corpo, e começo os olhos bellos
A lhe beijar, as faces e os cabellos.
- 56 Oh que não sei de nojo como o conte!
Que crendo ter nos braços quem amava,
Abraçado me achei c'hum duro monte
De aspero matto e de espessura brava:
Estando c'hum penedo fronte a fronte,
Que eu pelo rosto angelico apertava,
Não fiquei homem não, mas mudo e quedo,
E junto d'hum penedo outro penedo.
- 57 Ó nympha a mais formosa do Oceano,
Já que minha presença não te agrada,
Que te custava ter-me neste engano,
Ou fosse monte, nuvem, sonho, ou nada?
D'aqui me parto irado e quasi insano
Da magoa e da deshonra ali passada,
A buscar outro mundo, onde não visse,
Quem de meu pranto e de meu mal se risse.
- 58 Eram já neste tempo meus irmãos
Vencidos, e em miseria extrema postos;
E, por mais segurar-se os deoses vãos,
Alguns a varios montes sotopostos:
E como contra o Ceo não valem mãos,
Eu, que chorando andava meus desgostos,
Comecei a sentir do fado imigo,
Por meus atrevimentos, o castigo.
- 59 Converte-se-me a carne em terra dura,
Em penedos os ossos se fizeram;
Estes membros que vês, e esta figura,
Por estas longas aguas se estenderam:

- Em fim, minha grandissima estatura
Neste remoto cabo converteram
Os deoses; e por mais dobradas magoas,
Me anda Thetis cercando destas agoas.
- 60 Assi contava, e c'hum medonho choro
Subito d'ante os olhos se apartou;
Desfez-se a nuvem negra, e c'hum sonoro
Bramido muito longe o mar soou.
Eu, levantando as mãos ao sancto coro
Dos Anjos, que tão longe nos guiou,
A Deos pedi, que removesse os duros
Casos, que Adamastor contou futuros.
- 61 Já Phlegon e Pyrois vinham tirando,
Co'os outros dous o carro radiante,
Quando a terra alta se nos foi mostrando,
Em que foi convertido o grão gigante:
Ao longo desta costa, começando
Já de cortar as ondas do Levante,
Por ella abaixo hum pouco navegám
Onde segunda vez terra tomámos.
- 62 A gente que esta terra possuia,
Postoque todos Ethiópes eram,
Mais humana no trato parecia,
Que os outros, que tão mal nos receberam:
Com bailes, e com festas de alegria,
Pela praia arenosa a nós vieram;
As mulheres comsigo, e o manso gado,
Que apascentavam. gordo e bem criado.
- 63 As mulheres queimadas vem em cima
Dos vagarosos bois, ali sentadas,
Animaes, que elles tem em mais estima,
Que todo o outro gado das manadas:
Cantigas pastoris, ou prosa, ou rima,
Na sua lingua cantam, concertadas
Co'o doce som das rusticas avenas,
Imitando de Tityro as Camenas.
- 64 Estes, como na vista prazenteiros
Fossem, humanamente nos trataram,
Trazendo-nos gallinhas, e carneiros,
A troco d'outras peças, que levaram:
Mas como nunca em fim meus companheiros
Palavra sua alguma lhe alcançaram,
Que desse algum sinal do que buscâmos,
As velas dando, as ancoras levâmos.

- 5 Já aqui tínhamos dado hum grão rodeio
Á costa negra de Africa, e tornava
A proa a demandar o ardente meio
Do ceo, e o polo Antartico ficava:
Aquelle ilheo deixámos, onde veio
Outra armada primeira, que buscava
O Tormentorio cabo; e descoberto,
Naquelle ilheo fez seu limite certo.
- 66 Daqui fomos cortando muitos dias,
Entre tormentas tristes e bonanças,
No largo mar fazendo novas vias,
Só conduzidos de arduas esperanças:
Co'o mar hum tempo andámos em porfias:
Que como tudo nelle são mudanças,
Corrente nelle achámos tão possante,
Que passar não deixava por diante.
- 67 Era maior a força em demasia,
Segundo para traz nos obrigava,
Do mar, que contra nós ali corria,
Que por nós a do vento, que assoprava.
Injuriado Noto da porfia,
Em que co'o mar (parece) tanto estava,
Os assopros esforça iradamente,
Com que nos fez vencer a grão corrente.
- 68 Trazia o Sol o dia celebrado,
Em que tres Reis das partes do Oriente
Foram buscar hum Rei de pouco nado,
No qual Rei outros tres ha juntamente:
Neste dia outro porto foi tomado
Por nós da mesma já contada gente,
N'hum largo rio, ao qual o nome demos
Do dia em que por elle nos mettemos.
- 69 Desta gente refresco algum tomámos;
E do rio fresca agua; mas comtudo
Nenhum sinal aqui da India achámos
No povo, com nós outros quasi mudo.
Ora vê, Rei, quamanha terra andámos,
Sem sahir nunca deste povo rudo,
Sem vermos nunca nova, nem sinal
Da desejada parte Oriental.
- 70 Ora imagina agora, quão coitados
Andariamos todos, quão perdidos,
De fomes, de tormentas quebrantados
Por climas e por mares não sabidos:

E do esperar comprido tão cansados,
 Quanto a desesperar já compellidos,
 Por ceos não naturaes, de qualidade
 Inimiga de nossa humanidade:

- 71 Corrupto já e damnado o mantimento,
 Damnosos e máos ao fraco corpo humano,
 E alem disso nenhum contentamento,
 Que se quer da esperança fosse engano:
 Crês tu, que se este nosso ajuntamento
 De soldados não fôra Lusitano,
 Que durara elle tanto obediente
 Porventura a seu Rei e a seu regente?
- 72 Crês tu, que já não foram levantados
 Contra seu Capitão, se os resistira,
 Fazendo-se piratas, obrigados
 De desesperação, de fome, de ira?
 Grandemente por certo estão provados,
 Pois que nenhum trabalho grande os tira
 Daquella Portugueza alta excellencia
 De lealdade firme e obediencia.
- 73 Deixando o porto em fim do doce rio,
 E tornando a cortar a agua salgada,
 Fizemos desta costa algum desvio,
 Deitando para o pégo toda a armada;
 Porque, ventando Noto manso e frio,
 Não nos apanhasse a agua da enseada,
 Que a costa faz ali daquella banda,
 Donde a rica Sofala o ouro manda.
- 74 Esta passada, logo o leve leme
 Encommendado ao sacro Nicolao,
 Para onde o mar na costa brada e geme,
 A proa inclina d'huma, e d'outra nao:
 Quando indo o coração que espera e teme,
 E que tanto fiou d'hum fraco pao,
 Do que esperava já desesperado,
 Foi d'huma novidade alvoroçado.
- 75 E foi, que estando já da costa perto,
 Onde as praias, e valles bem se viam,
 N'hum rio, que ali sahe ao mar aberto,
 Bateis á vela entravam e sahiam.
 Alegria mui grande foi por certo
 Achamos já pessoas, que sabiam
 Navegar; porque entr'ellas esperámos
 De achar novas algumas, como achámos.

- 76 Ethiopes são todos, mas parece,
Que com gente melhor communicavam:
Palavra alguma Arabia se conhece
Entre a linguagem sua, que fallavam:
E com panno delgado, que se tece
De algodão, as cabeças apertavam;
Com outro, que de tinta azul se tinge,
Cada hum as vergonhosas partes cinge.
- 77 Pela Arabica lingua, que mal fallam,
E que Fernão Martins mui bem entende,
Dizem, que por naos, que em grandeza igualam
As nossas, o seu mar se corta e fende:
Mas que lá donde sahe o Sol, se abalam
Para onde a costa ao Sul se alarga e estende,
E do Sul para o Sol; terra onde havia
Gente assi como nós da côr do dia.
- 78 Mui grandemente aqui nos alegrámos
Co'a gente, e com as novas muito mais:
Pelos sinaes, que neste rio achámos,
O nome lhe ficou dos Bons-Sinais:
Hum padrão nesta terra alevantámos;
Que para assinalar lugares tais
Trazia alguns; o nome tem do bello
Guiador de Tobias a Gabello.
- 79 Aqui de limos, cascas e d'ostrinhos,
Nojosa criação das aguas fundas,
Alimpámos as naos, que dos caminhos
Longos do mar vem sordidas e immundas.
Dos hospedes, que tinhamos vizinhos,
Com mostras apraziveis e jucundas,
Houvemos sempre o usado mantimento,
Limpos de todo o falso pensamento.
- 80 Mas não foi da esperança grande e immensa,
Que nesta terra havemos, limpa e pura
A alegria; mas logo a recompensa
A Rhamnusia com nova desventura.
Assi no Ceo sereno se dispensa:
Com esta condição pesada e dura
Nascemos: o pezar terá firmeza,
Mas o bem logo muda a natureza.
- 81 E foi, que de doença crua e feia
A mais, que eu nunca vi, desampararam
Muitos a vida, e em terra estranha e alheia
Os ossos para sempre sepultaram.

- Quem haverá que sem o ver o creia?
 Que tão disformemente ali lhe incharam
 As gengivas na bôca, que crescia
 A carne, e juntamente apodrecia:
- 82 Apodrecia c'hum fetido e bruto
 Cheiro, que o ar vizinho inficionava:
 Não tínhamos ali medico astuto,
 Cirurgião subtil menos se achava:
 Mas qualquer neste officio pouco instructo
 Pela carne já podre assi cortava,
 Como se fôra morta; e bem convinha,
 Pois que morto ficava quem a tinha.
- 83 Em fim que nesta incognita espessura
 Deixámos para sempre os companheiros,
 Que em tal caminho, e em tanta desventura
 Foram sempre commosco aventureiros.
 Quão facil he ao corpo a sepultura!
 Quaesquer ondas do mar, quaesquer outeiros
 Estranhos, assi mesmo como aos nossos,
 Receberam de todo o illustre os ossos.
- 84 Assi que deste porto nos partimos
 Com maior esperanza e môr tristeza,
 E pela costa abaixo o mar abrimos,
 Buscando algum sinal de mais firmeza;
 Na dura Moçambique, em fim, surgimos,
 De cuja falsidade e má vileza,
 Já serás sabedor, e dos enganos
 Dos povos de Mombaça pouco humanos.
- 85 Até que aqui no teu seguro porto,
 Cuja brandura e doce tratamento
 Dará saude a hum vivo, e vida a hum morto,
 Nos trouxe a piedade do alto assento:
 Aqui repouso, aqui doce conforto,
 Nova quietação do pensamento
 Nos dêste: e vês aqui, se attento ouviste,
 Te contei tudo quanto me pediste.
- 86 Julgas agora, Rei, que houve no mundo
 Gentes, que taes caminhos commettessem?
 Crês tu, que tanto Eneas, e o facundo
 Ulysses, pelo mundo se estendessem?
 Ousou algum a ver do mar profundo,
 Por mais versos que delle se escrevessem,
 Do que eu vi, a poder d'esforço e de arte,
 E do que inda hei de ver, a oitava parte?

- 87 Esse que bebeu tanto da agua Aonia,
Sobre quem tem contenda peregrina,
Entre si, Rhodes, Smyrna e Colophonia,
Athenas, Ios, Argo e Salamina:
Ess'outro, que esclarece toda Ausonia,
A cuja voz altisona e divina,
Ouvindo o patrio Mincio se adormece,
Mas o Tybre co'o som se ensoberbece:
- 88 Cantem, louvem, e escrevam sempre extremos
Desses seus semideoses, e encareçam,
Fingindo magas, Circes, Polyphemos,
Sirenas que co'o canto os adormeçam:
Dem-lhe mais navegar á vela e remos
Os Cicones e a terra, onde se esqueçam
Os companheiros, em gostando o loto;
Dem-lhe perder nas aguas o piloto:
- 89 Ventos soltos lhe finjam e imaginem
Dos odres, e Calypsos namoradas,
Harpyas, que o manjar lhe contaminem,
Descer ás sombras nuas já passadas:
Que por muito, e por muito que se affinem
Nestas fabulas vâas, tão bem sonhadas,
A verdade, que eu conto nua e pura,
Vence toda grandiloqua escriptura.
- 90 Da bôca do facundo Capitão
Pendendo estavam todos embebidos,
Quando deo fim á longa narração
Dos altos feitos grandes e subidos.
Louva o Rei o sublime coração
Dos Reis em tantas guerras conhecidos:
Da gente louva a antiga fortaleza,
A lealdade d'animo e nobreza.
- 91 Vai recontando o povo, que se admira,
O caso cada qual, que mais notou:
Nenhum delles da gente os olhos tira,
Que tão longos caminhos rodeou.
Mas já o mancebo Délío as redeas vira,
Que o irmão de Lampécia mal guiou,
Por vir a descancar nos Thetios braços;
E el Rei se vai do mar aos nobres paços.
- 92 Quão doce he o louvor, e a justa gloria
Dos proprios feitos, quando são soados!
Qualquer nobre trabalha, que em memoria
Vença, ou iguale os grandes já passados.

- As invejas da illustre e alheia historia
Fazem mil vezes feitos sublimados.
Quem valerosas obras exercita,
Louvor alheio muito o esperta e incita..
- 93 Não tinha em tanto os feitos gloriosos
De Achilles Alexandro na peleja,
Quanto de quem o canta, os numerosos:
Versos: isso só louva, isso deseja.
Os tropheos de Milciades famosos,
Themistocles despertam só de inveja;
E diz, que nada tanto o deleitava,
Como a voz, que seus feitos celebrava.
- 94 Trabalha por mostrar Vasco da Gama,
Que essas navegações, que o mundo canta,.
Não merecem tamanha gloria e fama,
Como a sua, que o Ceo e a terra espanta.
Si; mas aquelle Heroe, que estima e ama
Com dões, mercês, favores e honra tanta.
A lyra Mantuana, faz que soe
Eneas, e a Romana gloria voe.
- 95 Dá a terra Lusitana Scipiões,
Cesares, Alexandros e dá Augustos;
Mas não lhe dá comtudo aquelles dões,
Cuja falta os faz duros e robustos:
Octavio, entre as maiores oppressões,
Compunha versos doutos e venustos.
Não dirá Fulvia, certo, que he mentira,.
Quando a deixava Antonio por Glaphyra..
- 96 Vai Cesar subjugando toda França,
E as armas não lhe impedem a sciencia;
Mas n'huma mão a penna e n'outra a lança,.
Igualava de Cicero a eloquencia:
O que de Scipião se sabe e alcança,
He nas comedias grande experiencia:
Lia Alexandro a Homero de maneira,
Que sempre se lhe sabe á cabeceira.
- 97 Em fim não houve forte capitão,
Que não fosse tambem douto e sciente,
Da Lacia, Grega, ou barbara nação,
Senão da Portugueza tamsómente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
D'algum não ser por versos excellente,
He não se ver prezado o verso e rima,
Porque quem não sabe a arte, não na estima..

- 98 Por isso, e não por falta de natura,
 Não ha tambem Virgílios, nem Homeros;
 Nem haverá, se este costume dura,
 Pios Eneas, nem Achilles ferros:
 Mas o peor de tudo he, que a ventura
 Tão asperos os fez, e tão austeros,
 Tão rudos e de engenho tão remisso,
 Que a muitos lhe dá pouco ou nada disso.
- 99 Às Musas agradeça o nosso Gama
 O muito amor da patria, que as obriga
 A dar aos seus na lyra nome e fama
 De toda a illustre e bellica fadiga:
 Que elle, nem quem na estirpe seu se chama,
 Calliope não tem por tão amiga,
 Nem as filhas do Tejo, que deixassem
 As tellas d'ouro fino, e que o cantassem:
- 100 Porque o amor fraterno e puro gosto
 De dar a todo o Lusitano feito
 Seu louvor, he somente o presupposto
 Das Tagides gentis, e seu respeito:
 Porém não deixe em fim de ter disposto
 Ninguem a grandes obras sempre o peito;
 Que por esta, ou por outra qualquer via,
 Não perderá seu preço e sua valia.

CANTO SEXTO.

- Não sabia em que modo festejasse
 O Rei pagão os fortes navegantes,
 Para que as amizades alcançasse
 Do Rei Christão, das gentes tão possantes:
 Peza-lhe, que tão longe o aposentasse
 Das Europeas terras abundantes
 A ventura, que não no fez vizinho
 Donde Hercules ao mar abriu o caminho.
- 2 Com jogos, danças e outras alegrias,
 A segundo a policia Melindana,
 Com usadas e ledas pescarias,
 Com que a Lageia Antonio alegre e engana.

- Este famoso Rei todos os dias,
Festeja a companhia Lusitana,
Com banquetes, manjares desusados,
Com fructas, aves, carnes e pescados:
- 3 Mas vendo o Capitão, que se detinha
Já mais do que devia, e o fresco vento
O convida, que parta, e tome asinha
Os pilotos da terra e mantimento,
Não se quer mais deter, que ainda tinha
Muito para cortar do salso argento:
Já do Pagão benigno se despede,
Que a todos amizade longa pede.
- 4 Pede-lhe mais, que aquelle porto seja
Sempre com suas frotas visitado;
Que nenhum outro bem maior deseja,
Que dar a taes Barões seu reino e estado:
E que em quanto seu corpo o esp'rito reja,
Estará de contino aparelhado
A pôr a vida e reino totalmente,
Por tão bom Rei, por tão sublime gente.
- 5 Outras palavras taes lhe respondia
O Capitão, e logo as velas dando,
Para as terras da Aurora se partia,
Que tanto tempo ha já que vai buscando
No piloto que leva não havia
Falsidade, mas antes vai mostrando
A navegação certa, e assi caminha
Já mais seguro do que d'antes vinha.
- 6 As ondas navegavam do Oriente
Já nos mares da India, e enxergavam
Os thalamos do Sol, que nasce ardente;
Já quasi seus desejos se acabavam.
Mas o mau de Thyoneo, que na alma sente
As venturas, que então se aparelhavam
Á gente Lusitana, dellas dina,
Arde, morre, blasphema e desatina.
- 7 Via estar todo o Ceo determinado
De fazer de Lisboa nova Roma:
Não no pôde estorvar, que destinado
Está d'outro poder, que tudo doma.
Do Olympo desce em fim desesperado,
Novo remedio em terra busca e toma;
Entra no humido reino, e vai-se á corte
Daquelle a quem o mar cahio em sorte.

- 8 No mais interno fundo das profundas
Cavernas altas, onde o mar se esconde,
Lá donde as ondas sabem furibundas,
Quando ás iras do vento o mar responde,
Neptuno mora, e moram as jucundas
Nereidas, e outros deoses do mar, onde
As aguas campo deixam ás cidades,
Que habitam estas humidas deidades.
- 9 Descobre o fundo nunca descoberto
As arêas ali de prata fina;
Torres altas se vêm no campo aberto
Da transparente massa crystallina:
Quanto se chegam mais os olhos perto,
Tanto menos a vista determina
Se he crystal o que vê, se diamante,
Que assi se mostra claro e radiante.
- 10 As portas d'ouro fino, e marchetadas
Do rico aljofar, que nas conchas nace,
De esculptura formosa estão lavradas,
Na qual do irado Baccho a vista paze:
E vê primeiro em cores variadas
Do velho cahos a tão confusa face:
Vem-se os quatro elementos trasladados,
Em diversos officios occupados.
- 11 Ali sublime o Fogo estava em cima,
Que em nenhuma materia se sustinha;
Daqui as cousas vivas sempre anima,
Despois que Prometheo furtado o tinha.
Logo após elle leve se sublima
O invisibil Ar, que mais asinha
Tomou logar, e nem por quente, ou frio,
Algum deixa no mundo estar vasio.
- 12 Estava a Terra em montes revestida
De verdes hervas e arvores floridas,
Dando pasto diverso, e dando vida
Ás alimarias nella produzidas.
A clara forma ali estava esculpida
Das Aguas entre a terra desparzidas,
De pescados criando varios modos,
Com seu humor mantendo os corpos todos.
- 13 N'outra parte esculpida estava a guerra,
Que tiveram os deoses co'os gigantes;
Está Typheo debaixo da alta serra
De Ethna, que as flammas lança crepitantes:

Esculpido se vê ferindo a terra
 Neptuno, quando as gentes ignorantes,
 Delle o cavallo houveram, e a primeira
 De Minerva pacifica oliveira.

- 14 Pouca tardança faz Lyeo irado
 Na vista destas cousas; mas entrando
 Nos paços de Neptuno, que avisado
 Da vinda sua, o estava já aguardando,
 Às portas o recebe, acompanhado
 Das nymphas, que se estão maravilhando
 De ver, que commettendo tal caminho,
 Entre no reino d'agua o rei do vinho.
- 15 Ó Neptuno, lhe disse, não te espantes
 De Baccho nos teus reinos receberes;
 Porque tambem co'os grandes e possantes
 Mostra a fortuna injusta seus poderes:
 Manda chamar os deoses do mar, antes
 Que falle mais, se ouvir-me o mais quizeres;
 Verão da desventura grandes modos:
 Ouçam todos o mal, que toca a todos.
- 16 Julgando já Neptuno, que seria
 Estranho caso aquelle, logo manda
 Tritão, que chame os deoses da agua fria,
 Que o mar habitam d'huma e d'outra banda:
 Tritão, que de ser filho se gloria
 Do Rei e de Salacia veneranda,
 Era mancebo grande, negro e feio,
 Trombeta de seu pai e seu correio.
- 17 Os cabellos da barba, e os que decem
 Da cabeça nos hombros, todos eram
 Huns limos preuheres d'agua, e bem parecem,
 Que nunca brando pentem conheceram:
 Nas pontas pendurados não fallecem
 Os negros misilhões, que ali se geram:
 Na cabeça por gorra tinha posta
 Huma mui grande casca de lagosta.
- 18 O corpo nu e os membros genitais,
 Por não ter ao nadar impedimento,
 Mas porém de pequenos animais
 Do mar, todos cobertos cento e cento:
 Camarões e cangrejos e outros mais
 Que recebem de Phebe crescimento;
 Ostras, e briguigões do musgo sujos,
 Às costas com a casca os caramujos.

- 19 Na mão a grande concha retorcida,
 Que trazia, com força já tocava;
 A voz grande canora foi ouvida
 Por todo o mar, que longe retumbava.
 Já toda a companhia apercebida
 Dos deoses para os paços caminhava
 Do deos, que fez os muros de Dardania,
 Destruídos despois da Grega insania.
- 20 Vinha o padre Oceano acompanhado
 Dos filhos e das filhas, que gerara;
 Vem Nereo, que com Doris foi casado,
 Que todo o mar de nymphas povoara:
 O propheta Protéo, deixando o gado
 Maritimo pascer pela agua amara,
 Ali veio tambem; mas já sabia
 O que o padre Lyeo no mar queria.
- 21 Vinha por outra parte a linda esposa
 De Neptuno, de Cælo e Vesta filha,
 Grave e leda no gesto, e tão formosa,
 Que se amansava o mar de maravilha:
 Vestida huma camisa preciosa
 Trazia de delgada beatilha,
 Que o corpo crystallino deixa ver-se;
 Que tanto bem não he para esconder-se.
- 22 Amphitrite, formosa como as flores,
 Neste caso não quiz que fallecesse;
 O Delphim traz comsigo, que aos amores
 Do Rei lhe aconselhou que obedecesse;
 Co'os olhos, que de tudo são senhores,
 Qualquer parecerá que o Sol vencesse:
 Ambas vem pela mão, igual partido;
 Pois ambas são esposas d'hum marido.
- 23 Aquella, que das furias de Athamante
 Fugindo, veio a ter divino estado,
 Comsigo traz o filho, bello infante,
 No numero dos deoses relatado:
 Pela praia brincando vem diante
 Com as lindas conchinhas, que o salgado
 Mar sempre cria; e ás vezes pela arêa
 No collo o toma a bella Panopêa.
- 24 E o deos, que foi n'hum tempo corpo humano,
 E por virtude da herva poderosa
 Foi convertido em peixe, e deste dano
 Lhe resultou deidade gloriosa,

- Inda vinha chorando o fêo engano,
 Que Circe tinha usado co'a formosa
 Scylla, que elle ama, desta sendo amado;
 Que a mais obriga amor mal empregado.
- 25 Já finalmente todos assentados
 Na grande sala, nobre e divinal,
 As deosas em riquissimos estrados,
 Os deoses em cadeiras de crystal;
 Foram todos do Padre agasalhados,
 Que co'o Thebano tinha assento igual:
 De fumos enche a casa a rica massa
 Que no mar nasce, e Arabia em cheiro passa.
- 26 Estando socegado já o tumulto
 Dos deoses, e de seus recebimentos,
 Começa a descobrir do peito occulto
 A causa o Thyoneo de seus tormentos:
 Hum pouco carregando-se no vulto,
 Dando mostra de grandes sentimentos,
 Só por dar aos de Luso triste morte
 Co'o ferro alheio, falla desta sorte:
- 27 Principe, que de juro senhoreas
 D'hum polo ao outro polo o mar irado;
 Tu, que as gentes da terra toda enfreas,
 Que não passem o termo limitado;
 E tu, padre Oceano, que rodeas
 O mundo universal, e o tens cercado,
 E com justo decreto assi permittes,
 Que dentro vivam só de seus limites:
- 28 E vós, deoses de mar, que não soffreis
 Injuria alguma em vosso reino grande,
 Que com castigo igual vos não vingueis
 De quem quer que por elle corra e ande:
 Que descuido foi este em que viveis?
 Quem póde ser, que tanto vos abrande
 Os peitos, com razão endurecidos
 Contra os humanos fracos e atrevidos?
- 29 Vistes, que com grandissima ousadia
 Foram já commetter o ceo supremo;
 Vistes aquella insana phantasia
 De tentarem o mar com vela e remo;
 Vistes, e ainda vemos cada dia
 Soberbas e insolencias taes, que temo
 Que do mar e do ceo em poucos annos
 Venham deoses a ser, e nós humanos.

- 30 Vedes agora a fraca geração,
Que d'hum vassallo meu o nome toma,
Com soberbo e altivo coração,
A vós, a mi, e o mundo todo doma:
Vedes, o vosso mar cortando vão,
Mais do que fez a gente alta de Roma:
Vedes, o vosso reino devassando,
Os vossos estatutos vão quebrando.
- 31 Eu vi, que contra os Minyas, que primeiro
No vosso reino este caminho abriram,
Boreas injuriado, e o companheiro
Aquilo, e os outros todos resistiram:
Pois se do ajuntamento aventureiro
Os ventos esta injuria assi sentiram,
Vós, a quem mais compete esta vingança,
Que esperais? porque a pondes em tardança?
- 32 E não consinto, deoses, que cuideis,
Que por amor de vós do Ceo desci,
Nem da magoa, da injuria, que soffreis,
Mas da que se me faz tambem a mi;
Que aquellas grandes honras, que sabeis,
Que no mundo ganhei, quando venci
As terras Indianas do Oriente,
Todas vejo abatidas desta gente:
- 33 Que o grão Senhor, e fados, que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Famas môres que nunca determinam
De dar a estes Barões no mar profundo:
Aqui vereis, ó deoses, como ensinam
O mal tambem a deoses; que, a segundo
Se vê, ninguem já tem menos valia,
Que quem com mais razão valer devia.
- 34 E por isso do Olympo já fugi,
Buscando algum remedio a meus pezares,
Por ver o preço, que no Ceo perdi,
Se por dita acharei nos vossos mares.
Mais quiz dizer, e não passou d'aqui,
Porque as lagrimas já correndo a pares
Lhe saltaram dos olhos, com que logo
Se accendem as deidades d'agua em fogo.
- 35 A ira, com que subito alterado
O coração dos deoses foi n'hum ponto,
Não soffreo mais conselho bem cuidado,
Nem dilação, nem outro algum desconto.

Ao grande Eolo mandam já recado
Da parte de Neptuno, que sem conto
Solte as furias dos ventos repugnantes;
Que não haja no mar mais navegantes.

- 36 Bem quizera primeiro ali Proteo
Dizer neste negocio o que sentia;
E segundo o que a todos pareceo,
Era alguma profunda prophecia:
Porém tanto o tumulto se moveo
Subito na divina companhia,
Que Tethys indignada lhe bradou:
«Neptuno sabe bem o que mandou.»
- 37 Já lá o soberbo Hyppótades soltava
Do carcere fechado os furiosos
Ventos, que com palavras animava
Contra os Barões audaces e animosos.
Subito o ceo sereno se obumbrava,
Que os ventos, mais que nunca impetuosos
Começam novas forças a ir tomando,
Torres, montes e casas derribando.
- 38 Em quanto este conselho se fazia
No fundo aquoso, a leda lassa frota
Com vento socegado proseguia
Pelo tranquillo mar a longa rota.
Era no tempo quando a luz do dia
Do Eoo hemispherio está remota:
Os do quarto da prima se deitavam,
Para o segundo os outros despertavam.
- 39 Vencidos vem do somno, e mal despertos
Bocejando a miude se encostavam
Pelas antenas, todos mal cobertos
Contra os agudos ares, que assopravam;
Os olhos contra seu querer abertos,
Mas esfregando, os membros estiravam:
Remedios contra o somno buscar querem,
Historias contam, casos mil referem.
- 40 Com que melhor podemos, hum dizia,
Este tempo passar, que he tão pezado,
Senão com algum conto de alegria,
Com que nos deixe o somno carregado?
Responde Leonardo, que trazia
Pensamentos de firme namorado:
Que contos poderemos ter melhores
Para passar o tempo, que de amores?

- 41 Não he, disse Velloso, cousa justa
 Tratar branduras em tanta aspereza;
 Que o trabalho do mar, que tanto custa,
 Não soffre amores, nem delicadeza:
 Antes de guerra fervida e robusta,
 A nossa historia seja; pois dureza
 Nossa vidá ha de ser, segundo entendo,
 Que o trabalho por vir mo está dizendo.
- 42 Consentem nisto todos, e encommendam
 A Velloso, que conte isto que approva.
 Contarei, disse, sem que me reprimam
 De contar cousa fabulosa, ou nova;
 E porque os que me ouvirem d'aqui aprendam
 A fazer feitos grandes de alta prova,
 Dos nascidos direi na nossa terra,
 E estes sejam os doze de Inglaterra.
- 43 No tempo que do reino a redea leve
 João, filho de Pedro, moderava;
 Depois que socegado e livre o teve
 Do vizinho poder, que o molestava;
 Lá na grande Inglaterra, que da neve
 Boreal sempre abunda, semeava
 A fera Erinny's dura e má cizania,
 Que lustre fosse á nossa Lusitania.
- 44 Entre as damas gentis da côrte Ingleza,
 E nobres cortezãos, acaso hum dia
 Se levantou Discórdia em ira acceza;
 Ou foi opinião, ou foi porfia.
 Os cortezãos, a quem tão pouco peza
 Soltar palavras graves de ousadia,
 Dizem que provarão, que honras e fomas
 Em taes damas não ha para ser damas.
- 45 E que se houver alguém com lança e espada,
 Que queira sustentar a parte sua,
 Que elles em campo raso ou estacada,
 Lhe darão fea infamia ou morte crua.
 A feminil fraqueza, pouco usada,
 Ou nunca a opprobrios taes, vendo-se nua
 De forças naturaes convenientes,
 Soccorro pede a amigos e parentes.
- 46 Mas, como fossem grandes e possantes
 No reino os inimigos, não se atrevem
 Nem parentes, nem fervidos amantes,
 A sustentar as damas, como devem.

Com lagrimas formosas, e bastantes
 A fazêr, que em soccorro os deoses levem
 De todo o Ceo, por rostos de alabastro,
 Se vão todas ao Duque de Alencastro.

- 47 Era este Inglez potente, e militara
 Co'os Portuguezes já contra Castella,
 Onde as forças magnanimas provara
 Dos companheiros, e benigna estrella:
 Não menos nesta terra exp'rimentara
 Namorados affeitos, quando nella
 A filha vio, que tanto o peito doma
 Do forte Rei, que por mulher a toma.
- 48 Este, que soccorrer-lhe não queria,
 Por não causar discordias intestinas,
 Lhe diz: Quando o direito pretendia
 Do reino lá das terras Iberinas,
 Nos Lusitanos vi tanta ousadia,
 Tanto primor, e partes tão divinas,
 Que elles sós poderiam, se não erro,
 Sustentar vossa parte a fogo e ferro.
- 49 E se, aggravadas damas, sois servidas,
 Por vós lhe mandarei embaixadores,
 Que por cartas discretas e polidas,
 De vosso agravo os façam sabedores:
 Tambem por vossa parte encarecidas
 Com palavras de affagos e de amores
 Lhe sejam vossas lrimasf, que eu creio,
 Que ali tereis soccro e orte esteio.
- 50 Desta arte as aconselha o Duque experto,
 E logo lhe nomea doze fortes:
 E porque cada dama hum tenha certo,
 Lhe manda, que sobre elles lancem sortes;
 Que ellas só doze são: e descoberto
 Qual a qual tem cahido das consortes,
 Cada huma escreve ao seu por varios modos,
 E todas a seu Rei, e o Duque a todos.
- 51 Já chega a Portugal o mensageiro;
 Toda a corte alvoroça a novidade:
 Quizera o Rei sublime ser primeiro,
 Mas não lho soffre a regia magestade.
 Qualquer dos cortezãos aventureiro
 Deseja ser com fervida vontade;
 E só fica por bemaventurado
 Quem já vem pelo Duque nomeado.

- 52 Lá na leal cidade, donde teve
 Origem (como he fama) o nome eterno
 De Portugal, armar madeiro leve
 Manda o que tem o leme do governo.
 Apercebem-se os doze em tempo breve
 D'armas e roupas de uso mais moderno,
 De elmos, cimeiras, letras e primores,
 Cavallos e concertos de mil cores.
- 53 Já do seu Rei tomado tem licença
 Para partir do Douro celebrado,
 Aquelles, que escolhidos por sentença
 Foram do Duque Inglez exp'rimetado.
 Não ha na companhia differença
 De cavalleiro destro, ou esforçado;
 Mas hum só, que Magriço se dizia,
 Desta arte falla á forte companhia:
- 54 Fortissimos consocios, eu desejo
 Ha muito já de andar terras estranhas,
 Por ver mais aguas, que as do Douro e Tejo,
 Varias gentes e leis, e varias manhas:
 Agora, que apparelho certo vejo,
 (Pois que do mundo as cousas são tamanhas)
 Quero, se me deixais, ir só por terra,
 Porque eu serei comvosco em Inglaterra.
- 55 E quando caso for, que eu, impedido
 Por quem das cousas he ultima linha,
 Não for comvosco ao praso instituido,
 Pouca falta vos faz a falta minha.
 Todos por mi fareis o que he devido;
 Mas se a verdade o esp'rito me adivinha,
 Rios, montes, fortuna, ou sua inveja,
 Não farão, que eu comvosco lá não seja.
- 56 Assi diz: e abraçados os amigos,
 E tomada licença, em fim se parte:
 Passa Leão, Castella, vendo antigos
 Lugares, que ganhara o patrio Marte:
 Navarra, co'os altissimos perigos
 Do Pyreneo, que Hespanha e Gallia parte:
 Vistas em fim de França as cousas grandes,
 No grande emporio foi parar de Frandes.
- 57 Ali chegado, ou fosse caso, ou manha,
 Sem passar se deteve muitos dias;
 Mas dos onze a illustrissima companhia,
 Cortam do mar do Norte as ondas frias.

Chegados de Inglaterra á costa estranha,
 Para Londres já fazem todos vias:
 Do Duque são com festa agasalhados,
 E das damas servidos e animados.

- 58 Chega-se o praso e dia assignalado,
 De entrar em campo já co'os doze Inglezes,
 Que pelo Rei já tinham segurado:
 Armam-se d'elmos, grevas e de arnezes:
 Já as damas tem por si fulgente e armado,
 O Mavorte feroz dos Portuguezes:
 Vestem-se ellas de cores e de sedas,
 De ouro, e de joias mil, ricas e ledas.
- 59 Mas aquella, a quem fôra em sorte dado
 Magriço, que não vinha, com tristeza
 Se veste, por não ter quem nomeado
 Seja seu cavalleiro nesta empreza:
 Bem que os onze apregoam, que acabado
 Será o negocio assi na côrte Ingleza,
 Que as damas vencedoras se conheçam,
 Postoque dous e tres dos seus falleçam.
- 60 Já n'hum sublime e publico theatro
 Se assenta o Rei Inglez com toda a côrte:
 Estavam tres e tres, e quatro e quatro,
 Bem como a cada qual coubera em sorte.
 Não são vistos do Sol, do Tejo ao Bactro,
 De força, esforço e d'animo mais forte,
 Outros doze sahir como os Inglezes
 No campo contra os onze Portuguezes.
- 61 Mastigam os cavallos, escumando,
 Os aureos freos com feroz sembrante:
 Estava o Sol nas armas rutilando
 Como em crystal, ou rigido diamante:
 Mas enxerga-se n'hum e n'outro bando
 Partido desigual e dissonante,
 Dos onze contra os doze: quando a gente
 Começa a alvoroçar-se geralmente.
- 62 Viram todos o rosto aonde havia
 A causa principal do reboliço:
 Eis entra hum cavalleiro, que trazia
 Armas, cavallo, ao bellico serviço:
 Ao Rei e ás damas falla, e logo se hia
 Para os onze, que este era o grão Magriço:
 Abraça os companheiros como amigos,
 A quem não falta certo nos perigos.

- 63 A dama, como ouvio que este era aquelle
Que vinha a defender seu nome e fama,
Se alegre, e veste ali do animal de Helle,
Que a gente bruta mais que virtude ama.
Já dão signal, e o som da tuba impelle
Os bellicosos animos, que inflamma:
Picam d'esporas, largam redeas logo,
Abaixam lanças, fere a terra fogo.
- 64 Dos cavallos o estrepito parece,
Que faz que o chão debaixo todo treme:
O coração no peito, que estremece
De quem os olha, se alvoroça e teme:
Qual do cavallo voa, que não dece;
Qual co'o cavallo em terra dando, geme;
Qual vermelhas as armas faz de brancas;
Qual co'os pennachos do elmo açouta as ancas.
- 65 Algum d'ali tomou perpetuo sono,
E fez da vida ao fim breve intervalo:
Correndo algum cavallo vai sem dono,
E n'outra parte o dono sem cavallo:
Cabe a soberba ingleza do seu throno,
Que dous, ou tres já fóra vão do vallo:
Os que de espada vem fazer batalha,
Mais acham já que arnez, escudo e malha.
- 66 Gastar palavras em contar extremos
De golpes feros, cruas estocadas,
He desses gastadores, que sabemos,
Mãos do tempo com fabulas sonhadas:
Basta por fim do caso, que entendemos,
Que com finezas altas e afamadas,
Co'os nossos fica a palma da victoria,
E as damas vencedoras e com gloria.
- 67 Recolhe o Duque os doze vencedores
Nos seus paços, com festas e alegria:
Cozinheiros occupa, e caçadores,
Das damas a formosa companhia;
Que querem dar aos seus libertadores
Banquetes mil, cada hora e cada dia,
Em quanto se detem em Inglaterra,
Até tornar á doce e chara terra.
- 68 Mas dizem, que comtudo o grão Magriço,
Desejoso de ver as cousas grandes,
Lá se deixou ficar, onde hum serviço
Notavel á Condessa fez de Frandes;

E como quem não era já noviço
 Em todo trance, onde tu Marte mandes,
 Hum Francez mata em campo, que o destino
 Lá teve de Torquato e de Corvino.

Outro tambem dos doze em Alemanha
 Se lança, e teve hum fero desafio
 C'hum Germano enganoso, que com manha
 Não devida o quiz pôr no extremo fio.
 Contando assi Velloso, já a companhia
 Lhe pede, que não faça tal desvio
 Do caso de Magriço, e vencimento,
 Nem deixe o de Allemanha em esquecimento.

- 70 Mas neste passo assi promptos estando,
 Eis o mestre, que olhando os ares anda,
 O apito toca; acordam despertando
 Os marinheiros d'huma e d'outra banda:
 E porque o vento vinha refrescando,
 Os traquetes das gaveas tomar manda:
 Áperta, disse, estai, que o vento crece
 Daquella nuvem negra, que apparece.
- 71 Não eram os traquetes bem tomados,
 Quando dá a grande e subita procella:
 Amaina, disse o mestre a grandes brados,
 Amaina, disse, amaina a grande vela.
 Não esperam os ventos indignados,
 Que amainassem; mas juntos dando nella,
 Em pedaços a fazem c'hum ruido,
 Que o mundo pareceu ser destruido.
- 72 O Ceo fere com gritos nisto a gente,
 Com subito temor e desaccordo,
 Que no romper da vela a nao pendente
 Toma grão somma d'agua pelo bordo.
 Alija, disse o mestre rijamente,
 Alija tudo ao mar, não falte accordo;
 Vão outros dar á bomba, não cessando:
 Á bomba, que nos imos alagando.
- 73 Correm logo os soldados animosos
 A dar á bomba, e tanto que chegaram,
 Os balanços, que os mares temerosos
 Deram á nao, n'hum bordo os derribaram:
 Tres marinheiros duros e forçosos,
 A manear o leme não bastaram;
 Talhas lhe punham d'huma e d'outra parte,
 Sê aproveitar dos homens força e arte.

- 74 Os ventos eram taes, que não poderam
Mostrar mais força d'impeto cruel,
Se para derribar então vieram
A fortissima torre de Babel:
Nos altissimos mares, que cresceram,
A pequena grandura d'hum batel
Mostra a possante nao, que move espanto,
Vendo que se sustém nas ondas tanto.
- 75 A nao grande em que vai Paulo da Gama
Quebrado leva o mastro pelo meio,
Quasi toda alagada: a gente chama
Aquelle que a salvar o mundo veio.
Não menos gritos vão ao ar derrama
Toda a nao de Coelho com receio,
Com quanto teve o mestre tanto tento,
Que primeiro amainou, que desse o vento.
- 76 Agora sobre as nuvens os subiam
As ondas de Neptuno furibundo:
Agora a ver parece, que desciam
As intimas entranhas do profundo.
Noto, Austro, Boreas, Aquilo queriam
Arruinar a machina do mundo:
A noite negra e fea se alumia
Co'os raios em que o polo todo ardia.
- 77 As Halcyoneas aves triste canto
Junto da costa brava levantaram,
Lembrando-se de seu passado pranto,
Que as furiosas aguas lhe causaram.
Os delphins namorados entretanto
Lá nas covas maritimas entraram,
Fugindo a tempestade e ventos duros,
Que nem no fundo os deixa estar seguros.
- 78 Nunca tão vivos raios fabricou
Contra a fera soberba dos gigantes
O grão ferreiro sordido, que obrou
Do enteado as armas radiantes:
Nem tanto o grão Tonante arremessou
Relampagos ao mundo fulminantes
No grão diluvio, donde sós viveram
Os dous, que em gente as pedras converteram.
- 79 Quantos montes então que derribaram
As ondas que batiam denodadas!
Quantas arvores velhas arrancaram
Do vento bravo as furias indignadas!

- As forçosas raizes não cuidaram
 Que nunca para o ceo fossem viradas;
 Nem as fundas arêas que podessem
 Tanto os mares, que em cima as revolvessem.
- 80 Vendo Vasco da Gama, que tão perto
 Do fim de seu desejo se perdia;
 Vendo ora o mar até o inferno aberto,
 Ora com nova furia ao ceo subia;
 Confuso de temor, da vida incerto,
 Onde nenhum remedio lhe valia,
 Chama aquelle remedio sancto e forte,
 Que o impossibil póde, desta sorte:
- 81 Divina Guarda, angelica, celeste,
 Que os ceos, o mar e terra senhoreas;
 Tu, que a todo Israel refugio déste
 Por metade das aguas Erythreas:
 Tu, que livraste Paulo, e defendeste
 Das syrtes arenosas e ondas feas,
 E guardaste co'os filhos o segundo
 Povoador do alagado e vacuo mundo:
- 82 Se tenho novos medos perigosos
 D'outra Scylla e Charybdis já passados,
 Outras syrtes e baixos arenosos,
 Outros Acroceraunios infamados;
 No fim de tantos casos trabalhosos
 Porque somos de ti desamparados,
 Se este nosso trabalho não te offende,
 Mas antes teu serviço só pretende?
- 83 Oh ditosos aquelles, que poderam
 Entre as agudas lanças Africanas
 Morrer, em quanto fortes sustiveram
 A sancta Fé nas terras Mauritanas!
 De quem feitos illustres se souberam,
 De quem ficam memorias soberanas,
 De quem se ganha a vida com perde-la,
 Doce fazendo a morte as honras della!
- 84 Assi dizendo, os ventos, que lutavam,
 Como touros indomitos bramando,
 Mais e mais a tormenta acrescentavam,
 Pela miuda enxarcia assoviando:
 Relampagos medonhos não cessavam,
 Feros trovões, que vem representando
 Cahir o ceo dos eixos sobre a terra,
 Comsigo os elementos terem guerra.

- 85 Mas já a amorosa estrella scintillava
Diante do Sol claro no horizonte,
Mensageira do dia, e visitava
A terra, e o largo mar com leda fronte:
A deosa, que nos ceos a governava,
De quem foge o ensifero Oriente,
Tanto que o mar e a chara armada vira,
Tocada junto foi de medo e de ira.
- 86 Estas obras de Baccho são por certo,
Disse: mas não será, que ávante leve
Tão damnada tenção, que descoberto
Me será sempre o mal a que se atreve:
Isto dizendo, desce ao mar aberto,
No caminho gastando espaço breve,
Em quanto manda ás nymphas amorosas
Grinaldas nas cabeças pôr de rosas.
- 87 Grinaldas manda pôr de varias cores
Sobre cabellos louros á porfia:
Quem não dirá, que nascem roxas flores
Sobre ouro natural, que amor enfia?
Abrandar determina por amores
Dos ventos a nojosa companhia,
Mostrando-lhe as amadas nymphas bellas,
Que mais formosas vinham, que as estrellas.
- 88 Assi foi; porque tanto que chegaram
Á vista dellas, logo lhe fallecem
As forças com que d'antes pelejaram,
E já como rendidos lhe obedecem:
Os pés e mãos parece que lhe ataram
Os cabellos, que os raios escurecem.
A Boreas, que do peito mais queria,
Assi disse a bellissima Orithya:
- 89 Não creas, fero Boreas, que te creio,
Que me tiveste nunca amor constante;
Que brandura he de amor mais certo arreo,
E não convem furor a firme amante:
Se já não pões a tanta insania freio,
Não esperes de mi d'aqui em diante,
Que possa mais amar-te, mas temer-te,
Que amor contigo em medo se converte.
- 90 Assi mesmo a formosa Galatea
Dizia ao fero Noto; que bem sabe.
Que dias ha que em vê-la se recrea,
Que bem crê, que com elle tudo acabe.

Não sabe o bravo tanto bem se o crea,
 Que o coração no peito lhe não cabe:
 De contente de ver, que a dama o manda
 Pouco cuida que faz se logo abranda.

- 91 Desta maneira as outras amansavam
 Subitamente os outros amadores;
 E logo á linda Venus se entregavam,
 Amansadas as iras e os furores:
 Ella lhe prometteo, vendo que amavam,
 Sempiterno favor em seus amores,
 Nas bellas mãos tomando-lhe homenagem
 De lhe serem leaes esta viagem.
- 92 Já a manhã clara dava nos outeiros,
 Por onde o Ganges murmurando soa,
 Quando da celsa gavea os marinheiros
 Enxergaram terra alta pela prôa.
 Já fóra de tormenta, e dos primeiros
 Mares, o temor vão do peito vóa:
 Disse alegre o piloto Melindano,
 «Terra he de Calecut», se não me engano.
- 93 Esta he por certo a terra que buscais,
 Da verdadeira India, que apparece;
 E se do mundo mais não desejais,
 Vosso trabalho longo aqui fenece.
 Soffrer aqui não pôde o Gama mais
 De ledó em ver, que a terra se conhece;
 Os gíolhos no chão, as mãos ao ceo,
 A mercê grande a Deos agradeceo.
- 94 As graças a Deos dava, e razão tinha,
 Que não sómente a terra lhe mostrava,
 Que com tanto temor buscando vinha,
 Por quem tanto trabalho exp'ri mentava;
 Mas via-se livrado tão asinha
 Da morte, que no mar lhe apparelhava
 O vento duro, fervido e medonho,
 Como quem despertou de horrendo sonho.
- 95 Por meio destes horridos perigos,
 Destes trabalhos graves e temores,
 Alcançam os que são de fama amigos,
 As honras immortaes, e grãos maiores:
 Não encostados sempre nos antigos
 Troncos nobres de seus antecessores;
 Não nos leitos dourados, entre os finos
 Animais de Moscovia zebellinos:

- 96 Não co'os manjares novos e, exquisitos,
Não co'os passeios molles e ociosos,
Não co'os varios deleites e infinitos,
Que afeminam os peitos generosos;
Não co'os nunca vencidos appetitos,
Que a fortuna tem sempre tão mimosos,
Que não soffre a nenhum, que o passo mude
Para alguma obra heroica de virtude:
- 97 Mas com buscar co'o seu forçoso braço
As honras, que elle chame proprias suas,
Vigiando, e vestindo o forjado aço,
Soffrendo tempestades e ondas cruas,
Vencendo os torpes frios no regaço
Do Sul, e regiões de abrigo nuas,
Engolindo o corrupto mantimento,
Temperado c'hum arduo soffrimento:
- 98 E com forçar o rosto, que se enfia,
A parecer seguro, ledó, inteiro,
Para o pelouro ardente, que assovia,
E leva a perna ou braço ao companheiro.
Desta arte o peito hum callo honroso cria,
Desprezador das honras e dinheiro,
Das honras e dinheiro, que a ventura
Forjou, e não virtude justa e dura.
- 99 Desta arte se esclarece o entendimento,
Que experiencias fazem repousado;
E fica vendo, como de alto assento,
O baixo trato humano embarçado:
Este, onde tiver força o regimento
Direito, e não de affeitos occupado,
Subirá (como deve) a illustre mando,
Contra vontade sua, e não rogando.
-

CANTO SETIMO.

- 1 Já se viam chegados junto á terra,
Que desejada já de tantos fora,
Que entre as correntes Indicas se encerra,
E o Ganges, que no ceo terreno mora.
Ora sus, gente forte, que na guerra
Quereis levar a palma vencedora,
Já sois chegados, já tendes diante
A terra de riquezas abundante.
- 2 A vós, ó geração de Luso, digo,
Que tão pequena parte sois no mundo,
Não digo inda no mundo, mas no amigo
Curral de quem governa o ceo rotundo;
Vós, a quem não sómente algum perigo
Estorva conquistar o povo immundo,
Mas nem cobiça, ou pouca obediencia
Da Madre, que nos Ceos está em essencia:
- 3 Vós, Portuguezes poucos, quanto fortes,
Que o fraco poder vosso não pesais;
Vós, que á custa de vossas varias mortes
A Lei da vida eterna dilatais:
Assi do Ceo deitadas são as sortes,
Que vós, por muito poucos que sejais,
Muito façais na sancta Christandade:
Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!
- 4 Vede-los Alemães, soberbo gado,
Que por tão largos campos se apascenta,
Do successor de Pedro rebellado,
Novo pastor, e nova seita inventa:
Vede-lo em feas guerras occupado
(Que inda co'o cego error se não contenta!)
Não contra o superbissimo Othomano,
Mas por sahir do jugo soberano.
- 5 Vede-lo duro Inglez, que se nomea
Rei da velha e sanctissima Cidade,
Que o torpe Ismaelita senhorea,
(Quem viu honra tão longe da verdade!)

Entre as Boreaes neves se recrea,
Nova maneira faz de Christandade:
Para os de Christo tem a espada nua,
Não por tomar a terra, que era sua.

- 6 Guarda-lhe por entanto hum falso Rei
A cidade Hierosolyma terrestre,
Em quanto elle não guarda a sancta lei
Da cidade Hierosolyma celeste.
Pois de ti, Gallo indigno, que direi?
Que o nome Christianissimo quizeste,
Não para defende-lo, nem guarda-lo,
Mas para ser contra elle e derriba-lo!
- 7 Achas que tens direito em senhorios
De Christãos, sendo o teu tãs largo e tanto,
E não contra o Cinypho e Nilo, rios
Inimigos do antiguo nome santo?
Ali se hão de provar da espada os fios,
Em quem quer reprovar da Igreja o canto:
De Carlos, de Luiz, o nome e a terra
Herdaste, e as causas não da justa guerra?
- 8 Pois que direi daquelles, que em delicias,
Que o vil ocio no mundo traz comsigo,
Gastam as vidas, logram as divicias,
Esquecidos de seu valor antigo?
Nascem da tyrannia inimicicias,
Que o povo forte tem, de si inimigo:
Comtigo, Italia, fallo, já submersa
Em vicios mil, e de ti mesma adversa.
- 9 Ó miseros Christãos, pela ventura
Sois os dentes de Cadmo desparzidos,
Que huns aos outros se dão a morte dura,
Sendo todos de hum ventre produzidos?
Não vedes a divina sepultura
Possuida de cães, que sempre unidos
Vos vem tomar a vossa antigua terra,
Fazendo-se famosos pela guerra?
- 10 Vedes que tem por uso e por decreto,
Do qual são tão inteiros observantes,
Ajuntarem o exercito inquieto
Contra os povos, que são de Christo amantes:
Entre vós nunca deixa a fera Aletto
De semear cizanias repugnantes:
Olhai se estais seguros de perigos,
Que elles e vós sois vossos inimigos.

- 11 Se cobiça de grandes senhorios
Vos faz ir conquistar terras alheas,
Não vedes, que Pactolo e Hermo rios,
Ambos volvem auríferas areas?
Em Lydia, Assyria, lavram de ouro os fios;
Africa esconde em si luzentes veas:
Mova-vos já se quer riqueza tanta,
Pois mover-vos não póde a Casa santa.
- 12 Aquellas invenções feras e novas
De instrumentos mortaes da artilharia,
Já devem de fazer as duras provas
Nos muros de Byzancio e de Turquia.
Fazei que torne lá ás sylvestres covas
Dos Caspios montes e da Scythia fria
A Turca geração, que multiplica
Na policia da vossa Europa rica.
- 13 Gregos, Thraces, Armenios, Georgianos,
Bradando-vos estão, que o povo bruto
Lhe obriga os charos filhos aos profanos
Preceitos do Alcorão (duro tributo!):
Em castigar os feitos inhumanos
Vos gloriai de peito forte e astuto;
E não queirais louvores arrogantes
De serdes contra os vossos mui possantes.
- 14 Mas em tanto, que cegos e sedentos
Andais de vosso sangue, ó gente insana,
Não faltarão Christãos atrevimentos
Nesta pequena casa Lusitana:
De Africa tem maritimos assentos;
He na Asia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E se mais mundo houvera, lá chegara.
- 15 E vejamos em tanto, que acontece
Áquelles tão famosos navegantes,
Despois que a branda Venus enfraquece
O furor vão dos ventos repugnantes;
Despois que a larga terra lhe apparece,
Fim de suas porfias tão constantes,
Onde vem semear de Christo a lei,
E dar novo costume e novo Rei.
- 16 Tanto que á nova terra se chegaram,
Leves embarcações de pescadores
Acharam, que o caminho lhe mostraram
De Calecut, onde eram moradores:

Para lá logo as proas se inclinaram;
 Porque esta era a cidade das melhores
 Do Malabar melhor, onde vivia
 O Rei, que a terra toda possuia.

- 17 Alem do Indo jaz, e áquem do Gange,
 Hum terreno mui grande e assaz famoso,
 Que pela parte Austral o mar abrange,
 E para o Norte o Emodio cavernoso:
 Jugo de Reis diversos o constringe
 A varias leis: alguns o vicioso
 Mafoma, alguns os idolos adoram,
 Alguns os animaes, que entre elles moram.
- 18 Lá bem no grande monte, que cortando
 Tão larga terra, toda Asia discorre,
 Que nomes tão diversos vai tomando,
 Segundo as regiões por onde corre,
 As fontes sahem, donde vem manando
 Os rios, cuja grão corrente morre
 No mar Indico, e cercam todo o peso
 Do terreno, fazendo-o Chersoneso.
- 19 Entre hum e outro rio, em grande espaço,
 Sahe da larga terra hũa longa ponta,
 Quasi pyramidal, que no regaço
 Do mar com Ceilão insula confronta:
 E junto donde nasce o largo braço
 Gangetico, o rumor antigo conta,
 Que os vizinhos, da terra moradores,
 Do cheiro se mantem das finas flores;
- 20 Mas agora de nomes e de usança
 Novos e varios são os habitantes;
 Os Delijs, os Patanas, que em possança
 De terra e gente são mais abundantes:
 Decanijs, Oriás, que a esperança
 Tem de sua salvação nas resonantes
 Aguas do Gange; e a terra de Bengala,
 Fertil de sorte, que outra não lhe iguala.
- 21 O reino de Cambaia bellicoso,
 (Dizem que foi de Poro, Rei potente)
 O reino de Narsinga, poderoso
 Mais de ouro e pedras, que de forte gente:
 Aqui se enxerga lá do mar undoso
 Hum monte alto, que corre longamente,
 Servindo ao Malabar de forte muro,
 Com que do Canará vive seguro.

- 22 Da terra os naturaes lhe chamam Gate,
Do pé do qual pequena quantidade
Se estende hũa fralda estreita, que combate
Do mar a natural ferocidade:
Aqui de outras cidades, sem debate,
Calecut tem a illustre dignidade
De cabeça de imperio rica e bella:
Samorim se intitula o senhor della.
- 23 Chegada a frota ao rico senhorio,
Hum Portuguez mandado logo parte,
A fazer sabedor o Rei gentio
Da vinda sua a tão remota parte.
Entrando o mensageiro pelo rio,
Que ali nas ondas entra, a não vista arte,
A côr, o gesto estranho, o trajo novo,
Fez concorrer a vê-lo todo o povo.
- 24 Entre a gente, que a vê-lo concorria,
Se chega hum Mahometa, que nascido
Fôra na região da Berberia,
Lá onde fôra Anteo obedecido:
Ou pela vizinhança já teria
O reino Lusitano conhecido,
Ou foi já assinalado de seu ferro,
Fortuna o trouxe a tão longo desterro.
- 25 Em vendo o mensageiro, com jocundo
Rosto, como quem sabe a lingua Hispana,
Lhe disse: Quem te trouxe a est'outro mundo,
Tão longe da tua patria Lusitana?
Abrindo, lhe responde, o mar profundo,
Por onde nunca veio gente humana,
Vimos buscar do Indo a grão corrente,
Por onde a Lei divina se accrescente.
- 26 Espantado ficou da grão viagem
O Mouro, que Monçaide se chamava,
Ouvindo as oppressões, que na passagem
Do mar o Lusitano lhe contava:
Mas vendo em fim, que a força da mensagem
Só para o Rei da terra relevava,
Lhe diz, que estava fóra da cidade,
Mas de caminho pouca quantidade:
- 27 E que, em tanto que a nova lhe chegasse
De sua estranha vinda, se queria,
Na sua pobre casa repousasse,
E do manjar da terra comeria;

- E depois que se hum pouco recreasse,
 Com elle para a armada tornaria;
 Que alegria não póde ser tamanha,
 Que achar gente vizinha em terra estranha,
- 28 O Portuguez aceita de vontade
 O que o ledo Monçaide lhe offerece;
 Como se longa fôra já a amizade,
 Com elle come e bebe, e lhe obedece:
 Ambos se tornam logo da cidade
 Para a frota, que o Mouro bem conhece;
 Sobem á capitaina, e toda a gente
 Monçaide recebeo benignamente.
- 29 O Capitão o abraça em cabo ledo,
 Ouvindo clara a lingua de Castella,
 Junto de si o assenta, e prompto e quedo,
 Pela terra pergunta e cousas della.
 Qual se ajuntava em Rhódope o arvoredos,
 Só por ouvir o amante da donzella
 Eurydice, tocando a lyra de ouro,
 Tal a gente se ajunta a ouvir o Mouro.
- 30 Elle começa: Ó gente, que a natura
 Vizinha fez de meu paterno ninho,
 Que destino tão grande, ou que ventura,
 Vos trouxe a commetterdes tal caminho?
 Não he sem causa, não, occulta e escura,
 Vir do longinquo Tejo e ignoto Minho,
 Por mares nunca d'outro lenho arados,
 A reinos tão remotos e apartados.
- 31 Deos por certo vos traz, porque pretende
 Algum serviço seu, por vós obrado:
 Por isso só vos guia e vos defende
 Dos imigos, do mar, do vento irado.
 Sabei, que estais na India, onde se estende
 Diverso povo, rico, e prosperado
 De ouro luzente, e fina pedraria,
 Cheiro suave, ardente especiaria.
- 32 Esta provincia, cujo porto agora
 Tomado tendes, Malabar se chama:
 Do culto antiguo os idolos adora,
 Que cá por estas partes se derrama:
 De diversos Reis he, mas d'hum só fôra
 N'outro tempo, segundo a antigua fama:
 Saramá Perimal foi derradeiro
 Rei, que este reino teve unido e inteiro.

- 33 Porém como a esta terra então viessem
De lá do seio Arabico outras gentes,
Que o culto Mahometico trouxessem,
No qual me instituiram meus parentes,
Succedeo, que pregando convertessem
O Perimal, de sabias e eloquentes;
Fazem-lhe a lei tomar com fervor tanto,
Que presuppoz de nella morrer santo.
- 34 Náos arma, e nellas mette curioso
Mercadoria, que offereça, rica,
Para ir nellas a ser religioso,
Onde o propheta jaz, que a lei publica:
Antes que parta, o reino poderoso
Co'os seus reparte, porque não lhe fica
Herdeiro proprio; faz os mais aceitos,
Ricos de pobres, livres de sujeitos.
- 35 A hum Cochim, e a outro Cananor,
A qual Chalé, a qual a ilha da Pimenta,
A qual Coullão, a qual dá Cranganor,
E os mais, a quem o mais serve e contenta.
Hum só moço, a quem tinha muito amor,
Depois que tudo deo, se lhe apresenta:
Para este Calecut sómente fica,
Cidade já por trato nôbre e rica.
- 36 Esta lhe dá co'o titulo excellente
De Imperador, que sobre os outros mande.
Isto feito, se parte diligente
Para onde em sancta vida acabe e ande:
E daqui fica o nome de potente
Samorim, mais que todos digno e grande,
Ao moço e descendentes, donde vem
Este, que agora o imperio manda e tem.
- 37 A lei da gente toda, rica e pobre,
De fabulas composta se imagina:
Andam nus, e sómente hum panno cobre
As partes, que a cobrir natura ensina:
Dous modôs ha de gente; porque a nobre
Naires chamados são, e a menos dina
Poleás tem por nome, a quem obriga
A lei não misturar á casta antiga:
- 38 Porque os que usaram sempre hum mesmo officio,
D'outro não podem receber consorte;
Nem os filhos terão outro exercicio,
Senão o de seus passados, até morte.

Para os Naires he certo grande vicio
 Destes serem tocados, de tal sorte,
 Que, quando algum se toca por ventura,
 Com ceremonias mil se alimpa e apura.

- 39 Desta sorte o Judaico povo antigo
 Não tocava na gente de Samária:
 Mais estranhezas inda das que digo
 Nesta terra vereis de usança varia.
 Os Naires sós são dados ao perigo
 Das armas, sós defendem da contraria
 Banda o seu Rei, trazendo sempre usada
 Na esquerda a adarga, e na Direita a espada.
- 40 Brahmenes são os seus religiosos,
 Nome antigo e de grande preeminencia:
 Observam os preceitos tão famosos
 D'hum, que primeiro poz nome á sciencia:
 Não matam cousa viva, e temerosos,
 Das carnes tem grandissima abstinencia:
 Sómente no venereo ajuntamento
 Tem mais licença e menos regimento.
- 41 Geraes são as mulheres, mas sómente
 Para os da geração de seus maridos:
 Ditosa condição, ditosa gente,
 Que não são de ciumes offendidos!
 Estes e outros costumes variamente
 São pelos Malabares admittidos:
 A terra he grossa em trato em tudo aquillo,
 Que as ondas podem dar da China ao Nilo.
- 42 Assi contava o Mouro: mas vagando
 Andava a fama já pela cidade
 Da vinda desta gente estranha, quando
 O Rei saber mandava da verdade:
 Já vinham pelas ruas caminhando,
 Rodeados de todo sexo e idade,
 Os principaes, que o Rei buscar mandara
 O capitão da armada, que chegara.
- 43 Mas elle, que do Rei já tem licença
 Para desembarcar, acompanhado
 Dos nobres Portuguezes, sem detença
 Parte, de ricos pannos adornado:
 Das cores a formosa differença
 A vista alegre ao povo alvoroçado:
 O remo compassado fere frio
 Agora o mar, depois o fresco rio.

- 44 Na praia hum regedor do reino estava,
Que na sua lingua Catual se chama,
Rodeado de Naires, que esperava
Com desusada festa o nobre Gama:
Já na terra nos braços o levava,
E n'hum portatil leito hũa rica cama
Lhe offerece em que vá (costume usado),
Que nos hombros dos homens he levado.
- 45 Desta arte o Malabar, dest'arte o Luso,
Caminham lá para onde o Rei o espera;
Os outros portuguezes vão ao uso
Que infantaria segue, esquadra fera:
O povo, que concorre, vai confuso
De ver a gente estranha, e bem quizera
- Perguntar; mas no tempo já passado,
Na torre de Babel lhe foi vedado.
- 46 O Gama e o Catual hiam fallando
Nas cousas, que lhe o tempo offerecia:
Monçaide entr'elles vai interpretando
As palavras, que de ambos entendia.
Assi pela cidade caminhando,
Onde huma rica fabrica se erguia
De hum sumptuoso templo, já chegavam,
Pelas portas do qual juntos entravam.
- 47 Ali estão das deidades as figuras
Esculpidas em páo e em pedra fria,
Varios de gestos, varios de pinturas,
A segundo o demonio lhe fingia:
Vem-se as abominaveis esculpturas,
Qual a Chimera em membros se varia:
Os Christãos olhos, a ver Deos usados
Em fórma humana, estão maravilhados.
- 48 Hum na cabeça cornos esculpidos,
Qual Jupiter Hammon em Libya estava;
Outro n'hum corpo rostos tinha unidos,
Bem como o antigo Jeno se pintava:
Outro com muitos braços divididos,
A Briareo parece que imitava;
Outro fronte canina tem de fora,
Qual Anubis Memphitico se adora.
- 49 Aqui feita do barbaro Genticio
A supersticiosa adoração,
Direitos vão, sem outro algum desvio,
Para onde estava o Rei do povo vão:

Engrossando-se vai da gente o fio,
 Co'os que vem ver o estranho Capitão:
 Estão pelos telhados e janellas,
 Velhos e moços, donas e donzellas.

50 Já chegam perto, e não com passos lentos,
 Dos jardins odoriferos, formosos,
 Que em si escondem os regios aposentos,
 Altos de torre-não, mas sumptuosos:
 Edificam-se os nobres seus assentos
 Por entre os arvoredos deleitosos:
 Assi vivem os Reis daquella gente,
 No campo e na cidade juntamente.

51 Pelos portaes da cerca a subtileza
 Se enxerga da Dedálea faculdade,
 Em figuras mostrando, por nobreza,
 Da India a mais remota antiguidade:
 Affiguradas vão com tal viveza
 As historias daquella antigua idade,
 Que quem dellas tiver noticia inteira,
 Pela sombra conhece a verdadeira.

52 Estava hum grande exercito, que pisa
 A terra Oriental, que o Hydaspe lava;
 Rege-o hum capitão de fronte lisa,
 Que com frondentes thyrsos pelejava:
 Por elle edificada estava Nysa
 Nas ribeiras do rio, que manava;
 Tão proprio, que se ali estiver Semele,
 Dirá por certo, que he seu filho aquelle.

53 Mais avante bebendo secca o rio
 Mui grande multidão da Assyria gente,
 Sujeita a feminino senhorio
 De huma tão bella, como incontinente:
 Ali tem junto ao lado nunca frio,
 Esculpido o feroz ginete ardente,
 Com quem teria o filho competencia:
 Amor nefando, bruta incontinencia!

54 D'aqui mais apartadas tremolavam
 As bandeiras de Grecia gloriosas,
 Terceira monarchia, e subjugavam
 Até as aguas Gangeticas undosas:
 D'hum capitão mancebo se guiavam,
 De palmas rodeado valerosas,
 Que já não de Philippo, mas sem falta,
 De progenie de Jupiter se exalta.

- 55 Os Portuguezes vendo estas memorias,
Dizia o Catual ao Capitão:
Tempo cedo virá, que outras victorias
Estas, que agora olhais, abaterão:
Aqui se escreverão novas historias
Por gentes estrangeiras, que virão;
Que os nossos sabios magos o alcançaram,
Quando o tempo futuro especularam.
- 56 E diz-lhe mais a magica sciencia,
Que para se evitar força tamanha,
Não valerá dos homens resistencia,
Que contra o Ceo não val da gente manha:
Mas tambem diz, que a bellica excellencia
Nas armas e na paz, da gente estranha
Será tal, que será no mundo ouvido
O vencedor, por gloria do vencido.
- 57 Assi fallando entravam já na sala,
Onde aquelle potente Imperador
N'huma camilha jaz, que não se iguala
De outra alguma no preço e no lavor:
No recostado gesto se assinala
Hum venerando e prospero senhor:
Hum panno de ouro cinge, e na cabeça
De preciosas gemmas se adereça.
- 58 Bem junto delle hum velho reverente,
Co'os giolhos no chão, de quando em quando
Lhe dava a verde folha da herva ardente,
Que a seu costume estava ruminando.
Hum Brahmene, pessoa preeminente,
Para o Gama vem com passo brando,
Para que ao grande Principe o apresente,
Que diante lhe acena, que se assente.
- 59 Sentado o Gama junto ao rico leito,
Os seus mais afastados, prompto em vista
Estava o Samorim no trajo e geito
Da gente, nunca de antes delle vista:
Lançando a grave voz do sabio peito,
Que grande autoridade logo aquista
Na opinião do Rei e do povo todo,
O Capitão lhe falla deste modo:
- 60 Hum grande Rei de lá das partes, onde
O ceo volubil, com perpetua roda,
Da terra a luz solar co'a terra esconde,
Tingindo a que deixou de escura nodá,

Ouvindo do rumor que lá responde
O ecco, como em ti da India toda
O principado está, e a magestade,
Vinculo quer contigo de amizade.

61 E por longos rodeios a ti manda,
Por te fazer saber, que tudo aquillo,
Que sobre o mar, que sobre as terras anda,
De riquezas, de lá do Tejo ao Nilo,
E desde a fria plaga de Zelanda,
Até bem donde o Sol não muda o estylo
Nos dias, sobre a gente de Ethiopia,
Tudo tem no seu reino em grande copia.

62 E se queres com pactos e lianças
De paz e de amizade sacra e nua,
Commercio consentir das abondanças
Das fazendas da terra sua e tua,
Porque cresçam as rendas e abastanças
(Por quem a gente mais trabalha e sua)
De vossos reinos; será certamente
De ti proveito, e d'elle gloria ingente.

63 E sendo assi, que o nó desta amizade
Entre vós firmemente permaneça,
Estará prompto a toda adversidade,
Que por guerra a teu reino se offereça,
Com gente, armas e naos; de qualidade
Que por irmão te tenha e te conheça:
E da vontade em ti sobre isto posta
Me dês a mi certissima resposta.

64 Tal embaixada dava o Capitão,
A quem o Rei gentio respondia,
Que em ver embaixadores de nação
Tão remota, grão gloria recebia;
Mas neste caso a ultima tenção
Com os de seu conselho tomaria,
Informando-se certo, de quem era
O Rei, e a gente e terra, que dissera.

65 E que em tanto podia do trabalho
Passado ir repousar, e em tempo breve
Daria a seu despacho hum justô talho,
Com que a seu Rei resposta alegre leve.
Já nisto punha a noite o usado atalho
Às humanas canseiras, porque ceve
De doce somno os membros trabalhados,
Os olhos occupando ao ocio dados.

- 66 Agasalhados foram juntamente
O Gama e Portuguezes no aposento
Do nobre regedor da Indica gente,
Com festas e geral contentamento.
O Catual, no cargo diligente
De seu Rei, tinha já por regimento
Saber da gente estranha donde vinha,
Que costumes, que lei, que terra tinha.
- 67 Tanto que os igneos carros do formoso
Mancebo Delio vio, que a luz renova,
Manda chamar Monçaide, desejoso
De poder-se informar da gente nova.
Já lhe pergunta prompto e curioso,
Se tem noticia inteira; e certa prova
Dos estranhos quem são; que ouvido tinha,
Que he gente de sua patria mui vizinha.
- 68 Que particularmente ali lhe désse
Informação mui larga, pois fazia
Nisso serviço ao Rei, porque soubesse
O que neste negocio se faria.
Monçaide torna: Postoque eu quizesse
Dizer-te disto mais, não saberia:
Sómente sei, que he gente lá de Hespanha,
Onde o meu ninho, e o Sol no mar se banha.
- 69 Tem a lei d'hum Propheta, que gerado
Foi sem fazer na carne detrimento
Da Mãi; tal que por bafo está approvado
Do Deos, que dem do mundo o regimento.
O que entre meus antigos he vulgado
Delles, he que o valor sanguinolento
Das armas no seu braço resplandece,
O que em nossos passados se parece:
- 70 Porque elles, com virtude sobrehumana,
Os deitaram dos campos abundosos
Do rico Tejo e fresca Guadiana,
Com feitos memoraveis e famosos:
E não contentes inda, na Africana
Parte, cortando os mares procellosos,
Nos não querem deixar viver seguros,
Tomando-nos cidades e altos muros.
- 71 Não menos tem mostrado esforço e manha
Em quaesquer outras guerras, que aconteçam,
Ou das gentes belligeras de Hespanha,
Ou lá d'alguns, que do Pyrene deçam:

Assi que nunca em fim com lança estranha
 Se tem, que por vencidos se conheçam:
 Nem se sabe inda, não, te affirmo e assello,
 Para estes Annibaes nenhum Marcello.

- 72 E se esta informação não for inteira,
 Tanto quanto convem, delles pretende
 Informar-te, que he gente verdadeira,
 A quem mais falsidade enoja e offende:
 Vai ver-lhe a frota, as armas e a maneira
 Do fundido metal, que tudo rende;
 E folgarás de veres a policia
 Portugueza na paz e na milicia.
- 73 Já com desejos o Idolátra ardia
 De ver isto, que o Mourro lhe contava:
 Manda equipar bateis, que ir ver queria
 Os lenhos em que o Gama navegava:
 Ambos partem da praia, a quem seguia
 A Naira geração, que o mar coalhava:
 Á capitaina sobem forte e bella,
 Onde Paulo os recebe a bordo della.
- 74 Purpureos são os toldos, e as bandeiras
 Do rico fio são, que o bicho gera;
 Nello estão pintadas as guerreiras
 Obras, que o forte braço já fizera:
 Batalhas tem campaes, aventureiras,
 Desafios crueis, pintura fera,
 Que tanto que ao Gentio se apresenta,
 Attento nella os olhos apascenta.
- 75 Pelo que vê pergunta: mas o Gama
 Lhe pedia primeiro, que se assente,
 E que aquelle deleite, que tanto ama
 A seita Epicurêa, experimente.
 Dos espumantes vasos se derrama
 O licor, que Noé mostrara á gente:
 Mas comer o Gentio não pretende;
 Que a seita que seguia lho defende.
- 76 A trombeta, que em paz no pensamento
 Imagem faz de guerra, rompe os ares:
 Co'o fogo o diabolico instrumento
 Se faz ouvir no fundo lá dos mares.
 Tudo o Gentio nota: mas o intento
 Mostrava sempre ter nos singulares
 Feitos dos homens, que em retrato breve
 A muda poesia ali descreve.

- 77 Alça-se em pé, com elle o Gama junto,
Coelho de outra parte e o Mauritano:
Os olhos põe no bellico transunto
De hum velho branco, aspeito soberano,
Cujo nome não póde ser defunto,
Em quanto houver no mundo trato humano:
No trajo a Grega usança está perfeita,
Hum ramo por insignia na direita.
- 78 Hum ramo na mão tinha . . . Mas ó cego
Eu, que commetto insano e temerario,
Sem vós, Nymphas do Tejo e do Mondego,
Por caminho tão arduo, longo e vario!
Vosso favor invoco, que navego
Por alto mar, com vento tão contrario,
Que se não me ajudais, hei grande medo,
Que o meu fraco batel se alague cedo.
- 79 Olhai que ha tanto tempo, que cantando
O vosso Tejo e os vossos Lusitanos,
A fortuna me traz peregrinando,
Novos trabalhos vendo e novos danos:
Agora o mar, agora exp'rimentando
Os perigos Mavorcios inhumanos;
Qual Canace, que á morte se condena,
N'humã mão sempre a espada e n'outra a penna:
- 80 Agora com pobreza aborrecida
Por hospícios alheios degradado:
Agora da esperança já adquirida,
De novo mais que nunca d'errado:
Agora ás costas escapando a vida,
Que d'hum fio pendia tão delgado;
Que não menos milagre foi salvar-se,
Que para o Rei Judaico accrescentar-se.
- 81 E ainda, Nymphas minhas, não bastava
Que tamanhas miserias me cercassem;
Senão que aquelles, que eu cantando andava,
Tal premio de meus versos me tornassem:
A trôco dos descansos, que esperava,
Das capellas de louro, que me honrassem,
Trabalhos nunca usados me inventaram,
Com que em tão duro estado me deitaram.
- 82 Vede, Nymphas, que engenhos de senhores
O vosso Tejo cria valerosos,
Que assim sabem prezar com taes favores
A quem os faz cantando gloriosos!

- Que exemplos a futuros escriptores,
 Para espertar engenhos curiosos,
 Para pôrem as cousas em memoria,
 Que merecerem ter eterna gloria!
- 83 Pois logo em tantos males he forçado,
 Que só vosso favor me não falleça,
 Principalmente aqui, que sou chegado
 Onde feitos diversos engrandeça:
 Dai-mo vós sós, que eu tenho já jurado,
 Que não no empregue em quem o não mereça,
 Nem por lisonja louve algum subido,
 Sob pena de não ser agradecido.
- 84 Nem creais, Nymphas, não, que fama dêsse
 A quem ao bem commum, e do seu Rei
 Antepozar seu proprio interesse,
 Imigo da divina e humana lei:
 Nenhum ambicioso, que quizesse
 Subir a grandes cargos, cantarei,
 Só por poder com torpes exercicios
 Usar mais largamente de seus vicios.
- 85 Nenhum que use de seu poder bastante
 Para servir a seu desejo feio,
 E que, por comprazer ao vulgo errante,
 Se muda em mais figuras que Proteio:
 Nem, Camenas, tambem cuideis que cante
 Quem com habito honesto e grave, veio,
 Por contentar ao Rei no officio novo,
 A despir e roubar o pobre pove.
- 86 Nem quem acha, que he justo, e que he direito
 Guardar-se a lei do Rei severamente,
 E não acha, que he justo e bom respeito,
 Que se pague o suor da servil gente:
 Nem quem sempre com pouco experto peito
 Razões aprende e cuida que he prudente,
 Para taixar com mão rapace e escassa,
 Os trabalhos alheios, que não passa.
- 87 Aquelles sós direi, que aventuraram
 Por seu Deos, por seu Rei, a amada vida,
 Onde perdendo-a, em fama a dilataram,
 Tão bem de suas obras merecida.
 Apollo e as Musas, que me acompanharam,
 Me dobrarão a furia concedida,
 Em quanto eu tomo alento descansado,
 Por tornar ao trabalho, mais folgado.
-

CANTO OITAVO.

- 1 Na primeira figura se detinha
O Catual, que vira estar pintada,
Que por divisa hum ramo na mão tinha,
A barba branca, longa e penteada:
«Quem era, e por que causa lhe convinha
«A divisa, que tem na mão tomada?»
Paulo responde, cuja voz discreta
O Mauritano sabio lhe interpreta.
- 2 Estas figuras todas, que apparecem,
Bravos em vista, e feros nos aspeitos,
Mais bravos e mais feros se conhecem,
Pela fama, nas obras e nos feitos:
Antiguos são, mas inda resplandecem
Co'o nome entre os engenhos mais perfeitos:
Este que vês he Luso, donde a fama
O nosso reino Lusitania chama.
- 3 Foi filho ou companheiro do Thebano,
Que tão diversas partes conquistou:
Parece vindo ter ao ninho Hispano,
Seguindo as armas, que contino usou:
Do Douro e Guadiana o campo ufano,
Já dito Elysio, tanto o contentou,
Que ali quiz dar aos já cansados ossos
Eterna sepultura, e nome aos nossos.
- 4 O ramo, que lhe vês para divisa,
O verde thyrsos foi de Baccho usado,
O qual á nossa idade amostra e avisa,
Que foi seu companheiro, ou filho amado.
Vês outro, que do Tejo a terra pisa,
Depois de ter tão longo mar arado,
Onde muros perpetuos edifica,
E templo a Pallas, que em memoria fica?
- 5 Ulysses he, o que faz a sancta casa
Á deosa, que lhe dá lingua facunda;
Que se lá na Asia Troia insigne abrasa,
Cá na Europa Lisboa ingente funda.
Quem será est'outro cá, que o campo arrasa
De mortos, com presença furibunda?
Grandes batalhas tem desbaratadas,
Que as aguias nas bandeiras tem pintadas.

- 6 Assi o Gentio diz: responde o Gama:
 Este que vês, pastor já foi de gado;
 Viriato sabemos que se chama,
 Destro na lança mais, que no cajado:
 Injuriada tem de Roma a fama,
 Vencedor invencibil, afamado;
 Não tem com elle, não, nem ter poderam
 O primor, que com Pyrrho já tiveram.
- 7 Com força não, com manha vergonhosa
 A vida lhe tiraram, que os espanta;
 Que o grande aperto em gente, inda que honrosa,
 As vezes leis magnanimas quebranta.
 Outro está aqui, que contra a patria irosa
 Degradado comnosco se alevanta:
 Escolheo bem com quem se alevantasse,
 Para que eternamente se illustrasse.
- 8 Vês, comnosco tambem vence as bandeiras
 Dessas aves de Jupiter validas;
 Que já naquelle tempo as mais guerreiras
 Gentes de nós souberam ser vencidas:
 Olha tão subtis artes e maneiras,
 Para adquirir os povos, tão fingidas;
 A fatidica cervá, que o avisa:
 Elle he Sertorio, e ella a sua divisa.
- 9 Olha est'outra bandeira, e vê pintado
 O grão progenitor dos Reis primeiros:
 Nós Hungaro o fazemos, porém nado
 Crem ser em Lotharingia os estrangeiros:
 Depois de ter, co'os Mouros, superado
 Gallegos e Leonezes cavalleiros,
 A Casa sancta passa o sancto Henrique,
 Porque o tronco dos Reis se sanctifique.
- 10 Quem he, me dize, est'outro que me espanta,
 (Pergunta o Malabar maravilhado)
 Que tantos esquadrões, que gente tanta
 Com tão pouca tem roto e destroçado?
 Tantos muros asperrimos quebranta,
 Tantas batalhas dá, nunca cansado,
 Tantas coroas tem por tantas partes
 A seus pés derribadas, e estandartes?
- 11 Este he o primeiro Affonso, disse o Gama,
 Que todo Portugal aos Mouros toma;
 Por quem no Estygio lago jura a Fama
 De mais não celebrar nenhum de Roma:

- Este he aquelle zeloso, a quem Deos ama,
 Com cujo braço o Mouro imigo doma,
 Para quem de seu reino abaixa os muros,
 Nada deixando já para os futuros.
- 12 Se Cesar, se Alexandre Rei, tiveram
 Tão pequeno poder, tão pouca gente,
 Contra tantos imigos, quantos eram
 Os que desbaratava este excellente;
 Não creas, que seus nomes se estenderam
 Com glorias immortaes tão largamente:
 Mas deixa os feitos seus inexplicaveis,
 Vê que os de seus vassallos são notaveis.
- 13 Este que vês olhar com gesto irado
 Para o rompido alumno mal soffrido,
 Dizendo-lhe que o exercito espalhado
 Recolha, e torne ao campo defendido:
 Torna o moço do velho acompanhado,
 Que vencedor o torna de vencido:
 Egas Moniz se chama o forte velho,
 Para leaes vassallos claro espelho.
- 14 Vê-lo cá vai co'os filhos a entregar-se,
 A corda ao collo, nu de seda e panno,
 Porque não quiz o moço sujeitar-se,
 Como elle promettera, ao Castelhana:
 Fez com aso e promessas levantar-se
 O cerco, que já estava soberano:
 Os filhos e mulher obriga á pena:
 Para que o senhor salve, a si condena.
- 15 Não fez o consul tanto, que cercado
 Foi nas forcas Caudinas de ignorante,
 Quando a passar por baixo foi forçado
 Do Samnitico jugo triumphante:
 Este, pelo seu povo injuriado,
 A si se entrega só, firme e constante;
 Est'outro a si e os filhos naturais,
 E a consorte sem culpa, que doe mais.
- 16 Vês este, que sahindo da cilada,
 Dá sobre o Rei, que cerca a villa forte;
 Já o Rei tem preso, e a villa descercada:
 Illustre feito, digno de Mavorte!
 Vê-lo cá vai pintado nesta armada,
 No mar tambem aos Mouros dando a morte,
 Tomando-lhe as galés, levando a gloria
 Da primeira maritima victoria:

- 17 He Dom Fuas Roupinho, que na terra
E no mar resplandece juntamente,
Co'o fogo, que accendeo junto da serra
De Abyla, nas galés da Maura gente.
Olha como em tão justa e sancta guerra,
De acabar pelejando está contente:
Das mãos dos Mouros entra a felice alma
Triumphando nos Ceos, com justa palma.
- 18 Não vês hum ajuntamento de estrangeiro
Trajo, sahir da grande armada nova,
Que ajuda a combater o Rei primeiro
Lisboa, de si dando sancta prova?
Olha Henrique, famoso cavalleiro,
A palma, que lhe nasce junto á cova:
Por elles mostra Deos milagre visto:
Germanos são os martyres de Christo.
- 19 Hum sacerdote vê brandindo a espada
Contra Arronches, que toma por vingança
De Leiria, que de antes foi tomada
Por quem por Mafamede enresta a lança:
He Theotonio, Prior. Mas vê cercada
Santarem, e verás a segurança
Da figura nos muros, que primeira
Subindo ergueo das quinas a bandeira:
- 20 Vê-lo cá onde Sancho desbarata
Os Mouros de Vandalia em fera guerra,
Os imigos rompendo, o alferes mata,
E Hispalico pendão derriba em terra:
Mém Moniz he, que em si o valor retrata,
Que o sepulchro do pai co'os ossos cerra:
Digno destas bandeiras, pois sem falta
A contraria derriba, e a sua exalta.
- 21 Olha aquelle, que desce pela lança
Com as duas cabeças dos vigias,
Onde a cilada esconde, com que alcança
A cidade por manhas e ousadias:
Ella por armas toma a similhaça
Do cavalleiro, que as cabeças frias
Na mão levava: feito nunca feito!
Giraldo Sem-pavor he o forte peito.
- 22 Não vês hum Castelhana, que aggravado
De Affonso nono Rei, pelo odio antigo
Dos de Lara co'os Mouros he deitado,
De Portugal fazendo-se inimigo?

- Abrantes villa toma, acompanhado
 Dos duros infieis, que traz consigo:
 Mas vê, que hum Portuguez com pouca gente
 O desbarata, e o prende ousadamente:
- 23 Martim Lopes se chama o cavalleiro,
 Que destes levar póde a palma e o louro.
 Mas olha hum ecclesiastico guerreiro,
 Que em lança de aço torna o bago de ouro:
 Vê-lo entre os duvidosos tão inteiro
 Em não negar batalha ao bravo Mouro:
 Olha o sinal no ceo, que lhe apparece,
 Com que nos poucos seus o esforço crece.
- 24 Vês, vão os Reis de Cordova e Sevilha
 Rotos, co'os outros dous, e não de espaço;
 Rotos? mas antes mortos. Maravilha
 Feita de Deos, que não de humano braço!
 Vês, já a villa de Alcacere se humilha,
 Sem lhe valer defeza, ou muro de aço,
 A Dom Matheus, o Bispo de Lisboa,
 Que a corôa de palma ali coroa.
- 25 Olha hum Mestre, que desce de Castella,
 Portuguez de nação, como conquista
 A terra dos Algarves, e já nella
 Não acha quem por armas lhe resista:
 Com manha, esforço e com benigna estrella
 Villas, castellos toma á escala vista.
 Vês Tavila tomada aos moradores,
 Em vingança dos sete caçadores?
- 26 Vês? com bellica astucia ao Mouro ganha
 Sylves, que elle ganhou com força ingente:
 He Dom Paio Correa, cuja manha,
 E grande esforço faz inveja á gente.
 Mas não passes os tres, que em França e Hespanha
 Se fazem conhecer perpetuamente,
 Em desafios, justas e torneos,
 Nellas deixando publicos tropheos.
- 27 Vê-los? co'o nome vem de aventureiros
 A Castella, onde o preço sós levaram
 Dos jogos de Bellona verdadeiros,
 Que com damno de alguns se exercitaram.
 Vê mortos os soberbos cavalleiros,
 Que o principal dos tres desafiaram,
 Que Gonçalo Ribeiro se nomea,
 Que póde não temer a lei Lethea.

- 28 Attenta n'hum, que a fama tanto estende,
 Que de nenhum passado se contenta,
 Que a patria que de hum fraco fio pende,
 Sobre seus duros hombros a sustenta.
 Não no vês tinto de ira, que reprende
 A vil desconfiança inerte e lenta
 Do povo, e faz que tome o doce freio
 De Rei seu natural, e não de alheio?
- 29 Olha, por seu conselho, e ousadia,
 De Deos guiada só, e de sancta estrella,
 Só póde, o que impossibil parecia,
 Vencer o povo ingente de Castella.
 Vês por industria, esforço e valentia
 Outro estrago, e victoria clara e bella,
 Na gente, assi feroz como infinita,
 Que entre o Tartesso e Guadiana habita?
- 30 Mas não vês quasi já desbaratado
 O poder Lusitano, pela ausencia
 Do Capitão devoto, que apartado
 Orando invoca a summa e trina Essencia?
 Vê-lo com pressa já dos seus achado,
 Que lhe dizem, que falta resistencia
 Contra poder tamanho, e que viesse,
 Porque comsigo esforço aos fracos dêsse?
- 31 Mas olha com que sancta confiança,
 Que inda não era tempo, respondia;
 Como quem tinha em Deos a segurança
 Da victoria, que logo lhe daria:
 Assi Pompilio, ouvindo que a possança
 Dos imigos a terra lhe corria,
 A quem lhe a dura nova estava dando,
 Pois eu, responde, estou sacrificando.
- 32 Se quem com tanto esforço em Deos se atreve,
 Ouvir quizeres como se nomea,
 Portuguez Scipião chamar-se deve,
 Mas mais de Dom Nuno Alvares se arrea.
 Ditosa patria, que tal filho teve!
 Mas antes pai: que em quanto o Sol rodea
 Este globo de Ceres e Neptuno,
 Sempre suspirará por tal alumno.
- 33 Na mesma guerra vê, que presas ganha
 Est'outro capitão de pouca gente;
 Commendadores vence, e o gado apanha,
 Que levavam roubado ousadamente:

- Outra vez vê, que a lança em sangue banha
Destes, só por livrar co' amor ardente
O preso amigo; preso por leal:
Pero Rodrigues he do Landroal.
- 34 Olha este desleal o como paga
O perjurio que fez e vil engano:
Gil Fernandes he de Elvas quem o estraga,
E faz vir a passar o ultimo dano:
De Xerez rouba o campo, e quasi alaga
Co'o sangue de seus donos Castelhana.
Mas olha Rui Pereira, que co'o rosto
Faz escudo ás galés, diante posto.
- 35 Olha, que dezesete Lusitanos
Neste outeiro subidos se defendem
Fortes de quatrocentos Castelhanos,
Que em derredor pelos tomar se estendem:
Porém logo sentiram com seus danos,
Que não só se defendem, mas offendem:
Digno feito de ser no mundo eterno;
Grande no tempo antigo, e no moderno!
- 36 Sabe-se antigamente, que trezentos
Já contra mil Romanos pelejaram,
No tempo, que os viris atrevimentos
De Viriato tanto se illustraram:
E delles alcançando vencimentos
Memoraveis, de herança nos deixaram,
Que os muitos, por ser poucos, não temamos,
O que depois mil vezes amostramos.
- 37 Olha cá dous Infantes, Pedro e Henrique,
Progenie generosa de Joanne:
Aquelle faz, que fama illustre fique
Delle em Germania, com que a morte engane;
Este, que ella nos mares o publique
Por seu descobridor, e desengane
De Ceita a Maura tumida vaidade,
Primeiro entrando as portas da cidade.
- 38 Vês o Conde Dom Pedro, que sustenta
Dous cercos contra toda a Berberia?
Vês? outro Conde está, que representa
Em terra Marte em forças e ousadia:
De poder defender se não contenta
Alcacere da ingente companhia;
Mas do seu Rei defende a chara vida,
Pondo por muro a sua, ali perdida.

- 39 Outros muitos verias, que os pintores
 Aqui tambem por certo pintariam;
 Mas falta-lhes pincel, faltam-lhes cores,
 Honra, premio, favor, que as artes criam:
 Culpa dos viciosos successores,
 Que degeneram certo, e se desviam
 Do lustre e do valor dos seus passados,
 Em gostos e vaidades atolados.
- 40 Aquelles pais illustres, que já deram
 Principio á geração, que delles pende,
 Pela virtude muito então fizeram,
 E por deixar a casa, que descende.
 Cegos! Que dos trabalhos, que tiveram,
 Se alta fama e rumor delles se estende,
 Escuros deixam sempre seus menores,
 Com lhe deixar descansos corruptores.
- 41 Outros tambem ha grandes e abastados,
 Sem nenhum tronco illustre donde venham;
 Culpa de Reis, que ás vezes a privados
 Dão mais que a mil, que esforço e saber tenham:
 Estes os seus não querem ver pintados,
 Credo que cores vâas lhe não convenham;
 E como a seu contrario natural,
 Á pintura, que falla, querem mal.
- 42 Não nego, que ha comtudo descendentes
 De generoso tronco e casa rica,
 Que com costumes altos e excellentes
 Sustentam a nobreza, que lhes fica:
 E se a luz dos antiquos seus parentes
 Nelles mais o valor não clarifica,
 Não falta ao menos, nem se faz escura;
 Mas destes acha poucos a pintura.
- 43 Assi está declarando os grandes feitos
 O Gama, que ali mostra a varia tinta,
 Que a douta mão tão claros, tão perfectos,
 Do singular artifice ali pinta.
 Os olhos tinha promptos e direitos
 O Catual na historia bem distinta:
 Mil vezes perguntava, e mil ouvia
 As gostosas batalhas, que ali via.
- 44 Mas já a luz se mostrava duvidosa,
 Porque a alampada grande se escondia
 Debaixo do horizonte, e luminosa
 Levava aos antípodas o dia:

- Quando o Gêntio, e a gente generosa
Dos Naires, da nao forte se partia
A buscar o repouso, que descansa
Os lassos animaes na noite mansa.
- 45 Entretanto os harúspices famosos
Na falsa opinião, que em sacrificios
Antevêm sempre os casos duvidosos,
Por sinaes diabolicos e indicios;
Mandados do Rei proprio, estudiosos
Exercitavam a arte e seus officios,
Sobre esta vinda desta gente estranha,
Que ás suas terras vem da ignota Hespanha.
- 46 Sinal lhe mostra o Demo verdadeiro,
De como a nova gente lhe seria
Jugo perpetuo, eterno captiveiro,
Destruição de gente e de valia.
Vai-se espantado o attonito agoureiro
Dizer ao Rei (segundo o que entendia)
Os sinaes temerosos, que alcançara
Nas entranhas das victimas, que olhara.
- 47 A isto mais se ajunta, que a hum devoto
Sacerdote da lei de Mafamede,
Dos odios concebidos não remoto
Contra a divina Fé, que tudo excede,
Em fórma do propheta falso e noto,
Que do filho da escrava Agar procede,
Baccho odioso em sonhos lhe apparece,
Que de seus odios inda se não dece.
- 48 E diz-lhe assi: Guardai-vos, gente minhã,
Do mal que se apparelha pelo imigo,
Que pelas aguas humidas caminha,
Antes que esteis mais perto do perigo.
Isto dizendo, acorda o Mouro asinha
Espantado do sonho: mas comsigo
Cuida, que não he mais que sonho usado,
Torna a dormir quieto, e socegado.
- 49 Torna Baccho, dizendo: Não conheces
O grão legislador, que a teus passados
Tem mostrado o preceito a que obedeces,
Sem o qual foreis muitos baptizados?
Eu por ti, rudo, velo, e tu adormeces?
Pois saberás, que aquelles, que chegados
De novo são, serão mui grande dano
Da lei que eu dei ao nescio povo humano.

- 50 Em quanto he fraca a força desta gente,
Ordena como em tudo se resista;
Porque, quando o Sol sahe, facilmente
Se pôde nelle pôr a aguda vista:
Porém, depois que sobe claro e ardente,
Se agudeza dos olhos o conquista,
Tão cega fica, quanto ficareis
Se raizes criar lhe não tolheis.
- 51 Isto dito, elle, e o somno se despede:
Tremendo fica o attonito Agareno,
Salta da cama, lume aos servos pede,
Lavrando nelle o fervido veneno.
Tanto que a nova luz, que ao Sol precede,
Mostrara rosto angelico e sereno,
Convoca os principaes da torpe seita,
Aos quaes do que sonhou dá conta estreita.
- 52 Diversos pareceres e contrarios
Ali se dão, segundo o que entendiam:
Astutas traições, enganos varios,
Perfidias inventavam e teciam:
Mas deixando conselhos temerarios,
Destruição da gente pretendiam,
Por manhas mais subtis e ardis melhores,
Com peitas adquirindo os regedores.
- 53 Com peitas, ouro e dadas secretas,
Conciliam da terra os principaes;
E com razões notaveis e discretas,
Mostram ser perdição dos naturaes;
Dizendo, que são gentes inquietas,
Que os mares discorrendo Occidentaes,
Vivem só de piraticas rapinas,
Sem Rei, sem leis humanas, ou divinas.
- 54 Oh quanto deve o Rei, que bem governa,
De olhar, que os conselheiros, ou privados,
De consciencia e de virtude interna,
E de sincero amor sejam dotados!
Porque, como estê posto na superna
Cadeira, pôde mal dos apartados
Negocios ter noticia mais inteira,
Do que lhe der a lingua conselheira.
- 55 Nem tão pouco direi, que tome tanto
Em grosso a consciencia limpa e certa,
Que se enleve n'hum pobre e humilde manto,
Onde ambição a caso ande encoberta:

- E quando hum bom em tudo he justo e santo,
Em negocios do mundo pouco acerta;
Que mal com elles poderá ter conta
A quieta innocencia, em só Deos pronta.
- 56 Mas aquelles avaros Catuais,
Que o Gentilico povo governavam,
Induzidos das gentes infernais,
O Portuguez despacho dilatavam.
Mas o Gama, que não pretende mais,
De tudo quanto os Mouros ordenavam,
Que levar a seu Rei hum sinal certo
Do mundo, que deixava descoberto:
- 57 N'isto trabalha só, que bem sabia,
Que, depois que levasse esta certeza,
Armas, e naos e gente mandaria
Manoel, que exercita a summa alteza;
Com que a seu jugo e lei submetteria
Das terras e do mar a redondeza;
Que elle não era mais, que hum diligente
Descobridor das terras do Oriente.
- 58 Fallar ao Rei gentio determina,
Porque com seu despacho se tornasse;
Que já sentia em tudo da malina
Gente impedir-se quanto desejasse.
O Rei, que da noticia falsa e indina
Não era d'espantar se s'espantasse,
Que tão credulo era em seus agouros,
E mais sendo affirmados pelos Mouros:
- 59 Este temor lhe esfria o baixo peito:
Por outra parte a força da cubiça,
A quem por natureza está sujeito,
Hum desejo immortal lhe accende e atiça:
Que bem vê, que grandissimo proveito
Fará, se com verdade e com justiça,
O contrato fizer por longos annos,
Que lhe commette o Rei dos Lusitanos.
- 60 Sobre isto nos conselhos, que tomava,
Achava mui contrarios pareceres;
Que naquelles com quem se aconselhava,
Executa o dinheiro seus poderes.
O grande Capitão chamar mandava,
A quem, chegado, disse: Se quizeres
Confessar-me a verdade limpa e nua,
Perdão alcançarás da culpa tua.

- 61 Eu sou bem informado, que a embaixada,
Que de teu Rei me déste, que he fingida;
Porque nem tu tens Rei, nem patria amada,
Mas vagabundo vás passando a vida:
Que quem da Hesperia ultima alongada,
Rei ou senhor, de insania desmedida,
Ha de vir commetter com naos e frotas
Tão incertas viagens e remotas?
- 62 E se de grandes reinos poderosos
O teu Rei tem a regia magestade,
Que presentes me trazes valerosos,
Sinaes de tua incognita verdade?
Com peças, e dões altos sumptuosos
Se lia dos Reis altos a amizade:
Que sinal nem penhor não he bastante,
As palavras d'hum vago navegante.
- 63 Se por ventura vindes desterrados,
Como já foram homens d'alta sorte,
Em meu reino sereis agasalhados;
Que toda a terra he patria para o forte:
Ou se piratas sois ao mar usados,
Dizei-mo sem temor de infamia ou morte;
Que por se sustentar em toda idade,
Tudo faz a vital necessidade.
- 64 Isto assi dito, o Gama, que já tinha
Suspeitas das insidias, que ordenava
O Mahometico odio, donde vinha
Aquillo, que tão mal o Rei cuidava:
C'hum alta confiança, que convinha,
Com que seguro credito alcançava,
Que Venus Acidaliá lhe influia,
Taes palavras do sabio peito abria:
- 65 Se os antigos delictos, que a malicia
Humana commetteo na prisca idade,
Não causaram, que o vaso da nequicia,
Açoute tão cruel da Christandade,
Viera pôr perpetua inimicicia
Na geração de Adão co'a falsidade
(Ó poderoso Rei) da torpe seita,
Não conceberas tu tão má suspeita.
- 66 Mas porque nenhum grande bem se alcança
Sem grandes oppressões, e em todo o feito
Segue o temor os passos da esperança,
Que em suor vive sempre de seu peito;

Me mostras tu tão pouca confiança
Desta minha verdade, sem respeito
Das razões em contrario, que acharias,
Se não cresses a quem não crer devias:

- 67 Porque se eu de rapinas só vivesse,
Undivago, ou da patria desterrado,
Como crês, que tão longe me viesse
Buscar assento incognito e apartado?
Por que esperanças, ou por que interesse,
Viria exp'rimtando o mar irado,
Os Antarcticos frios, e os ardores,
Que soffrem do Carneiro os moradores?
- 68 Se com grandes presentes d'alta estima
O credito me pedes do que digo,
Eu não vim mais, que a achar o estranho clima,
Onde a natura poz teu reino antigo:
Mas se a fortuna tanto me sublima,
Que eu torne á minha patria e reino amigo,
Então verás o dom soberbo e rico,
Com que minha tornada certifico.
- 69 Se te parece inopinado feito,
Que Rei da ultima Hesperia a ti me mande,
O coração sublime, o regio peito,
Nenhum caso possibil tem por grande.
Bem parece, que o nobre e grão conceito
Do Lusitano espirito demande
Maior credito e fé de mais alteza,
Que crea delle tanta fortaleza.
- 70 Sabe, que ha muitos annos, que os antigos
Reis nossos firmemente propozeram
De vencer os trabalhos e perigos,
Que sempre ás grandes cousas se oppozeram:
E descobrindo os mares inimigos
Do quieto descanso, pretenderam
De saber, que fim tinham e onde estavam
As derradeiras praias, que lavavam.
- 71 Conceito digno foi do ramo claro
Do venturoso Rei, que arou primeiro
O mar, por ir deitar do ninho charo
O morador de Abyla derradeiro:
Este, por sua industria e engenho raro,
N'hum madeiro ajuntando outro madeiro,
Descobrir pôde a parte, que faz clara
De Argos, da Hydra a luz, da Lebre e da Ara.

- 72 Crescendo co'os successos bons primeiros
No peito as ousadias, descobriram
Pouco e pouco caminhos estrangeiros,
Que huns succedendo aos outros proseguiram:
De Africa os moradores derradeiros
Austraes, que nunca as sete flammas viram,
Foram vistos de nós, atraz deixando
Quantos estão os Tropicos queimando.
- 73 Assi com firme peito, e com tamanho
Proposito vencemos a Fortuna,
Até que nós no teu terreno estranho
Viemos pôr a ultima coluna:
Rompendo a força do liquido estanho,
Da tempestade horrifica e importuna,
A ti chegámos, de quem só queremos
Sinal, que ao nosso Rei de ti levemos.
- 74 Esta he a verdade, Rei; que não faria
Por tão incerto bem, tão fraco premio,
Qual, não sendo isto assi, esperar podia,
Tão longo, tão fingido e vão proemio:
Mas antes descansar me deixaria
No nunca descansado e fero gremio
Da madre Thetis, qual pirata inico,
Dos trabalhos alheios feito rico.
- 75 Assi que, ó Rei, se minha grão verdade
Tens por qual he, sincera e não dobrada,
Ajunta-me ao despacho brevidade,
Não me impidas o gosto da tornada:
E se inda te parece falsidade,
Cuida bem na razão, que está provaða,
Que com claro juizo pôde ver-se;
Que facil he a verdade d'entender-se.
- 76 Attento estava o Rei na segurança,
Com que provava o Gama o que dizia:
Concebe delle certa confiança,
Credito firme, em quanto proferia:
Pondera das palavras a abastança,
Julga na auctoridade grão valia;
Começa de julgar por enganados
Os Catuaes corruptos, mal julgados.
- 77 Juntamente a cubiça do proveito,
Que espera do contracto Lusitano,
O faz obedecer, e ter respeito
Co'o Capitão, e não co'o Mauro engano.

Em fim, ao Gama manda, que direito
 As naos se vá, e seguro d'algum dano
 Possa á terra mandar qualquer fazenda,
 Que pela especiaria troque e venda.

- 78 Que mande da fazenda em fim lhe manda,
 Que nos reinos Gangeticos falleça;
 Se alguma traz idonea, lá da banda
 Donde a terra se acaba, e o mar começa.
 Já da real presença veneranda
 Se parte o Capitão para onde peça
 Ao Catual, que delle tinha cargo,
 Embarcação, que a sua está de largo.
- 79 Embarcação, que o leve ás naos lhe pede:
 Mas o mao regedor, que novos laços
 Lhe machinava, nada lhe concede,
 Interpondo tardanças e embaraços:
 Com elle parte ao caes, porque o arrede
 Longe quanto podér dos regios paços;
 Onde, sem que seu Rei tenha noticia,
 Faça o que lhe ensinar sua malieia.
- 80 Lá bem longe lhe diz, que lhe daria
 Embarcação bastante, em que partisse,
 Ou que para a luz crástina do dia
 Futuro, sua partida differisse:
 Já com tantas tardanças entendia
 O Gama, que o Gentio consentisse
 Na má tenção dos Mouros, torpe e fera,
 O que delle até'li não entendera.
- 81 Era este Catual hum dos que estavam
 Corruptos pela Ma'ometana gente,
 O principal, por quem se governavam
 As cidades do Samorim potente:
 Delle sómente os Mouros esperavam
 Efeito a seus enganos torpemente:
 Elle, que no concerto vil conspira,
 De suas esperanças não delira.
- 82 O Gama com instancia lhe requiere,
 Que o mande pôr nas naos, e não lhe val;
 E que assi lho mandara, lhe refere,
 O nobre successor de Perimal.
 Por que razão lhe impede e lhe differe
 A fazenda trazer de Portugal?
 Pois aquillo que os Reis já tem mandado,
 Não pôde ser por outrem derogado.

- 83 Pouco obedece o Catual corruto
 A taes palavras, antes revolvendo
 Na phantasia algum subtil e astuto
 Engano diabolico e estupendo;
 Ou como banhar possa o ferro bruto
 No sangue aborrecido, estava vendo;
 Ou como as naos em fogo lhe abrasasse,
 Porque nenhuma á patria mais tornasse.
- 84 Que nenhum torne á patria só pretende
 O conselho infernal dos Ma'ometanos,
 Porque não saiba nunca, onde se estende
 A terra Eoa, o Rei dos Lusitanos.
 Não parte o Gama em fim, que lho defende
 O regedor dos barbaros profanos;
 Nem sem licença sua ir-se podia,
 Que as almadías todas lhe tolhia.
- 85 Aos brados e razões do Capitão,
 Responde o Idolátra, que mandasse
 Chegar á terra as naos, que longe estão,
 Porque melhor d'ali fosse e tornasse.
 Sinal he de inimigo e de ladrão,
 Que lá tão longe a frota se alargasse,
 Lhe diz, porque do certo e fido amigo
 He não temer do seu nenhum perigo.
- 86 Nestas palavras o discreto Gama
 Enxerga bem, que as naos deseja perto
 O Catual, porque com ferro e flamma
 Lh'as assalte, por odio descoberto.
 Em varios pensamentos se derrama:
 Phantasiando está remedio certo,
 Que dêsse a quanto mal se lhe ordenava;
 Tudo temia, tudo em fim cuidava.
- 87 Qual o reflexo lume do polido
 Espelho de aço, ou de crystal formoso,
 Que do raio solar sendo ferido,
 Vai ferir n'outra parte luminoso;
 É sendo da ociosa mão movido
 Pela casa do moço curioso,
 Anda pelas paredes e telhado,
 Tremulo, aqui e ali, dessocegado:
- 88 Tal o vago juizo fluctuava
 Do Gama preso, quando lhe lembrara
 Coelho, se por caso o esperava
 Na praia co'os bateis, como ordenara:

Logo secretamente lhe mandava,
Que se tornasse á frota, que deixara,
Não fosse salteado dos enganoso,
Que esperava dos feros Ma'ometanos.

- 89 Tal ha de ser, quem quer co'o dom de Marte
Imitar os illustres, e iguala-los:
Voar co'o pensamento a toda parte,
Adivinhar perigos e evita-los:
Com militar engenho e subtil arte,
Entender os inimigos e engana-los;
Crer tudo em fim; que nunca louvarei
O Capitão que diga: Não cuidei.
- 90 Insiste o Malabar em tê-lo preso,
Se não manda chegar á terra a armada;
Elle constante, e de ira nobre acceso,
Os ameaços seus não teme nada:
Que antes quer sobre si tomar o peso
De quanto mal a vil malicia ousada
Lhé andar armando, que pôr em ventura
A frota de seu Rei, que tem segura.
- 91 Aquella noite esteve ali detido,
E parte do outro dia, quando ordena
De se tornar ao Rei: mas impedido
Foi da guarda, que tinha não pequena.
Commette-lhe o Gêntio outro partido,
Temendo de seu Rei castigo, ou pena,
Se sabe esta malicia, a qual asinha
Saberá, se mais tempo ali o detinha.
- 92 Diz-lhe, que mande vir toda a fazenda
Vendibil, que trazia, para terra,
Para que de vagar se troque e venda;
Que quem não quer commercio, busca guerra.
Postoque os maos propositos entenda
O Gama, que o damnado peito encerra,
Consente; porque sabe por verdade,
Que compra co'a fazenda a liberdade.
- 93 Concertam-se, que o negro mande dar
Embarcações idoneas com que venha;
Que os seus bateis não quer aventurar,
Onde lhos tome o inimigo, ou lhos detenha.
Partem as almadias a buscar
Mercadoria Hispana, que convenha:
Escreve a seu irmão, que lhe mandasse
A fazenda, com que se resgatasse.

- 94 Vem a fazenda a terra, aonde logo
A agasalhou o infame Catual:
Com ella ficam Alvaro e Diogo,
Que a podessem vender pelo que val.
Se mais que obrigação, que mando e rogo,
No peito vil o premio pôde e val,
Bem o mostra o Gentio a quem o entenda;
Pois o Gama soltou pela fazenda.
- 95 Por ella o solta, crendo que ali tinha
Penhor bastante, d'onde recebesse
Interesse maior do que lhe vinha,
Se o Capitão mais tempo detivesse.
Elle vendo, que já lhe não convinha
Tornar a terra, porque não podesse
Ser mais retido, sendo ás naos chegado,
Nellas estar se deixa descansado.
- 96 Nas naos estar se deixa vagaroso,
Até ver o que o tempo lhe descobre;
Que não se fia já do cubiçoso
Regedor corrompido e pouco nobre.
Veja agora o juizo curioso
Quanto no rico, assi como no pobre,
Pôde o vil interesse e sêde imiga
Do dinheiro, que a tudo nos obriga.
- 97 A Polydoro mata o Rei Threício,
Só por ficar senhor do grão thesouro:
Entra pelo fortissimo edificio
Com a filha de Acrisio a chuva d'ouro:
Pôde tanto em Tarpeia avaro vicio,
Que a troco do metal luzente e louro,
Entrega aos inimigos a alta torre,
Do qual quasi afogada em pagó morre.
- 98 Este rende munidas fortalezas,
Faz traidores e falsos os amigos:
Este a mais nobres faz fazer vilezas,
E entrega capitães aos inimigos:
Este corrompe virginaes purezas,
Sem temer de honra ou fama alguns perigos:
Este deprava ás vezes as sciencias,
Os juizos cegando e as consciencias.
- 99 Este interpreta mais que subtilmente
Os textos: este faz e desfaz leis:
Este causa os perjurios entre a gente,
E mil vezes tyrannos torna os Reis.

Até os que só a Deos Omnipotente
 Se dedicam, mil vezes ouvireis,
 Que corrompe este encantador, e illude;
 Mas não sem côr, com tudo, de virtude.

CANTO NONO.

- 1 Tiveram longamente na cidade,
 Sem vender-se, a fazenda os dois feitores;
 Que os infieis por manha e falsidade
 Fazem, que não lha comprem mercadores;
 Que todo seu proposito e vontade
 Era deter ali os descobridores
 Da India tanto tempo, que viessem
 De Meca as naos, que as suas desfizessem.
- 2 Lá no seio Erythreo, onde fundada
 Arsínoe foi do Egyptio Ptolemeo,
 Do nome da irmã sua assi chamada,
 Que depois em Suez se converteo;
 Não longe o porto jaz da nomeada
 Cidade Meca, que se engrandeceo
 Com a superstição falsa e profana
 Da religiosa agua Ma'ometana.
- 3 Gidá se chama o porto, aonde o trato
 De todo o Roxo mar mais florescia,
 Do que tinha proveito grande e grato
 O Soldão, que esse reino possuia.
 D'aqui aos Malabares, por contrato
 Dos infieis, formosa companhia
 De grandes naos pelo Indico Oceano
 Especiaria vem buscar cada anno.
- 4 Por estas naos os Mouros esperavam,
 Que, como fossem grandes e possantes,
 Aquellas, que o commercio lhe tomavam,
 Com flammabrasassem crepitantes.
 Neste soccorro tanto confiavam,
 Que já não querem mais dos navegantes,
 Senão que tanto tempo ali tardassem,
 Que da famosa Meca as naos chegassem.

- 5 Mas o Governador dos ceos e gentes,
Que para quanto tem determinado,
De longo os maios dá convenientes,
Por onde vem a effeito o fim fadado;
Influo piedosos accidentes
De affeição em Monçaide, que guardado
Estava para dar ao Gama aviso,
E merecer por isso o Paraiso.
- 6 Este, de que se os Mouros não guardavam,
Por ser Mouro como elles, antes era
Participante em quanto machinavam,
A tenção lhe descobre torpe e fera:
Muitas vezes as naos, que longo estavam,
Visita, e com piedade considera
O damno, sem razão, que se lhe ordena
Pela maligna gente Sarracena.
- 7 Informa o cauto Gama das armadas,
Que de Arabica Meca vem cada anno,
Que agora são dos seus tão desejadas,
Para ser instrumento deste dano:
Diz-lhe, que vem de gente carregadas,
E dos trovões horrendos de Vulcano;
E que póde ser dellas opprimido,
Segundo estava mal apercebido.
- 8 O Gama, que tambem considerava
O tempo, que para a partida o chama,
E que despacho já não esperava
Melhor do Rei, que os Ma'ometanos ama;
Aos feitores, que em terra estão, mandava,
Que se tornem ás naos; e porque a fama
Desta subita vinda os não impida,
Lhe manda, que a fizessem escondida.
- 9 Porém não tardou muito, que voando
Hum rumor não soasse com verdade,
Que foram presos os feitores, quando
Foram sentidos vir-se da cidade.
Esta fama as orelhas penetrando
Do sabio Capitão, com brevidade
Faz represalia n'huns, que ás naos vieram
A vender pedraria, que trouxeram.
- 10 Eram estes antiguos mercadores,
Ricos em Calecut, e conhecidos;
Da falta delles logo entre os melhores
Sentido foi, que estão no mar retidos.

Mas já nas naos os bons trabalhadores
Volvem o cabrestante, e repartidos
Pelo trabalho, huns puxam pela amarra,
Outros quebram co'o peito duro a barra:

- 11 Outros pendem da verga, e já desatam
A vela, que com grita se soltava;
Quando com maior grita ao Rei relatam
A pressa, com que a armada se levava:
As mulheres e filhos, que se matam,
Daquelles, que vão presos, onde estava
O Samorim, se aqueixam, que perdidos
Huns tem os pais, as outras os maridos.
- 12 Manda logo os feitores Lusitanos
Com toda sua fazenda livremente,
A pezar dos imigos Ma'ometanos,
Porque lhe torne a sua presa gente:
Desculpas manda o Rei de seus enganos.
Recebe o Capitão de melhor mente
Os presos, que as desculpas; e, tornando
Alguns negros, se parte as velas dando.
- 13 Parte-se costa abaixo, porque entende
Que em vão co'o Rei gentio trabalhava
Em querer d'elle paz, a qual pretende
Por firmar o commercio, que tratava.
Mas como aquella terra, que se estende
Pela Aurora, sabida já deixava,
Com estas novas torna á patria chara,
Certos sinaes levando do que achara.
- 14 Leva alguns Malabares, que tomou
Por força, dos que o Samorim mandara,
Quando os presos feitores lhe tornou:
Leva pimenta ardente, que comprara:
A secca flor de Banda não ficou,
A noz, e o negro cravo, que faz clara
A nova ilha Maluco, co'a canella,
Com que Ceylão he rica, illustre e bella.
- 15 Isto tudo lhe houvera a diligencia
De Monçaide fiel, que tambem leva;
Que inspirado de angelica influencia,
Quer no livro de Christo, que se escreva.
Oh ditoso Africano, que a clemencia
Divina assi tirou d'escura treva,
E tão longe da patria achou maneira
Para subir á patria verdadeira!

- 16 Apartadas assi da ardente costa
As venturosas naos, levando a proa
Para onde a natureza tinha posta
A meta Austrina da esperança boa;
Levando alegres novas, e resposta
Da parte oriental para Lisboa,
Outra vez commettendo os duros medos
Do mar incerto, timidos e ledos:
- 17 O prazer de chegar á patria chara,
A seus penates charos e parentes,
Para contar a peregrina e rara
Navegação, os varios ceos e gentes;
Vir a lograr o premio, que ganhara
Por tão longos trabalhos e accidentes,
Cada hum tem por gosto tão perfeito,
Que o coração para elle he vaso estreito.
- 18 Porém a deosa Cypria, que ordenada
Era para favor dos Lusitanos
Do padre eterno, e por bom genio dada,
Que sempre os guia já de longos annos;
A gloria por trabalhos alcançada,
Satisfação de bem soffridos danos,
Lhe andava já ordenando, e pretendia
Dar-lhe nos mares tristes alegria.
- 19 Depois de ter hum pouco revolvido
Na mente o largo mar, que navegaram,
Os trabalhos que pelo Deos nascido
Nas Amphionéas Thebas se causaram;
Já trazia de longe no sentido,
Para premio de quanto mal passaram,
Buscar-lhe algum deleite, algum descanso
No reino de crystal liquido e manso:
- 20 Algum repouso em fim, com que pudesse
Refocilar a lassa humanidade
Dos navegantes seus, como interesse
Do trabalho, que encurta a breve idade.
Parece-lhe razão, que conta dêsse
A seu filho, por cuja potestade
Os deoses faz descer ao vil terreno,
E os humanos subir ao ceo sereno.
- 21 Isto bem revolvido, determina
De ter-lhe apparelhada lá no meio
Das aguas, alguma insula divina,
Ornada d'esmaltado e verde arreo:

- Que muitas tem no reino, que confina
 Da primeira co' o terreno seio,
 Afora as que possui soberanas,
 Para dentro das portas Herculanias.
- 22 Ali quer, que as aquaticas donzellas
 Esperem os fortissimos Barões,
 Todas as que tem titulo de bellas,
 Gloria dos olhos, dor dos corações,
 Com danças e chorêas, porque nellas
 Influidá secretas affeições,
 Para com mais vontade trabalharem
 De contentar a quem se affeiçoarem.
- 23 Tal manha buscou já, para que aquelle,
 Que de Anchises pario, bem recebido
 Fosse no campo, que a bovina pelle
 Tomou de espaço, por subtil partido:
 Seu filho vai buscar, porque só nelle
 Tem todo seu poder, fero Cupido;
 Que assi como naquella empreza antiga
 A ajudou já, nest'outra a ajude e siga.
- 24 No carro ajunta as aves, que na vida
 Vão da morte as exequias celebrando,
 E aquellas em que já foi convertida
 Peristéra, as boninas apanhando.
 Em derredor da deosa já partida,
 No ar lascivos beijos se vão dando:
 Ella por onde passa, o ar e o vento
 Sereno faz com brando movimento.
- 25 Já sobre os Idalios montes pende,
 Onde o filho frecheiro estava então
 Ajuntando outros muitos; que pretende
 Fazer huma famosa expedição
 Contra o mundo rebelde, porque emende
 Erros grandes, que ha dias nelle estão,
 Amando cousas, que nos foram dadas,
 Não para ser amadas, mas usadas.
- 26 Via Acteon na caça tão austero,
 De cego na alegria bruta, insana,
 Que por seguir hum feo animal fero,
 Foge da gente e bella forma humana:
 E por castigo quer, doce e severo,
 Mostrar-lhe a formosura de Diana;
 E guarde-se não seja inda comido
 Desses cães, que agora ama, e consumido.

- 27 E vê do mundo todo os principais,
 Que nenhum no bem publico imagina;
 Vê nelles, que não tem amor a mais,
 Que a si sómente, e a quem Philaucia ensina:
 Vê que esses, que frequentam os reais
 Paços, por verdadeira e sã doutrina
 Vendem adulação, que mal consente
 Mondar-se o novo trigo florecente.
- 28 Vê que aquelles, que devem á pobreza
 Amor divino, e ao povo charidade,
 Amam sómente mandos e riqueza,
 Simulando justiça e integridade:
 Da fea tyrannia e de aspereza
 Fazem direito, e vã severidade:
 Leis em favor do Rei se estabelecem;
 As em favor do povo só perecem.
- 29 Vê em fim, que ninguem ama o que deve,
 Senão o que sómente mal deseja:
 Não quer que tanto tempo se releve
 O castigo, que duro e justo seja.
 Seus ministros ajunta, porque leve
 Exercitos conformes á peleja,
 Que espera ter co'a mal regida gente,
 Que lhe não for agora obediente.
- 30 Muitos destes meninos voadores
 Estão em varias obras trabalhando,
 Huns amolando ferros passadores,
 Outros hasteas de settas delgaçando:
 Trabalhando, cantando estão de amores,
 Varios casos em verso modulando;
 Melodia sonora e concertada,
 Suave a letra, angelica a soada.
- 31 Nas fragoas immortaes, onde forjavam
 Para as settas as pontas penetrantes,
 Por lenha, corações ardendo estavam,
 Vivas entranhas inda palpitantes:
 As aguas onde os ferros temperavam,
 Lagrimas são de miseros amantes:
 A viva flamma, o nunca morto lume,
 Desejo he só que queima e não consume.
- 32 Alguns exercitando a mão andavam,
 Nos duros corações da plebe ruda:
 Crebros suspiros pelo ar soavam
 Dos que feridos vão da setta aguda:

- Formosas nymphas são as que curavam
 As chagas recebidas, cuja ajuda
 Não sómente dá vida aos mal feridos,
 Mas põe em vida os inda não nascidos.
- 33 Formosas são algumas, e outras feas,
 Segundo a qualidade for das chagas;
 Que o veneno espalhado pelas veas
 Curam-no ás vezes asperas triagas.
 Alguns ficam ligados em cadeas
 Por palavras subtis de sabias magas:
 Isto acontece ás vezes, quando as settas
 Acertam de levar hervas secretas.
- 34 Destes tiros assi desordenados,
 Que estes moços mal destros vão tirando,
 Nascem amores mil desconcertados
 Entre o povo ferido, miserando:
 E tambem nos heroes de altos estados
 Exemplos mil se vem de amor nefando;
 Qual o das moças, Bibli e Cinyrea:
 Hum mancebo de Assyria, hum de Judea.
- 35 E vós, ó poderosos, por pastoras
 Muitas vezes ferido o peito vedes;
 E por baixos e rudos, vós senhoras,
 Tambem vos tomam nas Vulcaneas redes.
 Huns esperando andais nocturnas horas,
 Outros subis telhados e paredes:
 Mas eu creio, que deste amor indino,
 He mais culpa a da mãe, que a do menino.
- 36 Mas já no verde prado o carro leve
 Punham os brancos cysnes mansamente;
 E Dione, que as rosas entre a neve
 No rosto traz, descia diligente.
 O frecheiro, que contra o Ceo se atreve,
 A recebê-la vem ledo e contente;
 Vem todos os Cupidos servidores
 Beijar a mão á deosa dos amores.
- 37 Ella, porque não gaste o tempo em vão,
 Nos braços tendo o filho, confiada
 Lhe diz: Amado filho, em cuja mão
 Toda minha potencia está fundada,
 Filho, em quem minhah forças sempre estão;
 Tu que as armas Typheas tens em nada,
 A soccorrer-me á tua potestade
 Me traz especial necessidade.

- 38 Bem vês as Lusitanicas fadigas,
Que eu já de muito longe favoreço,
Porque das Parcas sei minhas amigas,
Que me hão de venerar, e ter em preço;
E porque tanto imitam as antigas
Obras de meus Romanos, me offereço
A lhe dar tanta ajuda em quanto posso,
A quanto se estender o poder nosso.
- 39 E porque das insidias do odioso
Baccho foram na India molestados,
E das injurias sós do mar undoso
Poderam mais ser mortos, que cansados:
No mesmo mar, que sempre temeroso
Lhe foi, quero que sejam repousados;
Tomando aquelle premio e doce gloria
Do trabalho, que faz clara a memoria.
- 40 E para isso queria, que feridas
As filhas de Nereo no ponto fundo,
D'amor dos Lusitanos incendidas,
Que vem de descobrir o novo mundo,
Todas n'huma ilha juntas, e subidas,
Ilha, que nas entranhas do profundo
Oceano terei aparelhada,
De dões de Flora e Zephyro adornada:
- 41 Ali com mil refrescos e manjares,
Com vinhos odoriferos e rosas,
Em crystallinos paços singulares
Formosos leitos, e ellas mais formosas;
Em fim, com mil deleites não vulgares,
Os esperem as nymphas amorosas,
De amor feridas, para lhe entregarem
Quanto dellas os olhos cubiçarem.
- 42 Quero, que haja no reino Neptunino,
Onde eu nasci, progenie forte e bella,
E tome exemplo o mundo vil, malino,
Que contra tua potencia se rebella;
Porque entendam, que muro adamantino,
Nem triste hypocrisia vale contra ella:
Mal haverá na terra quem se guarde,
Se teu fogo immortal nas aguas arde.
- 43 Assi Venus propoz, e o filho inico
Para lhe obedecer já se apercebe;
Manda trazer o arco eburneo, rico,
Onde as settas de ponta de ouro embebe.

- Com gesto ledô a Cypria, e impudico
Dentro no carro o filho seu recebe;
A redea larga ás aves, cujo canto
A Phaetontea morte chorou tanto.
- 44 Mas diz Cupido, que era necessaria
Huma famosa e celebre terceira,
Que posto que mil vezes lhe he contraria,
Outras muitas a tem por companheira:
A deosa Gigantêa, temeraria,
Jactante, mentirosa e verdadeira,
Que com cem olhos vê, e por onde vôa,
O que vê, com mil bôcas apregoa.
- 45 Vão-a buscar, e mandam-a diante,
Que celebrando vá com tuba clara
Os louvores da gente navegante,
Mais do que nunca os d'outrem celebrara.
Já murmurando a Fama penetrante
Pelas fundas cavernas se espalhara:
Falla verdade, havida por verdade;
Que junto a deosa traz Credulidade.
- 46 O louvor grande, o rumor excellentê
No coração dos deoses, que indignados
Foram por Baccho contra a illustre gente,
Mudando, os fez hum pouco affeiçoados.
O peito feminil, que levemente
Muda quaesquer propositos tomados,
Já julga por mau zelo, e por crueza
Desejar mal a tanta fortaleza.
- 47 Despede nisto o fero moço as settas
Huma após outra; geme o mar co'os tiros:
Direitas pelas ondas inquietas
Algũas vão, e algũas fazem giros:
Cahem as nymphas, lançam das secretas
Entranhas ardentissimos suspiros;
Cahe qualquer, sem ver o vulto, que ama,
Que tanto como a vista pôde a fama.
- 48 Os cornos ajuntou da eburnea lãa,
Com força o moço indomito excessiva,
Que Tethys quer ferir mais que nenhũa,
Porque mais que nenhũa lhe era esquiva.
Já não fica na aljava setta algũa,
Nem nos equoreos campos nympha viva;
E se feridas inda estão vivendo,
Será para sentir, que vão morrendo.

- 49 Dai logar, altas e ceruleas ondas,
Que, vedes, Venus traz a medicina,
Mostrando as brancas velas e redondas,
Que vem por cima da agua Neptunina:
Para que tu reciproco respondas,
Ardente Amor, á flamma feminina,
He forçado, que a pudicicia honesta
Faça quanto lhe Venus admoesta.
- 50 Já todo o bello côro se apparelha
Das Nereidas; e junto caminhava
Em choréas gentis, usança velha,
Para a ilha, a que Venus as guiava:
Ali a formosa deosa lhe aconselha
O que ella fez mil vezes, quando amava:
Ellas, que vão do doce amor vencidas,
Estão a seu conselho offerecidas.
- 51 Cortando vão as naos a larga via
Do mar ingente para a patria amada,
Desejando prover-se de agua fria
Para a grande viagem prolongada:
Quanto juntas, com subita alegria,
Houveram vista da ilha namorada;
Rompendo pelo ceo a mãe formosa
De Memnonio, suave e deleitosa.
- 52 De longe a ilha viram fresca e bella,
Que Venus pelas ondas lha levava,
(Bem como o vento leva branca vela)
Para onde a forte armada se enxergava;
Que porque não passassem, sem que nella
Tomassem porto, como desêjava,
Para onde as naos navegam a movia
A Acidalia, que tudo em fim podia.
- 53 Mas firme a fez e immobil, como vio
Que era dos nautas vista e demandada;
Qual ficou Delos, tanto que pario
Latona Phebo, e a deosa á caça usada.
Para lá logo a prôa o mar abriu,
Onde a costa fazia huma enseada
Curva e quieta, cuja branca arêa
Pintou de ruivas conchas Cytherêa.
- 54 Tres formosos outeiros se mostravam
Erguidos com soberba graciosa,
Que de gramíneo esmalte se adornavam,
Na formosa ilha alegre e deleitosa:

- Claras fontes e limpidas manavam
Do cume, que a verdura tem viçosa:
Por entre pedras alvas se deriva
A sonora lympha fugitiva.
- 55 N'hum valle ameno, que os outeiros fende,
Vinhã as claras aguas ajuntar-se,
Onde huma meza fazem, que se estende
Tão bella, quanto póde imaginar-se:
Arvoredo gentil sobre ella pende,
Como que prompto está para afeitar-se,
Vendo-se no crystal resplandecente,
Que em si o está pintando propriamente.
- 56 Mil arvores estão ao ceo subindo
Com pomos odoriferos e bellos:
A lorangeira tem no fruto lindo
A côr, que tinha Daphne nos cabellos:
Encosta-se no chão, que está cahindo
A cidreira co'os pesos amarellos:
Os formosos limões, ali cheirando
Estão virgineas tetas imitando.
- 57 As arvores agrestes, que os outeiros
Tem com frontente cõma ennobrecidos,
Alemos são de Alcides, e os loureiros
Do louro deos amados e queridos:
Myrtos de Cytherêa, co'os pinheiros
De Cybele, por outro amor vencidos:
Está apontando o agudo cypariso
Para onde he posto o ethereo paraíso.
- 58 Os dões, que dá Põmona, ali natura
Produze differentes nos sabores,
Sem ter necessidade de cultura,
Que sem ella se dão muito melhores:
As cerejas purpureas na pintura;
As amoras, que o nome tem de amores;
O pomo, que da patria Persia veio,
Melhor tornado no terreno alheio.
- 59 Abre a romãa, mostrando a rubicunda
Cõr, com que tu, rubi, teu preço perdes;
Entre os braços do ulmeiro está a jocunda
Vide, co'huns cachos roxos e outros verdes.
E vós, se na vossa arvore fecunda,
Peras pyramidaes, viver quizerdes,
Entregai-vos ao damno, que co'os bicos
Em vós fazem os passaros inicos.

- 60 Pois a tapeçaria bella e fina,
 Com que se cobre o rustico terreno,
 Faz ser a de Achemenia menos dina,
 Mas o sombrio valle mais ameno.
 Ali a cabeça a flor Cephisia inclina
 Sobolo tanque lucido e sereno:
 Florece o filho e neto de Cinyras,
 Por quem tu, deosa Paphia, inda suspiras.
- 61 Para julgar difficil cousa fôra,
 No ceo vendo, e na terra as mesmas cores,
 Se dava ás flores côr a bella Aurora,
 Ou se lha dão a ella as bellas flores.
 Pintando estava ali Zephyro e Flora
 As violas da côr dos amadores;
 O lyrio roxo, a fresca rosa bella,
 Qual reluze nas faces da donzella:
- 62 A candida cecem, das matutinas
 Lagrimas rociada, e a mangerona:
 Vem-se as letras nas flores Hyacinthinas,
 Tão queridas do filho de Latona:
 Bem se enxerga nos pomos e boninas,
 Que competia Chloris com Pomona.
 Pois se as aves no ar cantando voam,
 Alegres animaes o chão povoam.
- 63 Ao longo da agua o niveo cysne canta,
 Responde-lhe do ramo philomela:
 Da sombra de seus cornos não se espanta
 Acteon n'agua crystallina e bella:
 Aqui a fugace lebre se levanta
 Da espessa mata, ou timida gazella:
 Ali no bico traz ao charo ninho
 O mantimento o leve passarinho.
- 64 Nesta frescura tal desembarcavam
 Já das naos os segundos Argonautas,
 Onde pela floresta se deixavam
 Andar as bellas deosas, como incautas:
 Algumas doces citharas tocavam,
 Algumas arpas e sonoras frautas.
 Outras co'os arcos de ouro se fingiam
 Seguir os animaes, que não seguiam.
- 65 Assi lho aconselhara a mestra experta,
 Que andassem pelos campos espalhadas;
 Que vista dos Barões a presa incerta,
 Se fizessem primeiro desejadas.

- Algumas, que na fôrma descoberta
Do bello corpo estavam confiadas,
Posta a artificiosa formosura,
Nuas lavar se deixam na agua pura.
- 66 Mas os fortes mancebos, que na praia
Punham os pés, de terra cubiçosos;
Que não ha nenhum delles, que não saia
De acharem caça agresta desejosos;
Não cuidam, que sem laço, ou redes, caia
Caça naquelles montes deleitosos
Tão suave, domestica e benina,
Qual ferida lha tinha já Erycina.
- 67 Alguns, que em espingardas e nas béstas
Para ferir os cervos se fiavam,
Pelos sombrios matos e florestas
Determinadamente se lançavam:
Outros nas sombras, que das altas sestas
Defendem a verdura, passeavam
Ao longo da agua, que suave e queda
Por alvas pedras corre á praia leda.
- 68 Começam de enxergar subitamente
Por entre verdes ramos varias cores;
Cores de quem a vista julga e sente,
Que não eram das rosas ou das flores;
Mas da lã fina e seda differente,
Que mais incita a força dos amores,
De que se vestem as humanas rosas,
Fazendo-se por arte mais formosas.
- 69 Dá Velloso espantado hum grande grito:
Senhores, caça estranha, disse, he esta:
Se inda dura o gentio antiguo rito,
A deosas he sagrada esta floresta.
Mais descobrimos, do que humano espirito
Desejou nunca; e bem se manifesta,
Que são grandes as cousas e excellentes,
Que o mundo encobre aos homens imprudentes.
- 70 Sigamos estas deosas, e vejamos
Se phantasticas são, se verdadeiras.
Isto dito, veloces mais que gamos,
Se lançam a correr pelas ribeiras.
Fugindo as nymphas vão por entre os ramos;
Mas mais industriosas, que ligeiras,
Pouco e pouco sorrindo, e gritos dando,
Se deixam ir dos galgos alcançando.

- 71 De huma os cabellos de ouro o vento leva
 Correndo, e de outra as fraldas delicadas:
 Accende-se o desejo, que se ceva
 Nas alvas carnes subito mostradas:
 Huma de industria cahe, e já releva
 Com mostras mais macias, que indignadas,
 Que sobre ella empecendo tambem caia
 Quem a seguiu pela arenosa praia.
- 72 Outros por outra parte vão topar
 Com as deosas despidas, que se lavam:
 Ellas começam subito a gritar,
 Como que assalto tal não esperavam.
 Humas fingindo menos estimar
 A vergonha, que a força, se lançavam
 Nuas por entre o mato, aos olhos dando
 O que ás mãos cubiçosas vão negando.
- 73 Outra, como acudindo mais depressa
 Á vergonha da deosa caçadora,
 Esconde o corpo n'agua: outra se apressa
 Por tomar os vestidos, que tem fora.
 Tal dos mancebos ha, que se arremessa
 Vestido assi, e calçado (que co'a mora
 De se despir, ha medo que inda tarde)
 A matar na agua o fogo, que nelle arde.
- 74 Qual cão de caçador, sagaz e ardido,
 Usado a tomar na agua a ave ferida,
 Vendo ao rosto o ferreo cano, erguido
 Para a garcenha ou pata conhecida,
 Antes que sôe o estouro, mal soffrido
 Salta n'agua, e da presa não duvida,
 Nadando vai e latindo: assi o mancebo
 Remette á que não era irmãa de Phebo.
- 75 Leonardo, soldado bem disposto,
 Manhoso, cavalleiro e namorado,
 A quem amor não dera hum só desgosto,
 Mas sempre fôra delle maltratado;
 E tinha já por firme prosuppesto
 Ser com amores mal afortunado,
 Porém não que perdesse a esperança
 De inda poder seu fado ter mudança:
- 76 Quiz aqui sua ventura, que corria
 Após Éphyre, exemplo de belleza,
 Que mais caro, que as outras, dar queria
 O que deo para dar-se a natureza.

- Já cansado correndo lhe dizia:
 Ó formosura indigna de aspereza,
 Pois desta vida te concedo a palma,
 Espera hum corpo de quem levas a alma.
- 77 Todas de correr cansam, nympha pura,
 Rendendo-se á vontade do inimigo:
 Tu só de mi só foges na espessura?
 Quem te disse, que eu era o que te sigo?
 Se to tem dito já aquella ventura,
 Que em toda a parte sempre anda comigo,
 Ó não na creas, porque eu, quando a cria,
 Mil vezes cada hora me mentia.
- 78 Não canses, que me cansas; e se queres
 Fugir-me, porque não possa tocar-te,
 Minha ventura he tal, que, inda que esperes,
 Ella fará, que não possa alcançar-te.
 Espera: quero ver, se tu quizeres,
 Que subtil modo busca de escapar-te,
 E notarás no fim deste successo,
 «Tra la spiga e la man qual muro è messo.»
- 79 Ó não me fujas! Assi nunca o breve
 Tempo fuja de tua formosura!
 Que só com refrear o passo leve
 Vencerás da fortuna a força dura.
 Que Imperador, que exercito se atreve
 A quebrantar a furia da ventura,
 Que em quanto desejei me vai seguindo,
 O que tu só farás não me fugindo?
- 80 Pões-te da parte da desdita minha?
 Fraqueza he dar ajuda ao mais potente.
 Levas-me hum coração, que livre tinha?
 Solta-mo, e correrás mais levemente.
 Não te carrega essa alma tão mesquinha,
 Que nesses fios de ouro reluzente
 Atada levas? Ou, depois de presa,
 Lhe mudaste a ventura, e menos pesa?
- 81 Nesta esperança só te vou seguindo,
 Que ou tu não soffrerás o peso della,
 Ou na virtude de teu gesto lindo
 Lhe mudarás a triste e dura estrella:
 E se se lhe mudar, não vás fugindo,
 Que amor te ferirá, gentil donzella:
 F tu me esperarás, se amor te fere;
 E se me esperas, não ha mais, que espere.

- 82 Já não fugia a bella nympha, tanto
 Por se dar cara ao triste, que a seguia,
 Como por ir ouvindo o doce canto,
 As namoradas maguas, que dizia.
 Volvendo o rosto já sereno e santo,
 Toda banhada em riso e alegria,
 Cahir se deixa aos pés do vencedor,
 Que todo se desfaz em puro amor.
- 83 Oh que famintos beijos na floresta!
 E que mimoso chora, que soava!
 Que affagos tão suaves! Que ira honesta,
 Que em risinhos alegres se tornava!
 O que mais passam na manhã e na sesta,
 Que Venus com prazeres inflammava,
 Melhor he exp'rimenta-le, que julga-lo,
 Mas julgue-o quem não póde exp'rimenta-lo.
- 84 Desta arte em fim conformes já as formosas
 Nymphas co'os seus amados navegantes,
 Os ornam de capellas deleitosas,
 De louro e de ouro, e flores abundantes:
 As mãos alvas lhe davam como esposas:
 Com palavras formaes e estipulantes
 Se promettem eterna companhia
 Em vida e morte, de honra e alegria.
- 85 Huma dellas maior, a quem se humilha
 Todo o coro das nymphas, e obedece,
 Que dizem ser de Cælo e Vesta filha;
 O que no gesto bello se parece;
 Enchendo a terra e o mar de maravilha,
 O Capitão illustre, que o merece,
 Recebe ali com pompa honesta e regia,
 Mostrando-se senhora grande e egreja:
- 86 Que depois de lhe ter dito quem era,
 C'hum alto exordio de alta graça ornado,
 Dando-lhe a entender, que ali viera
 Por alta influença do immobil fado;
 Para lhe descobrir da unida esphera,
 Da terra immensa, e mar não navegado
 Os segredos por alta prophecia,
 O que esta sua nação só merecia:
- 87 Tomando-o pela mão, o leva, e guia
 Para o cume d'hum monte alto e divino,
 No qual hũa rica fabrica se erguia
 De crystal toda, e de ouro puro e fino.

- A maior parte aqui passam do dia
Em doces jogos, e em prazer contino:
Ella nos paços logra seus amores,
As outras pelas sombras entre as flores.
- 88 Assi a formosa e a forte companhia
O dia quasi todo estão passando,
N'huma alma, doce, incognita alegria,
Os trabalhos tão longos compensando:
Porque dos feitos grandes, da ousadia
Forte e famosa, o mundo está guardando
O premio lá no fim bem merecido,
Com fama grande, e nome alto e subido.
- 89 Que as nymphas do Oceano tão formosas,
Tethys, e a ilha angelica pintada,
Outra cousa não he, que as deleitosas
Honras, que a vida fazem sublimada:
Aquellas preeminencias gloriosas,
Os triumphos, a fronte coroada
De palma e louro, a gloria e maravilha,
Estes são os deleites desta ilha:
- 90 Que as immortalidades, que fingia
A antiguidade, que os illustres ama,
Lá no estellante Olympo, a quem subia
Sobre as azas inclytas da fama
Por obras valerosas, que fazia,
Pelo trabalho immenso, que se chama
Caminho da virtude alto e fragoso,
Mas no fim doce, alegre e deleitoso;
- 91 Não eram senão premios, que reparte
Por feitos immortaes e soberanos
O mundo co'os barões, que esforço e arte
Divinos os fizeram, sendo humanos:
Que Jupiter, Mercurio, Phebo e Marte,
Eneas e Quirino, e os dous Thebanos,
Ceres, Pallas e Juno com Diana,
Todos foram de fraca carne humana.
- 92 Mas a fama, trombeta de obras tais,
Lhe deo no mundo nomes tão estranhos,
De Deoses, Semideoses immortaes,
Indigetes, Heroicos e de Magnos.
Por isso, ó vós, que as famas estimais,
Se quizerdes no mundo ser tamanhos,
Despertai já do somno do ocio ignavo,
Que o animo de livre faz escravo.

- 93 E ponde na cubiça hum freio duro,
E na ambição tambem, que indignamente
Tomais mil vezes, e no torpe e escuro
Vicio da tyrannia infame e urgente:
Porque essas honras vâas, esse ouro puro,
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor he merece-los sem os ter,
Que possui-los sem os merecer.
- 94 Ou dai na paz as leis iguaes, constantes,
Que aos grandes não dem o dos pequenos;
Ou vos vesti nas armas rutilantes,
Contra a lei dos imigos Sarracenos:
Fareis os reinos grandes e possantes,
E todos tereis mais, e nenhum menos;
Possuireis riquezas merecidas,
Com as honras, que illustram tanto as vidas.
- 95 E fareis claro o Rei que tanto amais,
Agora co'os conselhos bem cuidados,
Agora co'as espadas, que immortais
Vos farão, como os vossos já passados:
Impossibilidades não façais;
Que quem quiz sempre pôde: e numerados
Sereis entre os Heroes esclarecidos,
E nesta ilha de Venus recebidos.

CANTO DECIMO.

- 1 Mas já o claro amator da Larissea
Adultera inclinava os animaes
Lá para o grande lago, que rodea
Temistitão, nos fins Occidentaes:
O grande ardor do Sol Favonio enfrea
Co'o sôpro, que nos tanques naturaes
Encrespa a agua serena, e despertava
Os lirios e jasmíns, que a calma agrava:
- 2 Quando as formosas nymphas, co'os amantes
Pela mão, já conformes e contentes,
Subiam para os passos radiantes,
E de metaes ornados reluzentes,

- Mandados da Rainha, que abundantes
Mesas d'altos manjares excellentes,
Lhes tinha aparelhadas, que a fraqueza
Restaurem da cansada natureza.
- 3 Ali em cadeiras ricas, crystallinas,
Se assentam dous e dous, amante e dama;
N'outras, á cabeceira, d'ouro finas,
Está co'a bella deosa o claro Gama.
De iguarias suaves e divinas,
A quem não chega a Egypcia antiga fama,
Se accumulam os pratos de fulvo ouro,
Trazidos lá do Atlantico thesouro.
- 4 Os vinhos odoriferos, que acima
Estão, não só do Italico Falerno,
Mas da Ambrósia, que Jove tanto estima,
Com todo o ajuntamento sempiterno,
Nos vasos, onde em vão trabalha a lima,
Crespas escumas erguem, que no interno
Coração movem subita alegria,
Saltando co'a mistura d'agua fria.
- 5 Mil praticas alegres se tocavam,
Risos doces, subtís e argutos ditos,
Que entre hum e outro manjar se alevantavam,
Despertando os alegres appetitos:
Musicos instrumentos não faltavam,
(Quaes no profundo reino os nús esp'ritos
Fizeram descansar da eterna pena)
C'huma voz d'huma angelica Sirena.
- 6 Cantava a bella nympha, e co'os accentos,
Que pelos altos paços vão soando,
Em consonancia igual os instrumentos
Suaves vem a hum tempo conformando:
Hum subito silencio enfrea os ventos,
E faz ir docemente murmurando
As aguas, e nas casas naturaes
Adormecer os brutos animaes.
- 7 Com doce voz está subindo ao ceo
Altos barões, que estão por vir ao mundo,
Cujas claras ideas vio Proteo
N'hum globo vão, diaphano, rotundo;
Que Jupiter em dom lho concedeo
Em sonhos, e despois no reino fundo
Vaticinando o disse, e na memoria
Recolheo logo a nympha a clara historia.

- 8 Materia he de cothurno e não de socco,
A que a nympha aprendeo no immenso lago,
Qual Iopas não soube, ou Demodoco,
Entre os Pheaces hum, outro em Carthago.
Aqui, minha Calliope, te invoco
Neste trabalho extremo; porque em pago
Me tornes, do que escrevo, e em vão pretendo,
O gosto de escrever, que vou perdendo.
- 9 Vão os annos descendo, e já do estio
Ha pouco que passar até o outono;
A fortuna me faz o engenho frio,
Do qual já não me jacto, nem me abono:
Os desgostos me vão levando ao rio
Do negro esquecimento e eterno sono:
Mas tu me dá, que cumpra, ó grão Rainha
Das Musas, co'o que quero, á nação minha!
- 10 Cantava a bella deosa, que viriam
Do Tejo pelo mar, que o Gama abrira,
Armadas, que as ribeiras venceriam,
Por onde o Oceano Indico suspira:
E que os gentios Reis, que não dariam
A cerviz sua ao jugo, o ferro e ira
Prorariam do braço duro e forte,
Até render-se a elle, ou logo á morte:
- 11 Cantava d'hum, que tem nos Malabares
Do summo sacerdocio a dignidade,
Que só por não quebrar co'os singulares
Barões os nós, que dera, d'amizade,
Soffrerá suas cidades e logares,
Com ferro, incendios, ira e crueldade,
Ver destruir do Samorim potente,
Que taes odios terá co'a nova gente.
- 12 E canta como lá se embarcaria
Em Belem o remedio deste dano,
Sem saber o que em si ao mar traria,
O grão Pacheco, Achilles Lusitano:
O peso sentirão, quando entraria,
O curvo lenho, e o fervido Oceano,
Quando mais n'agua os troncos, que gemerem,
Contra sua natureza se metterem.
- 13 Mas já chegado aos fins Orientaes,
E deixado em ajuda do gentio
Rei de Cochim com poucos naturaes
Nos braços do salgado e curvo rio,

- Desbaratará os Naires infernaes
 No passo Cambalão, tornando frio
 De espanto o ardor immenso do Oriente,
 Que verá tanto obrar tão pouca gente.
- 14 Chamará o Samorim mais gente nova;
 Virão Reis de Bipur, e de Tanor;
 Das serras de Narsinga, que alta prova
 Estarão promettendo a seu senhor:
 Fará que todo o Naire em fim se mova,
 Que entre Calecut jaz, e Cananor,
 D'ambas as leis imigas, para a guerra,
 Mouros por mar, Gentios pela terra.
- 15 E todos outra vez desbaratando
 Por terra e mar o grão Pacheco usado,
 A grande multidão, que irá matando,
 A todo o Malabar terá admirado:
 Commetterá outra vez, não dilatando,
 O Gentio os combates apressado,
 Injuriando os seus, fazendo votos
 Em vão aos deoses vãos, surdos e immotos.
- 16 Já não defenderá sómente os passos,
 Mas queimar-lhe-ha logares, templos, casas:
 Acceso de ira o cão, não vendo lasso
 Aquelles, que as cidades fazem rasas,
 Fará que os seus, de vida pouco escassos,
 Commettam o Pacheco, que tem asas,
 Por dous passos n'hum tempo: mas voando
 D'hum n'outro, tudo irá desbaratando.
- 17 Virá ali o Samorim, porque em pessoa
 Veja a batalha, e os seus esforços e anime;
 Mas hum tiro, que com zomido voa,
 De sangue o tingirá no andor sublime:
 Já não verá remedio, ou manha boa,
 Nem força, que o Pacheco muito estime:
 Inventará trações e vãos venenos:
 Mas sempre (o Ceo querendo) fará menos.
- 18 Que tornará a vez setima, cantava,
 Pelejar com o invicto e forte Luso;
 A quem nenhum trabalho peza e aggrava;
 Mas com tudo este só o fará confuso:
 Trará para a batalha horrenda e brava,
 Machinas de madeiros fóra de uso,
 Para lhe abalroar as caravelas,
 Que até li vão lhe fóra commette-las.

- 19 Pela agua levará serras de fogo,
 Para abraçar-lhe quanta armada tenha:
 Mas a militar arte e engenho, logo
 Fará ser vã a braveza com que venha.
 Nenhum claro barão no marcio jogo,
 Que nas azas da fama se sustenha,
 Chega a este, que a palma a todos toma,
 E perdoe-me a illustre Grecia, ou Roma.
- 20 Porque tantas batalhas, sustentadas
 Com muito pouco mais de cem soldados,
 Com tantas manhas e artes inventadas,
 Tantos cães não imbelles profligados;
 Ou parecerão fabulas sonhadas,
 Ou que os celestes coros invocados
 Descerão a ajuda-lo, e lhe darão
 Esforço, força, ardil e coração.
- 21 Aquelle, que nos campos Marathonios
 O grão poder de Dario estrue e rende;
 Ou quem com quatro mil Lacedemonios
 O passo de Thermopylas defende;
 Nem o mancebo Cocles dos Ausonios,
 Que com todo o poder Tusco contende
 Em defensa da ponte, ou Quinto Fabio,
 Fôri como este na guerra forte e sabio.
- 22 Mas nesse passo a nympha o som canoro
 Abaixando, fez ronco e entristecido,
 Cantando em baixa voz, envolta em choro,
 O grande esforço mal agradecido.
 Ó Belizario, disse, que no coro
 Das Musas serás sempre engrandecido,
 Se em ti viste abatido o bravo Marte,
 Aqui tens com quem pódes consolar-te!
- 23 Aqui tens companheiro, assj nos feitos,
 Como no galardão injusto e duro:
 Em ti, e nelle veremos altos peitos
 A baixo estado vir, humilde e escuro:
 Morrer nos hospitaes, em pobres leitos,
 Os que ao Rei e á lei servem de muro!
 Isto fazem os Reis, cuja vontade
 Manda mais, que a justiça e que a verdade.
- 24 Isto fazem os Reis, quando embebidos
 N'humã apparencia branda, que os contenta,
 Dão os premios, de Aiace merecidos,
 Á lingua vã de Ulysses fraudulenta.

- Mas vingo-me; que os bens mal repartidos,
Por quem só doces sombras apresenta,
Se não os dão a sabios cavalleiros,
Dão-os logo a avarentos lisongeiros.
- 25 Mas tu, de quem ficou tão mal pagado
Hum tal vassallo, ó Rei só nisto inico,
Se não és para dar-lhe honroso estado,
He elle para dar-te hum reino rico.
Em quanto for o mundo rodeado
Dos Apollineos raios, eu te fico,
Que elle seja entre a gente illustre e claro,
E tu nisto culpado por avaro.
- 26 Mas eis outro, cantava, intitulado
Vem com nome Real, e traz comsigo
O filho, que no mar será illustrado
Tanto como qualquer Romano antigo:
Ambos darão com braço forte, armado,
A Quíloa fertil aspero castigo,
Fazendo nella Rei leal e humano,
Deitado fóra o perfido Tyranno.
- 27 Tambem farão Mombaça, que se arrea
De casas sumptuosas e edificios,
Co'o ferro e fogo seu queimada e fea,
Em pago dos passados maleficios.
Depois na costa da India, andando chea
De lenhos inimigos, e artificios
Contra os Lusos, com velas e com remos
O mancebo Lourenço fará extremos.
- 28 Das grandes naos do Samorim potente,
Que encherão todo o mar, co'a ferrea pella,
Que sahe com trovão do cobre ardente,
Fará pedaços leme, mastro, vela:
Depois, lançando arpéos ousadamente
Na capitaina imiga, dentro nella
Saltando, a fará só com lança e espada
De quatro centos Mouros despejada.
- 29 Mas de Deos a escondida providencia,
Que ella só sabe o bem de que se serve,
O porá onde esforço, nem prudencia,
Poderá haver, que a vida lhe reserve.
Em Chaul, onde em sangue, e resistencia
O mar todo com fogo e ferro ferve,
Lhe farão, que com vida se não saia,
As armadas de Egypto e de Cambaia.

- 30 Ali o poder de muitos inimigos,
Que o grande esforço só com força rende,
Os ventos, que faltaram, e os perigos
Do mar, que sobejaram, tudo o offende.
Aqui resurjam todos os antigos
A ver o nobre ardor, que aqui se aprende:
Outro Sceva verão, que espedaçado
Não sabe ser rendido, nem domado.
- 31 Com toda hũa coxa fóra, que em pedaços
Lhe leva hum cego tiro, que passara,
Se serve inda dos animosos braços,
E do grão coração, que lhe ficara:
Até que outro pelouro quebra os laços,
Com que co'a alma o corpo se liara:
Ella sôlta voou da prisão fora,
Onde subito se acha vencedora.
- 32 Vai-te, alma, em paz da guerra turbulenta,
Na qual tu mereceste paz serena!
Que o corpo, que em pedaços se apresenta,
Quem o gerou vingança já lhe ordena;
Que eu ouço retumbar a grão tormenta,
Que vem já dar a dura e eterna pena,
De esperas, basiliscos e trabucos,
A Cambaicos crueis e a Mamelucos.
- 33 Eis vem o pai com animo estupendo,
Trazendo furia e magoa por antolhos,
Com que o paterno amor lhe está movendo
Fogo no coração, agua nos olhos:
A nobre ira lhe vinha promettendo,
Que o sangue fará dar pelos giolhos
Nas inimigas naos: senti-lo-ha o Nilo,
Pode-lo-ha o Indo ver, e o Gange ouvi-lo.
- 34 Qual o touro cioso, que se ensaia
Para a crua peleja, os cornos tenta
No tronco d'hum carvalho, ou alta faia,
E o ar ferindo, as forças exp'rimenta:
Tal, antes que no seio de Cambaia
Entre Francisco irado, na opulenta
Cidade de Dabul a espada aña,
Abaixando-lhe a tumida ousadia.
- 35 E logo entrando fero na enseada
De Dio, illustre em cercos e batalhas,
Fará espalhar a fraca e grande armada
De Calecut, que remos tem por malhas:

- Á de Melique Yaz acutelada,
 Co'os pelouros, que tu, Vulcano, espalhas,
 Fará ir ver o frio e fundo assento,
 Secreto leito do humido elemento.
- 36 Mas a de Mir-Hocêm, que abalroando
 A furia esperará dos vingadores,
 Verá braços e pernas ir nadando,
 Sem corpos, pelo mar, de seus senhores:
 Raios de fogo irão representando
 No cego ardor os bravos domadores:
 Quanto ali sentirão olhos e ouvidos,
 He fumo, ferro, flammæ e alaridos.
- 37 Mas ah, que desta prospera victoria,
 Com que depois virá ao patrio Tejo,
 Quasi lhe roubará a famosa gloria
 Hum successo, que triste e negro vejo!
 O cabo Tormentorio, que a memoria
 Co'os ossos guardará, não terá pejo
 De tirar deste mundo aquelle esp'rito,
 Que não tiraram toda a India e Egyto.
- 38 Ali Cafres selvagens poderão
 O que destros inimigos não poderam;
 E rudos paos tostados sós farão
 O que arcos e pelouros não fizeram.
 Occultos os juizos de Deos são!
 As gentes vãs, que não os entenderam,
 Chamam-lhe fado máo, fortuna escura,
 Sendo só providencia de Deos pura.
- 39 Mas oh que luz tamanha, que abrir sinto,
 Dizia a nympha, e a voz alevantava,
 Lá no mar de Melinde em sangue tinto
 Das cidades de Lamo, de Oja e Brava,
 Pelo Cunha tambem, que nunca extinto
 Será seu nome em todo o mar, que lava
 As ilhas do Austro, e praias, que se chamam
 De São Lourenço, e em todo o Sul se afamam!
- 40 Esta luz he do fogo, e das luzentes
 Armas, com que Albuquerque irá amansando
 De Ormuz os Párseos, por seu mal valentes,
 Que refusam o jugo honroso e brando.
 Ali verão as settas estridentes
 Reciprocár-se, a ponta no ar virando
 Contra quem as tirou; que Deos peleja
 Por quem estende a fê da madre Igreja.

- 41 Ali de sal os montes não defendem
De corrupção os corpos no combate,
Que mortos pela praia e mar se estendem
De Gerum, de Mascate e Calayate:
Até que á força só de braço aprendem
A abaixar a cerviz, onde se lhe ate
Obrigaçào de dar o reino inico
Das perlas de Baram tributo rico.
- 42 Que gloriosas palmas tecer vejo,
Com que victoria a fronte lhe coroa,
Quando sem sombra vã de medo, ou pejo,
Toma a ilha illustrissima de Goa!
Depois, obedecendo ao duro ensejo
A deixa, e occasião espera boa,
Com que a torne a tomar; que esforço e arte
Vencerão a fortuna, e o proprio Matte.
- 43 Eis já sobre ella torna, e vai rómpendo
Por muros, fogo, lanças e pelouros,
Abrindo com a espada o espesso e horrendo
Esquadrão de Gentios e de Mouros:
Irão soldados ínclytos fazendo
Mais que leões famelicos e touros,
Na luz, que sempre celebrada e dina
Será da Egeyptia Sancta Catharina.
- 44 Nem tu menos fugir poderás deste,
Postoque rica, e postoque assentada
Lá no gremio da Aurora, onde nasceste,
Opulenta Malaca nomeada!
As settas venenosas, que fizeste,
Os crises com que já te vejo armada,
Malaios namorados, Jáos valentes,
Todos farás ao Luso obedientes.
- 45 Mais estanças cantára esta Sirena
Em louvor do illustrissimo Albuquerque,
Mas alembrou-lhe huma ira, que o condena,
Postoque a fama sua o mundo cerque.
O grande capitão, que o fado ordena
Que com trabalhos gloria eterna merque,
Mais ha de ser hum brando companheiro
Para os seus, que juiz cruel e inteiro.
- 46 Mas em tempo, que fomes e asperezas,
Doenças, frechas e trovões ardentes,
A sação e o lugar fazem cruezas
Nos soldados a tudo obedientes;

- Parece de selvaticas brutezas,
De peitos inhumanos e insolentes,
Dar extremo supplicio pela culpa,
Que a fraca humanidade e Amor desculpa-
- 47 Não será a culpa abominoso incesto,
Nem violento estupro em virgem pura,
Nem menos adulterio deshonesto;
Mas c'huma escrava vil, lasciva e escura.
Se o peito, ou de cioso, ou de modesto,
Ou de usado a crueza fera e dura,
Co'os seus huma ira insana não refree,
Põe na fama alva noda negra e fea.
- 48 Vio Alexandre Apelles namorado
Da sua Campaspe, e deo-lha alegremente,
Não sendo seu soldado exp'rimetado,
Nem vendo-se n'hum cerco duro e urgente-
Sentio Cyro, que andava já abrazado
Araspas de Panthêa em fogo ardente,
Que elle tomara em guarda, e promettia,
Que nenhum mao desejo o venceria:
- 49 Mas vendo o illustre Persa, que vencido
Fôra de amor, que em fim não tem defença,
Levemente o perdoa, e foi servido
Delle n'hum caso grande em recompensa.
Por força de Juditha foi marido
O ferreo Baldovino; mas dispensa
Carlos, pai della, posto em cousas grandes,
Que viva, e povoador seja de Frandes.
- 50 Mas proseguindo a nympha o longo canto,
De Soares cantava, que as bandeiras
Faria tremolar, e pôr espanto
Pelas roxas Arabicas ribeiras.
Medina abominabil teme tanto,
Quanto Meca e Gidá, co'as derradeiras
Praias de Abassia: Barborá se teme
Do mal, de que o emporio Zeila geme.
- 51 A nobre ilha tambem de Taprobana,
Já pelo nome antiguo tão famosa,
Quanto agora soberba e soberana
Pela cortiça calida, cheirosa;
Della dará tribu o á Lusitana
Bandeira, quando excelsa e gloriosa,
Vencendo, se erguerá na torre erguida.
Em Columbo, dos proprios tão temida.

- 52 Também Sequeira, as ondas Erythreas
Dividindo, abrirá novo caminho
Para ti, grande imperio, que te arreas
De seres de Candace e Sabá ninho.
Maçuá, com cisternas de agua cheas,
Verá, e o porto Arquico ali vizinho;
E fará descobrir remotas ilhas,
Que dão ao mundo novas maravilhas.
- 53 Virá depois Menezes, cujo ferro
Mais na Africa, que cá terá provado:
Castigará de Ormuz soberba o erro
Com lhe fazer tributo dar dobrado.
Tambem tu, Gama, em pago do desterro
Em que estás, e serás inda tornado
Co'os titulos de Conde, e d'honras nobres
Virás mandar a terra, que descobres.
- 54 Mas aquella fatal necessidade,
De quem ninguem se exime dos humanos,
Illustrado co'a Regia dignidade,
Te tirará do mundo e seus enganos.
Outro Menezes logo, cuja idade
He maior na prudencia, que nos annos,
Governará, e fará o ditoso Henrique,
Que perpetua memoria delle fique.
- 55 Não vencerá sómente os Malabares,
Destruindo Panane, com Coulete,
Committendo as bombardas, que nos ares
Se vingam só do peito, que as commette;
Mas com virtudes certo singulares,
Vence os inimigos d'alma todos sete:
De cubiça triumphá, e incontinencia;
Que em tal idade he summa de excellencia.
- 56 Mas depois que as estrellas o chamarem,
Succederás, ó forte Mascarenhas,
E se injustos o mando te tomarem,
Prometto-te que fama eterna tenhas!
Para teus inimigos confessarem
Teu valor alto, o fado quer que venhas
A mandar, mais de palmas coroado,
Que de fortuna justa acompanhado.
- 57 No reino de Bintão, que tantos danos
Terá a Malaca muito tempo feitos,
N'hum só dia as injurias de mil annos
Vingarás co'o valor de illustres peitos.

- Trabalhos e perigos inhumanos,
Abrolhos ferreos mil, passos estreitos,
Tranqueiras, baluartes, lanças, settas,
Tudo fico, que rompas e submettas.
- 58 Mas na India cubiça e ambição,
Que claramente põem aberto o rosto
Contra Deos e justiça, te farão
Vituperio nenhum, mas só desgosto.
Quem faz injuria vil e sem razão
Com forças, e poder em que está posto,
Não vence; que a victoria verdadeira
He saber ter justiça nua e inteira.
- 59 Mas comtudo não nego, que Sampaio
Será no esforço illustre e assinalado,
Mostrando-se no mar hum fero raio,
Que de inimigos mil verá coalhado.
Em Bacanor fará cruel ensaio
No Malabar, para que amedrontado
Depois a ser vencido d'elle vénha
Cutiale, com quanta armada tenha.
- 60 E não menos de Dio a fera frota,
Que Chaul temerá, de grande e ousada,
Fará co'a vista só perdida e rota.
Por Heitor da Sylveira, e destroçada:
Por Heitor Portuguez, de quem se nota,
Que na costa Cambaica sempre armada
Será aos Guzarates tanto dano,
Quanto já foi aos Gregos o Troiano.
- 61 A Sampaio feroz succederá.
Cunha, que longo tempo tem o leme;
De Chale as torres altas erguerá,
Em quanto Dio illustre d'elle treme.
O forte Baçaim se lhe dará,
Não sem sangue porém; que nelle geme
Melique, porque á força só de espada
A tranqueira soberba vê tomada.
- 62 Traz este vem Noronha, cujo auspicio
De Dio os Rumes ferros afugenta:
Dio, que o peito e bellico exercicio
De Antonio da Sylveira bem sustenta.
Fará em Noronha a morte o usado officio,
Quando hum teu ramo, ó Gama, se exp'rimenta
No governo do imperio, cujo zelo
Com medo o roxo mar fará amarello.

- 63 Das mãos do teu Estevam vem tomar
As redeas hum, que já será illustrado
No Brazil, com vencer e castigar
O pirata Frances, ao mar usado:
Depois Capitão mor do Indico mar,
O muro de Damão soberbo e armado
Escala, e primeiro entra a porta aberta,
Que fogo e frechas mil terão coberta.
- 64 A este o Rei Cambaico soberbissimo
Fortaleza dará na rica Dio,
Porque contra o Mogor poderosissimo
Lhe ajude a defender o senhorio:
Depois irá com peito esforçadissimo
A tolher, que não passe o Rei gentio
De Calecut, que assi com quantos veio
O fará retirar de sangue cheio.
- 65 Destruirá a cidade Repelim,
Pondo o seu Rei com muitos em fugida;
E depois junto ao cabo Comorim
Huma façanha faz esclarecida;
A frota principal do Samorim,
Que destruir o mundo não duvida,
Vencerá co'o furor do ferro e fogo:
Em si verá Beadála o marcio jogo.
- 66 Tendo assim limpa a India dos inimigos,
Virá depois com sceptro a governa-la,
Sem que ache resistencia, nem perigos,
Que todos tremem delle, e nenhum falla.
Só quiz provar os asperos castigos
Batalá, que virá já Beadála:
De sangue e corpos mortos ficou chea,
E de fogo e trovões desfeita e fea.
- 67 Este será Martinho, que de Marte
O nome tem co'as obras derivado;
Tanto em armas illustre em toda parte,
Quanto em conselho sabio e bem cuidado.
Succeder-lhe-ha ali Castro, que o estandarte
Portuguez terá sempre levantado,
Conforme successor ao succedido;
Que hum ergue Dio, outro o defende erguido.
- 68 Persas feroces, Abassis e Rumes
Que trazido de Roma o nome tem,
Varios de gestos, varios de costumes,
Que má' nações ao cerco feras vem,

- Farão dos ceos ao mundo vãos queixumes,
 Porque huns poucos a terra lhe detem;
 Em sangue Portuguez juram descridos
 De banhar os bigodes retorcidos.
- 69 Basiliscos medonhos e leões,
 Trabucos feros, minas encobertas
 Sustenta Mascarenhas co'os barões,
 Que tão ledos as mortes tem por certas:
 Até que nas maiores oppressões
 Castro libertador, fazendo offertas
 Das vidas de seus filhos, quer que fiquem
 Com fama eterna, e a Deos se sacrifiquem.
- 70 Fernando hum delles, ramo da alta planta,
 Onde o violento fogo com ruido
 Em pedaços os muros no ar levanta,
 Será ali arrebatado, e ao ceo subido.
 Alvaro, quando o inverno o mundo espanta,
 E tem o caminho humido impedido,
 Abrindo-o, vence as ondas e os perigos,
 Os ventos, e depois os inimigos.
- 71 Eis vem depois o pai, que as ondas corta
 Co'o restante da gente Lusitana;
 E com força e saber, que mais importa,
 Batalha dá felice e soberana:
 Huns, paredes subindo, escusam porta,
 Outros a abrem na fera esquadra insana:
 Feitos farão tão dignos de memoria,
 Que não caibam em verso, ou larga historia.
- 72 Este depois em campo se apresenta,
 Vencedor forte e intrepido, ao possante
 Rei de Cambaia, e a vista lhe amedrenta
 Da fera multidão quadrupedante.
 Não menos suas terras mal sustenta
 O Hydaltham do braço triumphante,
 Que castigando vai Dabul na costa:
 Nem lhe escapou Pondá, no sertão posta.
- 73 Estes e outros barões, por varias partes
 Dignos todos de fama e maravilha,
 Fazendo-se na terra bravos Martes,
 Virão lograr os gostos desta ilha,
 Varrendo triumphantes estandartes,
 Pelas ondas, que corta a aguda quilha;
 E acharão estas nymphas e estas mesas,
 Que glorias e honras são de arduas empresas.

- 74 Assi cantava a nympha, e as outras todas
 Com sonoro applauso vozes davam,
 Com que festejam as alegres vodas,
 Que com tanto prazer se celebravam.
 «Por mais que da fortuna andem as rodas,»
 N'huma cónsona voz todas soavem,
 «Não vos hão de faltar, gente famosa,
 «Honra, valor e fama gloriosa!»
- 75 Depois que a corporal necessidade
 Se satisfez do mantimento nobre,
 E na harmonica e doce suavidade,
 Viram os altos feitos, que descobre;
 Tethys, de graça ornada e gravidade,
 Para que com mais alta gloria dobre
 As festas deste alegre e claro dia,
 Para o felice Gama assi dizia:
- 76 Faz-te mercê, Barão, a Sapiencia
 Suprema, de co'os olhos corporais
 Veres o que não póde a vã sciencia
 Dos errados e miseros mortais!
 Sigue-me firme e forte, com prudencia,
 Por este monte espesso, tu co'os mais.
 Assi lhe diz: e o guia por hum mato
 Arduo, difficil, duro a humano trato.
- 77 Não andam muito, que no erguido cume
 Se acharam, onde hum campo se esmaltava
 De esmeraldas, rubis taes, que presume
 A vista, que divino chão pisava.
 Aqui hum globo vem no ar, que o lume
 Clarissimo por elle penetrava
 De modo, que o seu centro está evidente,
 Como a sua superficie claramente.
- 78 Qual a materia seja não se enxerga,
 Mas enxerga-se bem, que está composto
 De varios orbes, que a divina verga
 Compoz, e hum centro a todos só tem posto:
 Volvendo, ora se abaixe, agora se erga,
 Nunca s'ergue ou se abaixa, e hum mesmo rosto
 Por toda a parte tem, e em toda a parte
 Começa e acaba em fim por divina arte:
- 79 Uniforme, perfeito, em si sustido,
 Qual em fim o Archetypo, que o creou.
 Vendo Gama este globo, commovido
 De espanto e de desejo ali ficou.

Diz-lhe a deosa: O transumpto reduzido
 Em pequeno volume aqui te dou
 Do mundo aos olhos teus, para qua vejas
 Por onde vás, e irás, e o que desejas.

- 80 Vês aqui a grande machina do mundo,
 Ethérea e elemental, que fabricada
 Assi foi do saber alto e profundo,
 Que he sem principio e meta limitada.
 Quem cerca em derredor este rotundo
 Globo, e sua superficie tão limada,
 He Deos: mas o que he Deos ninguem o entende;
 Que a tanto o engenho humano não se estende.
- 81 Este orbe, que primeiro vai cercando
 Os outros mais pequenos, que em si tem,
 Que está com luz tão clara radiando,
 Que a vista cega, e a mente vil tambem,
 Emyreo se nomea, onde logrando
 Puras almas estão de aquelle bem
 Tamanho, que elle só se entende e alcança,
 De quem não ha no mundo semelhança.
- 82 Aqui só verdadeiros gloriosos
 Divos estão: porque eu, Saturno e Jano,
 Jupiter, Juno, fomos fabulosos,
 Fingidos de mortal e cego engano:
 Só para fazer versos deleitosos
 Servimos; e se mais o trato humano
 Nos póde dar, he só, que o nome nosso
 Nestas estrellas poz o engenho vosso:
- 83 E tambem porque a sancta Providencia,
 Que em Jupiter aqui se representa,
 Por espiritos mil, que tem prudencia,
 Governa o mundo todo, que sustenta.
 Ensina-o a prophetica sciencia
 Em muitos dos exemplos, que apresenta:
 Os que são bons, guiando favorecem,
 Os maos, em quanto podem, nos empecem.
- 84 Quer loge aqui a pintura, que varia,
 Agora deleitando, ora ensinando,
 Dar-lhe nomes, que a antigua poesia
 A seus deoses já dera, fabulando:
 Que os Anjos de celeste companhia
 Deoses o sacro verso está chamando;
 Nem nega, que esse nome preeminente
 Tambem aos maos se dá, mas falsamente.

- 85 Em fim que o summo Deos, que por segundas
Causas obra no mundo, tudo manda:
E tornando a contar-te das profundas
Obras da mão divina veneranda,
Debaixo deste circulo, onde as mundas
Almas divinas gozam, que não anda,
Outro corre tão leve, e tão ligeiro,
Que não se enxerga: he o Móbile primeiro:
- 86 Com este raptó e grande movimento
Vão todos os que dentro tem no seio:
Por obra deste, o Sol andando a tento,
O dia e noite faz com curso alheio.
Debaixo deste leve anda outro lento,
Tão lento e subjugado a duro freio,
Que em quanto Phebo, de luz nunca escasso,
Duzentos cursos faz, dá elle hum passo.
- 87 Olha est'outro debaixo, que esmaltado
De corpos lisos anda, e radiantes,
Que tambem nelle tem curso ordenado,
E nos seus axes correm scintillantes:
Bem vês como se veste, e faz ornado
Co'o largo cinto d'ouro, que estellantes
Animaes doze traz affigurados,
Aposentos de Phebo limitados.
- 88 Olha por outras partes a pintura,
Que as estrellas fulgentes vão fazendo;
Olha a Carreta, attenta a Cynosura,
Andromeda e seu pai, e o Drago horrendo;
Vê de Cassiopêa a formosura,
E do Oriente o gesto turbulento;
Olha o Cysne morrendo; que suspira,
A Lebre e os Cães, a Nao e a doce Lyra.
- 89 Debaixo deste grande firmamento
Vês o ceo de Saturno, deos antigo;
Jupiter logo faz o movimento,
E Marte abaixo, bellico inimigo:
O claro olho do ceo no quarto assento,
E Venus, que os amores traz consigo;
Mercurio de eloquencia soberana;
Com tres rostos debaixo vai Diana.
- 90 Em todos estes orbes differente
Curso verás, n'huns grave, e n'outros leve;
Ora fogem do centro longamente,
Ora da terra estão caminho breve;

Bem como quiz o Padre Omnipotente,
 Que o fogo fez, e o ar, o vento e neve:
 Os quaes verás, que jazem mais a dentro,
 E tem co'o mar a terra por seu centro.

- 91 Neste centro, pousada dos humanos,
 Que não sómente ousados se contentam
 De soffrerem da terra firme os danos,
 Mas inda o mar instabil exp'riam;
 Verás as varias partes, que os insanos
 Mares dividem, onde se aposentam
 Varias nações, que mandem varios Reis,
 Varios costumes seus e varias leis.
- 92 Vês Europa christãa, mais alta e clara,
 Que as outras em policia e fortaleza:
 Vês Africa, dos bens do mundo avara,
 Inculca, e toda cheia de bruteza,
 Co'o cabo, que atéqui se vos negara,
 Que assentou para o Austro a natureza:
 Olha essa terra toda, que se habita
 Dessa gente sem lei, quasi infinita.
- 93 Vê do Benomotápa o grande imperio,
 De selvatica gente, negra e nua,
 Onde Gonçalo morte e vituperio
 Padecerá pela Fé sancta sua:
 Nasce por este incognito hemispherio
 O metal por que mais a gente sua:
 Vê que do lago, donde se derrama
 O Nilo, tambem vindo está Cuama.
- 94 Olha as casas dos negros, como estão
 Sem portas, confiados em seus ninhos,
 Na justiça Real e defensão,
 E na fidelidade dos vizinhos:
 Olha delles a bruta multidão,
 Qual bando espesso e negro de estorninhos,
 Combaterá em Sofala a fortaleza,
 Que defenderá Nhaiá com destreza.
- 95 Olha lá as alagoas, donde o Nilo
 Nasce, que não souberam os antigos;
 Vê-lo rega, gerando o crocodilo,
 Os povos Abassis, de Christo amigos:
 Olha como sem muros (novo estilo)
 Se defendem melhor dos inimigos:
 Vê Méroe, que ilha foi de antiqua fama,
 Que ora dos naturaes Nobá se chama.

- 96 Nesta remota terra, hum filho teu
 Nas armas contra os Turcos será claro;
 Ha de ser Dom Christovam o nome seu;
 Mas contra o fim fatal não ha reparo.
 Vê cá a costa do mar, onde te deu
 Melinde hospicio gasalhoso e charo:
 O Rapto rio nota, que o romance
 Da terra chama Oby, entra em Quilmance.
- 97 O cabo vê já Arómata chamado,
 E agora Guardafú, dos moradores,
 Onde começa a bôca do afamado
 Mar Roxo, que do fundo toma as cores.
 Este como limite está lançado,
 Que divide Asia de Africa, e as melhores
 Povoações, que a parte Africa tem,
 Maçúá são, Arquico e Suanquem.
- 98 Vês o extremo Suez, que antiguamente
 Dizem que foi dos Héroas a cidade;
 Outros dizem que Arsínoe; e ao presente
 Tem das frotas do Egypto a potestade.
 Olha as aguas, nas quaes abriu patente
 Estrada o grão Moysés na antigua idade:
 Asia começa aqui, que se apresenta
 Em terras grande, em reinos opulenta.
- 99 Olha o monte Sinai, que se ennobrece
 Co'o sepulchro de Sancta Catharina:
 Olha Toro e Gidá, que lhe fallece
 Agua das fontes doce e crystallina:
 Olha as portas do estreito, que fenece
 No reino da secca Ádem, que confina
 Com a serra d'Arzira, pedra viva,
 Onde chuva dos ceos se não deriva.
- 100 Olha as Arabias tres, que tanta terra
 Tomam, todas da gente vaga e baça,
 Donde vem os cavallos para a guerra,
 Ligeiros e feroces, de alta raça.
 Olha a costa, que corre até que cerra
 Outro estreito de Persia, e faz a traça
 O cabo, que co'o nome se appellida
 Da cidade Fartaque ali sabida.
- 101 Olha Dofar insigne, porque manda
 O mais cheiroso incenso para as aras:
 Mas attenta, já cá de est'outra banda
 De Roçalgate, e praias sempre avaras,

- Começa o reino Ormuz, que todo se anda
Pelas ribeiras, que inda serão claras
Quando as galés do Turco, e fera armada
Virem de Castel-Branco nua a espada.
- 102 Olha o cabo Asabóro, que chamado
Agora he Moçandão dos navegantes:
Por aqui entra o lago, que he fechado
De Arabia, e Persias terras abundantes.
Attenta a ilha Barem, que o fundo ornado
Tem das suas perlas ricas e imitantes
Á còr da Aurora; e vê na agua salgada
Ter o Tygris e Euphrates huma entrada.
- 103 Olha da grande Persia o imperio nobre,
Sempre posto no campo, e nos cavallos,
Que se injuria de usar fundido cobre,
E de não ter das armas sempre os callos.
Mas vê a ilha Gerúm, como descobre
O que fazem do tempo os intervallos;
Que da cidade Armuza, que ali esteve,
Ella o nome despois e a gloria teve.
- 104 Aqui de Dom Philippe de Menezes
Se mostrará a virtude em armas clara,
Quando com muito poucos Portuguezes
Os muitos Párseos vencerá de Lara.
Virão provar os golpes e revezes
De Dom Pedro de Sousa, que provara
Já seu braço em Ampaza, que deixada
Terá por terra á força só de espada.
- 105 Mas deixemos o estreito e o conhecido
Cabo de Jasque, dito já Carpella,
Com todo o seu terreno mal querido
Da natura, e dos dões usados della:
Carmania teve já por appellido:
Mas vês o formoso Indo, que daquella
Altura nasce, junto á qual tambem
D'outra altura correndo o Gange vem.
- 106 Olha a terra de Ulcinde fertilissima,
E de Jaquete a intima enseada;
Do mar a enchente subita grandissima,
E a vasante, que foge apressurada.
A terra de Cambaia vê riquissima,
Onde do mar o seio faz entrada:
Cidades outras mil, que vou passando,
A vós outros aqui se estão guardando.

- 107 Vês corre a costa celebre Indiana
Para o Sul, até o cabo Comori,
Já chamada Cori, que Taprobana
(Que ora he Ceilão) defronte tem de si.
Por este mar a gente Lusitana,
Que com armas virá depois de ti,
Terá victorias, terras e cidades,
Nas quaes hão de viver muitas idades.
- 108 As provincias, que entre hum e o outro rio
Vês com varias nações, são infinitas:
Hum reino Mahometa, outro Gentio,
A quem tem o demonio leis escritas.
Olha que de Narsinga o senhorio
Tem as reliquias sanctas e bemditas
Do corpo de Thomé, barão sagrado,
Que a Jesu Christo teve a mão no lado.
- 109 Aqui a cidade foi, que se chamava
Méliapor, formosa, grande e rica:
Os idolos antigos adorava,
Como inda agora faz a gente inica:
Longe do mar naquelle tempo estava,
Quando a Fé, que no mundo se publica,
Thomé vinha prégando, e já passara
Provincias mil do mundo, que ensinara.
- 110 Chegado aqui prégando, e junto dando
A doentes saude, a mortos vida,
A caso traz hum dia o mar vagando
Hum lenho de grandeza desmedida:
Deseja o Rei, que andava edificando,
Fazer delle madeira, e não duvida
Poder tira-lo a terra com possantes
Forças d'homens, de engenhos, de elephantes.
- 111 Era tão grande o peso do madeiro,
Que só para abalar-se nada abasta;
Mas o nuncio de Christo verdadeiro
Menos trabalho em tal negocio gasta:
Ata o cordão, que traz, por derradeiro
No tronco, e facilmente o leva e arrasta
Para onde faça hum sumptuoso templo,
Que ficasse aos futuros por exemplo.
- 112 Sabia bem, que se com fé formada
Mandar a hum monte surdo, que se mova,
Que obedecerá logo á voz sagrada;
Que assi lho ensinou Christo, e elle o prova:

- A gente ficou d'isto alvoroçada,
Os Brahmenes o tem por cousa nova;
Vendo os milagres, venda o sanctidade,
Hão medo de perder auctoridade.
- 113 São estes Sacerdotes dos Gentios,
Em quem mais penetrado tinha inveja;
Buscam maneiras mil, buscam desvios
Com que Thomé não se ouça, ou morto seja.
O principal, que ao peito traz os fios,
Hum caso horrendo faz, que o mundo veja;
Que inimiga não ha tão dura e fera,
Como a virtude falsa da sincera.
- 114 Hum filho proprio mata, e logo accusa
De homicidio Thomé, que era innocente; .
Dá falsas testemunhas, como se usa;
Condemnaram-no á morte brevemente.
O Sancto, que não vê melhor escusa,
Que appellar para o Padre Omnipotente,
Quer diante do Rei e dos senhores,
Que se faça hum milagre dos maiores.
- 115 O corpo morto manda ser trazido,
Que resuscite, e seja perguntado
Quem foi seu matador; e será crido
Por testemunho o seu mais approvedo.
Viram todos o moço vivo erguido
Em nome de Jesu crucificado:
Dá graças a Thomé, que lhe deo vida,
E descobre seu pai ser homicida.
- 116 Este milagre fez tamanho espanto,
Que o Rei se banha logo na agua santa,
E muitos após elle: hum beija o manto,
Outro louvor do Deos de Thomé canta.
Os Brahmenes se encheram de odio tanto,
Com seu veneno os morde inveja tanta,
Que persuadindo a isso o povo rudo,
Determinam mata-lo em fim de tudo.
- 117 Hum dia, que prégando ao povo estava,
Fingiram entre a gente hum arruido:
Já Christo neste tempo lhe ordenava,
Que, padecendo, fosse ao Ceo subido.
A multidão das pedras, que voava,
No Sancto dá, já a tudo offerecido:
Hum dos maos, por fartar-se mais depressa,
Com crua lança o peito lhe atravessa.

- 118 Choraram-te, Thomé, o Gange e o Indo;
 Chorou-te toda a terra, que pizaste;
 Mais te choram as almas, que vestindo
 Se hiam da sancta Fé, que lhe ensinaste:
 Mas os Anjos do Ceo, cantando e rindo,
 Te recebem na gloria, que ganhaste.
 Pedimos-te, que a Deos ajuda peças,
 Com que os teus Lusitanos favoreças.
- 119 E vós outros, que os nomes usurpais
 De mandados de Deos, como Thomé,
 Dizei, se sois mandados, como estais
 Sem irdes a prégar a sancta Fé?
 Olhai que se sois sal, e vos damnais
 Na patria, onde propheta ninguem he,
 Com que se salgarão em nossos dias
 (Infieis deixo) tantas heresias?
- 120 Mas passo esta materia perigosa,
 E tornemos á costa debuxada.
 Já com esta cidade tão famosa,
 Se faz curva a Gangetica enseada:
 Corre Narsinga rica e poderosa,
 Corre Orixá de roupas abastada;
 No fundo da enseada o illustre rio
 Ganges vem ao salgado senhorio:
- 121 Ganges, no qual os seus habitadores
 Morrem banhados, tendo por certeza,
 Que inda que sejam grandes peccadores,
 Esta agua sancta os lava e dá pureza.
 Vê Cathigão, cidade das melhores
 De Bengala, provincia, que se preza
 De abundante; mas olha, que está posta
 Para o Austro d'aqui virada a costa.
- 122 Olha o reino Arracão, olha o assento
 De Pegu, que já monstros povoaram;
 Monstros filhos do feo ajuntamento
 D'huma mulher e hum cão, que sós se acharam;
 Aqui soante arame no instrumento
 Da geração costumam; o que usaram
 Por manha da Rainha, que inventando
 Tal uso, deitou fóra o error nefando.
- 123 Olha Tavai cidade, onde começa
 De Sião largo o imperio tão comprido;
 Tenassarí, Quedá, que he só cabeça
 Das que pimenta ali tem produzido.

- Mais avante fareis, que se conheça
Malaca por emporio ennobrecido,
Onde toda a provincia do mar grande
Suas mercadorias ricas mande.
- 124 Dizem, que desta terra, co'as possantes
Ondas o mar entrando, dividio
A nobre ilha Samatra, que já d'antes
Juntas ambas a gente antiga vio.
Chersoneso foi dita, e das prestantes
Veias d'ouro, que a terra produzio,
Aurea por epithéto lhe ajuntaram:
Alguns que fosse Ophír imaginaram.
- 125 Mas na ponta da terra Cingapura
Verás, onde o caminho ás naos se estreita:
Daqui, tornando a costa á Cynosura,
Se encurva, e para a Aurora se endireita.
Vês Pam, Patane, reinos e a longura
De Sião, que estes e outros mais sujeita;
Olha o rio Menão, que se derrama
Do grande lago, que Chiamai se chama.
- 126 Vês neste grão terreno os differentes
Nomes de mil nações nunca sabidas;
Os Laos em terra e numero potentes,
Avás, Bramás, por serras tão compridas.
Vê nos remotos montes outras gentes,
Que Gueos se chamam, de selvages vidas;
Humana carne comem, mas a sua
Pintam com ferro ardente, usança crua.
- 127 Vês passa por Camboja Mecom rio,
Que capitão das aguas se interpreta;
Tantas recebe d'outro só no estio,
Que alaga os campos largos, e inquieta:
Tem as enchentes, quaes o Nilo frio:
A gente delle crê, como indiscreta,
Que pena e gloria tem despois de morte
Os brutos animaes de toda sorte.
- 128 Este receberá placido e brando,
No seu regaço o Canto, que molhado
Vem do naufragio triste e miserando,
Dos procellosos baixos escapado;
Das fomes, dos perigos grandes, quando
Será o injusto mando executado
Naquelle, cuja lyra sonora
Será mais afamada, que ditosa.

- 129 Vês corre a costa, que Champá se chama,
 Cuja mata he do pao cheiroso ornada;
 Vês Cauchichina está de escura fama,
 E de Ainão vê a incognita enseada.
 Aqui o soberbo imperio, que se afama
 Com terras e riqueza não cuidada,
 Da China corre, e occupa o senhorio
 Desd'o Tropico ardente ao Cinto frio.
- 130 Olha o muro e edificio nunca crido,
 Que entre hum imperio e o outro se edifica;
 Certissimo sinal e conhecido,
 Da potencia Real, soberba e rica.
 Estes, o Rei que tem, não foi nascido
 Principe, nem dos pais aos filhos fica;
 Mas elegem aquelle, que he famosa
 Por cavalleiro sabio e virtuoso.
- 131 Inda outra muita terra se te esconde,
 Até que venha o tempo de mostrar-se.
 Mas não deixes no mar as ilhas, onde
 A natureza quiz mais afamar-se.
 Esta meia escondida, que responde
 De longe á China, donde vem buscar-se,
 He Japão, onde nasce a prata fina,
 Que illustrada será co'a Lei divina.
- 132 Olha cá pelos mares do Oriente
 As infinitas ilhas espalhadas:
 Vê Tidore e Ternate, co'o fervente
 Cume, que lança as flammas ondeadas:
 As arvores verás do cravo ardente,
 Co'o sangue portuguez inda compradas;
 Aqui ha as aureas aves, que não decem
 Nunca á terra, e só mortas apparecem.
- 133 Olha de Banda as ilhas, que se esmaltam
 Da varia côr, que pinta o roxo fruto;
 As aves variadas, que ali saltam,
 Da verde noz tomando seu tributo:
 Olha tambem Bornêo, onde não faltam
 Lagrimas, no licor coalhado e enxuto
 Das arvores, que camphora he chamado,
 Com que da ilha o nome he celebrado.
- 134 Ali tambem Timôr, que o lenho manda
 Sândalo salutifero e cheiroso:
 Olha a Sunda tão larga, que huma banda
 Esconde para o Sul difficultoso:

- A gente do sertão, que as terras anda,
Hum rio diz, que tem miraculoso,
Que por onde elle só sem outro vae,
Converte em pedra o pao, que nelle cae.
- 135 Vê naquella, que o tempo tornou ilha,
Que tambem flammás tremulas vapora,
A fonte, que oleo mana, e a maravilha
Do cheiroso licor, que o tronco chora;
Cheiroso mais que quanto estilla a filha
De Cyniras na Arabia, onde ella mora;
E vê que tendo quanto as outras tem,
Branda seda e fino ouro dá tambem.
- 136 Olha em Ceilão, que o monte se alevanta
Tanto, que as nuvens passa, ou a vista engana:
Os naturaes o tem por cousa santa,
Pela pedra onde está a pégada humana.
Nas ilhas de Maldiva nasce a planta,
No profundo das aguas soberana,
Cujo pomo contra o veneno urgente
He tido por antidoto excellente.
- 137 Verás defronte estar do Roxo estreito
Socotorá, co'o amaro Aloe famosa;
Outras ilhas no mar tambem sujeito
A vós na costa de Africa arenosa;
Onde sahe do cheiro mais perfeito
A massa, ao mundo occulta e preciosa:
De São-Lourenço vê a ilha afamada,
Que Madagascar he d'alguns chamada.
- 138 Eis-aqui as novas partes do Oriente,
Que vós outros agora ao mundo dais,
Abrindo a porta ao vasto mar patente,
Que com tão forte peito navegais.
Mas he tambem razão, que no Ponente
D'hum Lusitano hum feito inda vejais,
Que de seu Rei mostrando-se aggravado,
Caminho ha de fazer nunca cuidado.
- 139 Vedes a grande terra, que continua
Vai de Callisto ao seu contrario polo
Que soberba a fará a luzente mina
Do metal, que a côr tem do louro Apollo.
Castella, vossa amiga, será dina
De lançar-lhe o collar ao rudo collo:
Varias provincias tem de varias gentes,
Em ritos e costumes differentes.

- 140 Mas cá onde mais se alarga, ali tereis
Parte tambem co'o pao vermelho nota:
De Sancta Cruz o nome lhe poreis:
Descobri-la-ha a primeira vossa frota.
Ao longo desta costa, que tereis,
Irá buscando a parte mais remota
O Magalhães, no feito com verdade
Portuguez, porém não na lealdade.
- 141 Desque passar a via mais que mea,
Que ao Antartico polo vai da Linha,
D'huma estatura quasi gigantea
Homens verá, da terra ali vizinha:
E mais avante o Estreito, que se arrea
Co'o nome delle agora, o qual caminha
Para outro mar, e terra, que fica onde
Com suas frias azas o Austro a esconde.
- 142 Atéqui, Portuguezes, concedido
Vos he saberdes os futuros feitos,
Que pelo mar, que já deixais sabido,
Virão fazer barões de fortes peitos.
Agora, pois que tendes aprendido
Trabalhos, que vos façam ser aceitos
As eternas esposas e formosas,
Que corôas vos tecem gloriosas:
- 143 Podeis-vos embarcar, que tendes vento
E mar tranquillo para a patria amada.
Assi lhe disse: e logo movimento
Fazem da ilha alegre e namorada.
Levam refresco, e nobre mantimento,
Levam a companhia desejada
Das nymphas, que hão de ter eternamente,
Por mais tempo que o Sol o mundo aquente.
- 144 Assi foram cortando o mar sereno
Com vento sempre manso e nunca irado,
Até que houveram vista do terreno
Em que nasceram, sempre desejado.
Entraram pela Foz do Tejo ameno;
E á sua patria e Rei temido e amado
O premio e gloria dão, porque mandou,
E com titulos novos se illustrou.
- 145 No mais, Musa, no mais, que a lyra tenho
Destemperada, e a voz enrouquecida;
E não do canto, mas de ver que venho
Cantar a gente surda e endurecida.

- O favor com que mais se accende o engenho,
 Não no dá a patria, não, que está mettida
 No gosto da cubiça e na rudeza
 D'huma austera, apagada e vil tristeza.
- 146 E não sei por que influxo de destino
 Não tem hum ledo orgulho e geral gosto,
 Que os animos levanta de contino,
 A ter para trabalhos ledo o rosto.
 Por isso vós, ó Rei, que por divino
 Conselho estais no regio solio posto,
 Olhai que sois (e vêde as outras gentes)
 Senhor só de vassallos excellentes!
- 147 Olhai, que ledos vão por varias vias,
 Quaes rompentes leões e bravos touros,
 Dando os corpos a fomes e vigias,
 A ferro, a fogo, a settas e pelouros:
 A quentes regiões, a plagas frias,
 A golpes de Idolátras e de Mouros,
 A perigos incognitos do mundo,
 A naufragios, a peixes, ao profundo:
- 148 Por vos servir a tudo aparelhados,
 De vós tão longe, sempre obedientes
 A quaesquer vossos asperos mandados,
 Sem dar resposta, promptos e contentes:
 Só com saber que são de vós olhados,
 Demonios infernaes, negros e ardentes
 Commetterão comvosco, e não duvido,
 Que vencedor vos façam, não vencido.
- 149 Favorecei-os logo, e alegrai-os
 Com a presença e leda humanidade;
 De rigorosas leis desalivai-os,
 Que assi se abre o caminho á sanctidade:
 Os mais exp'riamentados levantai-os,
 Se com a experiencia tem bondade
 Para vosso conselho; pois que sabem
 O como, o quando, e onde as cousas cabem.
- 150 Todos favorecei em seus officios,
 Segundo tem das vidas o talento;
 Tenham Religiosos exercicios
 De rogem por vosso regimento;
 Com jejuns, disciplina pelos vicios
 Communs, toda ambição terão por vento;
 Que o bom Religioso verdadeiro
 Gloria vã não pretende, nem dinheiro.

- 151 Os cavalleiros tende em muita estima,
 Pois com seu sangue intrepido e fervente,
 Estendem não sómente a Lei de cima,
 Mas inda vosso Imperio preeminente:
 Pois aquelles, que a tão remoto clima
 Vos vão servir com passo diligente,
 Dous inimigos vencem; huns os vivos,
 E (o que he mais) os trabalhos excessivos.
- 152 Fazei, Senhor, que nunca os admirados
 Alemães, Gallos, Italos e Inglezes,
 Possam dizer, que são para mandados,
 Mais que para mandar, os Portuguezes.
 Tomai conselhos só d'exp'rimetados,
 Que viram largos annos, largos mezes;
 Que postoque em scientes muito cabe,
 Mais em particular o experto sabe.
- 153 De Phormião, philosopho elegante,
 Vereis como Annibál escarnecia,
 Quando das artes bellicas diante
 Delle com larga voz tratava e lia.
 A disciplina militar prestante
 Não se aprende, Senhor, na phantasia,
 Sonhando, imaginando, ou estudando;
 Senão vendo, tratando, e pelejando.
- 154 Mas eu que fallo humilde, baixo e rudo,
 De vós não conhecido, nem sonhado?
 Da bôca dos pequenos sei com tudo,
 Que o louvor sahe ás vezes acabado:
 Nem me falta na vida honesto estudo,
 Com longa experiencia misturado,
 Nem engenho, que aqui vereis presente,
 Cousas, que juntas se acham raramente.
- 155 Para servir-vos, braço ás armas feito;
 Para cantar-vos, mente ás Musas dada;
 Só me fallece ser a vós acceito,
 De quem virtude deve ser prezada:
 Se me isto o Ceo concede, e o vosso peito
 Digna empreza tomar de ser cantada,
 Como a presaga mente vaticina,
 Olhando a vossa inclinação divina:
- 156 Ou fazendo, que mais, que a de Medusa
 A vista vossa tema o monte Atlante,
 Ou rompendo nos campos de Ampelusa
 Os muros de Marrocos e Trudante;

A minha já estimada e leda Musa,
Fico, que em todo o mundo de vós cante,
De sorte que Alexandro em vós se veja,
Sem á dita de Achilles ter inveja.

ESTANCIAS

DESPREZADAS E OMITIDAS POR LUIZ DE CAMÕES

Na Primeira impressão do seu poema conforme os dois manuscritos descobertos por Manuel de Faria e Sousa.

PRIMEIRO MANUSCRITO.

No canto I, depois da estancia 77, havia mais duas, e a mesma 77 com a mudança que aqui se verá:

Isto dizendo, irado e quasi insano,
Sobre a Thebana parte descendeo,
Onde vestindo a fôrma e gesto humano,
Para onde o sol nasce se moveo.
Já atravessa o mar Mediterraneo,
Já de Cleopátra o reino discorreo;
Já deixa á mão direita os Garamantes,
E os desertos de Lybia circumstantes.

Já Meroe deixa atraz, e a terra ardente,
Que o septemfluo rio vai regando,
Onde reina o mui sancto Presidente,
Os preceitos de Christo amoestando:
Já passa a terra de aguas carecente,
Que estão as alagôas sustentando;
D'onde seu nascimento tem o Nilo,
Que gera o monstruoso crocodile.

D'aqui ao cabo Prasso vai direito;
E entrando em Moçambique, nesse instante
Se faz na fôrma Mouro contrafeito,
A hum dos mais honrados semelhante.
E como a seu regente fosse acceito,
Entrando hum pouco triste no semblante,
Desta sorte o Thebano lhe fallava,
Apartando-o dos outros com que estava.

No mesmo canto I, depois da estancia 80, havia de mais a que se segue:

E para que dê credito ao que fallo,
 Que este capitão falso está ordenando,
 Sabe que quando foste a visitallo
 Ouvi dous neste caso estar fallando:
 No que digo não faças intervallo,
 Que eu te digo, sem falta, como, quando
 Os podes destruir; que he bem olhado,
 Que quem quer enganar fique enganado.

No canto III, depois da estancia 10, havia de mais no manuscrito a seguinte:

Entre este mar, e as aguas onde vem
 Correndo o largo Tánais de contino,
 Os Sarmátas estão, que se mantem
 Bebendo o rôxo sangue, e leite equino.
 Aqui vivem os Míssiós, que tambem
 Têe parte de Asia; povo baixo e indino;
 E os Ábios que mulheres não recebem;
 E muitos mais que o Borysthenes bebem.

No mesmo canto III, em logar da estancia 29, havia esta:

Mas a iníqua mãe seguindo em tudo
 Do peito feminil a condição,
 Tomava por marido a dom Bermudo,
 E a dom Bermudo a toma hum seu irmão.
 Vêde hum peccado grave, bruto e rudo,
 De outro nascido! Oh grande admiração!
 Que o marido deixado vem a ter
 Quem tem por enteada e por mulher.

No canto IV, á estancia 2, se seguiam estas tres:

Sempre foram bastardos valerosos
 Por letras ou por armas, ou por tudo;
 Foram-o os mais dos deoses mentirosos,
 Que celebrou o antigo povo rudo.
 Mercurio, e o docto Apollo são famosos
 Por sciencia diversa e longo estudo;
 Outros são só por armas soberanos;
 Hercules e Lyeu, ambos Thebanos.

Bastardos são tambem Homero e Orpheo,
 Dous a quem tanto os versos illustraram;
 E os dous de quem o imperio procedeo,
 Que Troia e Roma em Italia edificaram.
 Pois se he certo o que a fama já escreveu,
 Se muitos a Philippo nomearam
 Por pae do Macedonico mancebo,
 Outros lhe dão o manho Nectanebo.

Assi o filho de Pedro justicoso,
Sendo governador alevantado
Do reino, foi nas armas tão ditoso,
Que bem pôde igualar qualquer passado.
Porque vendo-se o reino receoso
De ser do Castelhana sujugado,
Aos seus o medo tira, que os alcança;
Aos outros a falsifica esperança.

No mesmo canto IV, depois da estancia 11, havia a seguinte:

Nem no reino ficou de Tarragona
Quem não siga de Marte o duro officio:
Nem na cidade nobre, que se abona
Com ser dos Scipiões claro edificio.
Tambem a celebrada Barcelona
Mandou soldados dextros no exercicio:
Todos estes ajunta o Castelhana
Contra o pequeno reino Lusitano.

Ahi mesmo, depois da estancia 13, se lia est'outra:

Oh inimigos máos da natureza
Que injuriaes a propria geração!
Degenerantes, baixos! Que fraqueza
De esforço, de saber e de razão,
Vos fez, que a clara estirpe que se presa
De leal, fido e limpo coração,
Offendais dessa sorte? Mas respeito
Que este dos grandes he o menor defeito.

No mesmo canto IV, em lugar da estancia 21, apparecia no manuscrito a seguinte:

Qual o mancebo claro, no Romano
Senado, os grandes medos aquebranta
Do grão Carthaginez, que soberano
Os cutelos lhe tinha na garganta;
Quando ganhando o nome de Africano
A resistir-lhe foi com furia tanta,
Que a patria duvidosa libertou,
O que Fabio invejoso não cuidou.

Pouco mais abaixo, depois da estancia 27, apparecia esta:

Já a fresca filha de Titão trazia
O sempre memorando dia, quando
As vespervas se cantam de Maria,
Que este mez honra, o nome seu tomando.
Para a batalha estava já este dia
Determinado: logo, em branqueando
A alva no ceo, os Reis se aparelhavam,
E as gentes com palavras animavam.

No mesmo canto IV, depois da estancia 33, havia esta:

E vós Imperadores, que mandastes
Tanta parte do mundo, sempre usados
A resistir os asperos contrastes
De traidores crueis e alevantados:
Não vos queixeis: que agora se attentastes,
Hum dos mais claros Reis, e mais amados,
Vê contra si, contra seu reino e lei,
Seus vassallos por outro estranho Rei.

No mesmo canto IV, depois da estancia 35, appareciam as tres que se seguem:

Passaram a Giraldo co'as entranhas
O grosso e forte escudo, que tomára
A Perez que matou, que o seu de estranhas
Cutiladas desfeito já deixára.
Morrem Pedro e Duarte (que façanhas
Nos Brigios tinham feito) a quem criára
Bragança: ambos mancebos, ambos fortes,
Companheiros nas vidas e nas mortes.

Morrem Lopo e Vicente de Lisboa,
Que estavam conjurados a acabarem,
Ou a ganharem ambos a coroa
De quantos nesta guerra se afamarem.
Por cima do cavallo Affonso voa;
Que cinco Castelhanos (por vingarem
A morte de outros cinco, que matára)
O vão privar assi da vida chara.

De tres lanças passado Hilario cai;
Mas primeiro vingado a sua tinha;
Não lhe peza porque a alma assi lhe sai,
Mas porque a linda Antonia nelle vinha:
O fugitivo esp'rito se lhe vai,
E nelle o pensamento que o sostinha;
E saíndo da dama, a quem servia,
O nome lhe cortou na bocca fria.

N'este mesmo canto IV, em logar da estancia 39, havia no manuscrito a que aqui segue:

Favorecem os seus com grandes gritas
O successo do tiro; e elle logo
Toma outra: (que jaziam infinitas
Dos que as vidas perderam neste jogo)
Corre enrestando-a forte; e d'arte incita
Á brava guerra os seus, que ardendo em fogo
Vão ferindo os cavallos de esporadas,
E os duros inimigos de lançadas.

Depois d'esta, e depois da estancia 40 d'este canto IV, havia no esmo original as oito que se seguem:

Velasquez morre, e Sanches de Toledo,
Hum grande caçador, outro letrado:
Tambem perece Galbes, que sem medo
Sempre dos companheiros foi chamado:
Montanchez, Oropesa, Mondonhedo:
(Qualquer destro nas armas e esforçado)
Todos por mãos de Antonio, moço forte,
Destro mais que elles, pois os trouxe á morte.

Guevara ronçador, que o rosto untava,
Mãos e barba, do sangue que corria;
Por dizer, que os muitos que matava
Saltava nelle o sangue e o tingia:
Quando destes abusos se jactava,
De través lhe dá Pedro, que o ouvia,
Tal golpe, com que ali lhe foi partida
Do corpo a vã cabeça e a torpe vida.

Pelo ar a cabeça lhe voou,
Inda contando a historia de seus feitos:
Pedro, do negro sangue que esguichou,
Foi todo salpicado, rosto e peitos;
Justa vingança do que em vida usou.
Logo com elle ao occaso vão direitos
Carrilho, João da Lorca, com Robledo;
Porque os outros fugindo vão de medo.

Salazar, grão taful, e o mais antigo
Rufião, que Sevilha então sostinha;
A quem a falsa amiga, que comsigo
Trouxe, de noite só fugido tinha.
Fugio-lhe a amiga, emfim, para outro amigo,
Porque vio que o dinheiro com que vinha,
Perdeo todo de hum resto; e não perdera,
Se huma carta de espadas lhe viera.

O desprezo da amiga o desatina;
E o mundo todo, a terra, e o ceo vagante,
Blasphemando ameaça, e determina
De vingar-se em qualquer que achar diante:
Encontra com Gaspar (que Catharina
Ama em extremo) e leva do montante,
Que no ar fere fogo; e certo cria
Que hum monte da pancada fenderia.

Bem cuida de corta-lo em dous pedaços;
 Porém Gaspar, vendo o montante erguido,
 Cerra com elle, e leva-o nos braços:
 Commettimento destro e atrevido.
 Braceia o Castelhana, e de ameaços
 Se serve ainda; e estando já vencido,
 O Portuguez forçoso, em breve móra,
 Lhe leva a arma das mãos, e salta fóra.

E porque elle não lhe use a propria manha
 Que este lhe usara já, de ponta o fere:
 Nos peitos o montante, emfim, lhe banha,
 Porque de outra vingança desespere.
 Fugio-lhe a alma indigna, e na montanha
 Tartárea inda blasphema; ali refere
 De mais não açoutar a imiga ingrata,
 Que os açoutes de Alecto o pena e mata.

E do metal de espadas aos damnados
 Diz males e blasphemias sem medida;
 Que já por não lhe entrar perde os cruzados,
 E agora por entrar-lhe perde a vida.
 Por pena quer Plutão de seus peccados,
 Que se lhe mostre a amiga já fugida,
 Em brincos de outro, e beijos enlevada:
 Remette elle para elles, e acha nada.

N'este mesmo canto IV, depois da estancia 44, havia no original as duas seguintes:

Oh pensamento vão do peito humano!
 Agora neste cego error cahiste?
 Agora este' fermoso e ledó engano
 Da sanguinosa e fera guerra viste?
 Agora que com sangue, e proprio dano,
 A dura experiencia acerba e triste
 T'o tem mostrado. E agora, que o provaste,
 Os conselhos darás, que não tomaste.

Dos corpos dos imigos cavalleiros,
 Do matto os animaes se apascentaram;
 As fontes de mais perto nos primeiros
 Dias sangue com agua destillaram.
 Os pastores do campo, e os monteiros
 Da vizinha montanha, não gostaram
 As aves de rapina em mais de hum ano,
 Por terem o sabor do corpo humano.

Os ultimos quatro versos da estancia 49 do mesmo canto IV, estavam muito diferentes no manuscrito, e depois d'estes havia mais duas estancias, tudo como se segue:

Ponderando tamanho atrevimento,
Disse a Neptuno então Protheo propheta:
Temo que desta gente, gente venha,
Que de teus reinos o grão sceptro tenha.

Já toma a forte porta inexpugnável,
Que o cōde desleal primeiro abriu,
Por se vingar do amor inevitável
Que a fortuna em Rodrigo permittio.
Mas não foi esta a causa detestável
Que a populosa Hespanha destruiu:
Juizo de Deos foi por causa incerta;
A casa o mostra por Rodrigo aberta.

Já agora, ó nobre Hespanha, estás segura
(Se segurar te podem cavalleiros)
De outra perda como esta, iniqua e dura,
Pois que tens Portuguezes por porteiros.
Assi se deo á prospera ventura
Do Rei Joanne a terra, que aos fronteiros
Hespanhoes tanto tempo molestara;
E vencida ficou mais nobre e clara.

Na estancia 61 d'este mesmo canto IV, eram os ultimos cinco versos no manuscrito como aqui vão:

Da prospera cidade de Veneza:
Veneza, a qual os povos, que escaparam
Do gothico furor, e da crueza
De Attila edificaram pobrememente,
E foi rica depois e preeminente,

Depois da estancia 66 do mesmo canto IV, havia no original a seguinte:

Não foi sem justa e grande causa eleito
Para o sublime throno e governança,
Este, de cujo illustre e forte peito
Depende huma grandissima esperança:
Pois não havendo herdeiro mais direito
No reino, e mais por esta confiança,
Joanne o escolheo, que só o herdasse,
Não tendo filho herdeiro, que reinasse.

Quasi ao fim do mesmo canto IV, depois da estancia 86, havia no manuscrito as duas seguintes:

Ali lhe promettemos, se em socego
Nos leva ás partes onde Phebo nasce,
De, ou espalhar sua fé no mundo cego,
Ou o sangue do povo pertinace.

Fizemos para as almas sancto emprego
De fiel confissão, pura e verace,
Em que, postoque hereges a reprovam,
As almas, como a Phenix, se renovam.

Tomámos o divino mantimento,
Com cuja graça sancta tantos dias,
Sem outro algum terrestre provimento,
Se sustentaram já Moysés e Helias:
Pão, de quem nenhum grande pensamento,
Nem sutis e profundas phantasias
Alcançam o segredo, e virtude alta,
Se do juizo a fé não suppre a falta.

No canto VI, depois da estancia 7, achava-se no mesmo original mais uma:

Lá na sublime Italia hum celebrado
Antro secreto está, chamado Averno;
Por onde o capitão Troiano ousado
Ás negras sombras foi do escuro inferno.
Por ali ha tambem hum desusado
Caminho, que vai ter ao centro interno
Do mar, aonde o deos Neptuno mora:
Por ali foi descendo Baccho agora.

Depois da estancia 24 do mesmo canto VI, havia a que se segue:

A dor do desamor nunca respeita,
Se tem culpa, ou se não tem culpa a parte;
Porque se a cousa amada vos engeita,
Vingança busca só de qualquer arte.
Porém quem outrem ama, que aproveita
Trabalhar que vos ame, e que se aparte
De seu desejo, e que por outro o negue,
Se sempre fuge amor de quem o segue?

Ahi mesmo, depois da estancia 40, havia as cinco seguintes:

De que serve contar grandes historias
De capitães, de guerras afamadas,
Onde a morte tem asperas victorias
De vontades alheas sujugadas?
Outros farão grandissimas memorias
De feitos de batalhas conquistadas:
Eu as farei (se for no mundo ouvido)
De como só de huns olhos fui vencido.

Não foi pouco aprazivel a Velloso
Tratar-se esta materia, vigiando;
Que com quanto era duro e bellicoso,
Amor o tinha feito manso e brando.

Tão concertado vive este enganoso
Moço co'a natureza, que tratando
Os corações tão doce e brandamente,
Não deixa de ser forte quem o sente.

Contai (disse), senhor, contai de amores
As maravilhas sempre acontecidas,
Que ainda de seus fios cortadores
No peito trago abertas as feridas.
Concederam os mais vigiadores,
Que ali fossem de todos referidas
As historias, que já de amor passaram;
E assi sua vigia começaram.

Disse então Leonardo: Não espere
Ninguem, que conte fabulas antigas:
Que quem alheias lagrimas refere,
Das proprias vive isento, e sem fadigas.
Porque, depois que amor co'os olhos fere,
Nunca por tão suaves inimigas,
Como a mi só no mundo tem ferido
Pyramo, nem o nadador de Abido.

Fortuna, que no mundo póde tanto,
Me deitou longe já da patria minha,
Onde tão longo tempo vivi, quanto
Bastou para perder hum bem que tinha.
Livre vivia então; mas não me espanto,
Senão que sendo livre, não sostinha
Deixar de ser captivo, que o cuidado,
Sem porque, tive sempre namorado.

Depois d'estas cinco, e da estancia 80, seguia-se a 81 com esta differença:

Divina Guarda, angelica, celeste,
Que o astrífero polo senhoreas;
Tu que a todo Israel refugio deste
Por metade das aguas erythreas:
Se por mores perigos me trouxeste,
Que ao itacence Ulysses, ou a Eneas,
Passando os largos términos de Apolo,
Pelas furias de Tethys e de Eolo.

Ao fim d'este mesmo canto VI, depois da estancia 94, continuavam no primeiro manuscrito as seguintes sete:

Olhai como depois de hum grande medo,
Tão desejado bem logo se alcança;
Assi tambem detraz de estado ledo
Tristeza está, certissima mudança.

Quem quizesse alcançar este segredo
De não se ver nas cousas segurança,
Creio, se esquadrinha-lo bem quizesse,
Que em vez de saber mais, endoucesse.

Não respondo a quem disse, que a Fortuna
Era em todas as cousas inconstante;
Que mandou Deos ao mundo por coluna
Deosa, que ora se abaixe, ora levante.
Opinião das gentes importuna
He ter, que o homem aos anjos semelhante,
Por quem já Deos fez tanto, se pozesse
Nas mãos do leve caso, que o regresse.

Mas quem diz, que virtudes, ou peccados,
Sobem baixos, e abaixam os subidos;
Que me dirá se os máos vir sublimados?
Que me dirá, se os bons vir abatidos?
Se alguém me diz, que nascem destinados,
Parece razão aspera aos ouvidos;
Que se eu nasci obrigado ao meu destino,
Que mais me val ser sancto, que malino?

Viram-se os Portuguezes em tormenta,
Que nenhum se lembrava já da vida;
Subitamente passa, e lhe apresenta
Venus a cousa delles mais querida.
Mas o Cabral, que o numero accrescenta
Dos naufragios, na costa desabrida,
A vida salva alegre, e logo perto
A perde, ou por destino, ou por acerto.

Se havia de perdê-la em breve instante,
O salva-la primeiro, que lhe val?
Fortuna ali, se he habil e prestante,
Porque não dava hum bem de traz de hum mal?
Bem dizia o philosopho elegante
Simónides, ficando em hum portal
Salvo, donde os amigos morrer vira,
Na sala arruinada, que cahira.

Oh poder da fortuna tão pesado,
Que tantos n'hum momento assi mataste!
Para que maior mal me tens guardado,
Se deste, que he tamanho, me guardaste?
Bem sabia que o ceo estava irado:
Não ha damno, que o seu furor abaste:
Nem fez hum mal tamanho, que não tenha
Outro muito maior, que logo venha.

Mui bem sei, que não falta quem me dêsse
 Razões sutis, que o engenho lhe assegura;
 Nem quem segundas causas resolvesse;
 Materias altas, que o juizo apura.
 Eu lhe fico, que a todos respondesse,
 Mas não o soffre a força da escriptura:
 Respondo só, que a longa experiencia
 Enleia muitas vezes a sciencia.

SEGUNDO MANUSCRIPTO.

(Que fôra de M. Correia Montenegro.)

No canto VIII, depois da estancia 32, havia as tres seguintes:

Este deu grão principio á sublimada
 Illustrissima casa de Bragança,
 Em estado e grandeza avantajada
 A quantas o hespanhol imperio alcança.
 Vês aquelle, que vai com forte armada
 Cortando o Hesperio mar, e logo alcança
 O valeroso intento, que pretende,
 E a villa de Azamor combate e rende?

He o Duque Dom Gemes, derivado
 Do tronco antigo, e successor famoso,
 Que o grande feito emprende, e acabado
 A Portugal dá volta victorioso;
 Deixando desta vez tão admirado
 A todo o mundo, e o Mouro tão medroso,
 Que inda atégora nunca ha despedido
 O grão temor entonces concebido.

E se o famoso Duque mais avante
 Não passa co'a catholica conquista,
 Nos muros de Marrocos, e Trudante,
 E outros logares mil á escala vista;
 Não he por falta de animo constante,
 Nem de esforço, e vontade prompta e lista;
 Mas foi por não passar o limitado
 Término, por seu rei assignalado.

Depois da estancia 36, neste mesmo canto VIII, havia mais uma, como se segue:

Achou-se nesta desigual batalha
 Hum dos nossos de imigos rodeado;
 Mas elle de valor, mais que de malha,
 E militar esforço acompanhado,
 Do primeiro o cavallo mata, e talha
 O collo a seu senhor, com desusado
 Golpe de espada; e passo a passo andando,
 Os torvados contrarios vai deixando.

No canto X, depois da estancia 72, haviam dez na fórma que se seguem:

Verá-se, emfim, toda a India conjurada
 Com bellico apparelho; varias gentes,
 Chaul, Goa e Maláca ter cercada
 Em hum tempo logares differentes.
 Mas vê como Chaul quasi tomada,
 O mar com suas ondas eminentes,
 Vai soccorrer a gente Portugueza,
 Que só de Deos espera já defeza.

Vês qual o Rei gentio presuroso
 Arde, cerca, discorre, e anda listo,
 Incitando o exercito espantoso
 A destruir hum esquadrão de Christo?
 Mas nota o ponto de honra generoso,
 Em cerco, nem batalha nunca visto;
 Os soldados fugindo do seguro,
 Passar-se ao posto perigoso e duro.

Ali o prudentissimo Ataíde,
 Confortado da ajuda soberana,
 Onde a necessidade e tempo o pide,
 Soccorrerá com força mais que humana.
 Até que com seus damnos se despide
 Do cru intento a gente vil, profana,
 Que em batalhas, e encontros mil vencidos,
 Virão a pedir paz arrependidos.

Em quanto isto passar cá na lumiosa
 Costa de Asia e America sombria,
 Não menos lá na Europa bellicosa,
 E nas terras da inculta Barbaria,
 Mostrará a gente elysia valerosa
 Seu preço, de temor tornando fria
 A zona ardente, em ver que huma conquista
 Lhe não faz que das outras tres desista.

Verão o valentissimo Barriga,
 Adail de Zafim, grande, afamado,
 Sem ter por armas quem lh'o contradiga,
 Correr de Mauritania serra e prado.
 Mas vê como a infiel gente inimiga
 O prende por hum caso desastrado,
 E com elle outra gente leva presa;
 Que em tal caso não pôde ter defeza.

Mas passado este trance perigoso,
 Olha onde preso vai, como arrebatá
 A lança de hum dos Mouros, e furioso
 Com ella a seu senhor derriba e mata.
 E revolvendo o braço poderoso,
 Os seus livra, e os inimigos desbarata:
 E assi todos alegres e triumphantes,
 Se tornam d'onde foram presos antes.

Ei-lo cá por engano outra vez preso,
 Está na escura e vil estrebaria,
 Carregado de ferros, de tal peso,
 Que de hum logar mover-se não podia.
 Vê-lo de generoso fogo acceso,
 Que o páo ensanguentado sacudia,
 Com que ao soberbo Mouro a morte dera,
 Que em sua honrada barba a mão pozera?

Mas vê como os infidos Agarenos,
 Por mandado lhe dão do Rei descrido
 Tanto açoute por isto, que em pequenos
 Lhe fazem sobre as costas o vestido,
 Sem que ao forte Varão vozes, nem menos
 Ouvissem dar hum intimo gemido:
 Já vai a Portugal despedaçado
 O vestido a pedir ser resgatado.

Olha cabo de Aguer aqui tomado
 Por culpa dos soldados de soccorro:
 Vês o grande Carvalho ali cercado
 De inimigos, como touro em duro corro?
 De trinta Mouros mortos rodeado,
 Revolvendo o montante, diz: «Pois morro,
 Celebrem mortos minha morte escura,
 E façam-me de mortos sepultura.»

Ambas pernas quebradas, que passando
 Hum tiro, espedaçado lh'as havia;
 Dos gíolhos, e braços se ajudando,
 Com nunca visto esforço e valentia:

Em torno pelo campo retirando,
 Vai a Agarena, dura companhia,
 Que com dardos e settas, que tiravam,
 De longe dar-lhe a morte procuravam.

N'este mesmo canto X, depois da estancia 73, appareciam as onze seguintes:

Com taes obras e feitos excellentes
 De valor nunca visto, nem cuidado,
 Alcançareis aquellas preeminentes
 Excellencias, que o ceo tem reservado
 Para vós outros, entre quantas gentes
 O Sol aqueita, e cerca o humor salgado:
 Que em pouco se acham poucas repartidas,
 E em nenhuma nação junctas e unidas.

Religião, a primeira, sublimada,
 De pio e sancto zêlo revestida;
 Ao culto divinal sómente dada,
 E em seu serviço e obras embebida.
 Nesta, a gente no Elyseo campo nada,
 Se mostrou sempre tal em morte e vida,
 Que póde pretender a primazia
 Da illustre e religiosa monarchia.

Lealdade he segunda, que engrandece,
 Sobre todas, o nobre peito humano;
 Com a qual semelhante ser parece
 Ao côro celestial e soberano.
 Nesta por todo o mundo se conhece
 Por tão illustre o povo lusitano,
 Que jámais a seu Deos, e Rei jurado,
 A fé devida e publica ha negado.

Fortaleza vem logo, que os auctores
 Tanto do antigo Luso magnificam,
 Que os vossos Portuguezes com maiores
 Obras, ser verdadeira certificam:
 Dando materia a novos escriptores,
 Com feitos, que em memoria eterna ficam;
 E vencendo do mundo os mais subidos,
 Sem nunca de mais poucos ser vencidos.

Conquista será a quarta, que no imperio
 Portuguez só reside com possança:
 Pois no sublime e no infimo hemispherio
 As quatro partes só do mundo alcança:

E as quatro nações dellas por mysterio
 Com que conquista, e tem certa esperança,
 Que Christãos, Mouros, Turcos e Gentios,
 Junctaram n'huma lei seus senhorios.

Descobrimento he quinta, que bem certo
 Á gente Lusitana só se deve;
 Pois tendo Norte a Sul já descoberto,
 Adonde o dia he grande, e adonde breve:
 E por caminho desusado, incerto,
 De Ponente a Levante, inda se atreve
 Cercar o mundo em torno por direito:
 Feito despois, nem antes, nunca feito.

Deixo de referir a piedade
 Do peito Portuguez, e cortezia,
 Temperança, fé, zêlo e caridade,
 Com outras muitas, que contar podia.
 Pois a segundo o ponto da verdade,
 E regras da moral philosophia,
 Não pôde conservar-se huma virtude,
 Sem que das outras todas se arme, e ajude.

Mas destas, como base, e fundamento
 Daquellas cinco insignes excellencias,
 Em que ellas tõe seu natural assento,
 E de quem tomam suas dependencias:
 Não quero aqui tractar, que meu intento
 Não he descer a todas minudencias,
 Que geraes são no mundo a muita gente,
 Senão das que em vós se acham tão sómente.

Mas não será de todo limpo e puro,
 O curso desigual de vossa historia:
 Tal he a condição do estado escuro
 Da humana vida, fragil, transitoria:
 Que mortes, perdições, trabalho duro
 Aguarão grandemente vossa gloria;
 Mas não poderá algum successo, ou fado,
 Derribar-vos deste alto e honroso estado.

Tempo virá, que entr'ambos hemispherios
 Descobertos por vós, e conquistados,
 E com batalhas, mortes, captiveiros,
 Os varios povos delles sujeitados:
 De Hespanha os dois grandissimos Imperios
 Serão n'hum senhorio só juntados,
 Ficando por metropoli, e senhora,
 A cidade que cá vos manda agora.

Ora, pois, gente illustre, que no mundo
 Deos no gremio catholico conserva,
 Redemidos da pena do Profundo,
 Que para os condemnados se reserva,
 Por vos dotar o que perdeu o immundo
 Lusbel, com sua infame e vil caterva:
 Pois sabeis alcançar a gloria humana,
 Fazei por não perder a soberana.

Ultimamente, depois da estancia 141 d'este canto x, se achava mais esta que aqui vai:

D'aqui saíndo irá, donde acabada
 Sua vida será na fatal ilha:
 Mas proseguindo a venturosa armada
 A volta de tão grande maravilha;
 Verão a nao Victoria celebrada
 Ir tomar porto juncto de Sevilha,
 Depois de haver cercado o mar profundo,
 Dando huma volta em claro a todo o mundo.

TERCEIRO MANUSCRITO.

(Que foi de Luiz Franco.)

Isto dizendo, irado e quasi insano,
 Sobre a Thebana patria descendeo,
 Onde vestindo a fôrma e gesto humano,
 Lá por onde o sol nasce se moveo.
 Já atravessava o mar Mediterraneo,
 Já de Cleopatra o reino discorreo,
 Já deixa á mão direita os Garamantes,
 E os desertos de Lybia circumstantes.

Já Meroe deixa atraz, e a terra ardente,
 Que o septemfluvio vai regando,
 Por onde impera o sancto presidente
 Os preceitos de Christo amoestando.
 Já passa a terra de aguas carecente,
 Que estão as alagoas sustentando;
 Donde seu nascimento tem o Nilo,
 Que gera o monstruoso crocodilo.

D'aqui ao cabo Prasso vai direito,
E entrando em Moçambique, nesse instante
Se faz na fôrma Mouro contrafeito,
A hum dos mais honrados similhante,
Que como a seu regente fosse aceito,
Entrando hum pouco triste no semblante,
Desta sorte o Thebano lhe fallava:
(Apartando-o dos outros com quem estava.)

Saberás, Xeque nosso, que sabido
Tenho desses Christãos sanguinolentos,
Que todo o mar tem descornado
Com roubos, com incendios violentos,
E já trazem de longe engano urdido
Contra nós lá nos altos pensamentos,
Para nos destruirem e roubarem,
E mulheres e filhos captivarem.

LIÇÕES VARIAS.

PRIMEIRO MANUSCRITO.

CANTO I.

Estancias

- 4—E vós, *Tagides minhas*, pois creado
E vós, *Tagides Musas*, pois creado
Se sempre em verso humilde celebrado
Pois sempre em verso humilde celebrado
- 5—Gente vossa, *que a Marte* tanto ajuda;
Gente vossa, *que Marte* tanto ajuda;
- 8 —Vós, *poderoso Rei*, cujo alto imperio
Vós, *ó sagrado Rei*, cujo alto imperio
Do torpe *Ismaelita* cavalleiro,
Do torpe *Mauritano* cavalleiro,
- 10—Ouvi, vereis o *nome* engrandecido
Ouvi, vereis o *peito* engrandecido
- 11—Ouvi, que não vereis com *vans* façanhas,
Ouvi, que vereis com *communs* façanhas,
- 12—Os *doze* de Inglaterra, e o seu Magriço:
Os *onze* de Inglaterra, e o seu Magriço:
- 14—Albuquerque *terribil*, Castro forte,
Albuquerque *invencibil*, Castro forte,
- 18—*De regerdes os povos*, *que* o desejam,
Muito mais do que os vossos o desejam,
- 20—Pisando o crystalino ceo formoso
Pelo caminho lacteo excellente,
Se junctam em concílio glorioso
Sobre as cousas futuras do oriente¹
- 22—Com *gesto alto*, *severo* e soberano:
Com *hum gesto* severo e soberano,

¹ No meio d'esta estancia acham-se quatro versos trocados e um diferente, como ficam indicados.

Estancias

- 23—*Mais abaixo os menores se assentavam:
Os outros mais abaixo se assentavam:*
- 24—*Deveis de ter sabido claramente,
Deve-vos de ser noto e evidente,*
- 25—*Pois contra o castelhano tão temido
Pois contra o Brigio duro tão temido*
- 26—*Hum por seu capitão, que peregrino
Fingio na cervá espirito divino.
Por capitão geral o peregrino,
Que achou na cervá espirito divino.*
- 32—¹
- 33—*Por quantas qualidades via nella
Por quanta similhaça via nella*
- 34—*Que ha de ser celebrada a clara dea,
Que ha de ser celebrada a alma dea,*
- 38—*Cuja valia e obras tanto amaste,
Cujó valor e obras tanto amaste,
Não ouças mais, pois és juiz direito,
Não ouças mais, pois és juiz perfeito,*
- 42—*Ilha de S. Lourenço; e o sol ardente
Ilha Madagascar; e o sol ardente*
- 43—*Na costa de Ethiopia, nome antigo;
D'onde tomam as ondas nome antigo;*
- 44—*Vasco da Gama, o forte capitão;
Que a tamanhas emprezas se offerece,
Vasco da Gama, o grande capitão,
Que toda a armada manda e lhe obedece,*
- 48—*Da ancora o mar ferido em cima salta
A ancora o mar ferido em cima salta*
- 54—*Chama-se a pequena ilha Moçambique.
É o nome da ilha Moçambique*
- 58—*Os furiosos ventos repousavam
Os ventos desabridos repousavam*
- 61—*Dá-lhe conserva doce, e dá-lhe o ardente
Não usado licor, que dá alegria.
Dá-lhe conserva doce, excellente
Co'ó purpureo liquor que Baccho cria.*
- 64—*Busco as terras da India tão famosa.
Busco as terras da India valerosa.*
- 67—*Partazanas agudas, chuças bravas:
Partazanas agudas, maças bravas:*
- 71—*Que aos estrangeiros subito tomou:
Que aos da armada subito tomou:*
- 72—*Na terra do obsequente ajuntamento,
Na terra do inimigo ajuntamento,*

¹ Esta estancia não estava no manuscrito.

Estancias

78—¹

- 79—*E sabe mais, lhe diz, como entendido*
Saberás, Xegue nosso, que sabido
 Que quasi todo o mar tem *destruido*
 Que quasi todo o mar tem *descorrido*
 São para nos *matarem*, e roubarem,
 São para nos *destruirem* e roubarem,
- 81—Seja *astuto* no engano, e tão prudente,
 Seja *instructo* no engano, e tão prudente,
- 86—*Hum de escudo abraçado*, e de azagaia,
Outro de arco encurvado e setta ervada,
Qual em cavallo ardente e de azagaia
Na mão, qual arco curvo e setta ervada
- 87—Andam *pela ribeira alva arenosa*
 Andam *na escaramuça polvorosa*
 Com a adarga, e *co'a hastea* perigosa
 Com a adarga e *com a lança* perigosa
- 88—*Salta, corre, sibilla*, acena e brada:
Corre, salta, assovia, acena e brada:
- 92—*Os pangaios* subteis da bruta gente:
Os fortes paraus subteis da bruta gente:
A vil malícia, perfida, inimiga.
A má tenção contraria inimiga.
- 98—Povo *antiguo christão* sempre habitou.
 Povo *christão* sempre *habita*.
- 104—Na *fôrma d'outro* Mouro, que tomara.
 Na *figura do outro* Mouro, que tomara.

CANTO II.

- 1—Chegava á desejada e *lenta* meta,
 Chegava á desejada e *humida* meta,
 Quando as *infidas* gentes se chegaram
 Quando as *ingidas* gentes se chegaram
- 4—O rubi fino, o *rigido* diamante:
 O rubi fino, o *duro* diamante:
- 5—E diz que, porque o *Sol no mar* se esconde,
 E diz que, porque *a noute o Sol* esconde,
- 11—Como os que só *das linguas* que cahiram
 Como os que só *co'as linguas* que cahiram
- 12—Onde com este engano *Baccho* estava,
 Onde com este engano *Bromio* estava,
- 13—Da *moça* de Tritão a roxa fronte:
 Da *filha* de Tritão a roxa fronte:
- 14—Dentro no *salso* rio entrar queria.
 Dentro no *falso* rio entrar queria.

¹ Faltava no manuscrito.

Estancias

- 16—Com isto o *nobre Gama* recebia
Com isto o *Gama illustre* recebia
- 19—Convoca as *alvas filhas* de Nereo,
Convoca as *lindas filhas* de Nereo,
- 20—Por cima da agua *cresta* em força summa:
Por cima da agua *fresca* em força summa:
Abrem caminho as ondas *encurvadas*,
Abrem caminho as ondas *levantadas*,
- 24—O leme a hum bordo e a outro *atravessando*:
O leme a hum bordo e a outro *trabalhando*:
- 26—*Saltando n'agua*, a nado *se acolhiam*:
E por salvar-se a nado *arremettiam*:
- 28—Tambem foge, saltando na agua *amara*.
Tambem foge, saltando na agua *clara*.
- 29—Vendo o *Gama*, *attentado*, a estranheza
Vendo o *capitão claro* a estranheza
- 30—Oh descoberto engano *inopinado*!
Oh descoberto engano *inesperado*!
Não acudir á *fraca força* humana?
Não acudir á *fraca gente* humana?
- 34—Que as *estrellas*, e o ceo, e o ar vizinho,
Que aos *deoses*, ao ceo, e ao ar vizinho,
- 36—Os *crepos* fios d'ouro se esparziam
Os *frescos* fios d'ouro se esparziam
- 39—Te achasse brando, *affabil* e amoroso;
Te achasse *amigo*, brando, *affabil* e amoroso;
Posto que a algum *contrario* lhe pezasse:
Posto que a algum *celeste* lhe pezasse:
- 41—Que pois eu fui . . . E n'isto, *de mimosa*,
Que pois eu fui . . . E n'isto, *como irosa*,
- 44—Nem que *ninguem commigo* possa mais,
Nem que *outro algum celeste* possa mais,
Que esses *chorosos olhos* soberanos:
Que esses *olhos chorosos* soberanos:
- 45—¹
- 46—Serão *dadas* na terra leis melhores.
Serão *postas* na terra leis melhores.
- 50—Invejoso vereis o *grão Mavorte*
Invejoso vereis *estar* Mavorte
- 52—*E vereis* em Cochim assinalar-se
Vereis mais em Cochim desbaratar-se
- 53—Nas *civis Actias* guerras *animoso*,
Nas *Actias* guerras *forte e animoso*,
- 58—Do Lusitano o preço grande e *raro*;

¹ N'esta estancia estavam no manuscrito os dois versos de Eneas antepostos aos de Antenor.

Estancias

- Do Lusitano o preço grande e claro; ¹
- 61— *Sereno o tempo* tens, e o Oceano,
Manso o vento tens, e o Oceano,
- 64— Acorda e vê *ferida* a escura treva
 Acorda e vê *ferir* a escura treva
- 68— Ao longe dous navios, *brandamente*
 Ao longe dous navios, *mansamente*
 Co'os ventos navegando, que *respiram*:
 Co'os ventos navegando, que *suspiram*:
- 70— E como o *Gama* muito desejasse
 E como o *illustre Gama* desejasse
- 74— Que toda a d'outra *terra* atrás deixada.
 Que toda a d'outra *costa* atrás deixada.
- 77— Que de longe *trazia* aparelhado,
 Que *lá* de longe *tinha* aparelhado,
 Escarlata purpurea, côr *ardente*
 Escarlata purpurea, côr *excellente*
O ramoso coral, fino e presado,
Com o coral puniceo tão presado,
- 80— Mas da *soberba* Europa navegando,
 Mas da *famosa* Europa navegando,
 Imos buscando as terras *apartadas*
 Imos buscando as terras *nomeadas*
- 86— Nenhum *frio* temor em vós se imprima;
 Nenhum *temor ou medo* em vós se imprima;
- 95— *Onde a materia da obra he superada:*
De obra subtil de poucos alcançada:
Na cinta a rica adaga bem lavrada:
O pyropo na adaga bem lavrada:
- 96— Hum ministro *á solar* quentura veda,
 Hum ministro *ao sol ardente* veda,
 De aspero som, *horrisimo ao ouvido,*
 De aspero som, *e de outrem não sabido,*
- 98— *Pluma na gorra*, hum pouco declinada.
Co'a pluma a gorra hum pouca declinada.
- 101— Já no batel *entrou* do Capitão
O Rei, que nos seus braços o levava:
 Já no batel *entrava* o Capitão
Do Rei, que nos seus braços o levava:
- 104— Que *o ceo* revolve, e rege a gente humana;
 Que *o sol* revolve, e rege a gente humana;
- 106— A frota co'as *bombardas* o festeja,
 A frota co'as *bandeiras* o festeja,
- 107— Por fallar de vagar co'o *forte* Gama
 Por fallar de vagar co'o *illustre* Gama

¹ N'esta estancia estava o ultimo verso primeiro que o penúltimo.

Estancias

- 111—Que quem *ha*, que por fama não conhece
As obras portuguezas singulares?
Que quem *he o que ignora*, e não conhece
As *famas* portuguezas singulares?
- 112—Não menos he trabalho *ilustre* e duro,
Não menos he trabalho *estranho* e duro,

CANTO III.

- 1—De quem Orpheu pariste, *ó linda dama*,
De quem Orpheu pariste, *ó docta dama*,
Te negue o amor *devido*, como soe.
Te negue o amor *divino*, como soe.
- 3—O que o *sublime Gama* contaria;
O que o *Capitão claro* contaria;
- 10—A *Lapia* fria, a inculta Noruega,
A fria *Dania*, a inculta Noruega,
Escandinava ilha, que se arrea
Os Hunos, a *grande Golphia*, que se arrea
O *congelado* inverno, se navega
O *desabrido* inverno, se navega
Hum braço do Sarmatico Oceano
Gran parte do Sarmatico Oceano
Pelo *Brussio*, *Suecio*, e *frio Dano*.
Pelo *Baltico Russio*, e *Lithiano*.
- 14—*Das aguas*, que tão *baixa* começou.
Da agua que tão *humilde* começou.
De esforço, *nações varias* sujeitou,
De esforço, *o mundo todo* sujeitou,
- 16—*Galia* ali se verá, que nomeada
França ali se verá, que nomeada
- 17—Dos *bellicosos* peitos que em si cria.
Dos *belligeros* peitos que em si cria.
- 18—Onde o *sabido Estreito* se enobrece
Onde o *Estreito claro* se enobrece
- 20—E onde *Phebo* repousa no Oceano:
E onde o *sol* repousa no Oceano:
Nas armas *contra o torpe Mauritano*,
Deitando-o de si fóra, e lá na ardente
Nas armas *com que ao proprio Mauritano*,
Deitou dos proprios fins, e lá na ardente
- 21—Esta he aquella patria minha amada;
Á qual se o ceo me dá, que torne vivo
- 21—Com tamanha empreza já acabada,
Ser me ha gosto entre os homens excessivo.
Esta foi Lusitania derivada
De Luso, ou Lysa, que do antigo Divo,

Estancias

- Bacho Thebano foram companheiros,
 Nella, parece, os incolas primeiros ¹
- 22—*Desta* o pastor nasceo, que no seu nome
Daqui o pastor nasceo, que no seu nome
 Pois a *grande* de Roma não se atreve.
 Pois a *eterna* Roma não se atreve.
- 24—*E c'hum* amor intrinseco accendidos
Com este amor intrinseco accendidos
 Quiz o famoso *Affonso*, que obras taes
 Quiz o famoso *Rei*, que obras taes
 Levassem *premio digno e dões iguaes*.
 Levassem *premios dignos e galardões*.
- 25—Portugal *houve em sorte*, que no mundo
Lhe deram Portugal que então no mundo
 Então não era *illustre*, nem presado:
 Então não era *conhecido*, nem presado:
- 27—Que vio de *Deos* a carne em si lavada;
 Que vio de *Christo* a carne em si lavada;
- 31—E não vê a *soberba* o muito que erra
 E não vê a *inquieta* o muito que erra
- 33—Porém, vencido de ira o *entendimento*.
 Porém, vencido de ira o *sentimento*,
- 34—*Para vingar* a injuria de Theresa,
Convocado da injuria de Theresa,
 Contra o tão *raro* em gente Lusitano
 Contra o tão *fraco* em gente Lusitano
- 35—*Foi refazer-se* o imigo magoado.
Torna o Castelhana magoado.
- 36—Do *moço* illustre a outrem ser sujeito.
 Do *Lusitano* illustre a outrem ser sujeito.
- 37—Em que o Rei *Castelhana* já aguardava
 Em que o Rei *de Castella* já aguardava
- 38—De minha temeraria *confiança*,
 De minha temeraria *segurança*,
- 40—Põe no cepo a garganta, e já *entregado*
 Põe no cepo a garganta, e já *inclinado*
- 40—Egas estava a tudo *offerecido*.
 Egas estava a tudo *sumettido*.
- 42—O Lusitano exercito *ditoso*
 O Lusitano exercito *orgulhoso*
- 43—Senão no *sumo* Deos que o ceo regia;
 Senão *naquelle* Deos que o ceo regia;
 Por *mais temeridade*, que ousadia,
 Por *muito mais doudice*, que ousadia,
- 44—Cinco Reis *Mouros são os* inimigos,

¹ A estancia 21 está assim no manuscrito.

Estancias

- Cinco Reis são os *Mouros* inimigos,
 45—Amostrando-se a *Afonso*, o animava.
 Amostrando-se ao *principe* o animava.
 46—Por *Afonso*, alto Rei de Portugal.
 Por *D. Afonso* Rei de Portugal.
 49—Co'o vento, o *secco* mato vai queimando:
 Co'o vento, o *cego* mato vai queimando:
 Ao *estridor* do fogo, que se atea,
 Ao *estrondo* do fogo, que se atea,
 51—*Para se desfazer* huma alta serra,
Que podiam mover huma alta serra,
 55—Com esta a *forte* Arronches subjugada
 Com esta a *secca* Arronches subjugada
 56—A estas *nobres* villas submettidas
 A estas *fortes* villas submettidas
 Ajunta *tambem* Mafra em pouco espaço,
 Ajunta a *forte* Mafra em pouco espaço,
 58—*Muitos* com tenção sancta eram partidos,
Povos com tenção sancta eram partidos,
 Foi posto cerco aos *muros* Ulysseos.
 Foi posto cerco aos *Mouros* Ulysseos.
 59—E outras tantas mostrara *cheio* o rosto,
 E outras tantas mostrara *claro* o rosto,
 60—Que o *Ibero* o *vio* e o *Tejo* amedrontados;
 Que o *Rheno*, *Albis* e *Ibero* amedrontados;
 62—Obedeceis ás forças *mais* que *humanas*,
 Obedeceis ás forças *sobrehumanas*,
 65—*Desbarata* hum exercito potente;
Vence hum *grande* exercito potente;
 66—*Innumeros* peões, d'armas e de ouro
Sessenta mil peões, de seda, de ouro
 Guarnecidos, *guerreiros* e lustrosos.
 Guarnecidos, *valentes* e lustrosos.
 67—Dest'arte *Afonso*, *subito* mostrado,
 Dest'arte *dava* o *principe* indignado,
 Na gente dá, que *passa* bem segura;
 Na gente dá, que *passava* bem segura;
Fere, *mata*, *derriba* denodado;
Huns *captiva*, *outros* *mata* denodado;
Foge o *Rei* *Mouro*, e só da vida cura:
Já fuge o *Rei* que só da vida cura:
Sendo estes que fizeram tanto abalo,
Porque esses que fizeram tanto abalo,
No mais que só sessenta de cavallo.
Não são mais que sessenta de cavallo.
 68—Cercar vai *Badajoz*, e logo alcança
 Cercar vai *Paz Augusta* e logo alcança

Estancias

- 77—Ao som da *Mauritana e ronca* tuba
Ao som da *Mauritana dura* tuba
- 79—Nada *do esforço* e accordo generoso,
Nada *da força* e accordo generoso,
- 83—O velho Affonso, *principe* subido,
O velho Affonso *prospero* subido,
- 88—Mas a *formosa* armada que *viera*
Mas a *famosa* armada que *trouxera*
Por contraste do vento áquella parte,
O contraste do vento áquella parte,
- 89—Da *soberba* Tui, que a mesma sorte
Da *galega* Tui, que a mesma sorte
- 90—*Porque d'antes os Mouros o tomaram,*
Que de antes os perros o deixaram,
- 93—Mas o reino, de altivo e *costumado*
Mas o reino, de altivo e *sublimado*,
- 93—*A senhores* em tudo soberanos,
E de senhores em tudo soberanos,
Que não *for* mais que todos excellente.
Que não *he* mais que todos excelente.
- 96—*Na terra* já tranquilla claros lumes.
No reino já tranquillo claros lumes.
- 97—Tudo o *soberbo* Apollo aqui reserva:
Tudo o *Delphico* Apollo aqui reserva:
- 99—*Porque não he* das forças Lusitanas
Que nunca foi das forças Lusitanas
- 100—Do Sarraceno *barbaro* estupendo,
Do Sarraceno *exercito* estupendo,
- 101—A força inexpugnabil, *grande* e forte,
A força inexpugnabil, *muita* e forte,
- 102—Pelos *paternaes* paços sublimados;
Pelos *paternos* paços sublimados;
- 105—Se esse gesto, que mostras claro e ledó,
De pai o verdadeiro amor assella;
Rompe toda a tardança: acude cedo
Á miseranda gente de Castella.¹
- 106—Fallando está, que a *triste* Venus, quando
Fallando está, que a *bella* Venus, quando
- 107—Os Eborenses campos vão *coalhados*;
Os Eborenses campos vão *trilhados*;
- 111—Vendo o *pastor inerme* estar diante
Vendo o *fraco e gentil pastor* estar diante
Despreza o *fraco* moço mal vestido,
Despreza o *sancto* moço mal vestido,

¹ É assim que estão collocados, na estancia citada, os quatro versos o meio.

Estancias

- 112—Se faz temer *ao reino* de Granada.
Se faz temer *a gente* de Granada.
- 113—Chamam (segundo as leis *que* ali seguiam)
Chamam (segundo as leis *a que* ali seguiam)
- 114—Com *esforço tamanho* estrue e mata
Com *tamanha presteza* estrue e mata
Sem lhe valer defeza ou peito d'aço.
Não lhe vale elmo, malha ou peito d'aço.
- 114—Inda não bem contente o *forte* braço,
Inda não bem contente o *duro* braço,
- 115—Foi pelos *fortes* Reis desbaratado
Foi pelos *altos* Reis desbaratado
- 116—Não matou a *quarta* parte o forte Mario
Não matou a *terça* parte o forte Mario
Que *alqueires tres* de anneis dos mortos toma.
Que *tres moios* de anneis dos mortos toma.
- 117—¹
- 120—*Nos saudosos campos* do Mondego,
Só o soidoso campo do Mondego,
- 123—*Por lhe tirar* o filho, que tem preso;
Por tirar ao filho, que tem preso;
- 124—Razões a morte *crua* o persuade.
Razões a morte *baixa* o persuade.
Ella com tristes e *piodosas* vozes,
Ella com tristes e *saudosas* vozes,
- 125—Os olhos, *porque* as mãos lhe estava atando
Os olhos, *que já* as mãos lhe estava atando
- 130—Os que *por bom tal feito* ali apregoam.
Os que *por bons taes feitos* ali apregoam.
- 132—Taes contra Ignez os *brutos* matadores
Taes contra Ignez os *duros* matadores
No colo de alabastro, que sostinha
Na marmorea columna que sostinha
As espadas *banhando*, e as brancas flores
As espadas *tingindo*, e as brancas flores
- 133—Como da *ceva* meza de Thyestes,
Como da *crua* meza de Thyestes,
- 134—*Tal está* morta a *pallida* donzella,
Assi está morta a *misera* donzella,
A branca e *viva* côr, co'a doce vida.
A branca e *linda* côr, co'a doce vida.
- 135—*Longo tempo* chorando memoraram;
Longamente chorando memoraram;
Vêde que *fresca* fonte rega as flores,
Vêde que *gentil* fonte rega as flores,

¹ Não existia no manuscrito.

Estancias

- 136—*Não visse Pedro* das mortaes feridas;
Pedro não visse das mortaes feridas;
 138—Remisso e *sem cuidado* algum, Fernando,
 Remisso e *viciosissimo* Fernando,
 139—Que hum *baixo* amor os fortes enfraquece.
 Que hum *fraco* amor os fortes enfraquece.
 140—¹
 141—²
 142—De hum vulto *de Medusa propriamente*,
 De hum vulto *Meduseo sereno ardente*,
 143—Quem vio hum olhar seguro, hum *gesto* brando,
 Quem vio hum olhar seguro, hum *riso* brando,

CANTO IV.

- 1—Despois que o Rei *Fernando* falleceo.
 Despois que o Rei *perdido* falleceo.
 2—*Do descuido remisso* de Fernando;
Da fraqueza ou descuido de Fernando;
 Despois de *pouco tempo* o alcançaram,
 Despois de *poucos dias* o alcançaram,
Por Rei, como de Pedro unico herdeiro,
Que este só era então do reino herdeiro,
 4—Alteradas *então* do reino as gentes
 Alteradas *tambem* do reino as gentes
 7—Se a *corrompida fama* lho concede.
 Se o *morto Conde Andeiro* lho concede.
 8—Vem de toda a provincia, que *de hum* Brigo
 (*Se foi*) já *teve o nome derivado*;
 Vem de toda a provincia, que *do antigo* Brigo
O nome tomou depois mudado;
 Das *terras que Fernando e* que Rodrigo
 Das *ciudades e villas* que Rodrigo
Ganharam do tyrano e Mauro estado.
Com tanta honra ganhou, e Mauro estado.
 9—Trazendo por *insignias* verdadeiras
 Trazendo por *divisas* verdadeiras
 10—*Cidade nobre e antiga*, a quem cercando
Obra antigua de Bruto, a quem cercando
 11—*Tambem movem da guerra as negras* furias
Tambem guerra movem as tres furias
 15—Ha de haver quem refuse o *patrio Marte*?
 Ha de haver quem refuse o *bravo Marte*?
 16—Do grande Henriques, *feros* e valentes,
 Do grande Henriques, *claros* e valentes,

¹ Esta estancia não estava no manuscrito.² Idem.

Estancias

- 17—Por Diniz e seu filho *sublimados*,
Por Diniz e seu filho *celebrados*,
- 19—Vencerei *não só estes* adversarios,
Vencerei *no só os Brigios* adversarios,
- 21—*Dest'arte* a gente força, e esforça Nuno,
Aquella gente força, e esforça Nuno,
- 22—*Arma-se cada hum* como convinha;
Cada hum se arma como *the* convinha;
- 24—Para *Franceses*, para Italianos.
Para *Gallos*, para Italianos.
- 25—Antão *Vasques* de Almada *he* capitão,
Antão *Vás* he de Almada *o* capitão,
Que depois foi de *Abranches* nobre Conde,
Que depois foi de *Abrantes* nobre Conde,
Com Joanne Rei *forte* em toda parte
Com Joanne Rei *claro* em toda parte
- 26—Já chegam as esquadras *bellicosas*
Já chegam as esquadras *gloriosas*
De frente das imigas companhias,
A vista das imigas companhias,
E todas grande duvida concebem.
Mas maior he o medo que concebem.
- 28—Deu sinal a trombeta *castelhana*
Deu sinal a trombeta *Lusitana*
E as mais que o som *terrível* escuitaram,
E as mais que o som *terrífico* escuitaram,
- 29—Dos membros corporaes, *da* vida chara.
Dos membros corporaes *a* vida chara.
- 33—Ó tu, Sertorio, ó *nobre* Coriolano,
Ó tu, Sertorio, ó *forte* Coriolano,
- 36—Qual *parida* leôa, fera e brava,
Qual *ferida* leôa, fera e brava,
- 37—*Os montes sete irmãos atrôa e abala:*
O monte bello e os sete irmãos abala:
- 38—Com força atira, e préga o escudo e lado,
Co'o cavallo na terra a Maldonado ¹
- 41—*Muitos tambem do vulgo vil sem nome*
Muitos do vulgo em fim que não tem nome
A soberba do *imigo* furibundo,
A soberba do *Brigo* furibundo
- 44—Outros a *sede dura* vão culpando
Outros a *infausta sede* vão culpando
- 48—A *lei* de Christo á *lei* de Mafamede.
A *fé* de Christo á *fé* de Mafamede.

¹ É assim que se acham os dois ultimos versos na estancia 38.

Estancias

51—¹53—Este porque *se* Hespanha não *temesse*,
Este porque Hespanha não *perecesse*,54—*Poder* *ninguem* *vencer* o Rei terribil.
Vencer-se de *ninguem* o Rei terribil.58—Não quiz ficar *nos reinos* ocioso
Não quiz ficar *no reino* ocioso61—Hespanha, França, Italia *celebrada*;
Hespanha, França, Italia *com presteza*;62—*Pelo mar alto Siculo* navegam;
As ondas Adriaticas navegam;
E d'ali ás ribeiras altas chegam,
Pelo mar de Cannopo ás costas chegam,
Sobem á Ethiopia, sobre Egypto,
Sobem-se á Ethiopia sobre Egypto,63—*Ficam-lhe* *atraz* as serras Nabatheas,
E vendo as altas serras Nabatheas,
Que o filho de Ismael co'o nome ornou.
Detraz o monte Caspio *lhe* ficou.
Feliz, deixando a Pétrea e a Deserta.
Vendo a Felice, a Pétrea e a Deserta.67—*O qual, como do nobre* pensamento
E como nunca já do pensamento
Não deixasse de ser hum só momento
Deixasse de ser hora *nem* momento69—D'onde *diante* varios mundos via,
D'onde *debaixo* varios mundos via,
Nascere[m] duas *claras* e altas fontes.
Nascere[m] duas *largas* e altas fontes.74—Custar-te-hemos *comtudo* dura guerra;
Custar-te-hemos *primeiro* dura guerra;75—*Pelo escuro* hemispherio somnolento:
Pelo caro hemispherio somnolento:
De *pudivunda* rosa e roxas flores.
De *rubicunda* rosa e roxas flores.82—*Ambos são de valia* e de conselho,
Entr'ambos de ousadia e de conselho,
D'experiencia em armas e *furor*.
D'experiencia em armas e *primor*84—Onde o licor mistura e *branca* area
Onde o licor mistura e *rica* area85—De ser *no Olympo* estrellas, como a de Argos.
De ser *nos ceos* estrellas, como a de Argos.86—*Para* o summo Poder, que a etherea côrte
Ante o summo Poder, que a etherea côrte¹ Esta estancia não tinha o verso 6.

Estancias

- 87—Que refrear não posso os olhos d'agua
Que a mais obrigarão lembrança e magoa¹
- 88—*De mil religiosos* diligentes,
Dos frades n'este officio diligentes
- 95—*C'huma aura* popular, que honra se chama!
Com hum vento popular que honra se chama!
- 96—*Chamam-te* illustre, *chamam-te* subida,
Chamar-te illustre, *chamar-te* subida,
- 98—Que na de ferro e d'armas te *deitou*
Que na de ferro e d'armas te *deixou*
- 100—Não tens junto *contigo* o Ismaelita,
Não tens junto *connosco* o Ismaelita,
Não he elle *por* armas esforçado,
Não he elle *nas* armas esforçado,
- 102—Nunca juizo algum alto e *profundo*,
Nunca juizo algum alto e *facundo*,
- 103—E quanto *para* o mundo menos dano,
E quanto *a todo* o mundo menos dano,
Fogo de *altos desejos*, que a movera.
Fogo de *entendimento*, que a movera.

CANTO V.

- 13—²
- 18—Sorver as *altas* agoas do Oceano.
Sorver as *falsas* agoas do Oceano.
- 19—No *ar* hum vaporsinho, e subtil fumo,
No *mar* hum vaporsinho, e subtil fumo,
- 22—Mas o sabor do sal lhe *tira* e tolhe.
Mas o sabor do sal lhe *toma* e tolhe.
- 27—Que tomaram *por força*, emquanto apanha
Que tomaram *de pressa*, em quanto apanha
- 28—Selvagem mais que o *bruto* Polyphemo;
Selvagem mais que o *rudo* Polyphemo;
- 31—E de arrogante *crê* que vai seguro;
E de arrogante *diz* que vai seguro;
- 33—A resposta lhe demos tão *crescida*,
A resposta lhe demos tão *tecida*,
- 39—Se nos mostra no *ar*, robusta e valida,
Se nos mostra no *mar*, robusta e valida,
- 43—*Sabe* que quantas naos esta viagem
Sabei que quantas naos esta viagem
Que *tu fazes*, fizerem de atrevidas,
Que *vós fazeis*, fizerem de atrevidas,

¹ Estavam assim estes dois ultimos versos.² O manuscrito não tinha esta estancia.

Estancias

- 45—A *destruida* Quiloa com Mombaça.
A *dura* Quiloa *asperrima* com Mombaça.
- 49—E dando hum *espantoso e grande* brado,
E dando hum *temeroso e rouco* brado,
- 51—Mas conquistando as *ondas* do Oceano,
Mas conquistando as *costas* do Oceano,
- 53—Determinei por *armas* de toma-la
Determinei por *guerra* de toma-la
- 54—Eu que cair não *pude* neste engano,
Eu que cair não *sube* neste engano,
- 55—Da *branca* Thetys *unica* despida:
Da *linda* Thetys *incllyta* despida:
- 57—Da magoa e da *deshonra* ali passada,
Da magoa e da *vergonha* ali passada,
- 60—Bramido muito longe o mar *soou*.
Bramido muito longe o mar *toou*.
Dos Anjos, que tão longe *nos* guiou,
Dos Anjos, que tão longe *me* guiou,
- 61—Co'os outros dous o carro *radiante*,
Co'os outros dous o carro *rutilante*,
- 67—Em que co'o mar (*parece*) *tanto* estava,
Em que co'o mar *tamanho espaço* estava,
Com que nos faz *vencer* a grão corrente.
Com que nos faz *romper* a grão corrente.
- 74—*Encommendado ao sacro* Nicolao,
Invenção do sagrado Nicolao,
- 76—*Palavra alguma Arabia* se conhece
Alguns nomes Arabios se conhece
- 88—Sirenas que *co'o canto* os adormeçam:
Sirenas que *cantando* os adormeçam:
- 91—E El-Rei se vai *do mar* aos nobres paços.
E El-Rei se vai *da nao* aos nobres paços.

CANTO VI.

- 1—O Rei *pagão* os *fortes* navegantes,
O Rei *Mouro* os *famosos* navegantes,
- 2—Este *famoso* Rei todos os dias,
Este *sereno* Rei todos os dias,
- 3—Já do *pagão* benigno se despede,
Já do *Mouro* benigno se despede,
- 6—Á *gente Lusitana*, dellas dina,
A *forte Lusitana*, dellas dina,
- 8—Nereidas, e outras deosas do *mar*, onde
Nereidas, e outras deosas *muitas*, onde
- 9—Que assi se mostra claro e *radiante*.
Que assi se mostra claro e *rutilante*.

Estancias

- 10—*Na qual* do irado Baccho a vista paze:
Da quale do irado Baccho a vista paze
 Do velho cahos a *tão* confusa face:
 Do velho cahos a *mui* confusa face:
- 14—Da vinda sua, o estava já *aguardando*,
 Da vinda sua, o estava já *esperando*,
- 25—As deosas *em riquissimos* estrados,
 As deosas *enriquecem* os estrados,
- 26—¹
- 28—Os peitos, *com razão* endurecidos
 Os peitos *n'outro tempo* endurecidos
- 29—Soberbas e *insolencias taes*, que temo
Tão grandissimas insolencias, que temo
- 30—Que *d'hum vassallo* meu o nome toma,
 Que *de hum meu capitão* o nome toma,
- 31—Eu vi, que contra *os Minias*, que primeiro
 Eu vi que contra *aquelles* que primeiro
- 33—Que o *grão senhor* e fados, que destinam,
 Que *Jupiter* e fadòs que destinam,
Como lhe bem parece, o baixo mundo,
Não por razão, senão por caso o mundo,
- 38—No fundo *aguoso*, a leda *lassa* frota
 No fundo *ponto*, a leda *rica* frota
- 39—Vencidos vem do somno, e *mal* despertos
 Vencidos vem do somno, e *bem* despertos
 Historias contam, casos *mil* referem.
 Historias contam, casos *seus* referem.
- 40—Para *passar* o tempo, que de amores?
 Para *enganar* o tempo, que de amores?
- 70—*Mas n'este passo assi promptos estando*,
Desta arte arrazoavam vigiando,
Eis o mestre, que olhando os ares anda,
Quando o mestre, que olhando os ares anda,
- 71—Em pedaços a *fazem* c'hum ruido,
 Em pedaços a *rasgam* c'hum ruido,
- 72—Vão outros dar á bomba não *cessando*:
 Vão outros dar á bomba, não *tardando*:
- 73—Tres marinheiros *duros*, e forçosos,
 Tres marinheiros *rijos* e forçosos,
- 75—Não menos *gritos* vão ao ar derrama
 Não menos *brados* vão ao ar derrama
- 81—Que *os ceos, o mar e terra* senhoreas;
 Que o *astrifero polo* senhoreas;
- 92—Enxergaram terra *alta* pela proa.
 Enxergaram terra *baixa* pela proa.

¹ N'esta estancia faltavam os versos 5 e 6.

SEGUNDO MANUSCRIPTO.

CANTO I.

Estancias

- 4—E vós *Tagides minhas*, pois creado
E vós *Musas do Tejo*, pois creado
- 9—Que n'esse *tenro* gesto vos contemplo,
Que n'esse *bello* gesto vos contemplo,
- 10—Por hum pregão do ninho meu *paterno*.
Por hum pregão do ninho meu *superno*.
D'aquelles de quem sois senhor *superno*:
D'aquelles de quem sois senhor *paterno*:
- 16—Em quem vê seu *exicio* afigurado:
Em quem vê seu *remate* afigurado:
Mostra o pescoço ao jugo já inclinado;
O collo mostra ao jugo já inclinado;
- 21—E os que o *Austro tem*, e as partes onde
E os que o *antartico polo* e as partes onde
- 22—Com gesto alto, *severo* e soberano:
Com gesto alto, *sereno* e soberano:
- 49—Enchem vasos do *vidro*, e do que deitam
Enchem vasos de *prata*, e do que deitam
- 58—Da *lua* os claros raios rutilavam
De *Phebe* os claros raios rutilavam
- 62—Está a gente *maritima* de Luso
Está a gente *nautica* de Luso
- 67—*Arcos*, e sagitíferas aljavas,
Béatas, e sagitíferas aljavas,
- 89—A plumbea pella mata, o *brado* espanta,
A plumbea pella mata, o *estouro* espanta,
- 106—Contra hum *bicho* da terra tão pequeno?
Contra hum *verme* da terra tão pequeno?

CANTO II.

- 1—Lhe estava o deos *nocturno* a porta abrindo;
Lhe estava o deos *Neptuno* a porta abrindo;
- 43—Dos fados as *entranhas* revolvendo,
Dos fados os *segredos* revolvendo,
- 52—Tanto hum *peito soberbo e insolente*,
Tanto hum *coração tão vivo e valente*,
- 53—Nas *civis Actias* guerras animoso,
Nas *intestinas* guerras animoso,

Estancias

- 56—Como isto dêsse, manda o *consagrado*
 Como isto dêsse, manda o *bem fallado*

CANTO III.

- 49—Recolhe o *fato*, e foge para a aldea:
 Recolhe o *gado*, e foge para a aldea:
 71—*Ter* teu sogro *de ti* victoria dina
Que teu sogro victoria *alcance* dina
 84—Os *semeados* campos alagaram,
 Os *saudosos* campos alagaram,
 97—O *valoroso officio* de Minerva;
 O *supremo exercicio* de Minerva;
 126—*Nas rapinas aerias* tem o intento,
Em cruentas rapinas tem o intento,
 140—*Do peccado* tiveram sempre a pena
Deste vicio tiveram sempre a pena

CANTO IV.

- 1—Traz a *manhã* serena claridade,
 Traz *às vezes o sol* serena claridade,
 32—Contra irmãos e parentes, (*caso estranho!*)
 Contra irmãos e parentes (*caso feo!*)
Quaes nas guerras *civis de Julio e Magno*
Qual nas guerras *de Cesar e Pompeo*

CANTO VI.

- 21—Que o corpo *crystallino* deixa ver-se;
 Que o corpo *alabastrino* deixa ver-se;
 79—Quantas arvores *velhas* arrancaram
 Quantas arvores *firmes* arrancaram

CANTO VII.

- 74—Do rico fio são, que o *bicho* gera;
 Do rico fio são, que o *verme* gera;

CANTO VIII.

- 5—Grandes *batalhas* tem desbaratadas,
 Grandes *esquadras* tem desbaratadas,
 62—Que presentes me trazes *valerosos*,
 Que presentes me trazes *preciosos*,
 Se *lia* dos Reis altos a amizade:
 Se *liga* dos Reis altos a amizade:

Estancias

- 64—Que *Venus Acidalia* lhe *influa*,
Que o *esp'rito divino* lhe *infundia*,

CANTO IX.

- 7—E dos *trovões horrendos* de Vulcano;
E dos *sulphureos tiros* de Vulcano;
10—Outros *quebram* co'o peito *duro* a barra,
Outros *volvem* co'o peito a *dura* barra:
17—Que o *coração para elle* he *vaso estreito*.
Que *não lhe cabe* o *coração no peito*.
21—Da *primeira* co'o *terreno seio*,
Co'o *terreno que cerca* o *grão Protheo*,
43—Com *gesto ledo* a *Cypria*, e *impudico*
Com *gesto ledo* a *Cypria*, *então pudico*
49—Faça quanto *lhe Venus* admoesta.
Faça quanto *a virtude* *lhe* admoesta.
59—*Entregai-vos* ao *damno*, que co'os *bicos*
Escondei-vos do *damno*, que co'os *bicos*
Em vós fazem os *passaros inicos*.
Fazem na fructa os *passaros inicos*.
76—O que deu para dar-se a *natureza*.
O que deu para dar-se a *fortaleza*.
91—Que *Jupiter*, *Mercurio*, *Phebo* e *Marte*,
Que *Neptuno*, *Mercurio*, *Phebo* e *Marte*,
95—E nesta ilha de *Venus* recebidos.
E nesta ilha da *fama* recebidos.

CANTO X.

- 4—Mas da *ambrosia*, que Jove tanto estima,
Mas do *nectar* que Jove tanto estima,
88—E do *Oriente* o *gesto turbulento*,
E do *Oriente* o *gosto vê tremendo*;
104—Já seu *braço* em *Ampaza*, que *deixada*
Já seu *braço* em *Ampaza*, que *deitada*
-

TERCEIRO MANUSCRITO.

(De Luiz Franco.)

CANTO I.

Estancias

- 1—As armas, e os *barões* assinalados,
As armas, e os *varões* assinalados.
Passaram ainda além da Taprobana,
Passarão ainda além da Taprobana,
- 2—D'aquelles *Reis*, que foram dilatando
D'aquelles *que a fê* foram dilatando
A fê, o *imperio*; e as terras viciosas
E o imperio e as terras viciosas
Se vão *da lei* da morte libertando;
Se vão *das leis* da morte libertando;
Cantando espalharei por toda a parte,
Espalharei cantando por toda a parte,
Se a tanto me ajudar o engenho e arte.
S'a tanto me ajudar engenho e arte.
- 3—Cale-se d'*Alexandro* e de Trajano,
Cale-se de *Alexandre*, e de Trajano,
Que eu canto o peito illustre Lusitano.
Qu'eu canto o peito illustre Lusitano.
Cesse tudo o que a Musa *antigua* canta.
Cesse tudo o que a Musa *antiga* canta.
- 4—E vós, Tagides *minhas*, pois creado
E vós, Tagides *Musas*, pois creado
Tendes em mim hum novo *engenho* ardente,
Tendes em mim hum novo *ingenho* ardente,
Se sempre em verso humilde celebrado
Pois sempre em verso humilde celebrado
Dai-me agora hum som alto e *soblímado*,
Dai-me agora hum som alto e *soblímado*,
Que não tenham inveja as de *Hippocrene*.
Que não tenham inveja as de *Ipocrene*.
- 5—Que o peito accende, e a côr ao *gesto* muda:
Que o peito accende, e a côr ao *justo* muda:
- 6—Maravilha fatal da nossa *idade*,
Maravilha fatal da nossa *hidade*,
- 7—D'huma arvore de *Christo* mais amada,
D'huma arvore de *Xp.º* mais amada,

Estancias

- Vêde-o *no vosso* escudo, que presente
 Vêde *o vosso* escudo, que presente
- 8—Vós, poderoso Rei, *cujo alto* imperio
 Vós, poderoso Rei, *a cujo* imperio
Vê-o tambem no meio do *hemispherio*,
Tambem o vê no meio do *Emispherio*,
- 9—*Inclinai* por hum pouco a magestade,
Incrinai por hum pouco a magestade,
- 10—De premio vil; mas alto e *quasi* eterno;
 De premio vil, mas alto e *casi* eterno;
- 11—Ouvi; que não vereis *com vâas* façanhas,
 Ouvi; que não vereis *communis* façanhas,
E Orlando, indaque fôra verdadeiro.
Orlando inda que fôra verdadeiro.
- 12—Que fez ao Rei, e ao reino *tal* serviço;
 Que fez ao Rei, e ao reino *hum tal* serviço,
 Hum Egas, e hum Dom *Fuas*, que de Homero
 Hum Egas, e hum Dom *Frias*, que de Homero
 A cithara para *elles* só cubiço.
 A cithara para *elle* só cubiço.
Dou-vos tambem aquelle illustre Gama,
Dar-vos-hei mais aquelle illustre Gama,
 Que para si de Eneas *toma* a fama.
 Que para si de Eneas *tomou* a fama.
- 13—É aquelle, que a seu reino *a segurança*
 É aquelle, que a seu reino *segurança*
 Deixou *co'a* grande, e prospera victoria:
 Deixou *o da* grande, e prospera victoria:
- 14—Se fizeram por armas tão *subidos*,
 Se fizeram por armas tão *sobidos*,
Almeidas, por quem sempre o Tejo chora;
Dois Almeidas, que inda o Tejo chora;
 Albuquerque *terribil*, Castro forte,
 Albuquerque *invencivel*, Castro forte,
- 15—Dareis materia a *nunca* ouvido canto;
 Dareis materia a *mim e* ouvido canto;
Comecem a sentir o peso grosso
Comece-se a sentir o peso grosso
De Africa as terras, e do Oriente os mares.
D'Africa as terras, e do Oriente os mares.
- 16—*Só com vos ver* o barbaro gentio
Com vos ouvir o barbaro gentio
- 18—*De regerdes os povos, que* o desejam;
Muitos mais do que os vossos o desejam;
- 19—Cobertos, *onde* as proas vão cortando
 Cobertos, *donde* as proas vão cortando
- 20—Pisando o *crystallino* ceo formoso,

Estancias

- 20—Pelo caminho lacteo excellente,
Se ajuntam em concilio glorioso,
Sobre as cousas futuras do Oriente ¹
- 21—Que do poder *mais* alto lhe foi dado;
Que do poder *mui* alto lhe foi dado;
Governa o ceo, a terra e o mar irado:
Governa o ceo e a terra, e o mar irado:
- 22—Com *gesto* alto, severo e soberano:
Com *hum gesto* severo e soberano:
Do *rosto* respirava hum ar divino,
Do *rostro* respirava hum ar divino,
- 23—Como a razão e a ordem *concertavam*:
Como a razão e a ordem *conservavam*:
C'hum tom de voz começa, grave horrendo:
Com tom de voz começa, grave horrendo:
- 24—*Deveis de ter sabido claramente,*
Deve-vos ser noto e evidente,
- 25—*Já* lhe foi, bem o vistes, concedido
Dahy lhe foi, bem vistes, concedido,
Pois contra o *Castelhano* tão temido,
Pois contra o *Brigio* tão temido,
- 27—Agora vedes bem, que *comettendo*
Agora vedes bem que *acomettendo*
Inclinam seu proposito e *porfia*,
Inclinam seu proposito e *profia*,
- 29— ²
- 30— ³
- 31—*Ouvido tinha aos fados*, que viria
Baccho que dos fados ouvira que viria
Pelo mar alto, a qual *sujeitaria*
Pelo mar alto, o qual *sogigaria*
- 33—*Afeiçoado* á gente Lusitana,
Inclinado á gente Lusitana,
Por *quantas qualidades* via nella
Por *quanta semelhança* via nella
Da antiga tão amada sua Romana:
Da tão amada antiga sua Romana:
- 34—*Que ha de ser celebrada a clara dea*,
Quando honrada ha de ser por alma dea,
Onde a gente belligera se estende.
Da belicosa gente onde se estende.
Assi que, hum pela infamia que *arrecea*,
Assi que, hum pela infamia que *receia*,

¹ Estão assim transpostos os versos 5, 6, 7 e 8.² Faltava no manuscrito.³ Idem.

Estancias

- Debatem, e na *porfia* permanecem;
 Debatem, e na *profia* permanecem;
- 35—De sylvestre arvoredado *abastecida*,
 De sylvestre arvoredado *bastecida*,
Entre os deoses no Olympo consagrado.
Antre os deoses no Olympo consagrado.
- 37—Co' o *conto* do bastão no solio puro,
 Co' o *tronco* do bastão no solio puro,
 O Ceo tremeo, e Apollo de *torvado*,
 O Ceo tremeo, e Apollo de *trovado*,
- 38—*Cuja valia* e obras tanto amaste,
Cujo valor e obras tanto amaste,
 Não queres que *padeçam* vituperio,
 Não queres que *padeça* vituperio,
 Não ouças mais, pois és juiz direito,
 Não ouças mais (*pois és juiz direito*)
- 39—Bem fora que aqui Bacho *os* sustentasse,
 Bem fora que aqui Bacho *o* sustentasse,
 Pois que de Luso vem, seu tão *privado*:
 Pois que de Luso vem, seu tão *amado*:
Porque em fim vem de estomago damnado;
Já que em fim vem de estomago damnado;
 O bem que outrem *merece*, e o Ceo deseja.
 O bem que outrem *tem*, e o Ceo deseja.
- 40—Da *determinação* que tens tomada,
 Da *detrinação* que tens tomada,
- 41—Para os *determinados* aposentos.
 Para os *detrinados* aposentos.
- 42—*Casa etherea* do Olympo *omnipotente*,
Casa etherea *omnipotente*;
 Já lá da banda do Austro, e do *Oriente*,
 Já da banda do Austro, e do *Occidente*,
- 42—Queimava *então* os deoses, que *Typheo*
 Queimava *antão* os deoses, que *Tipheo*
- 43—Serenos o *ar*, e os *tempos* se mostravam
 Serenos o *mar* e os *ventos* se mostravam
 O promontorio *Prasso* já passavam
 O promontorio *prazo* já passavam
Nã costa de Ethiopia, nome antigo;
Donde tomam as ondas nome antigo
- 44—Vasco da Gama, o *forte* Capitão,
 Vasco da Gama, o *grande* Capitão,
 Que a tamanhas *empresas* se offerece,
 A quem *toda a armada* manda e obedece,
 A quem fortuna *sempre* favorece;
 A quem fortuna *tanto* favorece;
Para se aqui deter não vê razão,

Estancias

- Para aqui se deter não vê razão,*
Que inhabitada a terra lhe parece:
Que inhabitada terra lhe parece:
 45—*Eis, apparecem logo em companhia*
Ali apparecem logo em companhia
Cortando o longo mar com larga vela:
Cortando o grande mar com larga vela:
Não sabe mais que olhar a causa della,
Não sabe mais que oulhar a causa della.
Que costumes, que lei, que Rei teriam?
Que costumes, que Rei, que lei teriam?
 46—*Ao mundo deo, de ousado, e não prudente:*
O mundo deo, de ousado, e não prudente:
 47—*De pannos de algodão vinham vestidos,*
De pano de algodão vinham vestidos,
Das cintas para cima vem despídos;
Da sinta para cima vem despídos;
Por armas tem adargas e terçados;
Por armas tem adargas e traçados;
 48—*Co'os pannos, e co'os braços acenavam*
Co'os pannos e co'os braços asenavão
Como se aqui os trabalhos s'acabassem:
Como aqui os trabalhos acabassem:
 49—*No gesto ledos vem, e humanamente*
Ledos no gesto vem humanamente
O Capitão sublime os recebia.
O Capitão illustre os recebia.
Do licor, que Lyeo prantado havia,
Do liquor que Noé prantado havia,
 50—*Pela Arabica lingua, donde vinham?*
Pola Arabica lingua donde vinham?
Quem eram? de que terra? que buscavam?
Quem erão? de que terra? que buscavão?
 51—*D'hum Rei potente somos tão amado,*
De hum Rei potente somos tão amado,
 52—*Se entre vós a verdade não se nega,*
(Se entre vós a verdade se não nega)
 53—*Somos, hum dos das ilhas lhe tornou,*
Somos (hum dos das ilhas lhe tornou)
A natura sem lei, e sem razão.
A natureza sem lei, e sem razão.
O claro descendente de Abrahão,
O craro descendente de Abrahão,
 54—*He em toda esta terra certa escala*
He em toda esta costa certa escala
De todos os que as ondas navegamos,
E de todos os que as ondas navegamos,

Estancias

- De Quiloa, *de* Mombaça e de Sofala:
De Quiloa, Mombaça e de Sofala:
- 55—Buscando o *Indo Hydaspe*, e terra ardente,
Buscando o *negro Idaspe* e terra ardente,
Guiados *pelas* ondas sabiamente:
Guiados *polas* ondas sabiamente:
- 56—*Co'o* carro de crystal o claro dia,
Com ho carro de crystal o claro dia,
- 57—*A* noite se passou na lassa frota
Ha noite se passou na lassa frota
Por acharem *da* terra tão remota
Por acharem *de* terra tão remota
Na gente, e na maneira *desusada*,
Na gente, e na maneira *deshusada*,
Tanto *por todo* o mundo se estenderam.
Tanto *pele mundo* se estenderam.
- 58—As estrellas os ceos acompanhavam,
As estrellas o ceo acompanhavam,
Pelas *covas escuras* peregrinas;
Pelas *escuras covas* peregrinas;
Como *por* longo tempo costumava.
Como *de* longo tempo costumava.
- 59—Ao claro *Hyperionio*, que acordou;
Ao claro *Iperionio* que acordava;
E de toldos alegres se adornou,
E de toldos *mui* alegres se adornou,
Por receber com *festas*, e alegria,
Por receber com *feira* e alegria,
- 60—Vieram; e por ordem do destino,
Vieram; por ordem do destino,
- 61—O *Mouro*, e toda sua companhia;
O *Xequê* e toda a sua companhia;
Dá-lhe de *ricas* peças hum presente,
Dá-lhe de *riguas* peças hum presente,
Dá-lhe conserva doce, e *dá-lhe o ardente*
Dá-lhe conserva doce e *excellente*
Não usado licor, que dá alegria.
*Com purpureo liquor que Bacho cria.*⁷
- 62—¹
- 63—Os livros *de* sua lei, preceito, ou fé,
Os livros *da* sua lei, preceito e fé,
Quando co'os *inimigos* pelejavam.
Quando co'os *imigos* pelejavam.
- 64—Nem *sou* da terra, nem da geração
Nem *são* da terra, nem de geração

¹ Como na impressa.

Estancias

- Busco as terras da India tão famosa.
 Busco as terras da India valerosa.
- 65—Obedece o *visibil e invisibil*;
 Obedece o *visivel e invisivel*;
 Tudo o que sente, e todo o *insensibil*;
 Tudo o que sente e todo o *insensivel*;
 Soffrendo morte injusta e *insoffribil*;
 Soffrendo morte injusta e *insoffrivel*;
- 66—Como amigo as verás; *porque eu me obrigo*,
 Como amigo as verás, *que eu te digo*
- 67—Vem arnezes, e *peitos reluzentes*,
 Vem arnezes, *traçados e luzentes*,
 Partazanas agudas, *chuças bravas*:
 Partazanas agudas, *maças graves*:
- 68—Entre gentes tão *poucas*, e medrosas,
 Entre gentes tão *fracas*, e medrosas,
- 69—Hum odio certo na alma *lhe ficou*,
 Hum odio natural *se lhe criou*,
Nas mostras, e no gesto o não mostrou;
No parecer de fora o não mostrou;
 Trata-los brandamente *determina*,
 Trata-los brandamente *detriminava*,
- 70—Diz-lhe, que o *largo premio* levarão
 Disse-lhe que o *premio largo* levarão
 Promette-*lhos* o Mouro, com tenção
 Promette-*lhe* o Mouro, com tenção
 Em lugar de *pilotos* *lhe daria*.
 Em lugar de *piloto* *lhe daria*.
- 71—Tamanho o odio foi, e a má vontade,
 Tamanho odio foi, e má vontade,
 Que aos *estrangeiros subito* tomou,
 Que aos *da armada supito* tomou,
 Sabendo ser *sequaces* da verdade,
 Sabendo ser *secases* da verdade,
 Aquelles de quem *foste tanto* amigo!
 Aquelles de quem *Deus foi sempre* amigo!
- 72—Das náos o falso *Mouro* despedido,
 Das náos o falso *Xequé* despedido,
 Na terra do *obsequente* ajuntamento,
 Na terra do *inemigo* ajuntamento,
 Se foi o Mouro ao *cognito* aposento.
 Se foi o Mouro ao *regio* aposento.
- 73—Do *claro* assento ethereo, o grão Thebano,
 Do *craro* assento ethereo, o grão Thebano,
- 73—Que da *paternal* coxa foi nascido,
 Que da *paterna* coxa foi nascido,
Olhando o ajuntamento lusitano

Estancias

- Oulhando* o ajuntamento Lusitano
Ao Mouro ser molesto, e aborrecido,
Que ao mouro foi molesto, e aborrecido,
 No pensamento cuida hum *falso* engano,
 No pensamento cuida hum *novo* engano,
 E emquanto isto só *na alma* imaginava,
 E emquanto isto *n'alma* imaginava,
- 74—Está do Fado já *determinado*,
 Está do Fado já *detreminado*,
 E eu só, filho do Padre *Sublimado*,
 E eu filho do Padre *soblimado*,
- 75—Debaixo do seu jugo o *fero* Marte.
 Debaixo do seu jugo o *bravo* Marte.
 Que eu *co'o* grão Macedonio, e *co'o* Romano,
 Que eu o *Macedonio* e o *Romano*,
- 76—Que *nunca* veja as partes do Oriente:
 Que *nunca* veja as partes do Oriente:
 Eu descerei á terra; e o *indignado*
 Eu descerei á terra; e o *indinado*
- 80—E tambem sei, que tem *determinado*
 E tambem sei que tem *detriminado*
 Tu debes *de ir tambem co'os* teus armado
 Tu debes *tambem de ir com os* teus armado
 Cahirão facilmente na cilada.
*Possa mais facilmente ser desbaratada*¹.
- 81—E se inda não *ficarem* deste geito
 E se inda não *figuarem* deste geito
Destruídos, ou mortos totalmente,
Destroidos, ou mortos totalmente,
 Eu tenho *imaginada* no conceito
 Eu tenho *imaginado* no conceito
 Outra manha e *ardil*, que te contente:
 Outra manha *gentil*, que te contente:
 Seja *astuto no engano*, e tão prudente,
 Seja *sagaz, astuto* e tão prudente
- 82—Tanto que estas *palavras* acabou,
 Tanto que estas *rasões Bacho* acabou,
 O *Mouro nos taes casos* sabio e velho,
 O *já danado Xequé*, sabio e velho,
Para a guerra o belligero aparelho;
Pera a guerra o belligero aparelho:
 Para que ao *Portuguez* se lhe tornasse
 Para que aos *Portuguezes* se lhe tornasse.

¹ Tras emendado á margem:*Cairão mais facilmente na cilada.*

Estancias

- 83— *Sagaz, astuto e sabio em todo o dano,
Dissimulado e sabio em todo dano,
Por taes costas e mares co'elle ande,
Por taes mares e costas co'elle ande,
Vá cahir, d'onde nunca se alevante.
Vá cahir, onde nunca s'alevante.*
- 84— *Como se fosse o engano já sabido:
Como se fora o engano já sabido:*
- 85— *E mais tambem mandado tinha a terra
Porque mandado d'antes tinha á terra
De antes pelo piloto necessario:
A buscar o piloto necessario:
E foi-lhe respondido em som de guerra;
Mas na resposta vio futura guerra;*
- 86— *Hum de escudo embraçado, e de azagaia,
Qual escudo embraçado e azagaia,
Outro de arco encurvado, e setta ervada,
Na qual arco curvo e setta ervada,*
- 87— *Andam pela ribeira alva, arenosa,
Andão na escaramuça polvorosa,
Com a adarga, e co'a hastea perigosa,
Com adarga, com lança perigosa,
Qual em terra salta tão ligeiro,
Qual em terra salta, e tão ligeiro,*
- 88—¹
- 89— *Eis nos bateis o fogo se levanta
Eis nos bateis o fogo se alevanta*
- 90— *Mas seguindo a victoria estrue, e mata:
Mas seguindo a victoria fere, e mata:
Esbombardea, accende, e desbarata.
Assola, accende, rompe e desbarata,*
- 91— *Sem força, de covarde, e de apressado,
Sem força, de covarde e apressado,
Dá-lhe armas o furor desatinado:
Dá armas o furor desatinado:*
- 92— *Hum corta o mar a nado diligente;
Corta outro o mar a nado diligente;
Quem se afoga nas ondas encurvadas;
Hum se afoga nas ondas encurvadas;
Quem bebe o mar, e o deita juntamente.
Bebe outro o mar, e o deita juntamente.
A vil malicia, perfida, inimiga.
A má intenção da gente enemiga.*
- 93—²

¹ Como na impressa.² Como na impressa.

Estancias

- 94—*Que toda a má tenção no peito encerra,
Que a danada tenção no peito encerra,
Para os guiar á morte lhe mandava,
Para o guiar á morte lhe mandava,*
- 95—*Tornar a seu caminho acostumado;
Tornar a seu caminho costumado;
Que tempo concertado, e ventos tinha
Que tempo aparelhado, e vento tinha
Recebendo o piloto, que lhe vinha,
Recebido o piloto, que lhe vinha,*
- 96—*O Capitão, que não cahia em nada
O Capitão, que não temia nada
Do enganoso ardil, que o Mouro ordia,
O enganoso ardil, que o Mouro ordia,
Da India toda, e costas que passava,
Da India toda, e terras que passava,*
- 97—*Que o malevolo Bacho lhe ensinara,
Que o malvado Xequê lhe ensinara,
Tambem tudo o que pede lhe declara:
Tambem tudo o que pede lhe declara:*
- 98—*E diz-lhe mais, co'o falso pensamento
Disse-lhe mais co'o falso pensamento
Com que Sinon aos Phrigios enganou,
Com que Sinon aos Frigios enganou,
Que perto está huma ilha, cujo assento
Que perto estava huma ilha cujo assento
Povo antiguo christão sempre habitou.
Povo antiguo christão habita e habitou.
Tanto com estas novas se alegrou,
Tanto com estas novas s'alegrou,
Que o leve a terra onde esta gente estava.
Que o levasse onde esta gente estava.*
- 99—*O mesmo o falso Mouro determina,
O mesmo o falso Mouro detrimina,
Que a ilha he possuída da malina
Que a ilha e povoação he da malina
Gente, que segue o torpe Mafamede:
Gente, que segue o falso Mafamede:
Porque em poder e forças muito excede
Porque em forças e poderes muito excede
A Moçambique esta ilha, que se chama
À Moçambique a ilha, que se chama*
- 100—*Para lá se inclinava a leda frota:
Para lá se incrina a leda frota;
Mas a deosa em Cythere celebrada,
Mas a deosa em Cytherea celebrada,
Se perca a gente della tanto amada:*

Estancias

Se perca a gente della *tão* amada:

- 101—Tal *determinação* levar ávante,
Tal *destruição* levar ávante,
- 102—Como por regimento em *fim* levava;
Com por regimento em *si* levava;
Mas a que a Mafamede celebrava.
E a que havia a medo celebrava.
- 103—De nobres edificios *fabricada*,
De nobres edificios *adornada*,
Como por fóra ao longe descobria;
Segundo o de que fóra descobria;
- 104—*E sendo a ella* o Capitão chegado,
Sendo *já* o Capitão *a ella* chegado,
De poder ver o povo *baptizado*,
De poder ver o povo *bautizado*,
Como o *falso piloto* lhe dissera;
Como o *piloto falso* lhe dissera;
Que Bacho muito *de* antes o avisara,
Que Bacho muito *d'antes* o avisara,
Na *fórma d'outro* Mouro, que tomara.
Na *figura do* Mouro, que tomara.
- 105—¹
- 106—Tanta necessidade *aborrecida!*
Tanta necessidade *offerecida!*
Que não se arme, e *se indigne* o ceo sereno,
Que não *s'arme*, e *s'indine* o ceo sereno,

No fim do manuscrito está esta declaração: *Não continuo porque saiu á luz.*

¹ Como na impressa.

APOTHEGMAS.

CANTO I.

Estanc. Vers.

- 68 8 Que he fraqueza entre ovelhas ser leão
80 4 Que da tenção damnada nasce o medo.
84 8 Que o coração presago nunca mente.
85 5 Por isto, e porque sabe quanto erra
Quem se crê de seu perfido adversario.
105 6 Oh caminho da vida nunca certo!
Que aonde a gente põe sua esperança,
Tenha a vida tão pouca segurança.

CANTO II.

- 30 5 Quem poderá dô mal aparelhado
Livrar-se sem perigo sabiamente,
Se lá de cima a guarda soberana
Não accudir á fraca força humana?
58 3 Que o nome illustre a hum certo amor obriga,
E faz a quem o tem amado e caro.

CANTO III.

- 138 8 Que hum fraco Rei faz fraca a forte gente.

CANTO IV.

- 12 8 Que sempre houve entre muitos differenças.
17 8 Se he certo, que co'o Rei se muda o povo.
29 3 Que nos perigos grandes o temor
He maior muitas vezes que o perigo.
78 5 Faz as pessoas altas e famosas
A vida que se perde e que periga.
81 3 Que a virtude louvada vive e crece,
E o louvor altos casos persuade.

CANTO V.

Estanc. Vers.

- 58 5 E como contra o ceo não valem mãos,
 80 5 Assi no ceo sereno se dispensa.
 Com esta condição pesada e dura
 Nacemos. O pezar terá firmeza;
 Mas o bem logo muda a natureza.
 83 5 Quão facil he ao corpo a sepultura!
 92 1 Quão doce he o louvor e a justa gloria
 Dos proprios feitos, quando são soados!
 Qualquer nobre trabalha, que em memoria
 Vença, ou iguale os grandes já passados.
 As invejas da illustre e alheia historia
 Fazem mil vezes feitos sublimados.
 Quem valerosas obras exercita,
 Louvor alheio muito o esperta e incita.
 97 8 Porque quem não sabe a arte, não na estima.

CANTO VI.

- 15 3 Porque tambem co'os grandes e possantes
 Mostra a fortuna injusta seus poderes.
 89 3 Que brandura he de Amor mais certo arreio.
 E não convem furor a firme amante.

CANTO VII.

- 3 8 Que tanto, ó Christo, exaltas a humildade!
 8 5 Nascem da tyrannia inimicicias,
 Que o povo forte tem, de si inimigo.
 41 3 Ditosa condição, ditosa gente,
 Que não são de ciumes offendidos!
 56 4 Que contra o ceo não val da gente manha.

CANTO VIII.

- 7 3 Que o grande aperto em gente, indaque honrosa,
 As vezes leis magnanimas quebranta.
 55 5 E quando hum bom em tudo he justo e santo,
 Em negocios do mundo pouco acerta.
 63 4 Que toda a terra he patria para o forte.
 « 7 Que, por se sustentar em toda idade,
 Tudo faz a vital necessidade.
 66 1 Mas porque nenhum grande bem se alcança
 Sem grandes oppressões, e em todo o feito
 Segue o temor os passos da esperanza,
 Que em suor vive sempre de seu peito.
 69 3 O coração sublime, o regio peito
 Nenhum caso possibil tem por grande.
 75 8 Que facil he a verdade de entender-se!

Estanc. Vers.

- 85 7 Lhe diz: porque do certo e fido amigo
He não temer do seu nenhum perigo.
89 7 Crer tudo em fim; que nunca louvarei
O Capitão que diga: Não cuidei.
94 5 Se mais que obrigação, que mando e rogo
No peito vil o premio pôde e val.

CANTO IX.

- 93 5 Porque essas honras vâas, esse ouro puro
Verdadeiro valor não dão á gente:
Melhor he merecel-os sem os ter,
Que possuil-os sem os merecer.

CANTO X.

- 40 5 Alli verão as settas estridentes
Reciprocarse, a ponta no ar virando
Contra quem as tirou; que Deos peleja
Por quem estende a fé da madre Igreja.
42 5 Depois, obedecendo ao duro ensejo,
A deixa, e occasião espera boa
Com que a torne a tomar; que esforço e arte
Vencerão a fortuna e o proprio Marte.
58 5 Quem faz injuria vil, e sem razão
Com forças e poder, em que está posto,
Não vence; que a victoria verdadeira
He saber ter justiça nua e inteira.
91 2 Que não sómente ousados se contentam
De soffrerem da terra firme os danos,
Mas inda o mar instabil experimentam.
113 7 Que inimiga não ha tão dura e fera
Como a virtude falsa da sincera.
150 7 Que o bom religioso verdadeiro
Gloria vã não pretende, nem dinheiro.
152 7 Que postoque em scientes muito cabe,
Mais em particular o experto sabe.
153 5 A disciplina militar prestante
Não se aprende, senhor, na phantasia,
Sonhando, imaginando ou estudando,
Senão vendo, tratando e pelejando.
154 7 Nem engenho, que aqui vereis presente,
Cousas, que juntas se acham raramente.

NOTAS.

CANTO I.

ESTANCIA I.

V. 2—*Que da occidental praia Lusitana*

O adjectivo = *occidental* = está aqui magistralmente collocado para engrandecer, pela longiquidade do ponto de partida, a grandiosa e arriscada empreza jencetada nas remotas praias da Lusitania, pelo pequeno, mas valoroso povo portuguez, e que teve complemento nas contrapostas e afastadas partes do Oriente.

V. 3—*Por mares nunca de antes navegados*

Não é aqui o logar de tratar se por via do cabo da Boa Esperança navegámos os primeiros os mares da Índia;

V. 4—*Passaram ainda alem da Tuprobana*

Está claro que não foi Vasco da Gama, mas os portuguezes. [Era proverbial entre os romanos, quando queriam encarecer uma cousa muito remota, dizer: *Será na Taprobana?* porque reputavam que era esta região, que alguns tomavam por Ceylão e outros por Samatra, a meta extrema do mundo pelo lado oriental; e assim, disse Plinio: *Sed ne Taprobanae quidem quamvis extra orbem, a natura relegata nostris vitis caret*, etc.

O que o poeta quer aqui dizer, é que os portuguezes levaram as suas navegações e conquistas alem do mundo conhecido dos antigos, sobrepujando a estes em vantagem.

V. 7.—*E entre gente remota edificaram*

A conjuncção *e*, que a 2.^a edição dos *Lusiadas*, por nós seguida, colloca n'este verso, parece-nos que melhor o seria no 5.^o

Não achámos razão ao reparo que fez o erudito traductor castelhano dos *Lusiadas*, Lambert Gil, á expressão de = *edificaram novo reino* =, porque, diz elle, «os reinos fundam-se, não se edificam».

Que outra cousa é fundar senão edificar da raiz?

Tambem nota de pouco propria a expressão = *sublimaram* =, que quer dizer exaltaram em grau sublime, isto é, superlativamente. E na verdade não se póde negar que os portuguezes erigiram um grande colosso na Asia, que tornou sublime contra *casa de Portugal*, designando o reino e não a dynastia.

Este traductor, aliás respeitavel, fez a transposição dos dois ultimos versos d'esta estancia com os dois ultimos da 2.^a

ESTANCIA II.

V. 3.—*A fé, o imperio; e as terras viciosas*

Terras viciosas, no sentido de terras embrutecidas pelo sensualismo mahometano, ferocidade dos cafres e idolatria asiatica. Assim o entende no canto x, estancia 92:

Vês Africa, dos bens do mundo avara,
Inculca, e toda eheia de brutesa,

e mais claramente ainda no canto VII, estancia 17:

..... alguns o vicioso
Mafoma, alguns os idolos adoram,
Alguns os animaes, que entre elles moram.

O celebre padre Fr. Francisco de Santo Agostinho de Macedo, na sua traducção latina dos *Lusiadas*, tomou o vocabulo *viciosos* por *viçosos*; mas sem razão, porque, embora se diga de uma arvore que tem *vicio*, porque repartiu a sua seiva em prejuizo do fructo, nunca se diz *terras viciosas*, no sentido physico e material, mas sim no moral. O logar a que nos referimos é o seguinte:

..... *Libya regionibus altam*
Luxuriam rigido placuit compescere ferro.

ESTANCIA III.

V. 5—*Que eu canto o peito illustre Lusitano,*
A quem Neptuno e Marte obedeceram.

Postoque esteja fóra do nosso plano deter-nos sobre a organização poetica, bellezas ou apologia das criticas, que possam n'esta parte faser-se ao poeta, porque temos pouco panno para talhar, não deixaremos comtudo de dizer duas palavras sobre a verdadeira base d'este poema, que se funda n'estes dois versos.

São elles a verdadeira preposição da immortal epopeia que nos occupa. Os portentosos feitos dos portuguezes, por terra e por mar, são o verdadeiro assumpto e fundamento do poema, e assim entendido, em cousa alguma pecca contra a unidade; até o bello episodio dos doze pares, que alguns, com pouco gosto poetico, julgam deslocado, se enxerta maravilhosamente no tronco principal do poema, como a expressão do espirito de cavallaria dos portuguezes, a que o poeta quiz com este romanesco canto dar relevo. Que era a intenção do poeta agrupar no seu poema toda a historia nacional e glorias patrias não é duvidoso, porque quadra com o titulo do poema *Os Lusiadas*, que traduzido á letra quer dizer: *o que respeita aos filhos de Luso*, isto é, os portuguezes, e o verso

«*Dou-vos tambem aquelle illustre Gama*»

o indica, onde o adverbio *tambem* dá igualmente a entender que canta mais do que o Gama. E com tal arte conduziu o poeta o seu poema, que

sendo o assumpto, aliás grandioso, esteril, porquanto não é mais que uma navegação falha de incidentes de batalhas, que tanto ajudam o poeta, pois não podemos dar esse nome ás escaramuças com os africanos e indios, nos interessa com a narrativa da antiga historia nacional, servindo engenhosamente a navegação de Vasco da Gama de poste para pendurar todos os trophéus das glórias patrias, sem que se sinta discordancia no poema.

As duas estancias que precedem esta, e as que seguem desde a x até á xiv, são, segundo o nosso fraco modo de entender, uma bella e altiloqua paraphrase d'esta preposição; são o patriotismo que se vasa em torrentes do coração do poeta: *ex abundantia cordis*; são a expressão entusiastica e o exordio magestoso do poeta e cidadão, que quiz mostrar bem que não lhe escapava a minima cousa que podesse dar lustre á sua patria; é, emfim, se nos fosse permittida a metaphora, a symphonia com que abre o maravilhoso canto que ainda sóa a despeito do indifferentismo nacional.

Os criticos vaidosos ou frios, com o compasso ou ferula na mão, rastejando as suas rotinas, não o sentem. Um poeta, como Camões, deve ser lido antes com o coração do que com os olhos; primeiro que se abra o livro haja quem entôe o *sursum corda*, e seja a resposta: *habemus ad poetam*.

ESTANCIA V.

V. 1—*Dai-me uma furia grandê e sonora*

Furia, entende-se furor poetico, entusiasmo, e n'este sentido o usaram outros poetas; no entanto esta expressão parece que foi mettida a ridiculo por um poeta classico contemporaneo de Camões.

Muito pôde a inveja!

V. 6—*Gente vossa, a que Marte tanto ajuda.*

As duas primeiras edições lêem = *que a Marte* =; porém pareceu-nos que a preposição *a* devia ser anteposta por esta fórma: = *a que Marte* =, e assim o fizemos, seguindo a Manuel Correia, na edição de 1613, e ao editor da de 1651.

ESTANCIA XX.

V. 7—*Convocados da parte do Tonante*

As duas primeiras edições trazem ambas = *de Tonante* =, mas é manifestamente erro typographico, pois o poeta falla aqui, por antonomasia, de Jupiter. Emendámos = *do Tonante* =, seguindo a edição de 1651 e outras de boa nota, ou antes ao poeta, que assim o entendeu na estancia xli do canto II, v. 8:

Lhe atalha o poderoso e grão Tonante

e na estancia Lxxviii do canto VI, v. 5:

Nem tanto ogra^o Tonante arremessou

Veja-se a carta de mr. Mably á academia real das sciencias, e a edição de 1843 de Freire de Carvalho.

ESTANCIA XLVII.

V. 6—*Por armas tem adargas e terçados*

Adagas lê o original, porém emendámos *adargas*, com o proprio Camões, que assim o entendeu n'estes dois versos das estancias Lxxxvi e Lxxxvii d'este mesmo canto:

Um de escudo embraçado e de azagaia
Com adarga e co'a hastea perigosa

Adaga é arma offensiva, *adarga* defensiva. Armados d'estas duas armas pinta o poeta os povos de Moçambique, e do mesmo modo os historiadores da India. O bispo Jeronymo Osorio na *Vida de El-Rei D. Manuel* os descreve por esta fórma:

« Erant præterea aduncis gladiis accenti, *parmasque* brachiis insertas stabant. »

Damião de Goes chama pórem *adagas* aos escudos que traziam estes mouros de Moçambique, mas parece erro de typographia:

« E terçados Mouriscos cingidos com *adagas* nos braços. »

Este, a nosso ver, erro fez com que tambem errasse o critico Ignacio Garcez.

ESTANCIA LIV.

V. 4—*De Quíloa, de Nombaça e de Sofala*

Quíloa, com accento na primeira syllaba. Assim queria o poeta que se pronunciasse, porque assim vem accentuada nas duas primeiras edições e nas tres immediatas de 1584, 1591 e 1597, no verso 8 da estancia XCIX d'este mesmo canto, por esta fórma: *Quíloa*.

Na inscripção da preciosa e bella custodia de Belem vem escripta esta palavra com *v*, *Quílva*, o que mostra que se pronunciava d'esta maneira.

ESTANCIA LX.

V. 8—*O imperio tomárão a Constantino*

Parece que seria melhor construcção grammatical:

O imperio tomar a Constantino

Isto é, aquellas gentes inhumanas vieram conquistar as terras africanas, e vieram tomar o imperio a Constantino.

ESTANCIA LXIX.

V. 5—*Nas mostras e no gesto o não mostrou*

Talvez ficaria melhor para evitar a repetição de *mostras* e *mostrou*:

Nas fallas e no gesto o não mostrou.

ESTANCIA LXX.

V. 3—*Diz-lhe que o largo premio levarão*

Emendaríamos:

Diz-lhe que largo premio levarão

pois o poeta o que quer dizer é que serão generosamente galardoados, sem designação de premio, e assim tambem tinha emendado a edição de Manuel Correia, de 1613.

ESTANCIA LXXI.

V. 5—*Oh! segredos d'aquella Eternidade*

As duas primeiras edições trazem = *Os segredos* =, mas é erro patente. A verdadeira lição é = *Oh segredos* =, e assim o tinha já emendado a edição de 1597, e a de 1651.

ESTANCIA LXXXII.

V. 2—*O Mouro nos taes casos sabio e velho*

Alguns editores e até commentadores tomaram = *Mouro* = como agente do verbo = *acabou* =, quando não é, mas sim *Bacho*.

ESTANCIA LXXXIII.

V. 8—*Vá cahir donde nunca se alevante*

= *Onde* = lêem as duas primeiras edições, mas parece erro; deverá ler-se: = *donde* =, e assim emendámos, e já antes de nós o tinham feito os editores da edição de 1651 e da rollandiana de 1843.

ESTANCIA LXXXIV.

V. 3—*Quando o Gama co'os seus determinava.*

As edições primordiales trazem = *Quando Gama* =. Adoptámos a emenda = *o Gama* = feita pelo editor da edição rollandiana, de 1843, pelas razões por elle expendidas, emenda que já antes tinha feito Ignacio Garcez Ferreira.

ESTANCIA LXXXVI.

V. 6—*Outros muitos já postos em callada*

Em = *callada* = traz a edição de 1597.

ESTANCIA XCIX.

V. 4—*Gente que segue o torpe Mahamede*

= *Mahamede* = trazem as duas primeiras edições e a de 1597.

V. 8—*Quíloa mui conhecida pela fama*

Quíloa, com accento na primeira syllaba. Vide nota ao verso 4 da estancia LIV d'este mesmo canto.

C A N T O II.

ESTANCIA XIII.

V. 8—*Da moça de Titão a rouza fronte*

As duas primeiras edições e a de 1613 lêem = *Na moça* =; é porém erro evidente. A verdadeira lição é = *Da moça de Titão* =, e assim já foi emendado por alguns editores dignos de respeito; o contrario seria um absurdo.

ESTANCIA XX.

V. 3—*Cloto c'o peito corta e atravessa*

Assim trazem as duas primeiras edições; adoptámos a emenda do morgado de Matheus: = *Doto* = em lugar de = *Cloto* =.

ESTANCIA XXIV.

V. 7—*Os estava hum marítimo penedo*

Os contemporaneos criticos de Camões o censuravam por ter usado a expressão de = *marítimo penedo* =. Manuel Correia defende-o, dizendo que o adjectivo = *marítimo* = na lingua latina, significa o que está ao longo do mar ou dentro d'elle.

ESTANCIA XXV.

V. 1—*A celeuma medonha se alevanta.*

Voz grega: no latim = *celeuma* =. Marcial a usou para expressar o canto dos remeiros. É o canto compassado ou vozeria que fazem os marinheiros, para todos pôrem a um tempo o peito ao trabalho. O termo nautico é = *faina* =.

ESTANCIA XXIX.

V. 1—*Vendo o Gama, attentado, a extranheza*

Algumas edições trazem:

Tendo o Gama attentado a estranheza

ESTANCIA LXXXI.

V. 3—*Que não vedem os portos tão sómente*

Talvez seria melhor:

Que nos vedem os portos não sómente

ESTANCIA XCVI.

V. 1—*Com hum redond amparo alto de sedao.*

= *Amparo* = é a umbella que trazem os reis e magnatas da India. Os nossos portuguezes tambem o usavam n'aquellas partes, como se pôde ver nas estampas que acompanham as *Antigas viagens da India* de Lindacolth e outros. Ao creado que o trazia se chamava *boy*.

Na Europa não usavam provavelmente por ser reputado uso feminil. Faria e Sousa diz que os italianos, *vigilantissimos conservadores do corpo*, os traziam menores pelas ruas e vinhas, e as mulheres em Genova, e outras partes, para se preservarem do sol e da chuva. Barros os descreve na *Decada* 3.^a, liv. 10.^o, cap. 9.^o

ESTANCIA XCVII.

V. 5—*Vestido o Gama vem ao modo hispano;
Mas franceza era a roupa que vestia,
De setim da adriatica Veneza,
Carmesi, côr que a gente tanto preza.*

Parece confusa esta descripção do vestuario do Gama, principalmente depois de tanta distancia de tempo, porém não o está. O que o poeta quer dizer é que o Gama vinha, na generalidade, vestido ao uso peninsular, excepto a roupa, isto é, o roupão ou gibão (que talvez se chamava n'aquelle tempo *roupa*), introdução franceza e que isto era fabricado de setim de Veneza.

CANTO III.

ESTANCIA I.

V. 7.—*Nunca por Daphne, Clicie, ou Leucothóe*

= *Leucothóe* = com accento no segundo o.

ESTANCIA XIX.

V. 5—*Tem o gallego cauto, e o grande e raro*
 = *Raro* = significa aqui = *excellente, incomparavel* =.

ESTANCIA XLIX.

V. 8—*Recolhe o fato, e foge para a aldéa*

Fato é o rebanho e não roupa; fazemos esta explicação especialmente para os estrangeiros, que muitos, nas suas traducções, têm caído no equivoco, o que não aconteceu ao traductor italiano Bellotti.

ESTANCIA LIII.

V. 3—*Desbaratado e roto o Mouro hispano*

As duas primeiras edições lêem = *Mauro hispano* =. Adoptámos a emenda feita por Francisco Freire de Carvalho de = *Mouro hispano* =, em vista das judiciosas reflexões com que sustenta a emenda, já anteriormente feito pelo editor da edição de 1651.

ESTANCIA LXI.

V. 7—*O tom das frescas aguas entre as pedras,*
Que murmurando lavã, e Torres Vedras.

Se não fosse o cacophaton = *frescas aguas* = estaria melhor no singular e desfazia as duvidas e critica sobre este verso. Se nos fosse licito fazer uma alteração, emendaríamos por esta fórma:

O som da fresca lymphá entre as podras

ESTANCIA LXV.

V. 5—*Sentio-o a villa, e vio-o o Senhor della,*

As duas primeiras edições e a de 1597 trazem a *serra della*; a edição de 1613 de Manuel Correia emendou = *Senhor della* = e nós seguimos a emenda, porque o contrario era um contrasenso. A *serra* não podia vir pela fralda da *serra* a socorrer a *serra*. No entanto o morgado de Matheus, seja-nos permittido dizer-lo, com pouca razão sustenta a primeira lição.

ESTANCIA C.

V. 1—*Nunca com Semirâmis gente tanta.*
Semirâmis com accento no *â*.

ESTANCIA CX.

V. 6—*Está o famoso nome Saraceno*

Nas duas primeiras edições lê-se = *Sarraceno* =. Emendámos = *Saraceno* = pelas razões expostas por Freire de Carvalho. Já antes assim o tinha emendado Ignacio Garcez Ferreira.

ESTANCIA CXXXIV.

V. 6—*Tal está morta a pallida donzella*

Alguns criticos, como Manuel Correia diz, demasiadamente escrupulosos, notaram que Camões usasse do epitheto de donzella applicado a D. Igne.

de Castro, tendo anteriormente dito que pariu tres vezes. Acertadamente lembra Manuel Correa que Camões, nas sciencias e artes, era mais perito que os seus professores.

A palavra *donzella* não significa tão sómente *virgem*, mas é diminutivo de *domina*, *senhora*, e quer dizer = *senhora nobre e moça* =. É n'esta accepção que o poeta aqui a toma. Dizia-se tambem das creadas moças que serviam nos paços dos reis, como serviu D. Iguez de Castro, e assim são denominadas nos livros das *Moradias da Casa Real*.

CANTO IV.

ESTANCIA V.

V. 7—*A quem ordens, nem aras, nem respeito,*

Este verso está visivelmente errado, pois falta-lhe o verbo. Devia provavelmente ler-se assim:

Por quem a ordens nem aras tem respeito

Assim o entendeu tambem o judicioso traductor Bellotti.

ESTANCIA XI.

V. 7—*Armou delle os soberbos moradores,*

= *Mutadores* = está no original, porém convencidos de que não podia ser este o sentido do poeta ousámos, a exemplo do que já fizeram os editores da edição de Hamburgo, substituir por = *moradores* =, certos de que é esta a verdadeira lição.

ESTANCIA XXV.

V. 2—*Antão Vasques d'Amada he Capitão,*
Que depois foi de Albranches nobre conde:

Aqui o poeta equivocou-se: Antão Vasques não foi conde de Abranches, mas sim seu sobrinho Alvaro Vás de Almada. D'este ultimo fallaremos mais largamente no seguinte volume, quando tratarmos do desafio dos *Douc de Inglaterra*.

ESTANCIA XXVI.

V. 1—*Estavão pelos nauos temerosas,*

Isto é, os muros de Abrantes onde as mães, irmãs, esposas e damas viam desfilar o exercito, cuja partida o poeta começa a descrever na estancia xxiii. Desconfiamos que o poeta cortou aqui alguma cousa, e atou a narrativa com o verso 5 d'esta estancia:

Já chegam as esquadras bellicosas.

ESTANCIA XXVIII.

V. 3—*Ouviu-o o monte Artábros; e Guadiana*

Com accento no segundo *a* de Artábros.

ESTANCIA XXXIX.

V. 2—*D'huma nobre vergonha e honroso fogo,*

Algumas edições trazem = *fero fogo* =, mas é má lição.

ESTANCIA LXIII.

V. 2—*Que o povo de Israel sem não passou;*Com accento no *á* de não.

ESTANCIA XCII.

V. 3—*Os velhos, e os meninos os seguiam,*

Parece-nos que seria melhor = *nos seguiam* =, porque aqui o Gama está fallando de si e os companheiros, e sendo = *os seguiam* =, parece que narra assumpto a elle estranho. Logo na seguinte estancia até ao verso 4, continua fallando no plural, e harrando n'este sentido.

ESTANCIA XCIII.

V. 5—*Determinei de assi nos embarcarmos.*

Parece-nos que o ponto não iria mal no fim do verso 4, onde termina a descripção da procissão e acompanhamento dos navegantes. O agente da oração está no plural, e por isso parece-nos que não póde referir-se a = *determinei* = que está no singular e se refere isoladamente a Vasco da Gama, capitão da expedição, que ao ver os acenos ternos da despedida, ordenou abruptamente o embarque prompto. Os quatro primeiros versos d'esta estancia são regidos pelo verbo *banhar* da estancia anterior, isto é, subentendido, ao que nos parece, por esta fôrma: Nós outros *banhavamos tambem com lagrimas a areia*, sem levantarmos a vista nem á mãe nem á esposa, por nos não magoarmos ou mudarmos do proposito firme começado =. No entanto não nos atrevemos a alterar, e deixámos ir como estava no original.

C A N T O V.

ESTANCIA IX.

V. 1—*Áquella ilha aportámos, que tomou
O nome do guerreiro Santiago;*

Aqui o Camões equivocou-se, tomando o apóstolo e patrono das Hespanhas pelo outro santo do mesmo nome. Já Jorge Cardoso tinha advertido este engano. Vide *Agiologio Lusit.*, 28 de janeiro, nota D, a fr. Rogerio.

ESTANCIA XXIV.

V. 1—*Mas já.o planeta, que no ceu primeiro*

O poeta fez neutro o substantivo = *planeta* =, pondo-o no genero feminino, fazendo-o concordar com o adjectivo = *apressada* = no mesmo genero,

ESTANCIA XXXIII.

V. 6—*A resposta lhe dêmos tão crescida,*

= *Tecida* = lêem as duas edições de 1572; mas deve ler-se = *crescida* =, como já emendaram outros editores.

ESTANCIA XLV.

V. 8—*A destruida Quíloa com Mombaça*

Quíloa, com accento na primeira syllaba. Vide a nota ao v. 4, da estancia LIV do canto I.

ESTANCIA LXXXVI.

V. 1—*Julgas agora, Rei, que houve no mundo*

Na edição que seguimos está = *se houve no mundo* =. Emendámos: = *que houve no mundo* =, como lição mais correctá, como já tinha emendado Freire de Carvalho. A edição de 1651 tinha posto:

Julga tu agora, Rei, se houve no mundo.

C A N T O VI.

ESTANCIA XXXIX.

V. 6—*Mas esfregando, os membros estiravam:*

As primeiras edições trazem = *estregando* =. Faria e Sousa e o morgado de Matheus conservaram a lição antiga, fazendo o ultimo derivar este verbo do latim = *extergo* =; porém parece-nos que com pouca rasão, e que aqui houve erro do typographo, que mudou o *f* em *t*. De mais, o verbo latino = *extergo* =, significa = *limpar e enxugar* =; parece-nos pois que se deve ler = *esfregando* =.

Afastámo-nos de todos os editores dos *Lusiadas* na interpretação d'este verso, referindo-se o verbo aos olhos e não aos membros, devendo ser pontoado por esta fórma:

Os olhos contra seu querer abertos

Mas esfregando, os membros estiravam:

acção muito natural de quem accorda ebrio do somno, a esfregar os olhos, ficando assim a imagem, que o poeta pinta, muito verdadeira.

ESTANCIA LVI.

V. 8—*No grande Emporio foi parar de Frandres.*

As duas primeiras edições trazem = *imperio* =, porém é erro. Manuel de Faria e Sousa emendou = *emporio* =, e com rasão, porque nunca ao limitado condado de Flandres se podia dar o magestoso titulo de imperio, mas lhe cabia bem o de emporio pelo lucrativo trato de mercadorias, sendo; na epocha em que escrevia o poeta, a principal feira das nossas especiarías da India, e com quem tinhamos anteriormente relações commerciaes.

ESTANCIA LVIII.

V. 7—*Vestem-se ellas de cortês e de sedas,
De ouro, e de joias mil, ricas e ledas.*

= *Sedas de ouro* = entende-se sedas misturadas com ouro, a que antigamente chamavam *brocados*. A alguém muito escrupuloso fará duvida a expressão de *vestir joias* =, de que usa o poeta; porém, alem de se empregar o verbo *vestir* para expressar todo o complemento do vestuario, e assim dizemos de uma senhora que está bem vestida, incluindo n'esta expressão todas as partes do seu traje. Antigamente faziam parte do vestido as joias com que este era bordado, já de perolas ou pedras preciosas, como se pôde ver nos retratos antigos.

O Tasso usou da mesma expressão:

E di serici fili intesta e d'oro.

(GER. CONQ., L. II, est. xciii.)

CANTO VII.

ESTANCIA LXXI.

V. 8—*Para estes Annibães nenhum Marcello.*

Annibães, com accento no segundo a.

ESTANCIA LXXVII.

V. 1—*Alça-se em pé, com elle o Gama junto,
Coelho d'outra parte e o Mauritano:*

No original lê-se: = *os Gamas juntos* =, mas deve ler-se = *o Gama junto* =, como é facil conhecer, lendo com attenção desde a estancia XLIV d'este canto até ao principio do seguinte e estancia XLIII, v. 2 e 6.

V. 4—*De um velho branco, aspeito soberano.*

As duas primeiras edições trazem = *aspeito venerando* =, mas visivelmente é erro, porque = *venerando* = nem é soante de = *mauritano* = do verso 2, nem de = *humano* = do verso 6; por isso adoptámos a emenda feita pelo editor da edição rollandiana de 1843 = *aspeito soberano* = certos de que esta é a verdadeira lição.

CANTO VIII.

ESTANCIA XXXIX.

V. 3—*Mas falta-lhes pincel, faltam-lhes côres,*

O original traz: = *falta-lhe pincel, falta-lhe côres* =. Emendámos segundo a mui correctá edição de 1651:

Mas falta-lhes pincel, faltam-lhes côres.

ESTANCIA XLVII.

V. 1—*A isto mais se ajunta, que a hum devoto*

No original está = *hum devoto* =. Emendámos = *a hum devoto* = porque fo Bacho que appareceu a um devoto.

Parece-nos pois que se deve ler: = *a um devoto* =.

ESTANCIA XLIX.

V. 5—*Eu por ti, rudo, velo; e tu adormeces?*

Em algumas edições se lê: = *tudo velo* =.

CANTO IX.

ESTANCIA X.

V. 8—*Outros quebrão c'o peito duro a barra.*

Barra são os paus que se mettem no cabrestante, com o qual os marinheiros, á força de braço e peitos, suspendem a amarra.

